

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

KEITH VALÉRIA DE OLIVEIRA BARBOSA

**ESCRAVIDÃO, SAÚDE E DOENÇAS NAS *PLANTATIONS* CAFEEIRAS DO VALE
DO PARAÍBA FLUMINENSE, CANTAGALO (1815-1888)**

2014
Rio de Janeiro

KEITH VALÉRIA DE OLIVEIRA BARBOSA

**ESCRAVIDÃO, SAÚDE E DOENÇAS NAS *PLANTATIONS* CAFEEIRAS DO VALE
DO PARAÍBA FLUMINENSE, CANTAGALO (1815-1888)**

Tese de Doutorado apresentada ao curso de pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do grau de doutor. Área de concentração: História das Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. M^a Rachel de G. Fróes da Fonseca

2014
Rio de Janeiro

KEITH VALÉRIA DE OLIVEIRA BARBOSA

ESCRAVIDÃO, SAÚDE E DOENÇAS NAS *PLANTATIONS* CAFEEIRAS DO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE, CANTAGALO (1815-1888).

Tese de Doutorado apresentada ao curso de pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do grau de doutor. Área de concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Maria Rachel de G. Fróes da Fonseca (COC/Fiocruz) – Orientadora.

Profª. Dra. Diana Maul de Carvalho (Faculdade de Medicina/UFRJ)

Prof. Dr. Flávio dos Santos Gomes (Instituto de História/UFRJ)

Profª. Dra. Dilene Nascimento (Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde – COC/Fiocruz)

Profª. Dra. Tânia Salgado Pimenta (Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde – COC/Fiocruz)

Suplentes:

Prof. Dra. Verônica Pimenta Velloso (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro/IFRJ)

Profª. Dra. Kaori Kodama (Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde – COC/Fiocruz)

Rio de Janeiro
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

B238e Barbosa, Keith Valéria de Oliveira

Escavidão, saúde e doenças nas plantations cafeeiras do Vale do Paraíba Fluminense, Cantagalo (1815-1888) / Keith Valéria de Oliveira Barbosa. – Rio de Janeiro: s.n., 2014.

269 f.

Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2014.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho não seria possível sem o apoio de muitas pessoas. Agradeço aos meus queridos pais, Rita e Osvaldo, cujo apoio sempre será fundamental na minha vida profissional e pessoal. Ao meu marido Claudio, pelo companheirismo e amor que foram essenciais durante o tempo de pesquisa, especialmente no período da conclusão deste trabalho.

As minhas queridas amigas historiadoras, Maria Celeste Gomes da Silva, Lusirene Celestino França Ferreira e Carla Oliveira de Lima que além de lerem várias versões deste trabalho, tecerem críticas e sugestões, estiveram presentes em todos os momentos desta longa e algumas vezes difícil trajetória. À Amanda Telles e Sirlene Rocha, também minhas queridas amigas, companheiras de longas datas, que embora distantes, estiveram sempre presentes.

A minha orientadora, Maria Rachel Fróes da Fonseca, pelo tempo dedicado a leitura deste trabalho e pela confiança depositada em minha pesquisa. Agradeço ainda aos amigos e funcionários do programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COC) e o apoio da Fiocruz, que financiou esta pesquisa.

À banca da defesa da tese, formada pelos professores Flávio dos Santos Gomes e Diana Maul de Carvalho, que contribuíram com importantes críticas e sugestões para a finalização desta tese e que acompanharam meu trabalho desde o mestrado, obrigada pelos valiosos ensinamentos sobre o ofício do historiador. As professoras Dilene Nascimento e Tânia Pimenta, sou profundamente grata, já que algumas importantes questões examinadas neste estudo foram frutos das leituras de seus trabalhos e resultaram também das discussões ocorridas nas disciplinas que cursei no mestrado e doutorado.

Aos funcionários do Arquivo do Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro, do Centro de Documentação D. João VI- Pró-memória de Nova Friburgo. Ao coordenador de Patrimônio Cultural da Fazenda São Clemente, João Bôscio Paula Bon Cardoso, que me recebeu generosa e gentilmente em Cantagalo, além disso, fez preciosas indicações e sugestões sobre o acervo documental da região.

Por fim, não posso deixar de lembrar os muitos outros amigos que contribuíram direta ou indiretamente para a produção deste estudo, desculpo-me desde já por omitir seus nomes, mas quero que fique registrado aqui meu carinho por todos.

RESUMO

O presente estudo analisa a experiência escrava relativa à saúde e à doença em uma importante região de *plantation* cafeeira do Vale do Paraíba fluminense, a região de Cantagalo, entre os anos 1815 e 1888. Por meio de diversos ângulos, muitos pesquisadores debruçaram-se sobre as múltiplas características dos universos sociais escravistas em variados contextos atlânticos, examinando o cotidiano daqueles escravos, seus arranjos familiares e suas sociabilidades diversas.

Os debates sobre a saúde e as causas das doenças dos cativos têm se constituído como objeto de estudos de pesquisadores de diferentes campos de conhecimento, revelando novas perspectivas a respeito de historicidades muito mais complexas do que até então se entendia. Com a análise das doenças e das condições de saúde dos cativos que viviam nas referidas *plantations*, pretendemos examinar suas experiências como enfermos e as respectivas ações dos senhores acionadas para o seu tratamento. Por meio da análise dos processos de inventários *post-mortem* e de outros envolvendo a cobrança de honorários médicos, além de manuais e relatórios médicos, investiga-se o conjunto de conhecimentos produzidos, sistematizados e disponibilizados para os cuidados da população escrava inserida em um cenário social de rápida expansão da economia cafeeira, que se caracterizou pelo crescimento demográfico e o incremento do tráfico atlântico de africanos. Nesse sentido, mundos da escravidão são revelados nessa importante paisagem social do Rio de Janeiro imperial, de cujas mudanças o trabalho escravo era peça-chave, permeando as experiências e as relações sociais tecidas entre esses trabalhadores e seus senhores.

Palavras-chave: Escravos-doenças; Escravidão-Vale do Paraíba; Escravidão-Brasil; Escravidão-Cantagalo

ABSTRACT

This study is an analysis of the slave experience, with particular focus on the multiple characteristics of health and disease, in the Cantagalo region of the Rio de Janeiro Paraíba Valley, an important coffee plantation area, between the years 1815 and 1888. Historiography has approached the topic from various perspectives, examining the multiple characteristics of slaves' social universes in different Atlantic contexts through study of slaves' daily lives, family arrangements and their different social universes.

Researchers from various fields of knowledge have studied debates on slave health and the causes of diseases particular to slaves, revealing new perspectives on a historicity much more complex than previously thought. Through an analysis of the diseases and health conditions of slaves that lived on the coffee plantations in the Cantagalo region of the Rio de Janeiro Paraíba Valley, this study examines the slaves' experience with regard to diseases and the respective actions taken by slave owners to treat sick slaves. Through the analyses of post-mortem inventory documents, medical fees, manuals and medical reports, this thesis investigates the knowledge produced, systematized, and made available for the care of the slave population within the social context of the rapid expansion of the coffee economy, characterized by demographic growth and the increase of the Atlantic slave trade. In this sense, this study reveals worlds of slavery within the important social landscape of Imperial Rio de Janeiro, in which slave labor was a key part of numerous changes permeating the experiences and social relations between slaves and their owners.

Key-words: Slaves-diseases; Slavery-Vale do Paraíba; Slavery-Brazil; Slavery-Cantagalo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1. Vista da cidade de Cantagalo, séc. XIX, impressa na receita da farmácia Peckolt. p. 41
- Figura 2. Mapa da viagem de John Mawe. p. 43
- Figura 3. Carregando um navio com café no Porto do Rio de Janeiro. p.47
- Figura 4. O viveiro. p.51
- Figura 5. Colhendo café. p.51
- Figura 6. Estrada União Indústria, perto de Entre Rios. p.58
- Figura 7. Margens do rio Paraíba do Sul. p.61
- Figura 8. Plantação de café no Sudeste. p.68
- Figura 9. Vista da Fazenda Areias. p.87
- Figura 10. Fazenda Areias, Hospital dos escravos. p.87
- Figura 11. Fazenda Areias, Hospital dos escravos. p.88
- Figura 12. Fazenda Areias, Hospital dos escravos. p.88
- Figura 13. Fazenda Itaoca. p.89
- Figura 14. Vista do complexo produtivo da fazenda Areias. p.90
- Figura 15. Vista da sala da fazenda Sossego. p. 92
- Figura 16. Vista da sala da fazenda Sossego. p.93
- Figura 17. Vista do paiol. p.94
- Figura 18. Vista do galinheiro. p.94
- Figura 19. Vista da Fazenda Santa Catharina. p.98
- Figura 20. Vista da capela. p. 99
- Figura 21. Quadro com detalhamento das benfeitorias da Fazenda Santa Catharina. p.100
- Figura 22. Vista da fazenda N. Senhora do Bom Sucesso. p.102
- Figura 23. A Colônia suíça de Cantagalo, 1835. p.131
- Figura 24. Plantations Slaves. p.191
- Figura 26. Rio Zaire. p.219
- Figura 25. Plantations Slaves. p.219
- Figura 27. Boma– África Central, no século XVIII. p.222

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1. População livre de Cantagalo distribuída por freguesia em 1850. p.55
- Tabela 2. Evolução do sistema agrário. p.56
- Tabela 3. População de escravos e livres em Cantagalo. p.59
- Tabela 4. Proprietários de escravos inventariados entre os anos de 1815 e 1820. p.69
- Tabela 5. Escravos divididos entre africanos e crioulos, homens e mulheres (1815-1820). p.70
- Tabela 6. Escravos africanos distribuídos por procedência (1815-1820). p.71
- Tabela 7. Escravos adultos, africanos e crioulos, homens e mulheres (1821-1830). p.72
- Tabela 8. Proprietários de escravos inventariados entre os anos de 1831 e 1840. p.72
- Tabela 9. Escravos adultos divididos entre africanos e crioulos, homens e mulheres (1831-1840). p.73
- Tabela 10. Escravos africanos distribuídos por procedência, 1831-1840. p.73
- Tabela 11. Proprietários de escravos inventariados entre os anos de 1841 e 1850. p.74
- Tabela 12. Escravos adultos divididos entre africanos e crioulos, homens e mulheres (1841-1850). p.75
- Tabela 13. Proprietário de escravos inventariados entre os anos de 1851-1860. p.76
- Tabela 14. Escravos adultos divididos entre africanos e crioulos, homens e mulheres (1851-1860) .p.77
- Tabela 15. Escravos adultos divididos entre africanos e crioulos, homens e mulheres (1861-1870). p.79
- Tabela 16. Escravos adultos divididos entre africanos e crioulos, homens e mulheres (1871-1880). p.80
- Tabela 17. Proprietários de escravos inventariados entre os anos de 1881 e 1888. p.82
- Tabela 18. Escravos adultos divididos entre africanos e crioulos, homens e mulheres (1881-1888). p.83
- Tabela 19. Fazendas que pertenciam a Cantagalo no século XIX. p.91
- Tabela 20. Perfil dos escravos de Rosa Vieira de Jesus. p.94
- Tabela 21. Distribuição dos escravos de Antônio Teixeira de Carvalho por naturalidade e sexo. p.95
- Tabela 22. Perfil dos escravos de Antônio Teixeira de Carvalho com indicação da saúde. p.95
- Tabela 23. Escravos de Francisco de Barros Guimarães distribuídos por naturalidade e sexo. p.100
- Tabela 24. Perfil dos escravos de Caetano da Silva Freire. p.103
- Tabela 25. Distribuição da população escrava das fazendas de Jacob Van Erven segundo faixa etária, sexo e procedência (1870). p.106
- Tabela 26. Escravos de José Antônio Vidal distribuídos por naturalidade e sexo. p.117
- Tabela 27. Perfil dos escravos de José Antônio Vidal. p.117
- Tabela 28. Mapa sanitário da Casa de Saúde Nictheroyense, 1865. p.124
- Tabela 29. Perfil dos escravos de Theresa Antônia dos Santos. p.138
- Tabela 30. Percentagem dos dias perdidos devido a doenças em fazendas de café. p.140
- Tabela 31. Perfil dos escravos com indicações sobre condições de saúde e doenças. (1815-1840) p.145
- Tabela 32. Escravos com indicações sobre condições de saúde e doença (1841-1850). p.151
- Tabela 33. Óbitos de escravos da freguesia de Santíssimo Sacramento (1847-1848). p.157
- Tabela 34. Escravas com indicações sobre condições de saúde/doença (1851-1860). p.159
- Tabela 35. Escravos com indicações sobre condições de saúde/doença (1851-1860). p.160
- Tabela 36. Perfil dos escravos de Carlos Teixeira da Silva, com indicações sobre as condições de saúde e doenças. p.163

- Tabela 37. Distribuição dos escravos adultos com indicações sobre saúde e doenças, 1861-70. p.166
- Tabela 38. Escravos africanos com indicações sobre saúde e doenças, distribuídos por procedência, sexo e sem indicação da idade (1860-1871). p.167
- Tabela 39. Escravos africanos com indicações sobre saúde e doenças, distribuídos por procedência, sexo e idades entre 20 e 30 anos (1861-1870). p.168
- Tabela 40. Escravos africanos com indicações sobre saúde e doenças por procedência, sexo e idade entre 31 e 40 anos (1861-70). p.170
- Tabela 41. Serviços médicos prestados pelo Dr. Manoel à Fazenda Santa Bárbara. p.173
- Tabela 42. Escravos africanos por procedência, sexo e idade entre 41-50 anos (1861-70). p.174
- Tabela 43. Escravos africanos distribuídos por sexo e com mais de 51 anos (1861-70) p.175
- Tabela 44. Escravos crioulos por idade e ocupação (1861-1870). p.176
- Tabela 45. Escravas crioulas por idade (1861-1870). p.177
- Tabela 46. Escravos sem indicação da naturalidade por idade (1861-1870). p.178
- Tabela 47. Escravas sem indicação da naturalidade (1861-1870). p.179
- Tabela 48. Distribuição dos escravos adultos com indicações sobre saúde (1871-80). p.190
- Tabela 49. Escravos doentes registrados no inventário de José Ferreira da Rocha. p.198
- Tabela 50. Distribuição dos escravos adultos com indicações sobre saúde/doença. (1881-1888) p. 201
- Tabela 51. Perfil dos escravos homens com indicações sobre saúde/doença (1881-1888). p.201
- Tabela 52. Perfil das escravas mulheres com indicações sobre saúde/doença (1881-1888). p.202
- Tabela 53. Óbitos dos escravos adultos da freguesia de Santíssimo Sacramento (1881-1888). p.204
- Tabela 54. Escravos doentes da Fazenda Benfica. p.205
- Tabela 55. Gastos registrados pelo Dr. Godinho. p.230

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1. Exportações mundiais de café em toneladas métricas, 1823-1888. p.49.
- Gráfico 2. Perfil da população escrava dividida entre adultos e inocentes arrolada nos inventários, 1815-1888. p.65
- Gráfico 3. Escravos divididos por naturalidade (1815-1888). p.66.
- Gráfico 4. Escravos divididos por sexo e naturalidade. p.66.
- Gráfico 5. Distribuição dos escravos entre as fazendas do comendador Jacob Van Erven. p.105.
- Gráfico 6. Escravos africanos segundo sexo e indicações dos sinais e sintomas de doenças. p.133.
- Gráfico 7. Escravos sem procedência identificada, segundo sexo e indicações dos sinais e sintomas de doenças. p.133.
- Gráfico 8. Escravos nascidos no Brasil (crioulos), segundo sexo e indicações dos sinais e sintomas de doenças. p.134.
- Gráfico 9. Proprietários que apresentaram gastos médicos para escravos em Cantagalo. p.143.

LISTA DE SIGLAS

Arquivo Nacional, AN.

Arquivo do Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro, AMJERJ.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, APERJ.

Centro de Documentação D. João VI – Pró-memória de Nova Friburgo, CDPM.

Biblioteca Nacional, BN.

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1. Listagem dos processos digitalizados de inventários *post-mortem* com escravos, Cantagalo (1815-1888). p. 256.

Anexo 2. Proprietários de escravos inventariados entre os anos de 1861 e 1870, com indicações dos sinais e sintomas de doenças dos escravos. p. 264.

Anexo 3. Proprietários de escravos inventariados entre os anos de 1871 e 1880, com indicações dos sinais e sintomas de doenças dos escravos. p. 266.

Anexo 4. Proprietários de escravos com informações sobre cuidados com a saúde e registros de doenças. p. 268.

SUMÁRIO

Apresentação	p. 15
Capítulo 1 - Ciências e Saúde: ideias, experiências e teorias	p. 19
Capítulo 2- A Vila de Cantagalo: <i>agency</i>, paisagens e contextos	p. 40
2.1. Cantagalo: pioneirismo e um novo cenário social, político e econômico.....	p. 53
2.2. As <i>plantations</i> cafeeiras: paisagens sociais da escravidão no Vale.....	p. 63
2.3. Reconstruindo os mundos das fazendas.....	p. 84
2.4. Terra, trabalho e conflito nas fazendas de Cantagalo.....	p. 110
Capítulo 3 - Em torno da saúde e da doença: investigando as experiências escravas nas <i>plantations</i> cafeeiras	p. 127
3.1. História da saúde e das doenças: aspectos da vida escrava em Cantagalo.....	p. 131
3.2. Medicina e saúde na diáspora africana.....	p. 210
3.2.1. Um cirurgião nas rotas do mundo atlântico.....	p. 214
3.3. Médicos, senhores e cativos nas fazendas de Cantagalo.....	p. 229
Considerações finais	p. 241
Referências	p. 246
Fontes manuscritas	
Fontes impressas	
Anexos	p. 256

Apresentação

Os estudos recentes em torno da escravidão e a história da saúde e das doenças têm fornecido interessantes indícios para a compreensão de cenários da vida escrava, até então insuspeitos ao olhar do historiador. As informações sobre os sinais e sintomas de doenças e o delineamento das precárias condições da saúde desses indivíduos, que tiveram suas vidas transformadas pela diáspora africana, apontam-nos para novas dimensões dos contextos de escravidão e dos seus personagens. Com o estudo da experiência escrava, relacionando faces da saúde e das doenças, em contextos sociais específicos, observamos aspectos da vida de um volumoso número de homens e mulheres que foram transformados em peças valiosas das *plantations* cafeeiras no Brasil. O interesse em desnudar as dolorosas imagens do cotidiano dos escravos nas lavouras de café do Vale do Paraíba fluminense, ainda que de modo espaçado, abre-nos um pequeno corte na imagem estática construída e reconstruída por pesquisas sobre mortalidade¹ escrava nas áreas de grandes plantações.

Na historiografia da escravidão² encontramos amplos debates que buscam apresentar as características e especificidades das vivências escravas, em seus cenários sociais, moldadas com o avanço da monocultura cafeeira no século XIX³. Logo, por diversos ângulos, pesquisadores desvendaram aspectos do cotidiano da vida dos trabalhadores negros, apresentando como podiam ser múltiplas e complexas as relações tecidas nos espaços sociais marcados pela experiência do cativo. Sob diferentes aspectos, foi dado relevo às questões sobre a vida e a morte dos cativos, com ênfase na sobrevivência desses indivíduos tanto nos negreiros⁴, ao longo das travessias atlânticas, como nos espaços das cidades e das fazendas. Os dados sobre a mortalidade da população escravizada revelaram-se um arsenal valioso de informações para a reconstrução dos cenários escravistas. Consequentemente, surgiu o interesse em desdobrar a investigação em torno das variáveis que condicionavam as elevadas taxas de morte entre os cativos. Assim, mapear as doenças e epidemias que assolavam os espaços em que aqueles circulavam revelou-se uma questão relevante no âmbito das pesquisas recentes.

¹Cf. NEVES, Maria de Fátima Rodrigues das. Mortalidades e morbidades entre os escravos brasileiros no século XIX. *Anais do IX Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Volume 3, 1994.

²Cf. LARA, Silvia Hunold. Novas dimensões da experiência escrava. 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/negros/13.shtml>. Acesso em: 1 abr. 2007.

³ SLENES, Robert W. Lares negros, olhares brancos: histórias da família escrava no século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.8, n.16, p.189-203, mar./ago.1988.

⁴ Para uma perspectiva inovadora sobre as trágicas experiências nos navios negreiros, cf. REDIKER, Marcus. *O navio negreiro: uma história humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Trazendo essas abordagens e análises em torno da história da escravidão, da saúde e das doenças para o centro da nossa discussão, alguns universos culturais passam a ser apreendidos pelo olhar do pesquisador. A exploração da documentação serial, com destaque para os inventários *post-mortem*, nos conduziu para além de um quadro sociodemográfico e nos levou a analisar os diversos aspectos da experiência escrava nas comunidades de senzalas. A partir da observação atenta das relações que eram constantemente reelaboradas entre escravos e senhores, a doença como objeto de análise configurou uma questão válida para nos aproximarmos do universo escravo reconstruído nas *plantations* cafeeiras. As grandes transformações que alteraram as dinâmicas nas relações sociais nas fazendas de café do Vale também podem ser examinadas pelas ações dos atores sociais envolvidos (escravos, senhores, médicos), cujos comportamentos são, muitas vezes, indicativos de transformações que ocorreram nas sociedades em que viveram. Nesse caso, reduzindo a escala de observação⁵, foi possível analisar as conexões entre doença e escravidão, partindo da exploração das experiências dos cativos relacionadas às enfermidades nas fazendas de Cantagalo.

Da observação no interior das senzalas ao alargamento para fora de seus limites, foi possível reconstruir faces dos universos que moldavam as práticas culturais e estratégias de sobrevivência desses cativos, particularmente aquelas que podem revelar sobre os sentidos da doença, da morte e das curas. Sem dúvida, concluímos que é possível, a partir das leituras feitas neste estudo, propor uma análise com uma escala de micro-história⁶ que possibilite esquadrihar os universos sociais de determinadas ambiências escravistas, tendo como fio condutor tanto algumas dimensões sobre o trabalho dos escravos, como uma demografia específica de suas vidas. Assim, é importante investigar as experiências de doença, cura e morte dos cativos envolvidos naqueles ambientes, possibilitando uma reconstituição da trajetória de indivíduos e processos sociais dinâmicos expressos por conflitos, tensões e lógicas sociais correspondentes, na qual só o olhar atento do pesquisador ora reduzido, ora alargado pode apreender processos históricos complexos e multifacetados.

Nesse sentido, defendemos que as discussões apresentadas neste trabalho e a apreciação do conjunto documental examinado iluminam, por vezes de forma sutil, o impacto da experiência da doença na vida escrava, com destaque para as precárias condições de vida a que os cativos eram expostos rotineiramente nas *plantations* fluminenses. A expansão dessas *plantations* e a preservação dos braços cativos revelaram por novos ângulos a complexidade

⁵ REVEL, J. Microanálise e construção do social. In: REVEL, J. (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.12-13.

⁶*Ibidem*, p.23

dessas sociedades e como estavam conectadas. Sob diferentes aspectos, foi fundamental verificar elementos importantes que compuseram o quadro nosológico dos escravos no século XIX, indicando condições de vida, doenças e tratamentos. O mapeamento desses aspectos revelou o quadro precário em que milhares de cativos transportados para as Américas viviam.

Portanto, a partir da análise das vivências de centenas de indivíduos escravizados nas fazendas de uma região do Vale do Paraíba fluminense, buscamos reunir indícios para reconstruir paisagens e contextos sociais nos quais esses indivíduos moldavam suas experiências. Ou seja, apresentando outros aspectos da vida escrava, que surgem da análise dos inventários, e seguindo os caminhos traçados por médicos que circularam em Cantagalo e por tantos outros visitantes, examinamos ao longo dos capítulos desta tese os universos sociais de uma importante região do Vale cafeeiro. Para tanto, tomando como fio condutor da análise as experiências relacionadas à saúde e à doença dos escravos de Cantagalo, buscamos apresentar um amplo panorama do cotidiano desses indivíduos.

Nesse sentido, a tese está dividida em três capítulos. No capítulo 1 apresentamos as perspectivas mais recentes sobre a História da Saúde e das Doenças, enfatizando temáticas, objetos, abordagens. Nesse capítulo, ressaltamos as principais contribuições dialógicas entre os pesquisadores de diversas áreas de estudos envolvidos com a pesquisa histórica sobre doenças e escravidão.

No capítulo 2, examinamos a paisagem social de Cantagalo, esquadrihando cenários e contextos. Além disso, privilegiamos as experiências sociais da sua população escrava. Ao abordamos aspectos da população em Cantagalo, destacamos cenários da escravidão, explorando algumas características demográficas, o universo de ocupação, moradia e trabalho num cenário social transformado pela economia de *plantation*. Avaliamos as principais configurações mapeadas nos inventários *post-mortem* selecionados para a pesquisa. Tais inventários descrevem minuciosamente os bens dos proprietários a que dizem respeito e o que foi feito desses bens, incluindo partilhas, vendas, pagamentos pelos inventariantes e dívidas. Partindo de uma abordagem microscópica desses documentos, foi possível identificar as avaliações dos escravos, suas respectivas identidades, “nações”, ocupações e redes familiares. A partir desse levantamento investigamos questões sobre as estratégias de sobrevivência construídas por eles no cativeiro, tais como se eram doentes ou se fingiam, para que fossem alforriados ou não vendidos. Assim, ao apreender as múltiplas variáveis que emergem nesses cenários, propomos demonstrar como as informações que surgem com a análise dos processos

post-mortem fornecem indícios importantes de como os cativos viviam e lidavam com as experiências da morte e das doenças.

No capítulo 3, argumentamos que, à medida que as taxas de mortalidade cresciam, decorrentes da intensificação da exploração do trabalho nas lavouras, estratégias de combate às moléstias eram acionadas por escravos, africanos, libertos, crioulos e a população livre e pobre em geral. Logo, as doenças e saúde dos escravos, antes vistas pelas “frestas da história”⁷, puderam ser recuperadas em dimensões mais complexas. A identificação de algumas moléstias que assolavam as senzalas e alguns padrões de mortalidade contribuiu para a reconstrução do universo social das áreas de “confluências”⁸ do Rio de Janeiro escravista examinadas. Com o uso de uma amostra dos registros paroquiais relacionadas com o exame dos inventários *post-mortens*, tornou-se possível a reconstituição do contexto social em que os escravos circulavam. Portanto, diante desses aspectos, foi possível avaliar como a experiência do cativo influenciava na construção de estratégias de sobrevivência e na reorganização da vida nas comunidades de senzalas.

Enfim, a partir da análise da saúde e da doença no complexo cenário do Vale escravista cafeeiro dos Oitocentos, destacamos como o estudo das doenças pode servir como mais um importante caminho analítico para o entendimento das sociedades escravistas no Brasil. As relações entre saúde, trabalho e governo dos escravos permitem-nos descortinar experiências apontando como essas abordagens compõem um quadro profícuo e promissor para os pesquisadores que se dedicarem às análises dessas experiências cativas.

⁷PORTO, A. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.13, n.4, 2006, p.1020. Disponível em :www.scielo.br. Acesso em 01 de Ags. de 2007.

⁸ BEZERRA, Nielson Rosa. *As chaves da escravidão: confluências da escravidão no Recôncavo do Rio de Janeiro*. Niterói, EdUFF, 2008, p.142.

Capítulo 1

Ciências e Saúde: ideias, experiências e teorias

A aproximação com a história das doenças dos escravos que abasteceram as senzalas de Cantagalo, uma região localizada entre os vales da parte oriental do Vale do Paraíba fluminense e precursora da economia cafeeira no século XIX, revelou-nos um amplo panorama das complexas relações sociais que permeavam o cotidiano dos indivíduos dessa região. Por meio da investigação da saúde dos escravos de Cantagalo e dos aspectos das relações entre escravos, senhores e médicos, observamos como o movimento de expansão das *plantations* cafeeiras no sudeste escravista estava intimamente conectado com a preservação daquele tipo de mão de obra. Ou seja, a investigação da vida escrava, em um contexto econômico, social e cultural caracterizado pela ampliação das fortunas dos proprietários das áreas de grande lavoura cafeeira, traduzia as múltiplas estratégias empreendidas e as redes de relações que eram estabelecidas entre senhores, escravos, médicos, farmacêuticos e cirurgiões nas fazendas de Cantagalo do século XIX.

A partir da observação do conjunto das ações direcionadas aos cuidados com os cativos, notamos que a economia nas fazendas da referida cidade traduzia uma política empreendida pelos proprietários da região com forte interesse em preservar a mão de obra escrava. Ao mesmo tempo em que o fluxo de cativos para as lavouras cafeeiras do Sudeste se intensificava, alimentando as *plantations* de Cantagalo, médicos e farmacêuticos seguiam o mesmo movimento de expansão *serra acima*⁹. Estes últimos atores sociais buscavam, sobretudo, oportunidades de auferir mais lucros com o enriquecimento dos senhores da região, oferecendo-se para tratar os doentes das ricas famílias e seus escravos. Nos capítulos seguintes, exploramos os dados sobre as doenças que atingiram os cativos de Cantagalo, contextualizando e examinando coletivamente os indícios de saúde e os aspectos das relações entre aqueles três personagens sociais mencionados: escravos, senhores e médicos. Mas podemos desde já, considerando os universos sociais dinâmicos e multifacetados que surgiam no entorno das senzalas do Vale, argumentar que as precárias condições de vida dos negros de Cantagalo certamente influenciaram na elaboração de ações de sobrevivência dentro do

⁹ A expressão foi registrada por Mawe, conforme teria ouvido dos seus informantes: “Cantagalense é de *serra acima*, não gosta de farinha de mandioca; isto é para gente de serra abaixo, gente de Araruama — dizia em família o pai do autor destas notas, natural de Cantagalo” (grifo nosso). MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. p. 98.

cativo. Embora as questões levantadas em torno da quantificação das doenças e da mortalidade escrava sejam importantes para reconstruirmos os universos sociais da escravidão nas regiões cafeeiras, o estudo qualitativo dos documentos contribuiu para resgatarmos outros aspectos das experiências dos cativos. Nesse caso, além de notarmos as complexas relações sociais tecidas entre estes e os seus senhores, que moldavam o sistema escravista, a análise qualitativa dos processos e inventários *post-mortem* demonstrou-nos que é possível perceber outros agentes sociais envolvidos no processo de construção daquele sistema. Os médicos -- muitos se diziam diplomados pelas faculdades de Medicina do Rio de Janeiro -- ao tratarem das doenças dos cativos, tinham a tarefa de mantê-los em condições favoráveis para a intensa exploração do seu trabalho. Naquele cenário, caracterizado pela expansão das fortunas dos senhores de Cantagalo, os indivíduos envolvidos nos cuidados com os doentes -- boticários, cirurgiões, médicos -- adquiriram um papel de destaque no jogo das relações sociais que eram empreendidas na região.

Ao desvelarmos dimensões da experiência escrava, expomos as relações sociais que se estabeleciam nas *plantations* e os processos materiais que constituíam as ambiências do Vale. Nesse quadro de referências, buscamos observar como os diversos sujeitos que seguiram o fluxo dos caminhos abertos com a expansão econômica e social do Vale do Paraíba (visitantes estrangeiros, trabalhadores livres, proprietários de terras, médicos etc.) contribuíram para modificar as estruturas locais daquele regime moldado pela expansão cafeeira. Assim, tornou-se fundamental examinarmos as ações empreendidas pelos proprietários de Cantagalo para tratar os doentes. Ainda que essas informações apareçam fragmentadas nos processos analisados, quando contemplado o conjunto de documentos ao longo de um período mais amplo, observamos o papel de destaque que os médicos foram adquirindo nas fazendas de Cantagalo. Quando nos aproximamos das dimensões relacionadas à saúde, às doenças e às estratégias de cura empreendidas pelos senhores, verificamos como essas abordagens são promissoras e quanto podem contribuir para desvendarmos outros cenários da vida escrava nas *plantations*. Para além do levantamento das doenças que atingiram os cativos de Cantagalo, a recuperação das estratégias tecidas relacionadas à cura dos doentes escravos revelou a importância dos diversos indivíduos inseridos no mundo da escravidão.

De acordo com Robert Slenes, muitos estudos têm apresentado importantes contribuições sobre as dinâmicas tecidas na economia de café do Sudeste. Destacando-se a aproximação do cotidiano dos negros, com ênfase na família escrava, ressaltam-se questões que refletiam “o impacto de embates e negociações cotidianos na reprodução ou

transformação do sistema escravista”¹⁰. Surgem interessantes questões sobre os cativos como importantes agentes sociais envolvidos no processo de elaboração das relações construídas na dinâmica do sistema escravista¹¹. Logo, notamos como se multiplicam as possibilidades de investigação da vida escrava quando abordamos mais de perto as experiências de saúde e doença nos contextos de *plantations*. Seguindo tais caminhos, ao nos aproximarmos do cotidiano dos trabalhadores escravos de Cantagalo, percebemos como o impacto da exploração destes nas fazendas cafeeiras afetava gravemente sua saúde. Observamos que importantes questões podem ser levantadas com a ênfase nas relações estabelecidas entre senhores e seus escravos, relacionadas à presença dos médicos, boticários etc. na região. Estes indivíduos, ligados à prática da cura¹² nas *plantations* do Vale fluminense, agregavam mais um elemento na trama das relações tecidas entre cativos e seus senhores. O papel de destaque dos médicos interessados em tratar dos enfermos pode ser medido também com o aumento das indicações nos processos de inventários *post-mortem* de Cantagalo, sobre os gastos com o tratamento dos doentes escravos. Nesse sentido, em torno desses objetos de análise, Nascimento e Carvalho alertaram que não é possível reduzir as análises sobre a medicina apenas às questões relacionadas ao diagnóstico das doenças,

(...) Se assim for, é no desvelar do sistema de cura que iremos encontrar os elementos mais férteis para a discussão dos conceitos de doenças nas sociedades humanas. E para a construção de um discurso interdisciplinar sobre a história das doenças¹³.

Nesse caso, ao percebermos a circulação desses profissionais de saúde pelas ambiências de Cantagalo, é possível afirmar que a região não atraía apenas o interesse de

¹⁰ SLENES, Robert. *Na senzala uma flor- Esperanças, e recordações na formação da família escrava*. - 2ª Ed. Corrig. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011, p.54.

¹¹ *Ibidem*, p. 54 e 57.

¹² Em trabalho recente, Julio C. M. da S. Pereira discutiu valiosas questões sobre os cuidados terapêuticos, que representaram uma importante dimensão para organização da sociabilidade escrava na Imperial Fazenda Santa Cruz. Nesse caso, o autor evidencia aspectos do cotidiano da vida escrava em um contexto específico, mas que refletem a importância das benfeitorias construídas nas fazendas para tratamento dos cativos (hospitais) e dos indivíduos que atuavam cuidando dos doentes. In: PEREIRA, Julio César Medeiros da Silva *Trabalho, folga e cuidados terapêuticos: a sociabilidade escrava na Imperial Fazenda Santa Cruz, na segunda metade do século XIX*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde)-Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2011.

¹³ NASCIMENTO, Dilene R.; CARVALHO, Diana Maul de; (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*, vol.3. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010, p. 10.

proprietários de terras. Identificamos, ao longo da nossa investigação, a partir dos processos de inventários *post-mortem*, indivíduos atuando como médicos de partidos nas fazendas da região, cuidando dos doentes e atestando a incapacidade dos escravos que não tinham mais condições de exercerem seus ofícios. Nas principais freguesias, destacavam-se também os boticários e suas *pharmacias* e, em alguns casos, encontramos nos processos recibos dos medicamentos que eram comprados pelos proprietários de escravos. Além disso, uma complexa estrutura foi criada pelos fazendeiros para atender os doentes nas fazendas de Cantagalo, incluindo hospitais e casas de enfermaria. Afora os boticários e médicos, reunimos mais indícios da presença de cirurgiões, escravos enfermeiros e barbeiros que absorviam os investimentos dos proprietários para o tratamento dos enfermos.

A narrativa do médico Reinhold Teuscher foi nosso ponto de partida para examinar as experiências relacionadas à saúde e à doença da população escrava de Cantagalo. Apesar de não ter sido o único médico a circular pelas fazendas da região, seu relato, publicado na tese médica em 1853, informou-nos importantes dimensões sobre o cotidiano dos escravos e sobre o trabalho que exercia como médico em uma das mais importantes propriedades locais: “Passo, portanto a dar uma descrição sucinta das localidades, do modo de viver dos escravos, e da qualidade e quantidade de trabalho que pesa sobre eles”¹⁴. O interesse de Teuscher acerca dos aspectos de doença e mortalidade entre os escravos da Vila de Cantagalo nos levou a explorar os espaços por onde o médico esteve e estudar como viveria a volumosa escravaria da região, objeto de investigação de suas pesquisas empíricas.

Tendo eu tido ocasião de observar durante mais de cinco anos o estado sanitário de mais de novecentos escravos, desejei muitas vezes poder obter algumas datas sobre a estadística sanitária da raça etiópica em outros estabelecimentos semelhantes a estes onde eu vivia. Não pude achar informações exatas a este respeito, e por isso resolvi de publicar as minhas observações, apesar de serem os números pequenos e o tempo curto de mais para se poder basear um cálculo exato sobre elas¹⁵.

Ao observar fatores como moradia, rotina de trabalho, divisão de tarefas, alimentação, vestimentas, estatísticas de nascimentos e mortes de homens e mulheres escravizados que viviam nas propriedades do Barão de Nova Friburgo, Teuscher levantou interessantes

¹⁴TEUSCHER, Reinhold. *Algumas observações sobre a estatística sanitária dos escravos em fazendas de café*. These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e publicamente sustentada aos 22 de julho de 1853. Rio de Janeiro: Villeneuve & Comp., 1853, p.6.

¹⁵*Ibidem*.

questões sobre o cotidiano nas fazendas. Seu trabalho é instigante porque, ao problematizar o “quadro sanitário” daquela localidade, direcionou seu olhar para os cenários sociais em que os escravos viviam. Utilizou como referencial de análise, para escrever suas considerações, os espaços do complexo cafeeiro de uma das mais importantes famílias da região no período, a família Clemente Pinto: “Os novecentos escravos dos que trato estão repartidos entre cinco fazendas, situadas na distância de algumas léguas N. E. da Vila de Cantagalo em uma parte bastante montanhosa do país”¹⁶. Segundo Teuscher, a densa escravaria não estava concentrada apenas nas roças de café e grande parte dos cativos se ocupavam dos serviços “em obras, com tropas e outros serviços”¹⁷.

No universo específico de Cantagalo, o médico parecia conhecer bem as características da população escrava e, com isso, pôde expor importantes considerações sobre as moléstias que afetavam os cativos. Em seu trabalho, chamou-nos atenção a maneira como algumas características daquela escravaria agregavam elementos importantes para explicar as doenças que atingiam as senzalas das fazendas. Uma doença importante, observada pelo médico, que debilitava os cativos era a *anemia intertropical* ou *opilação*. Segundo Teuscher,

Todas as influências debilitantes contribuem para o desenvolvimento deste mal; assim demasiados trabalhos, mau sustento, moradia úmida, falta de sono, excessos sexuais, graves moléstias agudas ou crônicas, principalmente com perdas de humores; parece particular que várias mulheres parecem opiladas durante a prenhez; as crianças são menos frequentemente atacadas. Dos escravos de Santa Rita adoeceram de opilação em 1848 29, em 1849 20, em 1850 7, em 1851 5, em 1852 (ano de muita chuva) 17; e como o tratamento desta doença é sempre prolongado, a duração média das moléstias nestes anos foi em proporção direta aos números de opilados. Esta duração foi de 15, 9 dias em 1848, de 14, 9 em 1849, de 4, 8 em 1850, de 10, 9 em 1851, e de 14, 5 em 1852.¹⁸

Para o médico, seriam numerosas as causas para a disseminação da opilação, mas o clima úmido e chuvoso de Cantagalo traduziria um fator importante para o adoecimento dos cativos. Do total de escravos que faleceram no período de cinco anos, cerca de dois terços teriam sido por opilação. Uma doença cujo tratamento era “empírico” e que, quando não afetava gravemente o indivíduo, apresentava uma solução: “o ferro unido aos outros tônicos cura ordinariamente a doença com certeza”¹⁹. Contudo, relatou que mesmo os cativos já

¹⁶ TEUSCHER, Reinhold, *op. cit.*, 1853, p.9.

¹⁷ *Ibidem.*

¹⁸ *Ibidem.*

¹⁹ *Ibidem.*

curados, podiam sofrer novamente da mesma enfermidade, “a qual cada recaída fica mais rebelde, e o doente acaba por morrer de hidropisia geral ou de diarreia crônica, ou de qualquer complicação com outra moléstia”²⁰.

O quadro de saúde dos cativos revelou-se ainda mais aterrador quando o médico descreveu outras doenças que os afetavam. De acordo com ele, a moléstia conhecida vulgarmente como “constipação” levava muitos cativos ao hospital, uma das importantes benfeitorias construídas nas fazendas do Barão de Nova Friburgo. Segundo Teuscher, a constipação caracterizava-se por “um reumatismo agudo, muitas vezes acompanhado de sintomas gástricos ou inflamatórios”²¹. Com a descrição dos sintomas, podemos imaginar que muitos escravos atingidos pela constipação certamente ficavam impossibilitados de exercer suas ocupações nas fazendas. Vejamos os principais sintomas descritos pelo médico: “forte dor de cabeça na frente, dores reumáticas pelo tronco, braços, pernas, e nuca; arrepios de frio, pele quente, fastio, muitas vezes alguma febre”²². Ao longo dos anos em que esteve observando os cativos, o médico identificou que nos períodos de mudanças de estação algumas das doenças que mais os atingiram: complicações gástricas, bronquites, diarreias, disintetrais:

(...) no tempo do calor apareceram com preferência as complicações gástricas. As bronchites são frequentes, e grassão epidemicamente nas épocas de mudança de estações. Diarreias e disenteria mostram-se em maior número durante o tempo de calor. Febres intermitentes não aparecem senão importadas de fora; porém muitas moléstias de qualquer natureza, principalmente na idade infantil, afetam um tipo intermitente, ou ao menos remitente.

Em nossa investigação, ao examinarmos os livros de óbitos dos escravos que habitavam nas fazendas onde o médico atuou, verificamos muitas lacunas a respeito da mortalidade. Por exemplo, ao consultarmos o livro da freguesia de Santíssimo Sacramento, encontramos os primeiros registros de óbitos de escravos nos anos de 1856 a 1860. Com base nesse tempo, reunimos apenas 18 registros, cujas *causae mortis* não foram anotadas. Nesses primeiros anos, foram registrados os óbitos de cativos que teriam falecido em anos anteriores, talvez na ocasião em que Teuscher esteve trabalhando no hospital da fazenda. Os escravos falecidos foram registrados como pertencentes à sociedade formada pelo Barão de Nova

²⁰TEUSCHER, Reinhold, *op. cit.*, 1853, p.10.

²¹*Ibidem.*

²²*Ibidem.*

Friburgo e todos haviam sido enterrados nas fazendas em que habitavam, sendo que dez registros indicaram a Fazenda São Martinho como local do enterro.

Nos anos seguintes, encontramos mais referências de escravos falecidos que pertenceram ao Barão de Nova Friburgo e aos seus sócios. Entre os anos de 1861 e 1883 foi registrado no livro paroquial da freguesia do Santíssimo Sacramento o total de 202 cativos²³, dos quais a esmagadora maioria foi enterrada nas fazendas em que moravam e apenas dois foram sepultados no cemitério público da freguesia. Os escravos registrados na freguesia do Santíssimo Sacramento, entre os anos de 1859 e 1883, estavam distribuídos por 188 escravos adultos e 14 inocentes -- cativos com menos de sete anos de idade. O conjunto de cativos adultos era formado por 114 africanos, 28 crioulos e 46 indivíduos sem indicação da naturalidade.

Em relação à causa da morte, apenas seis cativos tiveram anotada essa informação. Em 1876, o escravo João, congo, de 50 anos de idade, morreu de “estrangulação” e foi enterrado no próprio local da morte. Segundo informações anotadas em seu registro de óbito, foi “sepultado, por ordem do poder judicial no mesmo local onde apareceu enforcado”²⁴. No ano de 1882, os falecimentos de 5 escravos foram registrados, a africana Maria, de 70 anos de idade morreu de hemorragia cerebral; o africano Clemente, de 60 anos de idade, morreu de lesões orgânicas no coração; o africano Jacinto, com 52 anos, morreu de insuficiência aórtica (aorta); Marcelino, de 27 anos de idade, morreu de hemorragia pulmonar; André Clemente, de 44 anos de idade faleceu de apoplexia pulmonar. Nesse caso, o diminuto número de informações sobre as causas de óbitos dos cativos evidencia muitas lacunas que puderam ser preenchidas com a investigação do contexto daquela população. Sobre o uso dos assentos de óbitos paroquiais como variável importante na confecção dos registros demográficos, Moura Filho argumentou que “o indicar demográfico fundamental, a taxa bruta de mortalidade, requer que se conheça, além da série de óbitos, a série paralela com o tamanho da população na qual ocorreram esses óbitos, a população em risco”²⁵.

Desse modo, a saúde dos escravos como objeto de investigação do médico Reinhold Teuscher pode revelar a importância de compreendermos como viviam aqueles trabalhadores nas fazendas cafeeiras do Vale. Ao expor as *observações sobre a estatística sanitária dos*

²³ Paróquia Santíssimo Sacramento de Cantagalo. Livro de óbitos de livres e escravos, 1872-1887.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ MOURA FILHO, Heitor Pinto de. Tratamento historiográfico dos registros de óbitos. In NASCIMENTO, D. R. e CARVALHO, D. M. *op. cit.* p.119.

escravos em fazendas de café, o médico destacou a importância dos cativos como força de trabalho fundamental nas áreas de expansão de lavoura cafeeira. Suas *observações* compuseram um valioso conjunto de indícios sobre as experiências mais íntimas dos escravos no Vale do Paraíba, ressaltando características da população escrava em Cantagalo, que muitas vezes eram inteligíveis à lente do historiador. O problema central da tese de Teuscher revela as múltiplas experiências que eram comuns aos escravos do Vale, esboçando um quadro aterrador de doenças que tornavam a exploração do trabalho nas roças e nos terreiros ainda mais penosa. O estudo do médico indicou como o olhar das doenças revela estruturas dos cenários sociais transformados pela dinâmica escravista. Contudo, o alemão Reinhold Teuscher não foi o único interessado em observar e em desenvolver pesquisas na Vila de Cantagalo naquele período. Ao examinarmos o conjunto de inventários *post-mortem* da cidade, identificamos outros médicos, boticários e cirurgiões atuando no trato dos doentes na região. Apesar de nos capítulos seguintes apresentarmos esses indivíduos circulando pelas fazendas locais, vale destacar interessantes aspectos da trajetória de um personagem que também elegeu Cantagalo como seu espaço de observação, o farmacêutico e naturalista Theodoro Peckolt.

Theodoro Peckolt chegou ao Brasil em 1847 a fim de estudar o material coletado da flora tropical por Von Martius e Eicheler²⁶. Nadja Paraense dos Santos, ao discutir os avanços científicos no século XIX, apontou como as pesquisas que o naturalista e farmacêutico realizou foram pioneiras na área da “fitoquímica no Brasil”²⁷. De acordo com Santos, depois de percorrer algumas províncias do Brasil, explorando a fauna e a flora dos lugares, Peckolt estabeleceu-se em Cantagalo, onde permaneceu por 17 anos²⁸. O período em que viveu em Cantagalo foi fundamental para que o farmacêutico avançasse nas suas pesquisas sobre a fauna e flora locais. Peckolt montou uma farmácia e um laboratório na cidade, onde produzia e vendia medicamentos²⁹. Um deles foi o Polygonaton, um remédio à base de sal e amoníaco. Segundo o viajante Von Tschudi, o Polygonaton foi muito usado pelos feitores de Cantagalo

²⁶VON MARTIUS, Carl Friedrich Philipp e von SPIX, Johann Baptist. *Viagem pelo Brasil*. 3 volumes. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. 3ª edição. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976.

²⁷ SANTOS, Nadja Paraense dos. Theodoro Peckolt: a produção científica de um pioneiro da fitoquímica no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p.515-533, mai./ago. 2005, p. 521; Cf. SANTOS, *Theodoro Peckolt: farmacêutico e naturalista do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro, 2002. 276 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

²⁸ SANTOS, *op. cit.*, 2005, p.517

²⁹ *Ibidem*, p.517.

para tratar dos cativos que eram mordidos por répteis nas roças de café³⁰. Ainda de acordo com Santos, nos anos em que esteve em Cantagalo, de 1852 a 1867, “recebeu muitas honrarias acadêmicas, sendo nomeado membro correspondente da Real Sociedade Botânica de Regensburg (1852) e da Real Sociedade Farmacêutica da Alemanha (1857)”³¹. Além disso, recebeu outros títulos por suas pesquisas no Brasil, foi “doutor *honoris causa* da Academia Cesárea Leopoldino-Carolino-Germânica, da Alemanha, em 1864, (...) foi nomeado oficial da Ordem da Rosa, por sua participação na Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1861) e, mais tarde, oficial da Estrela Polar do Rei da Suécia (1869)”³².

As pesquisas de Peckolt, realizadas em grande parte quando morava em Cantagalo, foram publicadas em importantes revistas internacionais. Ao explorar as matas da cidade, realizou “cerca de 500 análises quantitativas de estrato de plantas da flora brasileira”³³. Conforme Santos:

Peckolt preferia Cantagalo a Friburgo porque a cidade estava mais próxima das matas do vale do rio Doce, o que tornava as expedições mais baratas. Viajava em companhia de dois índios como guias e para maior segurança, acompanhava as tropas do exército que por ali passavam. Em suas viagens percorreu grande parte do vale do Paraíba e as margens dos rios Pomba e Doce³⁴.

O prestígio de que o farmacêutico gozava, tanto na província quanto nas instituições científicas de outros países, certamente tornava a região de Cantagalo espaço de interesse de inúmeros profissionais, como médicos e boticários. A região, que no período já era conhecida como o coração da expansão cafeeira no Vale fluminense, atraindo proprietários de terras, também foi transformada em um espaço social importante para os interessados em medicina e ciência. A presença de Reinhold Teuscher em Cantagalo foi um bom exemplo, ao escolher produzir sua tese na cidade (tal tese, essencial para validar seu diploma de médico e atuar no Brasil), assim como a de outros farmacêuticos, como o próprio Theodoro Peckolt, que buscavam encontrar novidades científicas ao explorar a fauna e a flora brasileiras.

³⁰ TSCHUDI, J. J. Von. *Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. Minas Gerais: Editora Itatiaia Ilimitada. 1980. p. 78-79.

³¹ SANTOS, *op. cit.*, 2005, p.518.

³² *Ibidem*, p.518.

³³ *Ibidem*, p.517.

³⁴ SANTOS, Nadja Paraense dos; PINTO, Angelo da Cunha; ALENCASTRO, Ricardo Bicca de. Theodoro Peckolt, farmacêutico do Brasil Imperial. *Química Nova*, v. 21, n. 5, set./out.1998, p.666-670. p.668.

Nesse sentido, aspectos importantes da *agency*³⁵ dos indivíduos escravizados surgem a partir dos relatos sobre o quadro precário de saúde que chamava a atenção dos médicos, farmacêuticos etc. Observamos como o estudo das moléstias de determinado grupo populacional pode ampliar nossa percepção de variadas dimensões da vida social dos Oitocentos. Por meio da saúde e da doença, temos acesso a características particulares de uma sociedade até então inexploráveis por outros meios. Percebemos que as abordagens em termos quantitativos não explicam por si só a experiência de mortalidade escrava, mas que devem ser analisadas sob novas perspectivas. Com isso, notamos como o diálogo com outras áreas de conhecimento pode ajudar na compreensão dos cenários de escravidão e doença.

Por exemplo, os estudos paleopatológicos³⁶, assim como os estudos médicos, permitem ao historiador perscrutar outros aspectos da experiência escrava, por meio dos múltiplos indícios sobre a vida dos negros que emergem da conexão entre eles. Surgem, com esses estudos, novas possibilidades interpretativas com ênfase na relação entre doença e escravidão. Diante das limitações do material histórico e da natureza das fontes, a discussão em torno da paleoepidemiologia³⁷ pode alargar nossa compreensão sobre a saúde das populações escravizadas. Já a difusão dos estudos em paleoparasitologia permitiu ampliar o conhecimento sobre enfermidades no passado. Desse modo, “associando-se da arqueologia, antropologia e parasitologia, entre outras ciências, é possível obter resultados consistentes sobre o modo de vida e a saúde dessas populações”³⁸. Isso nos leva a alertar para a importância de considerarmos, na análise historiográfica, algumas das questões discutidas pelos autores do livro *Parasitologia*. Segundo eles, algumas das infecções parasitárias conhecidas no Novo Mundo já existiam de forma endêmica entre os grupos indígenas americanos, não tendo sido simplesmente trazidas pelos tumbeiros africanos: “a grande

³⁵ Fartamente contemplada nos estudos de escravidão, a obra de E.P. Thompson e suas implicações teórico-metodológicas são fundamentais nas análises sobre os escravos enquanto sujeitos históricos; não como algo isolado, mas sim, como fruto de relações tecidas com outros setores sociais e envolvida na experiência do cativo. Logo, podemos argumentar que a escravidão adquiriu contornos específicos em determinadas áreas, reconfigurando práticas cotidianas, estratégias, reconstruções de identidades étnicas e visões de mundo próprias. THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p.111.

³⁶ Cf. SILVA, Andersen Líryo da. Saúde bucal dos escravos da Sé de Salvador Bahia, séc. XIX. *Revista de Estudos Americanos*, v. 1, n. 1, 2011, p.19-43.

³⁷ SOUZA, Sheila MF Mendonça de; CARVALHO, Diana Maul de; LESSA, Andrea. Paleoepidemiology: is there a case to answer? *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. Online. v.98, suppl.1, 2003, pp. 21-27. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0074-02762003000900005&script=sci_arttext. Acesso em: 01 de junho de 2014.

³⁸ ARAÚJO, Adauto; REINHARD, Karl Jan e TEIXEIRA, Luiz Fernando. *Paleoparasitologia*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008. p.42; p.47

maioria das infecções parasitárias não foi introduzida por escravos africanos [no continente americano], elas já existiam de forma endêmica nas populações indígenas”³⁹. Entretanto, “os dados sugerem que os europeus de diversos países, estes sim, trouxeram uma carga parasitária expressiva, reproduziram condições insalubres e mantiveram situações propícias à manutenção dos ciclos evolutivos de helmintos e protozoários intestinais”⁴⁰.

Os autores do texto “A malária urbana: existe um adoecer urbano?” (1982)⁴¹ argumentam que, para responder à questão proposta no título de seu trabalho, é preciso olhar para a própria conjuntura da cidade e observar como ela condiciona as questões de saúde. Para entender por que um padrão de saúde atribui à condição de pobreza a explicação da doença, é importante considerar tanto a profunda heterogeneidade que permeia esse espaço, como os referenciais teóricos que a estruturam. Desse modo, por abordagens e caminhos diferentes, reflexões recentes apontam para a importância de compreendermos melhor o cenário em que as doenças surgem. Em outras palavras, apresentam o cenário social e os discursos construídos que convergem para um modelo de entendimento do que era a doença, para, então, buscarem a melhor forma de lidar com esse objeto.

Compreender as moléstias que assolavam e desestabilizavam senzalas das *plantations* da região oriental do Vale significa, também, direcionar o olhar para além das expectativas senhoriais e das lógicas macroeconômicas envolvidas na monocultura cafeeira. Significa avançar analiticamente para o interior das senzalas, percorrendo seus meandros, descortinando comportamentos, hábitos e a cultura material dos cativos⁴². O que queremos dizer é que as doenças também acionavam práticas que refletiam a reinterpretação de variados aspectos da herança africana, do seu arsenal terapêutico de curar, tal como o período da morte revelaria ritos fúnebres⁴³, práticas e comportamentos envolventes⁴⁴. Nesse sentido,

³⁹ ARAÚJO, A.; REINHARD, K. e TEIXEIRA, L. *op. cit.*, 2008. p.115-118.

⁴⁰ *Ibidem.*

⁴¹ REICHEIM, E. M. e WERNECK, G. *A malária urbana existe um adoecer urbano*. In: Documento elaborado para a oficina de trabalho “Saúde e grandes cidades: Construção de uma agenda para pesquisa”. Instituto de Medicina Social-UERJ, 1992.

⁴² Cf. TAVARES, Reinaldo Bernardes. *Cemitério dos pretos novos, Rio de Janeiro, século XIX: uma tentativa de delimitação espacial*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

⁴³ Cf. REIS, J. J. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁴⁴ Para um inventário dos principais trabalhos em torno dessa temática, Cf. WITTER, N. A. *Curar como Arte e Ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura*. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, nº19, p.13-25. *Sobre as relações entre medicina e história*, Cf. CARDOSO, M.

procuramos explicitar, até aqui, a importância da Doença⁴⁵ na análise histórica, apresentando alguns dos seus caminhos e descaminhos.

Em outros cenários escravistas americanos, a ênfase na discussão interdisciplinar inaugurada com a investigação do quadro de saúde dos indivíduos escravizados tem sido examinada com destaque nas análises acadêmicas já há algum tempo. Kristrina Andrea Shuler⁴⁶ levantou interessantes questões sobre esse assunto em torno da experiência dos escravos nas *plantations* de açúcar. Com foco nos estudos bioarqueológicos⁴⁷, ou seja, aqueles que analisam os remanescentes humanos provenientes de sítios arqueológicos, avaliou os esqueletos de um antigo cemitério de escravos localizado em Barbados. Em 1997-98 foram exumados 46 esqueletos na *Newton plantation* (1660-1820), uma região localizada no Caribe britânico. No século XVII, 236 mil africanos desembarcaram na pequena ilha de Barbados. Nos primeiros anos do século XIX, estima-se que 371 mil africanos teriam chegado à ilha e, ao longo do período em que o tráfico transatlântico se manteve com vigor, cerca de 600 mil cativos devem ter desembarcado nela⁴⁸. As *plantations* de açúcar de Barbados condensavam as características típicas de um sistema de exploração intensa do trabalho escravo, um cenário social marcado pela diáspora africana. Assim, diversas dimensões sobre a escravidão naqueles contextos podem ser exploradas com a aproximação do cotidiano da vida dos negros. A investigação de Shuler apontou os seguintes aspectos sobre as doenças dos cativos:

Periosteal inflammation was observed in 41% of skeletons, and healed lesions (63%) were more commonly observed than active (37%). Overall, adults display more infections lesions than subadults, but age differences are

H. C. História e medicina: a herança arcaica de um paradigma. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. VI, n.3, nov. 1999-fev.2000, p.555-575.

⁴⁵ NASCIMENTO, D. R. e SANTA, M., O método comparativo em história das doenças. In: NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. M.; MARQUES, R. DE C. (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 20.

⁴⁶ SHULER, Kristrina Andrea. *Health, History, and Sugar: A Bioarchaeological Study of Enslaved Africans from Newton Plantation, Barbados, West Indies*. Dissertation. Department of Anthropology. Southern Illinois University Carbondale December 2005. Disponível em: www.academia.edu. Acesso em 01/05/2014.

⁴⁷ Cf. SOUZA, Sheila Maria Ferraz Mendonça de. Bioarqueologia e antropologia forense. *1º Encontro de Arqueologia de Mato Grosso do Sul*. Arqueologia histórica de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS. Maio de 2009. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/111644696/5-Bioarqueologia-e-Antropologia-Forense>. Acesso em 01 de Junho de 2014.

⁴⁸ NEWMAN, Simon P. A New World of Labor: the origins and development of plantation slavery in Barbados. In: *Africans in the Americas: Making Lives in a New World, 1675-1825*. OMOHUNDRO INSTITUTE OF EARLY AMERICAN HISTORY & CULTURE. *Africans in the Americas: Making Lives in a New World, 1675–1825*. Cave Hill, Barbados, 2013.

not significant. The lower bodies of N.P. adults are more often affected. Conversely, upper bodies show slightly more infection among subadults, particularly adolescents, who also have more healed rather than active lesions in comparison with Newton adults⁴⁹.

Alguns resultados preliminares na pesquisa demonstraram que alterações ósseas foram associadas a um processo de doenças infecciosas e, em destaque, surgiram questões relacionadas ao árduo trabalho nas lavouras e às precárias condições de vida nas *plantations*. Nesse caso, a descoberta do antigo cemitério na *Newton plantation* revelou outras dimensões do cotidiano dos indivíduos escravizados. De acordo com a autora, a ênfase na bioarqueologia tem contribuído como mais uma possibilidade para examinar a qualidade de vida dos escravos em determinados contextos. O interesse por essas abordagens multidisciplinares contribuiu para reconstruir aspectos dos complexos cenários de escravidão:

Dangers associated with cane harvesting and production, corporal punishment of the enslaved and interpersonal violence additionally may have resulted in skeletal trauma and associated infections, inducing skeletal changes such as periostitis and osteomyelitis as previously described.⁵⁰

Desse modo, essas discussões apontam como o estudo sobre a saúde em uma plantação de açúcar do Caribe contribui para alargar a compreensão da experiência dos indivíduos na diáspora africana. O entendimento sobre as doenças que tornaram o cotidiano dos cativos nas *plantation* de Newton ainda mais cruel nos é sugestivo de como essas abordagens interdisciplinares revelam experiências da escravidão que eram transformadas no embate entre senhores e escravos. Nesse sentido, essas considerações apontam igualmente como é importante avaliar dimensões da doença para além da variável biológica, já que ela está imbricada estruturalmente na sociedade, fazendo parte de uma determinada formação social⁵¹.

⁴⁹SHULER, Kristrina Andrea. Life and death on a Barbadian sugar plantation: historic and bioarchaeological views of infection and mortality at Newton Plantation. *International Journal of Osteoarchaeology*, v.21, Issue 1, jan./feb.2011, p.66-81. p. 71.

⁵⁰*Ibidem*, p. 70.

⁵¹ NASCIMENTO, D. R. e SANTA, M., O método comparativo em história das doenças. In: NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. M.; MARQUES, R. DE C. (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p. 20.

No Brasil, o debate recente sobre as causas e a natureza das moléstias que dizimaram populações negras escravizadas nos séculos XVIII e XIX e que perpassam os estudos históricos da escravidão é indicativo de como os critérios de cientificidade das teorias médicas, compartilhadas pelas comunidades científicas, ainda são pouco problematizados pelos historiadores⁵². Surgem questões sobre os quadros conceituais utilizados para o entendimento das doenças e os critérios que permeavam os discursos científicos sobre elas. Os conjuntos de proposições que emergem desse novo quadro de referências têm tornado urgente discutir as articulações deste com a produção de conhecimento em outros campos do saber. Confere-se destaque às análises históricas sobre a explicação dos determinantes e da distribuição das doenças nas populações negras escravizadas do passado.

Nesse ínterim, o debate sobre a saúde e as causas das enfermidades dos cativos tem se constituído como objeto de estudo de pesquisadores de diferentes campos do conhecimento nos últimos anos no Brasil⁵³. Esse contexto de renovação teórica e metodológica sobre a historiografia da escravidão brasileira⁵⁴, desde a década de 1980⁵⁵, recentemente levou muitos pesquisadores a avaliarem temáticas e dimensões da saúde e da doença como caminhos empíricos válidos para a produção da análise histórica. Dessa forma, surgiram até recentemente novas perspectivas a respeito de historicidades muito mais complexas do que até então se entendia, destacadamente nas discussões sobre a nosologia das populações escravas dos séculos passados.

Nesse sentido, convém citarmos o trabalho pioneiro da historiadora americana Mary Karasch (2000, 1ª ed. 1987). Em seu livro reservado a vida dos escravos no Rio de Janeiro na

⁵² No campo da história da ciência também se verificam profundas transformações. Os debates recentes sobre o entendimento do que seria ciência passam a privilegiar abordagens e reflexões metodológicas, em contraponto às análises que versam sobre a ciência como um conhecimento monolítico. De acordo com D. Pestre, desde a década de 1980, a história da ciência estabelece-se como um campo multifacetado, cuja ênfase sobre seus atores e contextos históricos tem ganhado destaque: “O número de atores agora convocados se multiplicou, os universos sociais pertinentes não estão limitados aos sábios especialistas numa questão, as conexões orgânicas com as outras histórias que fez com que as ‘sínteses’ se complicasse proporcionalmente. A natureza das análises desenvolvidas, particularmente na linha os estudos de controvérsia, também contribuiu para o desinteresse pelas narrações organizadas a partir de um eixo temporal longo”. In: PESTRE, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. *Cadernos do IG/Unicamp*, vol. 6, nº1, 1996, p. 04.

⁵³ Cf. PORTO, Ângela. *A saúde dos escravos na historiografia brasileira*. ANPUH Rio. 'Usos do Passado' — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006.

⁵⁴ LARA, Silvia Hunold. Novas dimensões da experiência escrava. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/negros/13.shtml>>. Acesso em 01 abr. 2007.

⁵⁵ MACHADO, M. H. Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão. *Revista Brasileira de História*, Vol. 8, n.16, 1998.

primeira metade do século XIX, a autora dedicou um importante capítulo sobre as doenças nos escravos urbanos⁵⁶. Ao examinar as variadas dimensões culturais, econômicas, sociais e religiosas dos indivíduos que partilhavam as experiências no cativeiro, sua análise tanto serviu como ponto de partida para pesquisadores interessados em discutir a saúde da população escrava do Rio de Janeiro, como inaugurou discussões sobre a validade desse tema para os estudos sobre a escravidão no Brasil. M. Karasch dedicou um capítulo de sua obra ao exame das doenças dos cativos que faleceram na primeira década dos Oitocentos, realizando uma densa análise demográfica dos escravos na cidade. Por meio de uma sólida documentação, baseada em registros de óbitos da Santa Casa de Misericórdia, assentos de óbitos paroquiais, relatos de viajantes estrangeiros e relatórios médicos, Karasch inovou os estudos sobre a saúde dos cativos no Brasil ao analisar o alto índice de mortalidade escrava, constituindo indicadores de condições de saúde daquela população. Para a autora, a mortalidade dos escravos resultava numa “correlação complexa entre descaso físico, maus-tratos, dieta inadequada e doença”⁵⁷. Além disso, “As ações intencionais ou não dos senhores contribuíam diretamente para o impacto de doenças específicas ou criavam indiretamente as condições nas quais uma moléstia contagiosa espalhava-se rapidamente pela população escrava”⁵⁸.

O estudo de Mary Karasch surge como contraponto às explicações essencialistas da alta mortalidade de cativos, segundo as quais esta era decorrente apenas do movimento impetrado pelo tráfico transatlântico. Amplia-se com essa análise o universo de reflexão relativo aos escravos. Tal abordagem contribuiu para que o interesse em torno de suas enfermidades fosse levantado por novas pesquisas⁵⁹. Esses estudos sublinham a importância dos quadros conceituais utilizados para o entendimento das doenças⁶⁰ e dos critérios que permeavam os discursos científicos sobre elas. Aspectos da mortalidade no período em que o tráfico se manteve com maior vigor são destacados como um dos fatores que explicariam as doenças que assolavam as senzalas no Sudeste escravista. Enfim, imagens sobre o caráter migratório das doenças aparecem até recentemente nos estudos sobre escravidão. Tais

⁵⁶ Stuart Schwartz também dedicou algumas páginas de seu livro à discussão sobre a mortalidade dos escravos nos trópicos. Ver: SCHWARTZ, S. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial 1550-1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 299-309.

⁵⁷ KARASCH, M. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850*. Tradução Pedro Maria Soares, São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.207.

⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁹ Cf. PORTO, A. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.13, n.4, 2006.

⁶⁰ CARVALHO, D. M. de. Doenças dos escravizados, doenças africanas?. In: PORTO, A. (org.). *Doenças e escravidão: sistema de saúde e práticas terapêuticas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007, p. 06. CD-rom II.

perspectivas, cristalizadas na historiografia contemporânea, surgiriam com os argumentos do médico Octávio de Freitas no seu estudo *Doenças africanas no Brasil*, publicado em 1935⁶¹.

É nessa complexa arena de contradições, embates e transformações que a paisagem científica no Brasil foi moldada⁶². As querelas médicas que permearam o discurso científico nos Oitocentos avançam para o século XX, acrescidas por novas questões teóricas sobre a saúde e a doença. Logo, é importante observar como a especificidade do conhecimento científico é própria da formação desses médicos, profissionais treinados dentro de códigos específicos, com tradições e práticas particulares do ofício e uma visão de mundo própria. De certa forma, deveríamos problematizar que textos como o de Octávio de Freitas são produtos de demandas de sua época, tais como o fim da escravidão e a construção até mesmo de uma identidade socioprofissional, além de ressaltarem o quadro teórico que se utilizava para explicar a ocorrência das doenças.

O médico sanitarista, fisiologista e fundador da Faculdade de Medicina do Recife⁶³, Octávio de Freitas, atuou como Inspetor Geral de Higiene de Pernambuco, combatendo várias epidemias que assolaram a região. Além disso, desenvolveu pesquisas sobre a demografia sanitária do Recife, na tentativa de combater a tuberculose. Em suas viagens pela Europa, estabeleceu estreito diálogo com médicos estrangeiros e produziu obras sobre como combater a tuberculose no Brasil. Em 1934, foi convidado por Gilberto Freyre para apresentar um trabalho no Congresso Afro-Brasileiro, em que apresentou o texto *Doenças africanas no Brasil*, mais tarde publicado em livro. Octávio de Freitas já dedicara, em um de seus livros, *Medicina e costumes*, um pequeno capítulo sobre o tratamento dos escravos em Pernambuco. Baseado em relatórios demográficos, atribuía as altas taxas de mortalidade entre a população escrava à falta de higiene, ao excesso de trabalho e à má alimentação dos cativos: “A descoberta de numerosos agentes etiológicos de moléstias que tanto nos infelicitavam fez com que os médicos organizassem melhor os meios de preveni-las e combatê-las. Uma sadia onda de entusiasmo e justificada esperança dominava o espírito médico”⁶⁴. Nesse sentido, podemos nos questionar sobre se os debates científicos que ocorriam no campo médico poderiam indicar um esforço em legitimar uma identidade de uma corporação científica compartilhada por Freitas. Por exemplo, Mario Biagioli indica-nos, com a análise da carreira de Galileu, a

⁶¹ FREITAS, O. *Doenças africanas no Brasil*. SP: Editora Nacional, 1935

⁶² Cf. EDLER, F. A medicina brasileira no século XIX: um balanço historiográfico. *Asclepio, Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, Madrid, v.50, n.2, 1998, p. 169-86.

⁶³ FREITAS, O. *Minhas memórias de médico*. São Paulo; Editora Nacional; 1940.

⁶⁴ RIBEIRO, Lourival. *Tsiologistas ilustres*. Rio de Janeiro; Sul Americana; 1955, p. 89.

importância em investigarmos o ambiente social em que a identidade socioprofissional é moldada. Com isso, o autor buscou entender a mudança científica por meio da análise dessa identidade, que influenciava diretamente na ciência moderna. Assim, afirma que

o empenhamento gradual de Galileu com o copernicianismo foi também animado pela sua oposição e também pelos seus antecedentes sociais peculiares, assim como pela percepção da mobilidade social e das possíveis identidades que o acompanhavam⁶⁵.

Vislumbra-se como o exame do contexto intelectual no qual foram produzidos os escritos médicos e consolidadas as categorias socioprofissionais dos seus agentes deve ser levado em conta na compreensão do desenvolvimento das teorias disseminadas pelas corporações médicas ao longo do tempo.

Ao salientarmos tais debates, fica evidente a importância de esquadriarmos o contexto de institucionalização dos saberes médicos, em que personagens como Octávio de Freitas estão inseridos. Sua luta para organizar um espaço social saudável e ordenado refletiu em ideias específicas de um grupo e que traduziria também a defesa dos ideais higienizadores, sendo latente entre seus colegas a preocupação em examinar a etiologia da doença. Em seu trabalho sobre a tuberculose em Recife, o sanitarista fez um denso estudo demográfico sobre a disseminação da doença na população na segunda metade do século XIX. Sobre a justificativa para combater essa moléstia, afirmou:

Si há moléstia que mereça detida soma de estudos dos clínicos e higienistas, esta é com certeza a tuberculose, cujo avultado quociente mortuário variando cada ano de um décimo a um quinto da mortalidade geral de uma localidade qualquer, basta por si só para demonstrar a necessidade das mais severas medidas a tomar-se contra a terrível moléstia pelo bacilo Koch⁶⁶.

Freitas também relatou como muitas outras doenças, conhecidas por outros nomes, poderiam mascarar a “moléstia de Koch”:

É muito possível que os óbitos registrados nos primeiros 12 meses estejam aquém da verdade: meningites tuberculosas muito freqüentes as crianças,

⁶⁵ BIAGIOLI, Mario. *Galileu, Cortesão*. A prática da ciência na cultura do absolutismo. Porto Editora, 2003, p.250.

⁶⁶ FREITAS, O. *A tuberculose no Recife*. Typ. do Jornal de Recife, 1900, p. 26.

mesenterites da mesma espécie são comumente mascaradas em diagnósticos de convulsões, diarreias, atherpsias, etc⁶⁷.

As explicações de uma origem “africana” de algumas doenças e de sua suposta disseminação entre os indivíduos escravizados talvez fosse válida naquele novo campo teórico-conceitual que emergia e fortalecia-se em detrimento da prática clínica. Verificamos que Freitas já compartilhava dos ideais de uma nova geografia médica e da higiene, ou seja, a etiologia infecciosa das doenças estava na pauta de discussões daquele grupo da medicina acadêmica. Segundo G. Hochman, P. Santos e F. Pires-Alves, a análise da doença em perspectiva histórica deve considerar suas dimensões política, social, econômica e cultural. Dessa forma, “para uma história renovada, a doença não pode ser analisada fora de uma moldura social que ao mesmo tempo a circunscreve como também é por ela estruturada”⁶⁸. Logo, é possível compreender as assertivas do médico sanitário Octávio de Freitas circunscritas na defesa de uma “coletividade profissional”⁶⁹. O movimento de esquadramento do cenário social brasileiro ganhava força. Segundo Diana Maul, verifica-se

(...) na primeira metade do século XX, com as pesquisas genéticas e a aplicação crescente da estatística ao discurso sobre a saúde e as doenças, o crescimento dos estudos da biotipologia e da demografia médica. A ascensão social e acrescente atuação política dos médicos, principalmente dos higienistas, notável no Brasil desde as últimas décadas do século XIX, contribuem para a difusão de conceitos e práticas que se cristalizaram no senso comum⁷⁰.

Retomando nossa discussão, acreditamos que é essencial para o estudo da nosologia das populações escravas, vistas como objeto de análise, percorrer, *a priori*, as estruturas teóricas e conceituais a respeito das doenças. Além do mapeamento do complexo espaço de construção do saber médico no Brasil, a mensuração dos dados sobre esses cativos também

⁶⁷FREITAS, O. *op.cit.*, 1900, p. p.3.

⁶⁸HOCHMAN, G. SANTOS, P. X. e PIRES-ALVES, F. História, saúde e recursos humanos: análises e perspectivas. Disponível em In: <http://observatoriohistoria.coc.fiocruz.br/local/File/hsrh.pdf>. p.45. Acesso em: 01 de Ags. de 2013, p.45.

⁶⁹ EDLER, F. Uma controvérsia científica no Império: E Escola Tropicalista Baiana desafia a Academia Imperial de Medicina. *XXIII Simpósio Nacional de História: História, Guerra e paz*. 2005, p. 08.

⁷⁰ CARVALHO, *op. cit.*, 2007, p. 03.

fomenta questões teóricas importantes para nossa análise. Embora a produção acadêmica da época tenha enfatizado a análise das moléstias que dizimaram populações escravas nos séculos XVIII e XIX, esses esforços de categorização das causas de morte, mesmo inovadores e amplamente empregados nos estudos recentes, apresentam problemas ao utilizarem modelos explicativos baseados nos mesmos critérios que os buscados pelos pesquisadores contemporâneos⁷¹. Mesmo nas interfaces com outros campos do conhecimento, as discussões conceituais sobre saúde e doença ainda são adjacentes nas análises historiográficas recentes. O exame da etimologia dos conceitos surge como recurso analítico para a produção de conhecimento; é o que lemos na análise de Naomar Almeida Filho sobre a etimologia do termo “saúde”: “em algumas vertentes, saúde indica solidez, firmeza, força. Por outro lado, as línguas ocidentais modernas desenvolveram uma variante distinta, com base em raiz etimológica medieval de base religiosa, vinculada às conotações de perfeição e santidade”⁷². Nesse sentido, M. Coelho e N. Almeida Filho, em um balanço sobre os usos do conceito de saúde no discurso médico contemporâneo, apontam:

A carência de estudos sobre o conceito de saúde propriamente definido parece indicar uma dificuldade do paradigma científico dominante nos mais diversos campos científicos de abordar a saúde positivamente. Por outro lado, tal pobreza conceitual pode ter sido resultado da influência da indústria farmacêutica e de certa cultura da doença, que têm restringido o interesse e os investimentos de pesquisa a um tratamento teórico e empírico da questão da saúde como mera ausência de doença. Entretanto, a divisão do corpo humano, a tecnologização das práticas e a fragmentação do saber, com o surgimento das várias especialidades médicas, têm gerado reações contra a expropriação da saúde e, desde a década de 1970, vêm propiciando um movimento que busca ressuscitá-la como objeto científico⁷³.

O conceito de doença também adquire sentidos diferentes quando o quadro conceitual para explicar sua ocorrência é modificado. Diana Maul constatou, ao analisar os conceitos de doenças em textos médicos medievais, comparados a outros “discursos médicos” setecentistas, que “ao lermos os textos medievais e os confrontarmos com os setecentistas,

⁷¹ CARVALHO, D. M. História da saúde, isso serve para quê? *Cadernos de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v.XIII, n.2, abr./jun.2005, p.321-322.p.321.

⁷² ALMEIDA FILHO, A. Qual o sentido do termo saúde? *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 16(2): 300-301, br-jun, 2000, p. 300.

⁷³ COELHO, M. T. A. D. e ALMEIDA FILHO, N. de. Conceitos de saúde em discursos contemporâneos de referência científica. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n.2, mai./ago.2002, p. 316.

devemos ter em mente que representam sucessivas releituras de um mesmo ‘discurso sobre a doença’, em contextos históricos diversos”⁷⁴. Entretanto, observou:

Hoje, prognóstico é coisa bem diversa, uma vez que a fisiologia de Claude Bernard se tornou o quadro teórico hegemônico para explicar a ocorrência das doenças. O prognóstico passou a significar, exclusivamente, o mais provável percurso da doença no indivíduo, perdendo sentido a ‘conjuntura epidêmica’. O prognóstico não se refere mais aos lugares e ao coletivo, e sim a cada indivíduo. Só é coletivo por referência a grupos de indivíduos, ‘grupos de risco’. E não mais precede logicamente (ainda que possa fazê-lo cronologicamente) o diagnóstico, mas, necessariamente lhe sucede, e dele depende. O meio externo desaparece como dimensão necessária do discurso médico. Recua e se transforma em paisagem, pano de fundo⁷⁵.

A ênfase nesses discursos pode revelar novas dimensões desse objeto. A tradução do diagnóstico de doenças para a base conceitual contemporânea deve ser examinada com atenção. Um modelo de explicação das doenças muito utilizado é construído a partir do conhecimento da epidemiologia⁷⁶. Enquanto campo do saber, esta nasce de uma série de correntes e estudos sobre a determinação da doença. Porém, o século XIX condensava formas diversas de representação dessas doenças, antes das discussões sobre suas etiologias específicas. Marcel Goldberg, ao problematizar o objeto da epidemiologia, afirma:

Os métodos estatísticos empregados, mais ou menos aperfeiçoados, consistem, segundo a etapa de trabalho epidemiológico, em colocar em evidência uma ligação entre a variável e o fenômeno de saúde, em medir a forma e a intensidade desta ligação e por último, em afirmar uma associação causal. Posteriormente, em alguns estudos puramente descritivos, tratar-se-á apenas de descrever a população estudada por meios de critérios validados, a fim de identificar especialmente os ‘grupos de riscos’⁷⁷.

No entanto, esse modelo epidemiológico expandiu-se, condensando no seu arcabouço conceitual as noções socioeconômicas, também submetidas aos tratamentos estatísticos.

⁷⁴ CARVALHO, D. O regimento contra a pestilência e a receita do bálsamo: alguns comentários à luz da “medicina científica”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, set./dez. 2005, p. 855.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 860.

⁷⁶ Para um melhor entendimento da história da epidemiologia ver: BARRETO, M. L. *Epidemiologia, suas histórias e suas crises*. In: COSTA, D. C. *Epidemiologia: teoria e objeto*. Hucitec- Abrasco, São Paulo. 1994.

⁷⁷ GOLDBERG, M. Este obscuro objeto da epidemiologia. In: COSTA, D. C. *Epidemiologia: teoria e objeto*. Hucitec- Abrasco, São Paulo. 1994, p. 93.

Assim, seria possível “estudar suas ligações com um problema de saúde que seja, segundo a tradição, uma doença delimitada pela nosografia médica”⁷⁸. Começam a aparecer questões sobre como operar as reflexões da história da ciência e da saúde para as populações escravas. Avançam outras questões sobre a necessidade de envolver, na análise histórica da saúde e da doença, a investigação conceitual a respeito das suas fronteiras e limites. Desse modo, argumentamos que a importância dessa reflexão também está no exame da construção conceitual como um dos caminhos para entendermos os discursos produzidos em determinado tempo e, também, para construirmos interpretações mais indicativas e concretas, portanto, menos generalizantes e não históricas. Acreditamos que é profícuo o diálogo do pesquisador da escravidão com campos do saber médico, que procura analisar por esses novos caminhos metodológicos outras facetas desses *mundos da escravidão*. Contudo, concordamos que se deve considerar, *a priori*, “a construção das bases conceituais de diagnósticos e as “implicações sobre a leitura de documentos”⁷⁹. Desse modo, avaliamos que não é possível explicar “doença” só pelo ponto de vista biológico; é preciso entender também outras dimensões, já que ela faz parte de uma determinada formação social. Como objetos do historiador, *saúde e doença* tornam-se valiosas chances de compreender o contexto em que se apresentam, proporcionando o contato com esse universo de múltiplas maneiras. Avançaremos, então, nossa investigação no capítulo seguinte, em torno dos contextos sociais em que vidas escravas eram reconstruídas na diáspora africana e, posteriormente, dizimadas pela intensa exploração do trabalho dos indivíduos escravizados.

⁷⁸ GOLDBERG, M. *op. cit.*, 1994.

⁷⁹ CARVALHO, *op. cit.*, 2007, p. 18.

Capítulo 2

A Vila de Cantagalo: *agency*, paisagens e contextos

Nas primeiras décadas do século XIX, a Vila de Cantagalo, localizada no sul da província do Rio de Janeiro, já se caracterizava por um crescente fluxo de mercadorias e pessoas, representando um dos espaços de “confluências”⁸⁰ entre as principais regiões da província. Era uma localidade ligada por via terrestre à cidade do Rio de Janeiro, cortada pelo Caminho Novo que alcançava as áreas auríferas de Minas Gerais⁸¹ e também conectada a outras regiões da província por caminhos fluviais. Uma notícia no periódico *Correio Cantagalo* revela que no início do século XX, a cidade ainda conservava algumas características do seu tempo áureo, período histórico marcado pela “centralidade da economia cafeeira para a escravidão e para a economia atlântica no século XIX”⁸². O jornal local registrou, em comemoração ao aniversário da cidade, as principais características da região desde a sua origem: “a cidade propriamente dita está toda edificada em um estreito Valle ligeiramente alargado no centro ou em parte média, onde se assenta, cercada de montanhas que a fecham com duas cadeias laterais e pelo lado sul”⁸³.

⁸⁰ BEZERRA, Nielson Rosa. *Op. cit.*, 2008. p. 142.

⁸¹ LOS RIOS, Adolfo Morales de. *O Rio de Janeiro Imperial*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2000. p. 50.

⁸² MARQUESE, Rafael Bivar. Capitalismo, escravidão e a economia cafeeira do Brasil no longo século XIX. Conferência Internacional *New Perspectives on the Life and Work of Eric Williams*, realizada em 24 e 25 de setembro de 2011 no St. Catherine’s College, Oxford University, Inglaterra; p.06. Disponível em: <http://people.ufpr.br/~lgeraldo/textomarquese.pdf>. Acesso em 24 março de 2014.

⁸³ *Correio de Cantagalo*, 01/01,1915. BN: 3, 457,03,27.

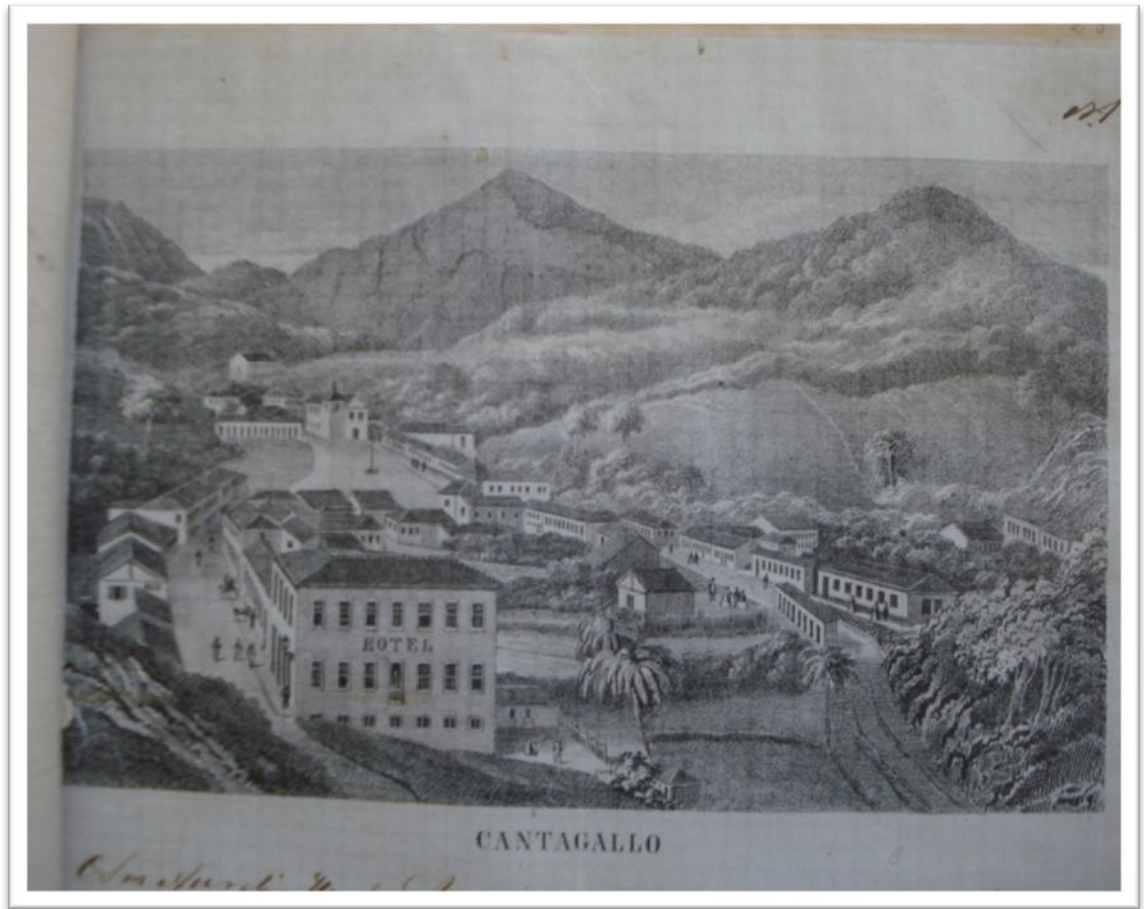


Figura 1. Vista da cidade de Cantagallo⁸⁴, séc. XIX, impressa na receita da farmácia Peckolt.
Fonte: AMJERJ. Inventário de Sabino José de Santa Ana, 1864.

Em meados do século XVIII, em um período marcado pelo fascínio da exploração aurífera, garimpeiros e indígenas disputavam terras⁸⁵ e pousos dos sertões do Macacu, situado entre a Serra do Mar e o rio Paraíba do Sul⁸⁶. O povoamento da região iniciou-se

⁸⁴ O prédio, onde hoje está instalada a Câmara Municipal de Cantagalo, fora anteriormente o único hotel existente na segunda metade do século XIX, entre 1867 e 1880. Pertencia a um ex-combatente da Revolução Francesa, aliado das tropas de Napoleão, Monsieur Friaux Disponível em: <http://www.monumentosdorio.com.br/monu/br/rj/012.htm>. Acesso em: 29 mar. 2014.

⁸⁵ VINHAES, Eliana Maria Gonçalves. *Cantagalo: as formas de organização e acumulação da terra e da riqueza local*. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 1992. p.25.

⁸⁶ De acordo com Rui Erthal, a região de Cantagalo situa-se no Planalto Atlântico Brasileiro: “Este planalto, denominado genericamente de Serra do Mar, apresenta-se basculado na direção norte e as suas bordas alinham-se na direção nordeste/sudoeste. Tais bordas, de origem tectônica, caem abruptamente sobre a planície litorânea, formando paredões íngremes que chegam a atingir 2.245m (Serra dos Órgãos). Estes blocos elevados da borda do planalto constituem-se em verdadeiros divisores de águas”. In: ERTHAL, Rui. A presença de dois distintos padrões de organização agrária moldando a região de Cantagalo, província do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, Universitat de Barcelona, v. X, n. 218 (34), 1º ago. 2006, p.2.

progressivamente, em meio à decadência dos centros mineradores, surgiam novas alternativas de se manter a atividade extrativa em outras regiões da província. Nas últimas décadas do mesmo século, o território do antigo *Sertão do Macacu* passou a ser conhecido como *Cantagalo das Novas Minas dos Sertões de Macacu* e contava com cerca de 200 moradores, incluindo aventureiros, mulheres e crianças⁸⁷.

A fraca rentabilidade das lavras e a perspectiva de melhores lucros na agricultura, que então se iniciava, afugentaram os mineradores providos de recursos, ficando no garimpo apenas os obstinados e os carentes de amparo do Estado, que não suportou a carga e deixou correr livre a faiscagem na área. Na mesma proporção, pois, que os garimpos mais ativos se retiravam, as autoridades foram esmorecendo e voltando sua atenção para atividades mais promissoras ou problemas mais instantes.⁸⁸

O pequeno arraial de Cantagalo, encravado entre os vales nas encostas das serras atlânticas de clima tropical úmido⁸⁹, servia de passagem para os viajantes que seguiam para as Gerais. O quadro de expansão demográfica que se seguiu, em fins do século XVIII e início do século XIX, refletiu o desenvolvimento da expansão do ouro nos pousos da região de Minas e, posteriormente, sua decadência. As clareiras abertas nas densas matas formando pequenos núcleos de povoamento se multiplicavam à medida que mais aventureiros chegavam à procura de ouro. Ou seja, o declínio na produção das regiões auríferas das Gerais e as novas possibilidades econômicas que surgiam com a descoberta de ouro inaugurada com a exploração nos sertões do Macacu contribuíram para que as autoridades provinciais direcionassem seus interesses para as terras localizadas no vale do alto do Rio Grande⁹⁰, depois no do Rio Negro e, posteriormente, nos de Macacu e Ribeirão das Areias⁹¹. Contudo, logo foi notado o fracasso das atividades mineradoras e o interesse dos aventureiros foi direcionado para as terras cultiváveis dos sertões do Macacu. Com o desbravamento e a

⁸⁷ VINHAES, *op.cit.*, 1992, p.27.

⁸⁸ ERTHAL, Clélio. *Cantagalo: da miragem do ouro ao esplendor do café*. Niterói, RJ: Netpress, 2008, p. 83.

⁸⁹ ERTHAL, R. *op.cit.*, 2006, p. 2.

⁹⁰ Sobre a rede hidrográfica da Região Centro Norte Fluminense: “da Serra da Boa Vista partem os Rios Grande, Macaé, Macacu e Macabu. Enquanto o Rio Grande constitui-se um dos principais rios que descem o planalto em direção ao Paraíba, os três últimos, descendo a borda da Serra, procuram as baixadas litorâneas e alcançam o oceano. A presença destas bacias, cujas cabeceiras encontram-se próxima uma das outras, teve papel fundamental na comunicação entre diferentes regiões fluminenses – guanabarina, macaense, campista e serrana”. ERTHAL, R. *op.cit.*, 2006. p.2 .

⁹¹ De acordo com Clelio Erthal, foi a partir do alvará de 18/10/1786 que D. Luiz de Vasconcellos liberou incursões à região. *In*: ERTHAL, C. *op.cit.*, 2008, p. 93.

ocupação progressiva do território, novas clareiras eram abertas para lavouras de mantimentos e roças, logo, estruturaram-se transformações que impulsionariam o desenvolvimento de uma economia baseada na agricultura extensiva de terras e escravos⁹².

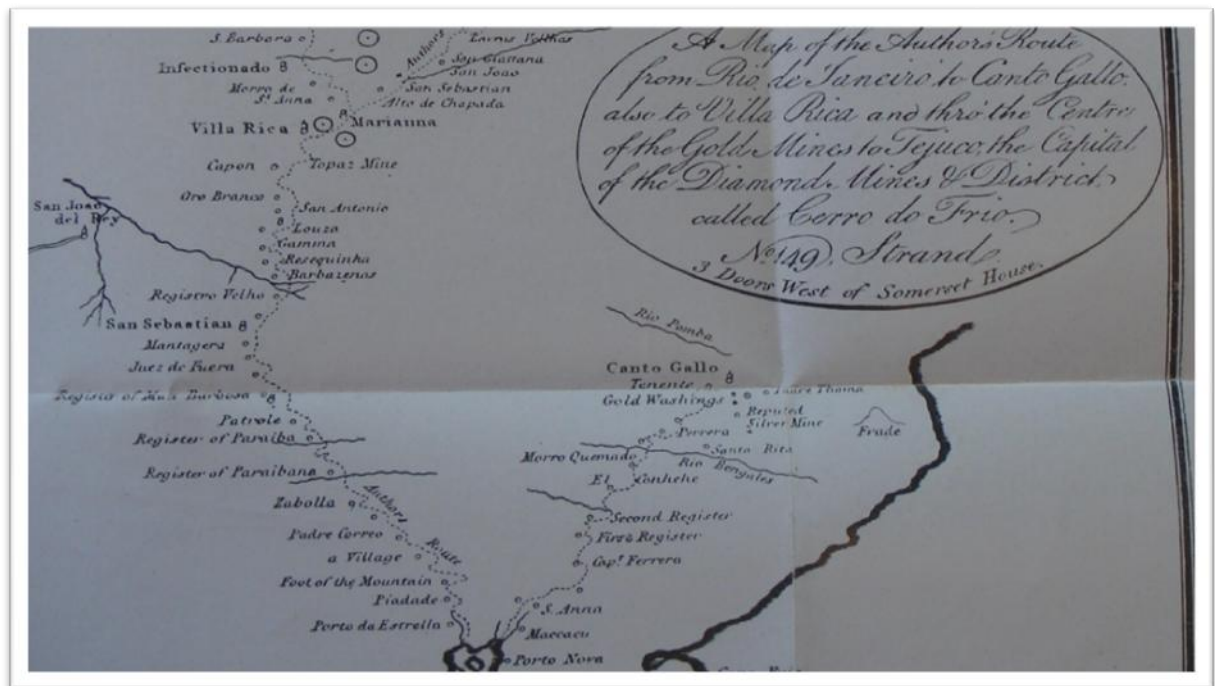


Figura 2. Mapa da viagem de John Mawe.

Fonte: MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. p. 184.

O mapa apresenta os caminhos percorridos *serra acima*⁹³ pelo inglês John Mawe. O traçado do trajeto realizado pelo viajante seguia o perfil de ocupação da expansão cafeeira e começaria a ganhar fôlego nas primeiras décadas dos Oitocentos, na parte oriental do Vale do Paraíba Fluminense, alcançando seu auge em meados do século XIX. A figura 2 apresenta o itinerário de viagem do inglês em sua excursão pelo interior do Brasil, realizada entre os anos de 1807 e 1811. Em 1809, Mawe registrou a riqueza daqueles cenários e as vantagens com a proximidade com a metrópole, distante cerca de duas léguas da capital. Apesar de apresentar aspectos de um cenário de decadência, enfatizou que a região poderia ser explorada para agricultura:

⁹²VINHAES, *op.cit.*, 1992, p. 32.

⁹³MAWE, John. *Op. cit.*, 1978. p. 98.

Que cenário para um fazendeiro empreendedor! Atualmente tudo se acha semiabandonado; a casa e outras dependências encontram-se em condições lamentáveis e o povo, que cuida da terra, tendo em vista apenas os animais que nela se alimentam, parece estar semi-esfaimado.⁹⁴

Embora a ocupação do arraial de Cantagalo nos primeiros anos dos Oitocentos, observada por Mawe, já indicasse o fracasso da atividade mineradora, a ocupação progressiva de terras nos vales e planícies, por conta da expansão agrícola, avançava com rapidez. Em torno desse movimento de expansão, as atividades agrícolas empreendidas na região abasteciam com alimentos os mercados da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, a ocupação desses espaços despertava interesses de inúmeros indivíduos pelas posses de novas terras e pelas possibilidades de novas descobertas ao desbravarem a exuberante floresta tropical. Ao percorrer, em 1822, as estradas que cortavam as áreas do interior da província do Rio de Janeiro, o viajante Saint-Hilaire também descreveu suas impressões sobre essa região:

Hoje, comecei a notar, tanto à beira da estrada como a alguma distância, casas um pouco mais bem tratadas do que as vendas, e habitadas por agricultores mais abastados. Desde ontem comecei a ver plantações de café, hoje mais numerosas. Devem aumentar mais ainda à medida que me for aproximando do Rio de Janeiro. Esta alternativa de cafezais e matas virgens, roças de milho, capoeiras, vales e montanhas, esses ranchos, essas vendas, essas pequenas habitações rodeadas das choças dos negros e as caravanas que vão e vem, dão aos aspectos da região grande variedade⁹⁵.

Ao examinar o desbravamento das matas, que transformaram rapidamente o arraial de Cantagalo em Vila em 1814⁹⁶, Clélio Erthal apresentou um cenário dinâmico desse território:

O transporte fazia-se em lombos de burros até Porto das Caixas, junto à Vila de Macacu (Santo Antônio de Sá), onde as mercadorias eram baldeadas para as falas rumo à Guanabara. De volta às montanhas, as “bruacas” e os balaies utilizados nunca retornavam vazios, deles se servindo os atacadistas da Capital para enviar ao interior os produtos acabados de que necessitavam

⁹⁴MAWE, John *op. cit.*, 1978. p. 92.

⁹⁵SAINT-HILAIRE, 1974, p.100 *Apud* MARQUESE, R. B. Moradia escrava na era do tráfico ilegal: senzalas rurais no Brasil e em Cuba, c1830-1860. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 13, n. 2, 2005, p. 165-188. p. 171.

⁹⁶ Com o Alvará de 9 de março de 1814, instituído por D. João VI, foi criada a Villa de São Pedro de Cantagalo. *Apud* ERTHAL, Clélio, *op. cit.*, 2008, p.112.

seus habitantes. E assim, logo se estabeleceu um incessante intercâmbio entre o Rio e a grande região de Cantagalo, nele desempenhando importante papel as tropas e os tropeiros, dando início à épica romaria dos animais pelos caminhos da Serra. José Rodrigues da Cruz, com uma tropa com 15 bestas e vários escravos foi um dos primeiros agentes dessa intercomunicação⁹⁷.

No que tange à articulação da montagem da economia cafeeira, a vila de Cantagalo surgia como uma das mais importantes áreas de produção no panorama nacional e internacional⁹⁸. Cantagalo incorporava particularidades de um regime agrário que diferia das ocupações mais antigas da região ocidental do Vale do Paraíba, com destaque para as regiões de Vassouras, Valença e Barra do Piraí. Logo o município se tornou “o centro dinâmico da banda oriental do Vale do Paraíba Fluminense, influenciando um enorme número de municípios, desde Sapucaia até São Fidélis”⁹⁹. Seu rápido desenvolvimento foi registrado em relatório ao presidente da província de 1851:

(...) não é menos verdade que muitos melhoramentos úteis vão-se introduzindo de anos à parte em algumas fazendas, onde o processo de cultura e preparação do café merece maior cuidado dos agricultores. Fazendas há no município de Cantagalo especialmente, em que já se pode notar muito adiantamento já pelo emprego de diversas máquinas e estufas¹⁰⁰.

Segundo o estudo clássico de Emília Viotti (1998), inicialmente, a expansão no Vale do Paraíba se deu pelas regiões de Vassouras, Valença, Paraíba do Sul, São João Marcos e Resende. Só mais tarde, por volta da década de 1840, atingiu a zona oriental, logo tornando Cantagalo um dos principais centros da produção cafeeira. Trata-se de uma região que, desde a época colonial, era via de passagem natural com árduos caminhos que cortavam a serra, por onde circulavam inúmeros viajantes que se embrenhavam nas matas pelas tortuosas picadas abertas no Vale para chegarem às Gerais. Com o avanço dos cafezais, os pousos se multiplicaram, transformando territórios como Cantagalo em uma importante zona de grande lavoura. Com base em uma ampla investigação documental, Viotti buscou compreender a escravidão negra nas principais províncias do Brasil dominadas pela cultura cafeeira e

⁹⁷ ERTHAL, Clélio, *op. cit.*, 2008, p.107.

⁹⁸ Para uma discussão mais recente sobre as relações entre escravidão e economia cafeeira, ver: MARQUESE, R. B. *op. cit.*, 2011.

⁹⁹ ALMEIDA, Gelson R. de. *Hoje é dia de branco: o trabalho livre na província fluminense, Valença e Cantagalo, 1870-1888*. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 1994. p.28.

¹⁰⁰ Relatório do Presidente da Província, 1851, p. 45-46 *Apud* VINHAES, *op.cit.*, 1992, p. 34.

pontuou importantes questões sobre o avanço da economia do café, que transformou a paisagem agrícola do Rio de Janeiro e de São Paulo ao longo do século XIX. Ou seja, as “incertezas do pioneirismo” que marcavam o período, logo deram lugar a uma “época de grande desenvolvimento”¹⁰¹.

Desse modo, na tentativa de explicar o fenômeno do avanço da grande lavoura e, posteriormente, a crise do sistema escravista, E. Viotti já apresentava importantes contribuições para o debate acadêmico no ano de 1964 sobre aspectos fundamentais das “novas zonas” pioneiras de produção de café que transformaram a economia brasileira no período. Para o caso que por ora nos interessa, delineou um quadro em que localiza com sagacidade os fazendeiros do Vale: “Os interesses ligados à lavoura cafeeira desafiavam a lei. Resistiam à pressão inglesa. Desrespeitavam os tratados”¹⁰². Com relação ao rápido crescimento das áreas cafeeiras fluminenses, a autora afirma que poucos municípios no Brasil apresentaram concentração de escravos tão alta quanto aqueles territórios, enquanto fazendeiros do centro e oeste de São Paulo no mesmo período sofriam com a falta de trabalhadores cativos¹⁰³.

¹⁰¹ COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 75.

¹⁰²*Ibidem*, p. 79.

¹⁰³*Ibidem*, p. 105.

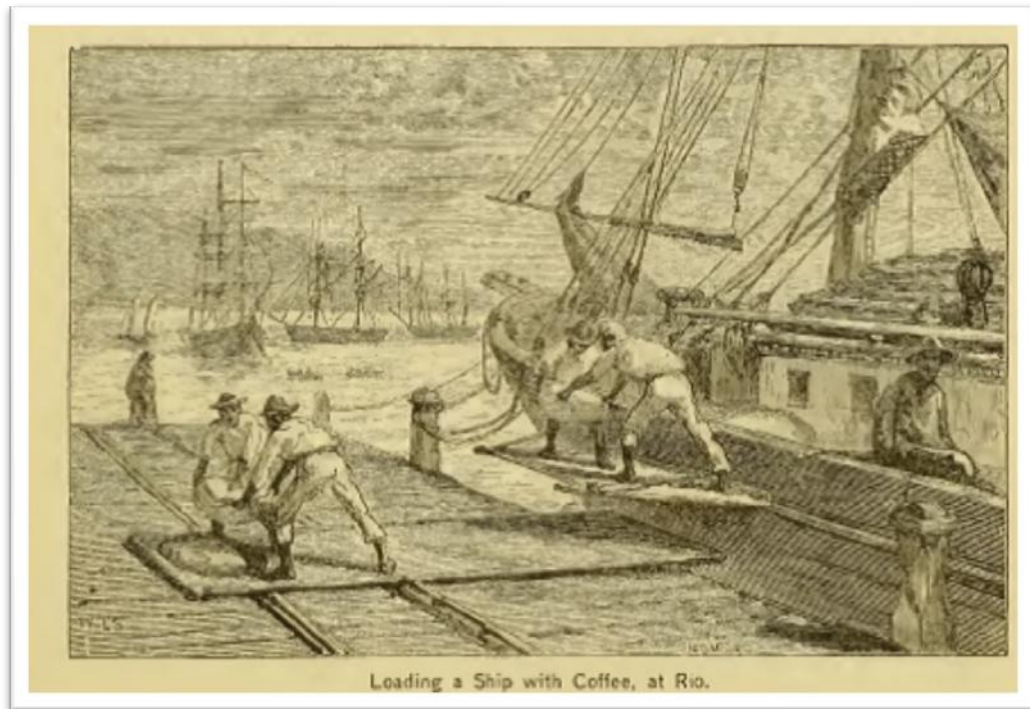


Figura 3. Carregando um navio com café no Porto do Rio de Janeiro.

Fonte: Herbert Huntingdon Smith. *Brazil, the Amazons and the coast* (S. Low, Marston, Searle and Rivington, Londres, 1879. Disponível na Internet <https://archive.org/details/brazilamazonscoa00smit>), p. 18. Acesso em: 17 maio de 2014.

Por toda a parte do Vale o café era plantado e Cantagalo era o centro precursor desse crescimento acelerado para os territórios vizinhos. Segundo Clélio Erthal, no período posterior à década de 30 do século XIX, foi possível ver que os vales, antes cobertos pelas florestas, foram tomados pelos cafezais:

A introdução do café na região teve, como se vê, decisivo papel, tanto na ocupação da área como no respectivo aproveitamento econômico. Se ouro a revelou, despertando o interesse de aventureiros e dando início à sua arrancada histórica, foi o café que a projetou, sedimentando uma sociedade estável e próspera, das mais conceituadas do Império. Pela opulência de alguns moradores e pelo vulto da produção, Cantagalo logrou invejável projeção interna e internacional, provocando a curiosidade e o interesse de vários naturalistas e viajantes estrangeiros, que não deixavam de manifestar estranheza diante do contraste entre a pequenez da Vila e a grandeza econômica do seu território¹⁰⁴.

¹⁰⁴ERTHAL, Clélio. *op.cit.* 2008, p.199.

Ou seja, é possível aferir que o complexo cafeeiro no Brasil foi montado no âmbito de um processo de longa duração e quadros mais amplos da economia nacional. As décadas de 1820 a 1860 foram um período crucial de crescimento e consolidação da produção cafeeira. Moldava-se um quadro social em que as *plantations* do Vale do Paraíba compunham, na época, a importante geografia do café da região com sua produção voltada para a exportação.

Na tentativa de compreender o caráter social e histórico da escravidão moderna, Dale W. Tomich revelou como regimes escravistas estavam intimamente relacionados à economia global¹⁰⁵. Em relação a Cantagalo, é possível percebermos que os proprietários da região assumiam papel relevante na política e na economia do país e, já na segunda metade do século XIX, suas propriedades adquiriram “o caráter de típica região escravista de *plantation*”¹⁰⁶. Configurava-se naquele contexto um cenário típico do trabalho escravo que se assemelhava a outros cenários internacionais. Logo, vislumbramos que no âmbito desse acelerado crescimento econômico e social, com a intensificação da produção de café voltada ao mercado mundial, concomitante ao aumento do tráfico negreiro entre as províncias do Império para abastecer as *plantations* cafeeiras do Vale, Cantagalo assumia um papel de destaque na economia fluminense. A despeito da crise experimentada pelas “antigas zonas” cafeeiras do território ocidental do Vale, tal região representava “as novas zonas pioneiras”, que num ritmo dinâmico articularam-se rapidamente aos principais mercados mundiais do café, liderando suas exportações no território fluminense.

Sobre esses ritmos e articulações da economia no Vale, o historiador Rafael Bivar Marquese levantou as considerações feitas por Antônio Barros de Castro¹⁰⁷. Segundo o autor, este dividiu em três importantes momentos a montagem e a expansão da economia cafeeira no Brasil. Nos “três tempos e três espaços” definidos por Barros de Castro, “observam-se relações específicas entre as ‘zonas pioneiras’, as ‘zonas maduras’ e as ‘zonas decadentes’ na arena mundial, ‘que muito iluminam as dinâmicas contraditórias entre os ritmos da economia-mundo capitalista e a produção escravista de café’”¹⁰⁸. As “antigas zonas” ou a “zona madura” compreendiam os municípios que confrontavam as províncias do “Rio de Janeiro e

¹⁰⁵TOMICH, D. W. *Pelo Prisma da escravidão: trabalho capital e economia mundial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. Ver especialmente: Parte I. A escravidão na Economia Mundial, p.31.

¹⁰⁶ TOMICH, Dale. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial de café. In: GRINBERG, K. e SALLES, R. *O Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2010. v.2. p.342-343.

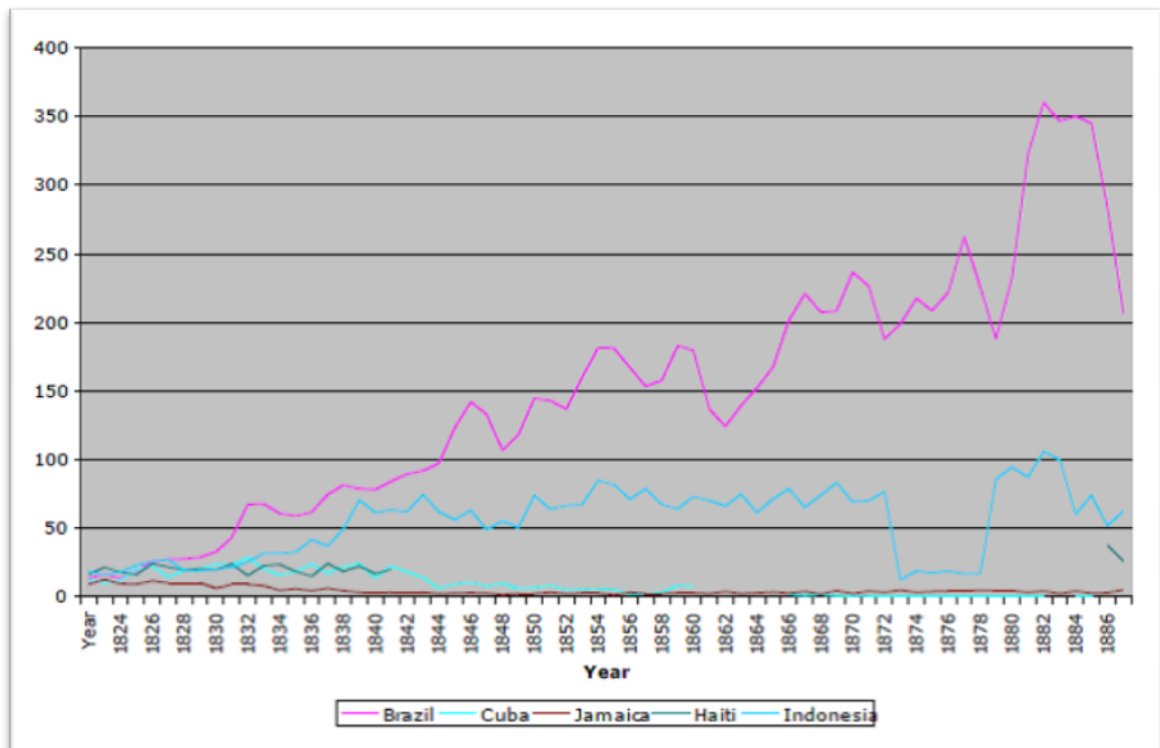
¹⁰⁷Cf. BARROS DE CASTRO, Antônio. *Sete ensaios sobre a economia e brasileira*. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

¹⁰⁸MARQUESE, Rafael Bivar. *Op.cit.* 2011, p. 08.

São Paulo (Areias, Queluz, Bananal, Resende, Barra Mansa, São João Marcos, Piraí, Vassouras, Valença, Paraíba do Sul)”, já as “zonas novas” ou “zonas pioneiras” compreendiam o “Vale do Paraíba mineiro (região de Juiz de Fora), [os] municípios orientais do Vale fluminense (região de Cantagalo), e o chamado ‘Oeste Velho’ de São Paulo, na região de Campinas e municípios vizinhos”¹⁰⁹.

Dados mais amplos sobre as exportações de café indicam que, em 1821, o Brasil exportava o volume de 13 mil e 500 toneladas, e uma década depois, no ano de 1831, o volume exportado chegava a 67 mil toneladas de café. Comparativamente, a produtividade do artigo no Vale do Paraíba, a partir da década de 1830, era três vezes maior que a produção caribenha e duas vezes a das Guianas¹¹⁰.

Gráfico 10. Exportações mundiais de café em toneladas métricas, 1823-1888.



Fonte: Gráfico produzido por: MARQUESE, Rafael Bivar. *Op.cit.* 2011, p. 12. Adaptado de: Mario Samper & Radin Fernando, “Historical Statistics of Coffee Production and Trade from 1700 to 1960”. In: Clarence-Smith, W.G. & Topik, S. (orgs.). *The Global Coffee Economy in Africa, Asia, and Latin América, 1500-1989*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. pp.411-62.

¹⁰⁹ MARQUESE, Rafael Bivar. *Op. cit.*, 2011, p. 17.

¹¹⁰ MARQUESE, R. B.; TOMICH, D. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (org.). *O Brasil Imperial. Volume II – 1831-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 339-383.

Em decorrência dessa veloz expansão cafeeira na região, o valor do produto, cada vez mais alto, atraía o interesse dos comerciantes e um novo impulso de desbravamento transformava a paisagem social da banda oriental do Vale. As encostas das serras atlânticas eram tomadas por novas roças, iniciando a derrubada da mata e acirrando os conflitos pelas terras cultiváveis. Com o aumento do fluxo de cativos para a região, os produtores escravistas do Império do Brasil passaram a ter como preocupação principal as discussões em torno da administração dos trabalhadores escravos. Ainda segundo Rafael de Bivar Marquese, o controle dos trabalhadores cativos, no século XIX, refletiria “um quadro mental e material envolvido no ato de elaboração das ideias sobre o assunto”¹¹¹. De fato, as reflexões sobre a gestão escravista contidas nos manuais agrícolas, fundamentais na análise de Rafael B. Marquese, indicam importantes evidências sobre a escravidão nas Américas. Assim, surgem questões como aspectos da moradia, alimentação, família escrava, entre outras. Para além da disciplina do trabalho, era preciso redimensionar o olhar para a vida do cativo¹¹². Sobre esse olhar em torno do cotidiano da vida escrava, vejamos as imagens produzidas pelo viajante Herbert Huntington Smith¹¹³ em sua visita às *plantations* cafeeiras do Sudeste¹¹⁴.

¹¹¹ MARQUESE, R. de B. *Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 12.

¹¹² *Idem*. p. 379.

¹¹³ Entre os anos de 1870 e 1886, o naturalista norte-americano Herbert Huntington Smith (1851-1919) esteve no Brasil por cinco vezes. Além de sua pesquisa de coleta dos espécimes de história natural, observou e descreveu suas impressões acerca das questões sociais por onde passou. Cf. KUNZLER, Josiane; FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; FONSECA, Vera Maria Medina da; JRAIGE, Samia. Herbert Huntington Smith: um naturalista injustiçado? *Filosofia e História da Biologia*, v. 6, n. 1, p. 49-67, 2011, p. 50,51. Disponível em <http://www.abfhib.org/>. Acesso em maio de 2014.

¹¹⁴ Agradeço à historiadora Carla Lima pela indicação desse material.



Figura 4. O viveiro.

Fonte: SMITH, H. H. *Op. cit.* 1879, p.18

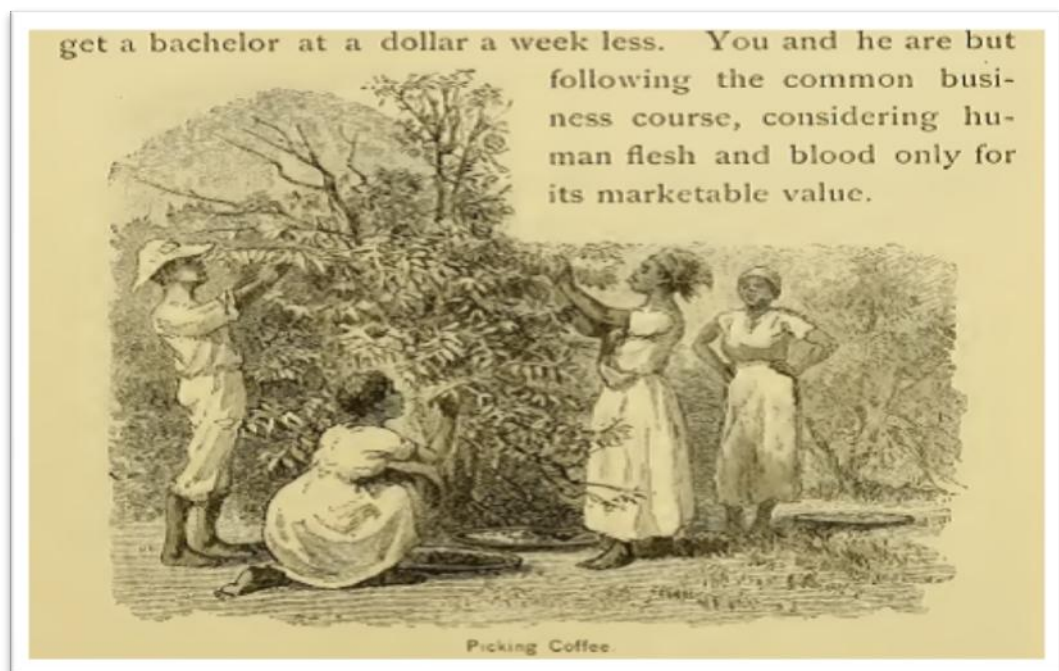


Figura 5. Colhendo café.

Fonte: SMITH, H. H. *Op. cit.* 1879, p. 516, 517.

O interesse pela montagem da economia cafeeira e as particularidades que moldaram o sistema agrário brasileiro ao longo do século XIX foi tema clássico nos debates acadêmicos

das décadas de 1970 e 80. Pedro Mello de Carvalho, em *A economia da escravidão nas fazendas de café: 1850-1888* (1984), buscou compreender as vicissitudes que moldavam a lógica da empresa escravista cafeeira. Para dar conta de tal empreitada, apresentou uma pesquisa documental valiosa sobre as fazendas de café do Vale do Paraíba fluminense. A respeito da preocupação dos fazendeiros com a gestão escravista, já argumentava:

De fato, os fazendeiros organizam congressos e associações para discutir seus problemas comuns. Estavam também atentos ao que se passava na produção cafeeira de outros países, especialmente no que dizia respeito aos problemas de mão de obra. Alguns fazendeiros chegavam mesmo a inventar novas máquinas e equipamentos para o processamento do café. Outros trabalhos publicavam livros técnicos, manuais, artigos em revistas e jornais. Foram introduzidos e listados no país diversas espécies de cafeeiros. Ao mesmo tempo, desenvolveu-se uma complexa estrutura de comercialização e financiamento do café. Mesmo no setor de transportes algumas ferrovias foram fundadas e desenvolvidas por fazendeiros de café. Em suma, de um ponto de vista econômico, os fazendeiros se comportavam como empresários altamente sensíveis a estímulos provocados por mudanças nos custos dos insumos ou preços relativos das diferentes qualidades de café. A razão essencial para a existência do elemento servil (...) ¹¹⁵.

Nesse contexto, o rápido crescimento demográfico e o pioneirismo que caracterizava todo o Vale do Paraíba fluminense como importante produtor cafeeiro chamou a atenção de inúmeros visitantes, tais como o médico alemão Reinhold Teuscher. Ao prestar seus serviços nas propriedades do importante fazendeiro Antônio Clemente Pinto, Reinhold Teuscher ¹¹⁶ nos conduz, com suas observações, pelas fazendas de Cantagalo. Destacadamente para essa região, as experiências das *plantations* cafeeiras no Vale compunham um importante espaço de observação de variados aspectos do cotidiano dos cativos em um período histórico marcado por um intenso comércio de escravos na província. Desse modo, a articulação entre a grande oferta de africanos e o aumento da produção cafeeira, depois das décadas de 1830 e 1840, comporia o conjunto de variáveis que não só explicariam o sucesso da cafeicultura no centro-sul fluminense, como atrairiam o olhar de diversos indivíduos que circulavam pelas ambiências de Cantagalo.

¹¹⁵MELLO, Pedro Carvalho de. *A economia da escravidão nas fazendas de café: 1850-1888*. Rio de Janeiro: Programa Nacional de Pesquisa Econômica, 1984, p.366-367.

¹¹⁶ TEUSCHER, Reinhold. *Op.cit.*, 1853.

2.1. Cantagalo: pioneirismo e um novo cenário social, político e econômico.

Ao longo do século XIX, o território de Cantagalo¹¹⁷ chegou a somar uma área de 6 mil e 400 km², que correspondia a 14,6% da região fluminense¹¹⁸. Já no século XX, o território da cidade passou a deter uma área de apenas 789 km², representando menos de 11% do território da região serrana¹¹⁹.

Ao analisar os municípios de Cantagalo e Valença entre os anos de 1870 e 1888, Gelson Rozentino de Almeida buscou entender a formação da organização social e agrária durante o processo de transição da mão de obra escrava para livre. Sobre esses espaços, salientou que “a grande abrangência de sua comarca, a convergência dos sistemas de comunicação e transportes, e do comércio (sobretudo para Cordeiro)” foram fundamentais para a expansão da região de Cantagalo. A produção era escoada por Magé, São Fidélis ou pelo Porto das Caixas, por onde seguia para o Rio de Janeiro. De acordo com o autor, mesmo em processos opostos, Cantagalo vivia seu apogeu, enquanto Valença sofria com a decadência das lavouras. Ambas as regiões representavam dois importantes territórios para a economia fluminense. O estudo de Almeida enfoca sua investigação, numa perspectiva de história regional, na comparação de dois cenários de ocupação agrária distintos que alcançaram picos de prosperidade econômica, social e cultural em períodos distintos. De acordo com o autor, diversos estudos do período buscavam construir, no campo da história agrária, uma história regional da província do Rio de Janeiro.

A partir do interesse em compreender as características e particularidades que moldavam os múltiplos sistemas agrários que promoveram um rápido processo de

¹¹⁷ De acordo com Rui Erthal, pertenciam a Cantagalo no período os municípios atuais de “Bom Jardim, Cantagalo, Carmo, Cordeiro, Duas Barras, Itaocara, Macuco, Nova Friburgo, Sumidouro, Santa Maria Madalena, São Sebastião do Alto, Teresópolis e Trajano de Moraes” ERTHAL, Rui. *op.cit.* 2006, p.02. Ver também: EVANGELISTA, Helio de Araujo et al. *Cantagalo: a história de seus limites territoriais (1814-1943)*. Departamento de Geografia - UFF, Rio de Janeiro (RJ), em setembro de 1997. p.5.

¹¹⁸ ERTHAL, Rui. *op.cit.* 2006, p.02.

¹¹⁹ Dados mais recentes, baseados no IBGE –Censo 2010– revelam que “O município tem uma área total de 749,3 quilômetros quadrados, correspondentes a 10,8% da área da Região Serrana. Os limites municipais, no sentido horário, são: Minas Gerais, Santo Antônio de Pádua, Itaocara, São Sebastião do Alto, Macuco, Cordeiro, Duas Barras e Carmo. As principais estradas que atendem ao município são a RJ-160, que alcança a BR-393 a oeste, na fronteira dos municípios de Sapucaia e Carmo, e conecta a RJ-116 ao sul, em Macuco; e as RJ-164 e RJ-166 que fazem outros acessos à RJ-116 e alcançam Euclidelândia. Em leito natural, existem três vias: a RJ-152, que segue rumo a Itaocara, a nordeste; a RJ-158, que percorre a fronteira com Minas Gerais; e a RJ-170, que serve a localidade de São Sebastião do Paraíba.” In: Estudos econômicos dos municípios do Estado do Rio de Janeiro. *Cantagalo*. Tribunal de contas do Estado do Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <http://www.cedca.rj.gov.br/pdf/Cantagalo.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2014.

enriquecimento dos fazendeiros do sul fluminense, foi necessária a construção de trabalhos que trouxessem “à luz da pesquisa histórica a diversidade da situação social e agrária de regiões marginais à zona principal cafeeira no século XIX”¹²⁰. Tal abordagem revelou pistas interessantes de que haveria na zona pioneira de Cantagalo uma maior rentabilidade da cafeicultura do que na região de cafeicultura mais “antiga”, como Valença. Segundo Gelson R. Almeida, comparativamente, a análise da documentação das fazendas hipotecadas ao Banco do Brasil dos municípios de Cantagalo e Valença indicou que “terras e escravos apresentavam uma valorização superior que os demais municípios relacionados”. Ainda de acordo com o autor, “estas afirmações permitem reforçar a importância econômica desses dois municípios, para os resultados da produção de café, do plantel de escravos, ocupação e valor do restante da província”¹²¹.

No lastro desses estudos regionalizados, inaugurados a partir da década de 1980, que buscavam compreender o processo histórico que articulou à prosperidade da economia brasileira nas áreas de grande lavoura a uma sociedade escravista, surgiu o interessante trabalho de Eliana Vinhaes. A autora investigou o processo de enriquecimento de um sistema agrário local¹²² baseado na cafeicultura, que evoluiu e alcançou o *status* de principal espaço irradiador da economia cafeeira. No estudo intitulado *Cantagalo: as formas de organização e acumulação da terra e da riqueza local* (1992), ela buscou compreender como a trajetória de um sistema agrário, baseado na lavoura de alimentos, articulou-se tão rapidamente à grande lavoura cafeeira. Ou seja, ao pesquisar a evolução e a consolidação do sistema cafeeiro exportador em Cantagalo, identificou as vicissitudes que promoveram o rápido processo de enriquecimento da região agrária, em que fortunas locais¹²³ foram acumuladas com os usos da terra e que promoveram, por outro lado, uma pobreza irreversível¹²⁴ de uma parte considerável da população da cidade. Observa-se, na região estudada, uma ocupação e consolidação da economia cafeeira em detrimento de regiões de ocupações mais antigas, como a que compreendia a parte ocidental do Vale do Paraíba. Em seu trabalho, por meio de

¹²⁰ ALMEIDA, G. R. de *op.cit.*, 1994, p. 16.

¹²¹ *Ibidem*, p. 55.

¹²² VINHAES, *op. cit.*, 1992, p. 109.

¹²³ Para um panorama mais recente da formação das elites locais em Cantagalo e sobre como as características dessas relações favoreceram a manutenção das fortunas, poder e prestígio da região, Cf. BARCANTE, Eliana Vinhaes. Família e elite no agro fluminense: Cantagalo do Oitocentos. In: ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; SOUZA, Sônia Maria de; FERNANDES, Cássio (Orgs.). *II Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social*. Micro História e os caminhos da História Social. Juiz de Fora: Clio Edições, 2008. Disponível em: <http://www.lahes.ufjf.br>. Acesso em: 26 mar. 2014.

¹²⁴ BARCANTE, Eliana Vinhaes. *op. cit.* 2008, p. 18.

um valioso conjunto documental, composto de inventários *post-mortem*, Registros Paroquiais de Terras, relatórios de presidentes da província, viajantes e cronistas, a autora reconstruiu o complexo mosaico de relações sociais e econômicas que levaram à ocupação do sertão de Macacu. Também descreveu a evolução e o auge do seu sistema agrário, além de buscar entender os fatores que levaram à dispersão das novas atividades desenvolvidas com a fim da escravidão.

De acordo com Eliana Vinhaes Barcante, o quadro esboçado já nos anos de 1840 revelava um cenário promissor para a região: matas virgens disponíveis, fácil aquisição da força de trabalho escrava e produção crescente. Anteriormente, na década de 1820, a pesquisadora identificou um período importante de desbravamento, que logo transformou a região de comunicação em uma “região de produção, centrada na agricultura”¹²⁵. A partir do exame dos censos, Barcante apresentou a população livre distribuída pelas principais freguesias que pertenciam a Cantagalo. O contexto de valorização do café no cenário internacional teria moldado os interesses dos proprietários locais, que direcionaram seus esforços para investimentos na produção cafeeira, influenciando a incorporação de novos territórios à região.

Tabela 1. População livre de Cantagalo distribuída por freguesia em 1850

Freguesia	Branco			Índio			Pardo			Negro			Total	
	H	M	%	H	M	%	H	M	%	H	M	%	FRG	%
S.Sacramento	440	361	11,6	0	0	0,0	191	140	4,8	55	36	1,3	1223	17,7
Stª. Rita do Rio Negro	686	573	18,3	7	4	0,2	258	182	6,4	40	25	0,9	1775	25,7
N. Sra. Monte Carmo	671	420	15,8	1	0	0,0	328	265	8,6	60	54	1,7	1799	26,0
S. Francisco de Paula	659	582	17,9	0	0	0,0	435	369	11,9	36	20	0,8	2101	30,5
Total	2.456	1.936	63,6	8	4	0,2	1.212	956	31,7	191	135	4,7	6898	100,0

Fonte: BARCANTE, Eliana Vinhaes. *op. cit.* 2008, p.6.

Segundo as questões examinadas por Barcante, já a partir de 1850 era possível identificar as ricas e extensas propriedades estabelecidas em Cantagalo. A análise de uma centena de processos de inventários, entre os anos de 1850 e 1888, revelou que 280 mil e 700 pés de café foram plantados em 1850, 1 milhão, 633 mil e 200 em 1860, 6 milhões, 970 mil e

¹²⁵ BARCANTE, Eliana Vinhaes. *op. cit.* 2008, p. 31.

948 em 1870, caindo para 998 mil e 884, em 1880. Vejamos a tabela, sobre a evolução do sistema agrário de Cantagalo, produzida pela autora:

Tabela 2. Evolução do sistema agrário

Ano	Nº de pés de café	Nº de escravos	Pés de café/escravos	Pés de café/inventários	Escravos/inventários	Número de inventários
	A	B	A/B	A/C	B/C	C
1850	280.700	201	1.397	18.713	13,4	15
1860	1.633.200	589	2.824	63.969	22,7	26
1870	6.970.948	2.675	2.605	158.430	60,8	44
1880	998.884	439	2.275	49.945	22,8	20

Fonte: VINHAES, Eliana. *op. cit.*, 1992. p.49.

O quadro esboçado na tabela 2 revelou um crescimento acelerado dos cafeeiros, articulado ao vertiginoso crescimento da força de trabalho escrava. Nota-se, posteriormente, na década de 80 do século XIX, mesmo com a queda dos números de pés de café arrolados nos inventários, que a relação entre pés de café e escravos permaneceu proporcionalmente similar aos anos de 1870. Os dados compilados demonstraram que, embora investimentos em equipamento e edificações tenham se ampliado, poucas mudanças foram notadas no processo de plantio do café. Tais informações revelam uma característica importante daquela região: a reprodução extensiva do sistema agrário se fazia com a incorporação de terras e escravos – em detrimento das técnicas de produção agrícola mais sofisticadas. Em fronteira móvel, caracterizada por uma baixa densidade demográfica¹²⁶,

A evolução do sistema agrário de Cantagalo reflete o caráter tardio de ocupação de “serra acima” se o compararmos ao Vale Fluminense, sem, contudo, fugir à mesma lógica extensiva de incorporação da terra e trabalho efetuada pelas várias regiões de lavoura comercial no Brasil. As marcas e cicatrizes deste tipo de agricultura caracterizaram as décadas posteriores que tiveram que carregar o ônus de uma agricultura comprometida com a exportação de matéria-prima em larga escala, absorvendo as possíveis formas de produção de alimentos¹²⁷.

Ou seja, é possível apreendermos, no debate acadêmico das décadas de 80 e 90, que com a ênfase nos estudos regionais revelou-se, naquelas bandas orientais do Vale, a lógica de

¹²⁶VINHAES, Eliana. *op. cit.*, 1992, p. 50.

¹²⁷*Ibidem*, p. 161.

um sistema agrário que se reproduzia pela incorporação de “terra” e do “trabalho escravo”. A articulação dessas variáveis proporcionou um potencial econômico estável no período, mesmo depois da extinção efetiva do tráfico de africanos em 1850, caracterizado pela reposição regular da mão de obra escrava nos propriedades de Cantagalo. De acordo com Eliana Vinhaes, em 1870 a economia não apresentava sinais de crise, o acúmulo das fortunas favoreceu os investimentos para o escoamento do precioso produto de exportação, o café.

Em 1870-71, a construção da ferrovia¹²⁸ que ligava a região de Cantagalo ao importante local de escoamento da produção de café e alimentos, Porto das Caixas, já media 49 km em extensão¹²⁹. Maria Helena Toledo Machado discutiu sobre o impacto da montagem da rede de transportes no cotidiano nas regiões cafeeiras. De acordo com a autora, as ferrovias tornaram-se espaços estratégicos para o movimento abolicionista nas últimas décadas dos Oitocentos. A expansão da rede de transportes conectava espaços e experiências, possibilitando que indivíduos estivessem “em constante contato com os viajantes, com as redes de ajuda que se estabeleciam entre ferroviários e escravos, deles terem acesso às notícias e jornais e estarem aptos a enviar, pelos trilhos dos trens, mensagem e recados para seus iguais”¹³⁰. O viajante inglês Herbert H. Smith descreveu, em sua viagem ao Brasil nos anos de 1870, como as colinas do Vale eram tomadas pelo café e salientou a importância da ferrovia para o transporte do produto:

From its situation, the little country-town promises to become a thriving inland city, the metropolis of this rich coffee region. The hills around are covered with plantations, each with its white-walled *fazenda*, like a castle. Oddly contrasted to these are the jaunty, modern-looking railroad station, and the attendant hotel, which might be a country-tavern in the United States. Mule-trains come to discharge their cargoes at the station; bags of

¹²⁸ De acordo com Gelson Rozentino Almeida, a E. F. Cantagalo foi idealizada pelo 1º Barão de Nova Friburgo, Antônio Clemente Pinto e pelo Conde de Nova Friburgo, Bernardo Clemente Pinto. “O Barão, proprietário de numerosas fazendas cafeeiras nos municípios de Nova Friburgo e Cantagalo, idealizou o plano de construir uma via férrea ligando entre si as suas propriedades, de forma a facilitar o des congestionamento das grandes safras. Desta forma, de 1855 a 1860, conclui-se o trajeto de Porto das Caixas a Cachoeiras. Rasgando montanhas, transpondo a Serra do Mar, chegou em Friburgo (1873). Cortando vales até o caudaloso Paraíba, atingiu Cordeiro, Macuco (1876), Santa Rita do Rio Negro (1879). A cidade de Cantagalo recebeu um ramal em 1883, época em que a Companhia passara para o controle da Província (1882) e diversos ramais se multiplicavam na região. Já em 1867, o Barão ligava entre si as fazendas do Gavião, Boa Sorte e Laranjeiras, por meio de um *transway*” In: ALMEIDA, Gelson R. de. *op. cit.*, 1994, p.32-34.

¹²⁹ VINHAES, Eliana. *op. cit.*, 1992, p.54.

¹³⁰ MACHADO, Maria Helena P. T. *Brasil a Vapor: Raça, Ciência e Viagem no Século XIX*, Tese de Livre Docência -Departamento de História/FFLCH/USP, 2005, p.10.

coffee are piled on the platform; cars are being loaded with them; a storehouse near by is half-filled with coffee, awaiting shipment. From the titled gentleman who passes you, to the dapper landlord, and the merest day-laborer, everybody in Entre Rios is dependent on coffee. The streets and buildings are fragrant with coffee; people drink coffee at the restaurant, and quote coffee prices at Rio; sell coffee, buy it, plant it, gather it, live and labor with very little thought beyond coffee, and the golden stores it will bring into their purses. The railroad was built to carry away the coffee; that is its main business, almost its only income, for of other freight there is very little; there are not many passengers, and ninety per cent. of these few are coffee-planters or coffee-traders¹³¹. (grifo do autor)



Figura 6. Estrada União Indústria, perto de Entre Rios.

Fonte: SMITH, H. H. *op. cit.* 1879, p. 530.

De acordo com o censo de 1872, o município de Cantagalo tinha uma população estimada em 29.053 indivíduos, dentre os quais 12.698 eram livres e os outros 16.355 eram cativos¹³². Ricardo Salles, em seu estudo sobre Vassouras (2008), também apontou o rápido

¹³¹SMITH, Herbert Huntingdon. *Brazil, the Amazons and the coast*. S. Low, Marston, Searle and Rivington, Londres, 1879. Disponível na Internet <https://archive.org/details/brazilamazonscoa00smit>, p. 530. Acesso em 17 maio de 2014.

¹³² ALMEIDA, Gelson R. de. *op.cit.*, 1994. p. 91.

crescimento da população escrava na banda oriental do Vale. Segundo ele, o crescimento da população cativa em Cantagalo se deu de forma superior à da população livre, “mantendo-se a proporção de cativos na população na casa dos 59%”¹³³. A análise de Salles corrobora o papel de destaque que Cantagalo alcançou na província. A prosperidade que marcou a região transformou-a no “coração da área de expansão cafeeira conhecida como sertões do Leste”¹³⁴, onde se celebravam e se estabeleciam fortunas locais de poderosas famílias¹³⁵. Os dados compilados dos relatórios de presidentes da província do Rio de Janeiro por Salles, ainda que incompletos, indicam um crescimento elevado da população escrava nos municípios da província fluminense. Em 1840, estima-se que havia 223.764 trabalhadores negros e em 1856 foram contabilizados 263.302¹³⁶.

Tabela 3. População de escravos e livres em Cantagalo

PERÍODO	LIVRES	ESCRAVOS	TOTAL
1840	2.624	3.275	6.898
1850	6.898	9.957	16.855
1856	13.250	19.537	32.787
1872	-	16.305	-
1884	-	19.140	-

Fonte: Tabela adaptada de SALLES, Ricardo. *op. cit.* 2008, p. 185, 186.

Logo, percebemos que o quadro de desbravamento que caracterizava o arraial de Cantagalo nos anos de 1820 dava lugar a um cenário de acirramento dos conflitos, depois dos anos de 1850. Nesse sentido, Eliana Vinhaes observou que os pequenos proprietários livres e pobres obtinham terras de má qualidade que sobravam, ou perdiam partes dessas terras com o avanço dos grandes cafezais. Apesar dos primeiros sinais de crise na região, tais como o esgotamento dos solos e a falta de terras férteis, que ameaçavam a produtividade das unidades agrárias, a população cresceu rapidamente entre os anos de 1850 e 1881 e os investimentos na

¹³³ SALLES, Ricardo. *E o Vale era escravo*. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p.186.

¹³⁴ *Ibidem*

¹³⁵ “Antônio Clemente Pinto, barão de Nova Friburgo, em 1887, denominado o verdadeiro imperador do Brasil, e seus filhos, Antônio Clemente Pinto, conde de São Clemente, e Bernardo Clemente Pinto, conde de nova Friburgo”. SALLES, Ricardo, *op. cit.*, 2008, p.187.

¹³⁶ SALLES, Ricardo, *op. cit.*, 2008, p. 186.

região concentravam-se, cada vez mais, na grande lavoura e no plantio de mais café¹³⁷, conforme explicita a autora a seguir:

Se as grandes fortunas locais mantiveram em suas unidades produtivas um suporte na produção de alimentos, como milho, feijão, arroz, mandioca e cana, não podemos negar, entretanto, que o enriquecimento e a concentração de terras produziu-se à custa da expropriação de posseiros e pequenos lavradores, e da exploração do trabalho escravo¹³⁸.

Todo esse cenário de riqueza e prestígio econômico e social que a região de Cantagalo adquiria nos cenários nacional e internacional chamava a atenção de inúmeros visitantes: “viajantes, cientistas europeus, curiosos, cronistas de época e agentes estrangeiros a serviço da fiscalização da imigração”¹³⁹. Esses personagens deixaram registrados importantes testemunhos sobre a região, suas peculiaridades geográficas, sua produtividade agrícola, as principais técnicas empregadas na cultura cafeeira e as principais características da população que ali vivia. A narrativa do médico Reinhold Teuscher, que apresentamos no primeiro capítulo, revelou-nos interessantes indícios do cotidiano escravo na região. Foi, provavelmente, na década de 1840 que Reinhold chegou à Comarca de Cantagalo, após uma longa viagem pelos caminhos sinuosos que ligavam à província do Rio de Janeiro a parte sul do vale de café. Desde a sua saída da Corte Imperial, pôde contemplar mudanças significativas na paisagem geográfica das regiões que compunham o território do Rio de Janeiro no século XIX. Talvez tenham lhe chamado a atenção, ao percorrer os longos caminhos encravados na floresta, o relevo e o clima diferenciado do Vale.

Como vimos, a topografia da região cafeeira na década de 40 dos Oitocentos era marcada por pequenas elevações cortadas por riachos que se estendiam paralelamente ao rio Paraíba e onde se vislumbravam cafezais florescentes nas encostas das montanhas¹⁴⁰. Por ali, talvez o médico alemão Teuscher já houvesse desviado sua atenção da exuberante paisagem do Vale encravado entre as encostas das serras atlânticas para observar o intenso fluxo de pessoas e coisas que circulavam por aqueles caminhos. Deve ter encontrado tropas de escravos circulando pelas ambiências, levando mantimentos, animais e outros produtos para

¹³⁷ VINHAES, Eliana. *op. cit.*, 1992, p. 111.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 162.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 33.

¹⁴⁰ STEIN, Stanley J. *Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990, p. 29.

serem comercializados. Ao chegar ao seu destino, provavelmente deparou-se com grandes cafezais que dominavam a paisagem rural da região. Era um período cujo crescimento da produção dos cafezais se dava em meio ao acirramento dos conflitos em torno da escravidão, instituição alimentada pelo avanço do comércio ilegal transatlântico de escravos até a metade do século XIX.



Figura 7. Margens do rio Paraíba do Sul.

Fonte: Jacottet, Litografia a partir de foto de Victor Frond. In: Os caminhos do café. SEBRAERJ. Disponível em: http://www.sebraerj.com.br/custom/pdf/cam/cafe/02_OsCaminhosDoCafe.pdf. Acesso em: 17 abr. 2014.

É nesse contexto social que o médico alemão Reinhold Teuscher inicia sua narrativa, descrevendo suas impressões e observações sobre as condições dos escravos que viviam em cinco fazendas da Comarca de Cantagalo. Tais informações ficaram registradas na sua tese “Algumas observações sobre a estatística sanitária dos escravos em fazendas de café”, apresentada em 1853 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para revalidação do título obtido na Friedrich Schiller Universitat, Jena (Alemanha). Teuscher descreveu sua visita às propriedades de Santa Rita, Boa Sorte, Boa Vista, Areias e Itaoca. O médico observou 900 escravos durante cinco anos, analisou a moradia, a rotina de trabalho e a divisão de tarefas entre eles, as vestimentas, a alimentação, as estatísticas de nascimentos e mortes entre homens

e mulheres, além do exame dos hospitais particulares que recebiam escravos nas fazendas de Santa Rita e Areias. Suas anotações servem-nos como ponto de partida para esquadriharmos esses cenários. Dentre suas observações sobre o cotidiano desse espaço, encontramos também anotações sobre as doenças que mais assolavam os escravos daquela região:

Tal como o médico alemão propôs, investigamos aspectos sobre o cotidiano em comunidades de senzalas, o que contribuiu tanto para descortinar as condições de vida e trabalho nas mesmas, como para investigar as estratégias de sobrevivência dos cativos nas ambiências de Cantagalo, marcada pelo pioneiro desenvolvimento de uma economia de *plantation*. Retomando o trabalho de Emilia Viotti da Costa sobre a vida dos escravos nas fazendas rurais¹⁴¹, já ali também foi assinalada a presença de indivíduos que exerciam atividades médicas na região¹⁴² e registrada a passagem do Dr. Teuscher por uma das maiores propriedades da localidade. Segundo a autora, as fazendas de Santa Rita e Areias, nas quais o médico alemão dirigiu um hospital, pertenciam a Antônio Clemente Pinto, Barão de Nova Friburgo.

Sobre a insalubridade característica do Vale do Paraíba, J. J. Von Tschudi (1980) nos relatou, em uma de suas viagens, como os ataques de animais eram preocupantes. Especialmente em Cantagalo, os ataques de cobras na roça eram muitos registrados. Além das doenças, os acidentes causados por animais e insetos no trabalho do campo também exigiam atenção dos proprietários de escravos.

O farmacêutico Dr. Th Peckolt de Cantagalo preparou um remédio à base de sal e amoníaco, sob o nome de Polygonaton, tirado de uma planta, que os indígenas frequentemente usam contra as mordidas de répteis (...). Em mais de 70 acidentes nos arredores de Cantagalo, o remédio produziu efeitos benéficos, mesmo quando a vítima já se encontrava em estado bastante adiantado de envenenamento, revelando sintomas mais graves: o remédio ainda produziu seus efeitos salvadores. Muitos feitores de Cantagalo costumam levar consigo uma dessas ventosas quando saem para a roça com os escravos¹⁴³.

¹⁴¹ COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 316.

¹⁴² Sobre as artes de curar no Rio de Janeiro, Cf. PIMENTA, T. S. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11 (suplemento 1), 2004, p. 67-92.

¹⁴³ TSCHUDI, J. J. Von. *Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. Minas Gerais: Editora Itatiaia Ilimitada. 1980. p. 78-79.

Ao investigar os processos *post-mortem* com documentos sobre os gastos dos proprietários de Cantagalo, reunimos recibos indicando o serviço de médicos, cirurgiões e boticários, e as receitas de medicamentos. Em alguns processos, encontramos referências ao farmacêutico Theodoro Peckolt. Contudo, mais indícios sugerem a presença de outros médicos atuando em Cantagalo. Em fevereiro de 1885, uma nota no jornal da cidade, *O Voto Livre: órgão Liberal*, informava a morte de outro profissional que exercia a medicina na região, o italiano Dr. Carlos Eboly: “Por largos anos exerceu o Dr. Eboly, neste município, a sua profissão, quer como médico de [partido] das fazendas do finado Barão de Nova Friburgo, quer como clínico livre”. Além disso, foi “fundador do Estabelecimento Hydroterapico de Nova Friburgo e notável facultativo desta Vila”¹⁴⁴. Nesse caso, salientamos que o médico alemão não foi o único a circular pelas fazendas do Barão de Nova Friburgo cuidando dos doentes. Os indícios reunidos sobre esses personagens que atuavam na região de Cantagalo fornecendo remédios, atendendo aos doentes cativos e aos seus proprietários indicam uma valorização dessas práticas incorporada ao cotidiano dos escravos. Tal valorização representava uma estratégia dos proprietários para manterem seus trabalhadores em condições de saúde favoráveis para o serviço intenso nas lavouras, assegurando o sucesso do empreendimento das *plantations*.

2.2- As *plantations* cafeeiras: paisagens sociais da escravidão no Vale

É possível seguir outras pistas que contribuam para reconstruirmos as paisagens sociais da Vila de Cantagalo pelas quais o médico Teuscher passou, na tentativa de compor um “quadro estatístico sanitário” da região.

Em nossa pesquisa, analisamos processos de inventários *post-mortem* e partilhas de bens¹⁴⁵ da Comarca de Cantagalo no século XIX, depositados no Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro, no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e no Centro de Documentação D. João VI, Pró-memória de Nova Friburgo. A partir da investigação de processos de inventários *post-mortem* dos proprietários falecidos da região de Cantagalo, foi possível apreendermos indícios das experiências escravas nas propriedades do Vale fluminense. Nos processos analisados surgem quadros complexos de morbidade, em que doenças podem ser relacionadas ao trabalho árduo nas lavouras e as condições precárias de vida dos cativos nas senzalas das

¹⁴⁴*O Voto Livre: órgão Liberal*. 22/02/1885. BN: PR-SOR 5642-5666.

¹⁴⁵ Ver anexo n. 1

plantations. O quadro que se apresenta é de completa debilitação da saúde dos indivíduos escravizados; encontramos referências a escravos aleijados, defeituosos, quebrados, opilados. Também observamos processos com informações sobre gastos dos inventariantes com médicos, drogas, remédios e com o serviço de barbeiros, tudo para tratamento dos cativos.

A população escrava examinada estava inserida em um contexto marcado pela expansão da produção cafeeira na área oriental do Vale, processo que gerou mudanças nas condições de trabalho dos escravos e nas relações estabelecidas com seus proprietários. Moldava-se uma economia caracterizada por novas configurações sociais, conectada às transformações da economia mundial, e que tornava a existência do trabalho escravo marcada pela intensificação das lutas cotidianas. Os autores Herbert Klein e Francisco Luna, ao reforçarem a importância da expansão cafeeira para a capitania do Rio de Janeiro, argumentaram que “o caso brasileiro destaca-se pelo ingresso tardio na produção nas Américas, pela rapidez com que o café brasileiro dominou a produção mundial e pelo grau de concentração regional dos cafezais”¹⁴⁶. Assim, desvela-se um quadro material de profundas transformações, em que a expansão do mercado mundial do café, que favorecia o impressionante crescimento da produção cafeeira na província do Rio de Janeiro¹⁴⁷, incrementou o tráfico atlântico de escravos e conduziu a forma como se configurou a escravidão nas *plantations* cafeeiras no Brasil. Nessa dinâmica social, cultural e econômica construída e reconstruída dessas múltiplas conexões, surgem relatos sobre as experiências humanas vividas naquele ambiente e narrativas de trajetórias individuais e coletivas¹⁴⁸.

No decorrer da pesquisa, os processos de inventários *post-mortem* abertos com o falecimento dos proprietários de escravos revelaram-se fontes documentais valiosas para compreendermos os universos sociais em que viveram os cativos que circulavam pelos cafezais e roças de alimentos das ambiências de Cantagalo. A partir do exame da documentação levantada, observamos mais de perto a população escrava da cidade a cada década do século XIX. A análise dos 9.624 cativos, arrolados nos 364 processos de inventários pesquisados, que viviam pelas regiões pertencentes à Comarca de Cantagalo entre

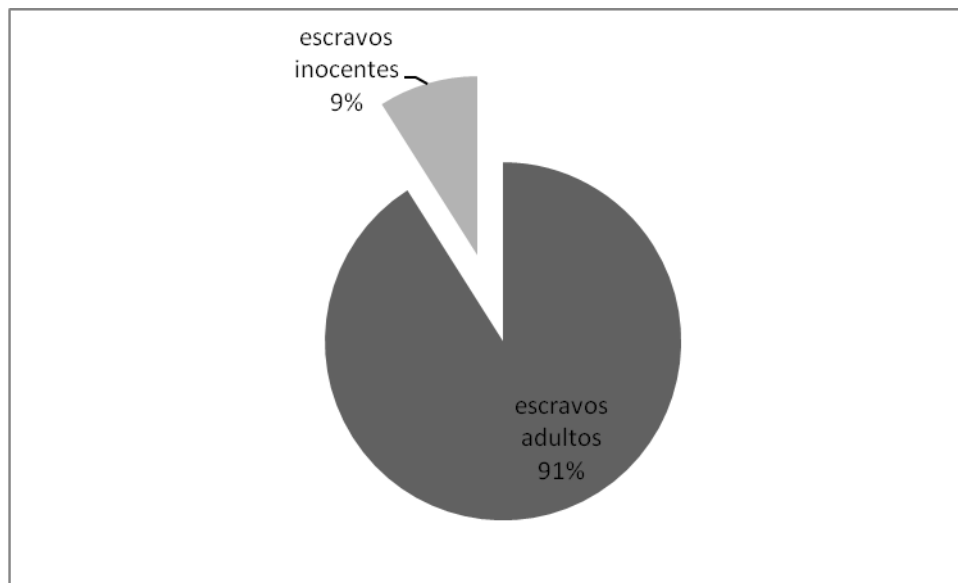
¹⁴⁶LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. *Escravidismo no Brasil*. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010, p.105.

¹⁴⁷MARQUESE, R. de B. *Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.264.

¹⁴⁸ Sobre os tumbeiros como veículos de circulação de ideias, é interessante ver: LINEBAUGH, Peter. Todas as montanhas atlânticas estremeçeram. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH, n.6, p.7-46, set.1983; GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência. São Paulo; Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes - Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

os anos de 1815 e 1888, revelou também a presença desses inúmeros “fazendeiros empreendedores” idealizados por Mawe décadas anteriores¹⁴⁹. A partir das informações coletadas com a análise dos processos de inventários *post-mortem*, analisamos alguns aspectos da população escrava de Cantagalo. Vejamos um quadro geral da população escrava que construímos a partir dos dados coletados nos inventários:

Gráfico 2. Perfil da população escrava dividida entre adultos e inocentes arrolada nos inventários, 1815-1888.



Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo, 1815-1888.

Esse gráfico permite-nos perceber que grande parte dos cativos arrolados nos inventários era de adultos, sendo, 8.758 (91%), contra apenas 866 (9%), que tinham menos de sete anos de idade¹⁵⁰.

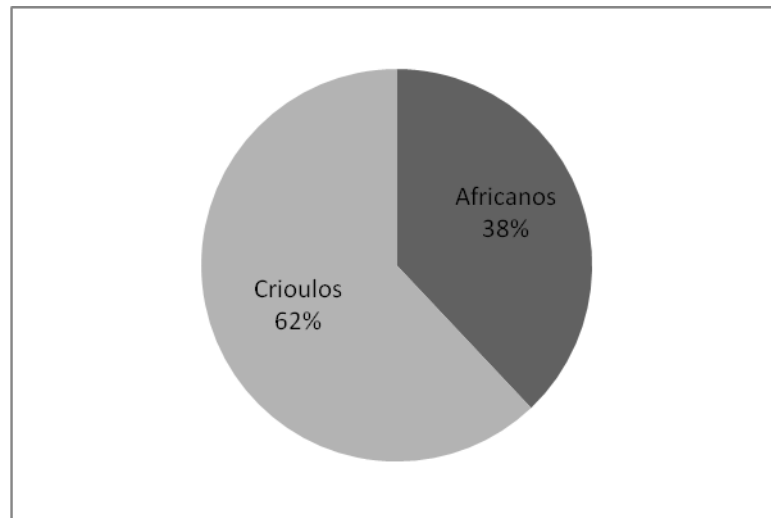
A partir dessa primeira observação, procuramos examinar o perfil dessa população adulta dividida entre escravos africanos¹⁵¹ e escravos nascidos no Brasil (crioulos).

¹⁴⁹ MAWE, *op.cit.*, 1978, p.156.

¹⁵⁰ Contabilizamos 242 crianças, com menos de 7 anos de idade, registradas nos inventários após 1871. Para uma discussão sobre a Lei do Ventre Livre Cf. cap. 5. O abolicionismo. Segunda fase: A Lei do Ventre Livre. In: COSTA, Emília Viotti da. *A abolição*. 8ª edição revista. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

¹⁵¹ Apesar das importantes questões que podem ser levantadas a partir da investigação mais atenta ao processo de formação de identidades, neste trabalho utilizamos apenas as descrições sobre procedência ou naturalidade dos indivíduos escravizados lançadas na avaliação dos cativos.

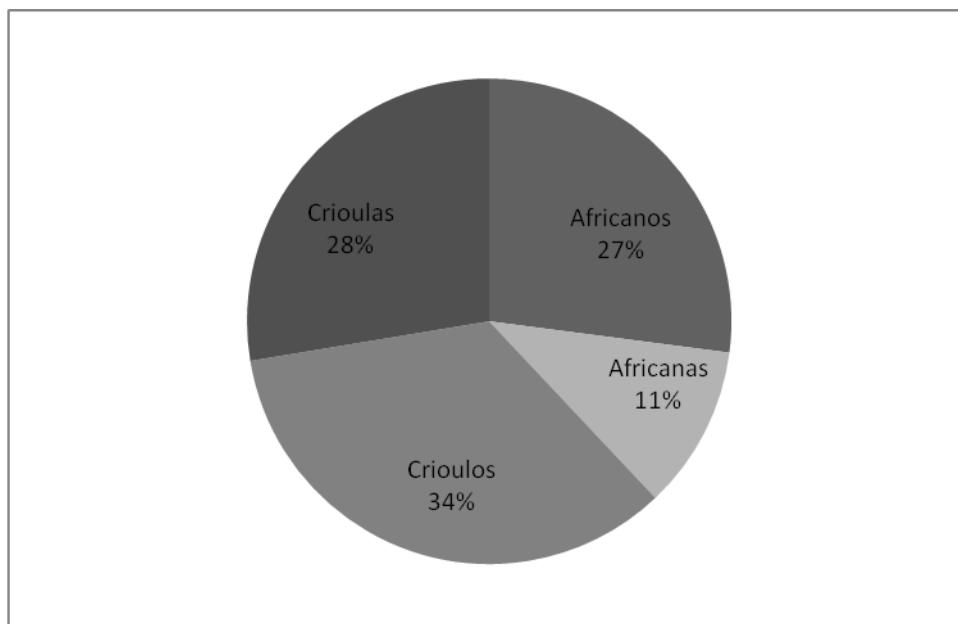
Gráfico 3. Escravos divididos por naturalidade (1815-1888)



Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo, 1815-1888.

Dos 8.758 escravos adultos, reunimos 6.016 cativos com indicações da naturalidade registrada na lista de avaliação dos inventários. Identificamos 2284 africanos (38%) e 3732 nascidos no Brasil (62%). Vejamos também um quadro geral dos escravos distribuídos por sexo e procedência, variável importante para avaliarmos as vivências cativas nas fazendas.

Gráfico 4. Escravos divididos por sexo e naturalidade.



Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo, 1815-1888.

No grupo dos crioulos, os indivíduos do sexo masculino somavam 2071 (34%) e as mulheres representavam 1661 (28%). Já entre o grupo de escravos africanos, 1628 eram homens (27%) e 656, mulheres (11%). O levantamento dos dados demográficos da região de Cantagalo corrobora o que já indicam importantes estudos, ou seja, nas regiões de lavoura havia a predominância de mão de obra masculina e tipicamente africana enquanto durou o tráfico transatlântico. Uma dinâmica que se assemelhava a outros contextos escravistas das Américas. Sobre essas dinâmicas, Manolo Florentino descreveu:

Até o fim oficial do tráfico atlântico (1830), o predomínio dos adultos era absoluto entre os cativos que habitavam o agro e as cidades: as listas de escravos constantes de inventários *post-mortem* mostram que os que tinham de quinze a quarenta anos de idade nunca perfaziam menos da metade da população, com as crianças alcançando, no máximo, 30% dos escravos. Era igualmente notável o desequilíbrio entre homens e mulheres escravizados – mais de seis entre cada dez cativos eram homens – [...]. Semelhante perfil reiterou-se ao longo da época do tráfico ilegal (1831-1850), embora temperado pela busca de maiores índices de autorreprodução da escravaria¹⁵².

Com relação à evolução da população escrava, Cantagalo representava um dos mais importantes municípios do território do Vale do Paraíba fluminense, fruto de uma “nova economia escravista de grande lavoura na região Sudeste”¹⁵³. Como já mencionamos, a consolidação da cultura cafeeira promoveu uma notável expansão da riqueza entre os proprietários da região e impulsionou o crescente fluxo de escravos que alimentavam as *plantations*. Relativamente ocupada nos primeiros anos dos Oitocentos, já na segunda metade do século, a região se caracterizava pela presença maciça de cativos africanos. Mesmo com a aproximação do fim efetivo do comércio de escravos africanos na década de 1850, muitos deles ainda eram importados pelos fazendeiros de Cantagalo.

¹⁵²FLORENTINO, Manolo. Aspectos sociodemográficos da presença dos escravos moçambicanos no Rio de Janeiro (c.1790-1850). In: FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo; JUCÁ, Antônio Carlos; CAMPOS, Adriana (orgs.). *Nas rotas do império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português*. Vitória: Edufes; Lisboa: IICT, 2006. p. 194-195.

¹⁵³LUNA e KLEIN, *op. cit.*, 2010, p. 89.



Figura 8. Plantação de café no Sudeste.

Fonte: SMITH, H. H. *Op. cit.* 1879,p. 513.

Francisco Vidal Luna e Herbert S. Klein discutiram como a intensificação dos tráficos interprovincial e intrarregional teve impacto na população escrava ao longo dos Oitocentos. Segundo os autores, “Estimou-se que entre 1850 e 1888 o tráfico interno por via marítima tenha promovido a migração de 100 mil a 200 mil escravos de portos do Nordeste e de mais ao sul para o Rio de Janeiro e Santos”¹⁵⁴. Com destaque para a década de 1870, avalia-se que “os municípios cafeeiros de São Paulo continham aproximadamente 81 mil escravos, e os do Rio de Janeiro, 148 mil”¹⁵⁵. Mesmo nos últimos decênios do século XIX, com a aproximação da abolição¹⁵⁶ e no âmbito das flutuações no preço do café influenciando diretamente as exportações da produção cafeeira¹⁵⁷, “claramente o Rio de Janeiro ainda dominava, possuindo

¹⁵⁴ LUNA e KLEIN, *op. cit.*, 2010, p. 112.

¹⁵⁵ *Ibidem*

¹⁵⁶ Sobre a crise da cafeicultura no Vale, Cf. MACHADO, Humberto F. *Escravos, senhores e café*. Niterói: Editora Cromos, 1993.

¹⁵⁷ Sobre a crise cafeeira, o artista Facchinetti expõe interessantes questões ao ressaltar em suas pinturas aspectos do esgotamento dos solos no sudeste cafeeiro, Cf. MARQUESE, Rafael de Bivar. A Paisagem da cafeicultura na crise da escravidão: as pinturas de Nicolau Facchinetti e Georg Grimm. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 44, p. 55-76, fev. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34562>>. Acesso em de 18 Junho de 2014.

as maiores fazendas e uma força de trabalho média maior do que a das fazendas de outras duas principais (Santos e São Paulo) províncias cafeeiras”¹⁵⁸.

No que tange às questões sobre as condições de saúde e doença dos cativos que viviam em uma importante região de expansão da economia cafeeira, observamos, em primeiro lugar, a distribuição da população escrava nas fazendas de Cantagalo, que foi registrada nos processos de inventários. Ao apresentarmos alguns dos padrões dessa população em Cantagalo, procuramos contextualizar os cenários sociais relacionados à saúde e doença a que os cativos estavam expostos. Para dar conta de tal empreitada, dividimos e analisamos mais de perto os processos de inventários a cada década dos oitocentos.

O primeiro processo de inventário que encontramos foi aberto em 1815. Com a intensificação da exploração nos sertões do Macacu, em fins do século XVIII, a ocupação dispersa do território de Cantagalo dava lugar à expansão de novas lavouras. O antigo arraial de Cantagalo, que, em 1814, tornara-se Vila de São Pedro de Cantagalo¹⁵⁹, passou a ser ocupado por diversos indivíduos interessados na busca por terras férteis. Assim, estabelecemos nossa primeira periodização entre os anos de 1815 e 1820, de modo a contextualizarmos o período inicial de ocupação do território de Cantagalo.

A partir da análise dos processos de inventários do segundo decênio do século XIX, contabilizamos 38 escravos adultos distribuídos entre seis proprietários, no momento em que a agricultura de subsistência dava lugar à explosão das lavouras cafeeiras¹⁶⁰. Vejamos a lista dos processos examinados com indicação da soma dos escravos registrados:

Tabela 4. Proprietários de escravos inventariados entre os anos de 1815 e 1820

Ano	Proprietário	Total de escravos
1817	Francisca Rosa da Câmara	22
1815	Anna Joaquina do Amor Divino	6
1816	Antônia Teixeira Soares	3
1819	Francisco Ferreira Guimarães	4
1820	Sebastiana Maria	2
1819	Antônio de Oliveira Torres e Juliana Maria de Santa Clara	1
		38

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

¹⁵⁸ LUNA e KLEIN, *op. cit.*, 2010, p. 112.

¹⁵⁹ VINHAES, *op. cit.*, 1992, p. 27

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 31.

No período de 1815 a 1820, os cativos do sexo masculino encontravam-se em maior número, 28 eram homens e apenas 10 mulheres. Essa proporção aumentaria nas décadas seguintes. O exame da intensificação do tráfico transatlântico de cativos moldava um quadro demográfico específico nas regiões alimentadas pela empresa negreira. Nesse sentido, Cantagalo, em termos gerais, apresentou no decorrer do período analisado um perfil típico de população masculina e africana, com um abastecimento acelerado pelo aumento do tráfico atlântico. Manolo Florentino, em seu clássico trabalho sobre o comércio atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro, localizou os anos de 1790 a 1830 como um período importante no comércio negreiro. Para o autor, o tráfico atlântico é uma variável fundamental para entendermos a reposição da mão de obra escrava e no Rio de Janeiro, nesse momento, “se encontra uma escravaria social e demograficamente disseminada, *plantations* em plena expansão e inúmeros pequenos e médios estabelecimentos que regionalizadamente se dedicam à agricultura escravista de alimentos”¹⁶¹.

Na região que passava por transformações administrativas e demográficas, já nas primeiras décadas do século XIX, tornava-se notável o crescimento da população escrava, com o aumento do tráfico. Em 1808, Mary Karasch estimou uma população total de 54255 cativos, ou seja, o número de escravos havia dobrado. Já na década de 1830, essa população chegou a 150 mil escravos¹⁶².

A tabela 5 apresenta os escravos registrados nos inventários de Cantagalo entre os anos de 1815 e 1820. O total de cativos adultos analisados nesse período indica que os crioulos estavam em maior número nos anos iniciais de ocupação do território, sendo 22 crioulos e 13 africanos.

Tabela 5. Escravos divididos entre africanos e crioulos, homens e mulheres (1815-1820)

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Africanos	11	2	13
Crioulos	14	8	22
Sem indicação da naturalidade	8	3	11
Total	33	13	46

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

¹⁶¹ FLORENTINO, Manolo. *Em Costas Negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1994, p. 28.

¹⁶² KARASCH, M. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850*. Tradução Pedro Maria Soares, São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 108.

Em relação à naturalidade dos cativos, entre os 13 escravos africanos, encontramos sete angolas (sendo duas mulheres), dois banguela, dois congo, um camundá e um rebolo. Sobre os ofícios exercidos por esses escravos nas fazendas, encontramos apenas as ocupações de dois cativos. Os escravos crioulos de Francisco Ferreira Guimarães atuavam na fazenda como ferreiros. Em 1820, pertenciam à falecida Sebastiana Maria dois cativos, uma escrava crioula e outro escravo cuja procedência não foi identificada. Com relação à procedência dos cativos africanos, vemos o seguinte quadro:

Tabela 6. Escravos africanos distribuídos por procedência (1815-1820)

Nome	Procedência	Idade
Antonio	Angola	40
Francisco	Angola	-
Jozé	Angola	15
Maria	Angola	-
Maria	Angola	24
Matheus	Angola	67
Sebastião	Angola	20
João	Banguela	48
Vicente	Banguela	17
Francisco	Camundá	17
Francisco	Congo	18
Pedro	Congo	26
Antonio	Rebolo	60

Fonte: Inventários *post-mortem*, Cantagalo.

No segundo decênio que examinamos, de 1821 a 1830, os cativos registrados nos processos somavam 103 indivíduos distribuídos entre três proprietários, sendo 98 adultos e cinco escravos inocentes. Para esse intervalo de tempo, o proprietário com maior número de escravos foi Ignácio Pereira Guimarães, em 1828, com 66 escravos. Depois, Francisco Alves Filgueiras Marra, em 1824, com 28 escravos e, por último, em 1823, Ignocêncio Ferreira da Silva, com nove cativos.

Tabela 7. Escravos adultos, africanos e crioulos, homens e mulheres (1821-1830)

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Africanos	50	27	77
Crioulos	9	9	18
Sem indicação da naturalidade	2	1	3
Total	61	67	98

Fonte: Inventários *post-mortem*, Cantagalo.

Entre os 98 escravos adultos, notamos a presença de um número maior de africanos registrados no período (77); 18 crioulos e três tiveram indicada a procedência. Com relação às informações sobre os ofícios exercidos pelos escravos nas propriedades inventariadas, encontramos apenas três referências. Os escravos de Francisco Alves Filgueiras Marra foram os únicos citados: João e Cipriano, ambos crioulos e carreiros, e Joaquim Pedro, crioulo, que exercia o ofício de ferreiro.

O terceiro período analisado compreendeu os anos de 1831 a 1840. Nesse decênio, observamos o dobro de cativos registrados nas fazendas de Cantagalo, além do maior número de proprietários. Reunimos 228 escravos, sendo 215 adultos e 13 com menos de sete anos de idade. Os 215 escravos adultos registrados estavam distribuídos em oito processos de inventários.

Tabela 8. Proprietários de escravos inventariados entre os anos de 1831 e 1840

Ano	Proprietário	Total de escravos
1835	Joaquim José de Souza	109
1833	Antônio Rodrigues de Moraes	58
1836	Maria Severina da Paixão	20
1835	Maria Vieira da Camara	14
1832	José Gonçalvez Aranha	8
1835	Leonardo Corrêa Dias	4
1833	Ana Luiza de Santa Clara	1
1839	João José Folli	1
		215

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Tabela 9. Escravos adultos divididos entre africanos e crioulos, homens e mulheres (1831-1840)

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Africanos	113	35	148
Crioulos	24	25	49
Sem indicação da naturalidade	12	6	18
Total	149	66	215

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

O perfil dos escravos distribuídos nessas propriedades indica que mais cativos adultos do sexo masculino e africanos passaram a compor a população escrava no decênio. Flávio dos Santos Gomes ressaltou questões em torno do impacto do tráfico transatlântico na demografia da região de Vassouras, ao apontar no perfil dos cativos a proporção de africanos e crioulos. Em fins da década de 1830, a população escrava era constituída em grande parte de africanos do sexo masculino; dos 843 africanos analisados, 68% tinham entre 15 e 40 anos¹⁶³. Embora os números totais no período em Cantagalo sejam comparativamente menores, apontam para uma demografia escrava adulta jovem e predominantemente masculina. Sobre a faixa etária dos africanos em Cantagalo, do total de cativos, em 58 encontramos a informações sobre idade, que variavam entre dez e 32 anos, sendo apenas um cativo registrado com 46 anos de idade. Para um quadro geral sobre as procedências desses africanos, construímos a seguinte tabela:

Tabela 10. Escravos africanos distribuídos por procedência, 1831-1840.

Procedência	Total
Moçambique	51
Congo	24
Inhambane	20
Benguela	9
Cassange	8
Rebolo	7
Angola	4
Ganguela	3
Songo	3
Cabinda	2
Monjolo	2
Quissamã	1
Indeterminado	14

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

¹⁶³GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.166.

No quarto período analisado, 1841 a 1850, esboçava-se um quadro de concentração da mão de obra escrava ainda mais elevada. Na ocasião, a produção de café já havia se espalhado pela região. Se na década de 1830 o café já era o produto mais importante no quadro das exportações na província, nos anos de 1840 a produção cafeeira se estabeleceu como maior produtor mundial, com um volume “para mais de 100 mil toneladas anuais e aumentou para mais de 200 mil nos anos 1850”¹⁶⁴. Foi nesse cenário que, evidentemente, se moldou a estrutura demográfica da população escrava em Cantagalo, uma área importante de produção que também já se destacava no cenário internacional. A leitura dos inventários, ao longo do século XIX, revelou um acentuado crescimento da população escrava jovem e adulta, traduzindo o impacto do volumoso comércio de cativos que migravam e alimentavam a expansão cafeeira no sul fluminense. Na tabela 11 apresentamos os proprietários desse período. Na tabela 12, a compilação dos registros sobre escravos a partir dos inventários revelou, para a década de 1840, que, do total de 652 cativos, 594 eram adultos e 58 inocentes, distribuídos por 27 proprietários da região.

Tabela 11. Proprietários de escravos inventariados entre os anos de 1841 e 1850

Ano	Proprietário
1843	Francisco José Neves
1843	Joana Clara Teixeira
1843	João Pereira de Queiros
1844	Joaquim Gonçalves de Sousa
1844	Manoel de Sam José
1845	Rita Joaquina de Santa Ana
1846	Benedicto José Filadelfo
1846	Caetana Josepha da Conceição
1846	Francisco Vieira de Souza
1846	José Gomes Chaves e Antonia Maria de Souza
1846	Manoel Caetano de Carvalho
1846	Maria Isabel da Silva Neves
1846	Maria Jacinta de Jesus
1846	Sebastião José da Silva
1847	Antônio da Silva Freire
1847	Carlos Jorás
1847	Leonardo Antônio de Moura
1848	Alexandre José de Oliveira e Mello
1848	Joaquim José Soares
1848	José Pereira de Souza

¹⁶⁴LUNA e KLEIN, *op. cit.*, 2010, 2010, p. 105.

1848	Luiz Teixeira de Carvalho
1849	Antonio Joaquim Correia Netto
1849	Apolinário da Costa Pires
1849	Joaquim Barbosa de Oliveira
1850	Francisco Mendes da Costa
1850	Luis Honório Gonçalvez
1850	Manoel José de Santa Ana

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Tabela 12. Escravos adultos divididos entre africanos e crioulos, homens e mulheres (1841-1850)

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Africanos	243	80	323
Crioulos	103	81	184
Sem indicação da naturalidade	59	28	87
Total	405	189	594

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

De acordo com Eliana Vinhaes, Cantagalo apresentava no período um quadro favorável para a exportação cafeeira, influenciando os investimentos dos proprietários nas lavouras de café¹⁶⁵. O que vemos esboçado, com a investigação dos bens inventariados dos proprietários falecidos, é uma população cativa africana masculina, que representava quase o dobro dos escravos nascidos no Brasil. Apesar disso, observamos que na população crioula, o total de homens e mulheres também cresceu, passando a ser representativo no quadro demográfico do período. Nessa conjuntura, os cativos nascidos no Brasil somavam 31% dos escravos adultos registrados nos inventários entre os anos de 1841 e 1850.

No quinto intervalo de tempo analisado, entre 1851 e 1860, os dados compilados sobre a população escrava refletem os primeiros sinais da importância econômica e social que coroou a região como território central da expansão cafeeira anos depois. O conjunto dos escravos arrolados nesse período revela o total de 1129 cativos, sendo 1021 adultos e 108 com menos de sete anos de idade. Ou seja, considerando o movimento demográfico resultante da expansão cafeeira que transformou a província do Rio de Janeiro, destacou-se o número elevado de cativos, quando comparados aos números globais da década anterior. O fim efetivo do tráfico internacional de escravos e a alta nos preços dos cativos foram fatores importantes

¹⁶⁵VINHAES, *op. cit.*, 1992, p. 33.

no quadro específico nas *plantations* de Cantagalo. No cenário esboçado na década de 50 dos Oitocentos, despontava uma população escrava concentrada nas grandes propriedades, do sexo masculino e de origem africana, um típico perfil demográfico das regiões de *plantations* do período. Quanto aos escravos sem indicação da naturalidade, encontramos 87 anotações. Vejamos, na tabela 13, os proprietários inventariados no período.

Tabela 13. Proprietário de escravos inventariados entre os anos de 1851-1860.

Ano	Proprietário
1851	Basilio Matheus Ferreira de Souza
1851	João Pires dos Santos
1851	Ludugenia Floriana Torres
1851	Manoel Antônio de Azevedo
1851	Maria Clara Parat
1852	Carlos Teixeira da Silva
1852	Manoel Bruno da Silveira
1852	Maria Clara da Silva Teixeira
1853	Caetano da Silva Freire
1853	João Batista Lopes
1853	João Pereira de Souza
1853	José Teixeira de Carvalho
1853	Maria Rosa Ferreira de Jesus
1853	Umbelina Maria da Conceição
1853	Victoria Maria Fernandes
1854	André Pereira de Lemos
1854	Francisca Clara de Jesus
1854	Joana Maria da Silva
1854	Maria Vicência de Araújo e Silva
1854	Pedro Antônio de Siqueira
1855	Antonia Maria da Conceição
1855	Bernardo Antônio Portilho
1855	Luciana Rosa de Almeida
1855	Luiza Lavalle
1856	Bernardo Pereira da Silva
1856	Carlota Florentina da Silva
1856	João Clemente de Sá
1856	João Correa Neves
1856	João Manoel Moreira
1856	Joaquim Xavier de Souza
1856	José Ludolf
1856	José Moutinho da Rocha
1857	Jesuína Maria de Jesus
1857	Maria da Glória Arruda Viana
1858	Francisco Guerreiro Bogado

1859	Béda Naegele
1859	Bento Antonio da Silva Roldão
1859	Manoel Vieira da Silva Santos
1859	Pedro Francisco Martins
1860	Anna Margarida Ursula
1860	Francisco Rodrigues Pombo
1860	Francisco Salles de Abreu
1860	Miguel Alves

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Tabela 14. Escravos adultos divididos entre africanos e crioulos, homens e mulheres (1851-1860)

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Africanos	280	104	384
Crioulos	178	140	318
Sem indicação da naturalidade	211	108	319
Total	669	352	1021

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Nesse quadro dinâmico de expansão da economia de *plantation*, pesquisadores buscaram apreender a singularidade do impacto efetivo da expansão da cultura cafeeira para as regiões transformadas pelas lavouras. Hebe Mattos, em seu trabalho intitulado *Ao sul da história: lavradores pobres na crise do trabalho escravo* (1987), examinou aspectos da formação da organização agrária em Capivary no século XIX e buscou compreender as transformações que se seguiram à abolição. Inseriu a região no âmbito da expansão cafeeira e apontou aspectos da concentração social e territorial da propriedade escrava. Observou um latente processo de concentração fundiária no período e discutiu como a compreensão do processo de expansão da fronteira agrícola foi fundamental para a análise da região. Com isso, ampliaram-se as questões que podem ser trabalhadas nas ambiências transformadas pela cultura cafeeira no Vale. Os dados arrolados sobre Capivary refletiam de certo modo o avanço do café no Vale, uma região “sobrevivente ao surto de curto fôlego do café nas encostas das meias-laranjas no conjunto da baixada, localizando-se nas vertentes dos contrafortes da serra, amplia-se, no entanto, em crescente desvantagem, na retaguarda dos futuros barões do Vale”¹⁶⁶.

¹⁶⁶ MATTOS, H. *Ao sul da história: lavradores pobres na crise do trabalho escravo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, Faperj, 2009. 2 edição, p. 25.

Em contraponto, as condições físicas adequadas da lavoura de café em Cantagalo também foram fundamentais para a expansão da região na segunda metade dos Oitocentos. De acordo com Gomes, “os vales dos rios Negro, Grande, Paquequer e Ribeirão das Areias, antes florestados, encontravam-se ao menos parcialmente ocupados pelas plantações de café” e, logo, outros espaços eram tomados pela lavoura, “seguiram sua marcha em direção às freguesias de Santa Maria Madalena, São Francisco de Paula, Duas Barras, Santa Rita do Rio Negro, Carmo, Sumidouro e São Sebastião do Alto”¹⁶⁷.

Eliana Vinhaes, ao reconstruir a evolução do sistema agrário de Cantagalo, por meio do mapeamento dos bens arrolados nos processos *post-mortem* de 1850 a 1890, apontou que a evolução do sistema teve seu auge em 1870¹⁶⁸. A partir das evidências encontradas nos inventários, a autora identificou, entre os anos de 1860 e 1880, fazendeiros divididos por fortunas que se dispunham em cinco grupos. Tal procedimento revelou a presença de “fazendeiros de grande porte, com grandes extensões de terra, edificações diversificadas e plantéis numerosos e produtivos”¹⁶⁹. De acordo com a autora, o exame dos processos de inventários desse período indicou “um potencial econômico e estável” experimentado pelas fazendas de Cantagalo inventariadas, alimentado pelo abastecimento de “escravos provenientes de várias Províncias do Brasil, que para lá convergiam e com terras virgens à disposição para a plantagem de novos cafeeiros”¹⁷⁰.

No sexto período que contemplamos nesta investigação, 1861 a 1870, encontramos 3127 escravos distribuídos entre 111 proprietários que faleceram no período¹⁷¹. A partir do total de registros examinados nesse tempo, analisamos algumas características da população cativa, que distribuímos por procedência e sexo, conforme a tabela 15. Nos anos de 1861-1870, vemos ainda a forte presença de escravos africanos (32%) e um elevado número de crioulos. O fluxo de cativos trazidos pelo comércio interprovincial, ainda importante no período, justificaria a configuração da alta proporção de indivíduos escravizados adultos e do sexo masculino.

¹⁶⁷ GOMES, Mauro Leão. *Ouro, posseiros e fazendas de café*. A ocupação e a degradação ambiental da região das Minas do Canta Gallo na Província do Rio de Janeiro, Tese de Doutorado. Seropédica, UFRRJ, 2004, p.70

¹⁶⁸ VINHAES, *op. cit.*, 1992, p. 49.

¹⁶⁹ *Ibidem*, p.57.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p.114.

¹⁷¹ Ver Anexo 2.

Tabela 15. Escravos adultos divididos entre africanos e crioulos, homens e mulheres (1861-1870)

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Africanos	682	303	985
Crioulos	765	647	1412
Sem indicação da naturalidade	412	318	730
Total	1859	1268	3127

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

José Flávio Motta, ao analisar as escrituras de compra e venda de escravos em algumas localidades do Vale paulista entre os anos de 1861 e 1869, salientou aspectos complexos das regiões marcadas pelo avanço da cafeicultura. De acordo com o autor, apesar desse avanço não explicar, essencialmente, o desenvolvimento do comércio de escravos nas localidades observadas, os elementos que compõem o quadro no período apontam para a importância da cafeicultura, mostrando que “o dinamismo definidor dessa atividade em ascensão respalda nosso entendimento daquele avanço como elemento condicionante fundamental a conformar as aludidas características”¹⁷². Nesse caso, as características mencionadas na tabela anterior, sobre a população escrava de Cantagalo nesse decênio, reforçam um quadro geral das *plantations* cafeeiras depois da segunda metade dos Oitocentos. Nesse contexto, veremos, no capítulo seguinte, que o crescente uso do trabalho escravo nas *plantations* colaborou para que as condições de saúde dos cativos se tornassem ainda mais precárias.

No sétimo período analisado, 1871-1880, o número de escravos arrolados foi de 2447 (2270 adultos e 177 escravos com menos de sete anos de idade), distribuídos em 116 processos de inventários, conforme apresentado na tabela “Proprietário de escravos inventariados entre os anos de 1871-1880”, em anexo¹⁷³.

Apesar do elevado número de cativos nos dados examinados entre os anos de 1871-80, verificamos uma redução no volume de cativos africanos registrados nas propriedades inventariadas. Contudo, quando comparados ao período anterior, o volume de cativos crioulos foi quatro vezes maior e os escravos relacionados ao grupo sem indicação da naturalidade dobrou de tamanho. De acordo com Emília V. da Costa, a expansão cafeeira promoveu

¹⁷² MOTTA, José Flávio. *Escravos daqui, dali e de mais além: O tráfico interno de cativos na expansão cafeeira paulista (Areias, Guaratinguetá, Constituição/Piracicaba e Casa Branca, 1867-1887)* São Paulo: Alameda, 2012, p.165.

¹⁷³ Ver Anexo 3.

também uma “redistribuição demográfica na província”, que acompanhou o ritmo do sucesso das lavouras, contabilizando “em 1873, cerca de 35 mil escravos, em Cantagalo”¹⁷⁴.

O que observamos, com a apresentação desses dados globais divididos por décadas, foi o intenso movimento de uma população escrava, marcada por um longo período de tempo, pela presença maciça de africanos. Mesmo nos períodos em que o volume de africanos se reduziu, reflexo do fim efetivo do tráfico transatlântico, ainda notamos a presença de cativos vindos de África circulando pelas serras do Vale. Contudo, vale destacar que encontramos um contingente alto de escravos sem naturalidade identificada, cuja investigação poderia iluminar algumas questões sobre o perfil da escravaria de Cantagalo no decênio estudado. De qualquer forma, quando nos aproximamos desse grupo, percebemos um alto volume de cativos adultos jovens do sexo masculino. Entre os escravos de oito a 20 anos, 134 eram homens e 110 eram mulheres; entre os cativos com idades entre 21 a 49 anos, o volume registrado foi de 222 homens e 152 mulheres; já para os escravos com mais de 50 anos, o total de homens registrado foi de 86 cativos e 45 mulheres.

Tabela 16. Escravos adultos divididos entre africanos e crioulos, homens e mulheres (1871-1880)

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Africanos	218	80	298
Crioulos	608	494	1102
Sem indicação da naturalidade	506	364	870
Total	1332	938	2270

Fonte: Inventários post-mortem de Cantagalo.

Nas proximidades de Cantagalo, João Luís Fragoso, ao investigar a lógica dos sistemas agrários de Paraíba do Sul, apontou algumas questões sobre o quadro social e econômico que se esboçava nas regiões cafeeiras do Vale. De acordo com o autor, mesmo com o fim efetivo do tráfico internacional de escravos, circulavam *serra acima* negros de várias regiões que eram levados para abastecerem as *plantations* locais. A população de Paraíba do Sul, mesmo depois da segunda metade do século XIX, foi marcada pela intensificação do tráfico de escravos, “movimento que, como mecanismo da reprodução extensiva do sistema agrário da economia de exportação, incorporava periodicamente homens

¹⁷⁴ COSTA, E. V. da, *op. cit.*, 1997, p.104, 105.

em idade produtiva ao processo produtivo e através desse à população local”¹⁷⁵. Isso explicaria a maior proporção de “homens do que mulheres, ou ainda, de se verificar um grupo adulto mais expressivo que o infantil particularmente”¹⁷⁶. Ainda de acordo com o autor, havia uma “relação entre o sistema agrícola local e a demografia local”¹⁷⁷ e apesar de essa relação não ser mecânica, a expansão daquele sistema agrário dependia da reposição rápida da força de trabalho escrava.

O quadro geral que construímos da população escrava de Cantagalo entre os anos de 1871 a 1880 não difere muito do panorama traçado em trabalhos clássicos sobre o perfil demográfico de uma população escrava marcada pela expansão das lavouras cafeeiras. Comparada ao decênio anterior, os dados arrolados indicam um elevado número de crioulos, sendo 48,5% da população escrava, ainda acentuadamente masculina. O volume dos cativos sem identificação de origem também cresceu rapidamente, traduzindo como o fluxo de indivíduos comercializados entre outras regiões ainda influenciava a configuração social dos cativos¹⁷⁸. O grupo de escravos cuja naturalidade não foi de modo algum informada nos inventários de Cantagalo teve um crescimento acentuado nas décadas finais da escravidão. Com isso, especulamos que os caminhos percorridos por esses cativos até às fazendas de Cantagalo seguiam o fluxo do comércio, não só entre as províncias próximas ao Rio de Janeiro, como também em outras.

O oitavo e último período analisado apresentou uma conjuntura desfavorável para os proprietários de terras de Cantagalo. Sobre os anos de 1881 a 1888 analisamos 50 processos de inventários, valendo ressaltar que apenas um processo refere-se a 1888. A proximidade da abolição, o desgaste natural do solo e as flutuações dos preços do café no mercado afetaram rapidamente a produtividade da região, onde as disputas por terras acirravam-se e alimentavam os embates entre senhores e seus escravos. Para E. Vinhaes, apesar do quadro que se esboçava no período, marcado pela redução no número dos cativos, os anos finais de escravidão ainda não representavam a decadência do café na região¹⁷⁹. Em primeiro lugar, vejamos os proprietários inventariados no período:

¹⁷⁵ FRAGOSO, João Luis Ribeiro. *Sistemas agrários em Paraíba do Sul (1850-1920)*. 1983. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983, p. 50.

¹⁷⁶ *Ibidem*. p.50.

¹⁷⁷ *Ibidem*.

¹⁷⁸ Cf. MOTTA, *op.cit.*, 2012, p.163.

¹⁷⁹ VINHAES, *op. cit.*, 1992, p. 218.

Tabela 17. Proprietários de escravos inventariados entre os anos de 1881 e 1888

Ano	Proprietário
1881	Bernardo Barboza da Costa
1881	Eduardo Cesar Pereira de Medeiros
1881	João Pereira Durão
1881	Joaquim Fiel Soares Peixoto
1881	Manoel Francisco Correa
1881	Maria José de Macedo Carvalho
1881	Maria José de Magalhães Macedo
1882	Adélia Josephina da Cunha
1882	Carolina Meltran Gavino
1882	Firmiana Teixeira Da Cunha
1882	Francisco Kropf
1882	Joaquim José de Toledo
1882	José Antônio de Oliveira Paes Leitão (Vigário)
1882	José Sezinando de Avelino Pinho
1882	Josephina Cutel Bruch
1882	Manoel Francisco de Lemos
1882	Maria do Carmo
1882	Maria Josephina Roth
1883	Antonio Teixeira de Carvalho
1883	Catharina Monerat Vellozo
1883	Domingos Gonçalves de Souza
1883	Fortunato Barbosa Velloso
1883	Francisco Robadey
1883	João José Vial
1883	Manoel Pereira Lopes
1883	Maria José de Jesus
1883	Rosa Thereza de Jesus
1884	Amélia de Souza Coelho
1884	Antonio Joaquim de Matos
1884	Antonio Vaz de Carvalho
1884	Elydia Francisca Bardez Vollu
1884	Frederico Sauerbramm
1884	Joaquim Pires Veloso
1884	Laurinda Maria Soares
1884	Luis Vieira Torres
1884	Marcelina Constança de Oliveira
1884	Pedro José Benjamin Vollu
1885	Maria Augusta de Lyra Monteiro
1885	Melania Adelaide de Castro
1886	Alexandrina Goulart Ferreira
1886	Antônio Ignácio Pimentel
1886	Carlota Justiniana Coelho

1886	Maria Catharina Herdez de Brito
1886	Pedro Gonçalvez
1886	Visconde de Pinheiro (Joaquim Luiz Pinheiro)
1887	Francisco da Silva Marques
1887	Francisco de Paula Pinto
1887	Luiz Correa da Rocha
1887	Maria Eyer Reis
1888	Amélia Cosendey Robadey

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Os dados que examinamos para esse período indicam uma redução da população escrava adulta. Em abril de 1888, foi aberto o inventário de Amélia Cosendey Robadey, que possuía apenas um escravo: uma preta chamada de Umbelinda, com 32 anos, avaliada em pouco mais de 400 mil réis. Dos 1480 escravos contabilizados neste decênio, 1395 eram adultos. Do conjunto de escravos adultos, 56 eram africanos, 627 crioulos e 712 não tiveram sua naturalidade identificada. De acordo com Vinhaes, tanto na década de 1850 como na de 1880, o padrão de vida dos pequenos proprietários foi marcado pela pobreza, enquanto ainda existiam ricas fazendas na região. Podemos observar na documentação desse período um número diminuto de cativos africanos em comparação com crioulos e cativos sem indicação da procedência.

Tabela 18. Escravos adultos divididos entre africanos e crioulos, homens e mulheres (1881-1888)

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Africanos	31	25	56
Crioulos	370	257	627
Sem indicação da naturalidade	418	294	712
Total	819	576	1395

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Os dados quantitativos dos anos de 1880, quando comparados ao período anterior, refletiram, além do número reduzido de bens inventariados, um determinado padrão de distribuição da riqueza que se esvaía com a aproximação da abolição. Embora não seja nosso objetivo problematizar tais padrões, vale ressaltar que um menor número de proprietários ainda detinha uma importante parcela da escravaria do período. A necessidade estrutural de incorporação de terras e escravos para o sucesso da cultura cafeeira na região contribuía para o adensamento de mais braços escravos. O crescimento dos grupos de crioulos era evidente e

estes completavam no período grande parte da população ainda cativa. Assim, surgiram, nessa dinâmica, múltiplas estratégias para explorar ao máximo a mão de obra escrava. Na medida em que ela se tornava mais escassa, o trabalho também era mais intenso e os senhores passaram a utilizar estratégias de controle e cuidados com os doentes quando fosse necessário. A presença de médicos¹⁸⁰ diplomados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro¹⁸¹ atuando na região de Cantagalo agregava mais um componente na intrincada rede de relações conflituosas que eram tecidas entre a classe senhorial e seus escravos.

Com base na leitura de 364 processos de inventários *post-mortem*, entre os anos de 1815 e 1888, apresentamos até aqui alguns aspectos do perfil da população escrava, que, ao longo do século XIX, alimentou fortunas dos senhores de Cantagalo. Os inventários examinados expõem padrões da demografia escrava na região e contextualizam ambiências onde questões sobre a saúde e a doença dos cativos acionavam múltiplas estratégias de cuidados com os enfermos pelos proprietários em Cantagalo nos Oitocentos. Contudo, para dar conta desse amplo conjunto de ações relacionadas às condições de vida dos cativos, foi necessário perscrutar por outros caminhos as ambiências de Cantagalo. Os documentos e informações registrados nos processos de inventários sobre gastos com médicos e indicações sobre hospitais/enfermarias/edificações adaptadas para tratar os doentes cativos, em que médicos como Teuscher exerciam seus ofícios, levou-nos a investigar mais atentamente os espaços onde os cativos habitavam, trabalhavam e adoeciam.

2.3. Reconstruindo os mundos das fazendas

Mesmo acompanhando o paulatino crescimento da população escrava de Cantagalo – seja por um processo de concentração do grupo de africanos, fruto do incremento do tráfico, ou pelo volumoso contingente de crioulos levados *serra acima*, reflexo da intensificação do fluxo do comércio entre as províncias –, é possível percebermos, pela investigação das condições de saúde da população cativa, outros cenários em que a exploração dos indivíduos escravizados foi intensificada, especialmente depois da segunda metade dos Oitocentos.

¹⁸⁰ Silvio Cezar de Souza Lima analisou de perto as relações entre escravidão e medicina. Cf. LIMA, S. C. de S. *O Corpo escravo como objeto das práticas médicas no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em História das Ciências), Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2011.

¹⁸¹ As transformações políticas ocorridas nas primeiras décadas dos Oitocentos também influenciaram nas mudanças do ensino médico. A reforma de 1832 transformou a academia médico-cirúrgica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ver verbete: “ESCOLA ANATÔMICA, CIRÚRGICA E MÉDICA DO RIO DE JANEIRO” Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escancimerj.htm>. Acesso em 01 abril de 2014.

As discussões recentes conectadas às pesquisas arqueológicas têm ganhado destaque no debate acadêmico histórico atual. Camilla Agostini¹⁸², ao observar a cultura material dos indivíduos escravizados no Brasil, indicou como essa perspectiva de análise pode ser promissora para o debate sobre a importância desses homens e mulheres. Para a autora, “os contextos arqueológicos, assim como os relatos de viajantes que vieram ao Brasil no século XIX nos informam que tanto os ambientes domésticos quanto os públicos foram cenários de encontros entre escravos”¹⁸³. Mapear esses cenários de “encontros”, onde indivíduos escravizados eram marcados por doenças diversas ou deficiências permanentes, produzidas possivelmente pelas insalubres condições no trabalho, foi fundamental para nos aproximarmos do universo da vida escrava. Observamos, ao longo desta tese, que esses espaços podiam ser os hospitais das fazendas, enfermarias ou nas casas dos médicos que residiam na região.

O mapeamento do patrimônio arquitetônico do Vale do Paraíba conduziu nosso olhar, por outras perspectivas, aos registros materiais¹⁸⁴ que compuseram a vida em Cantagalo nos Oitocentos. Assim, o ponto de partida para esta terceira etapa de nossa investigação foi o exame do projeto *Inventário das Fazendas de Café do Vale do Paraíba Fluminense*¹⁸⁵. O projeto teve início em 2007 no Instituto Cultural Cidade Viva, em parceria com o Instituto Light e com a coordenação técnica do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – INEPAC / SEC –, que mapeou um conjunto de fazendas históricas cafeeiras localizadas ao longo do Vale do Paraíba, analisando a riqueza da arquitetura rural no período cafeeiro. É uma iniciativa de fôlego, baseada em uma minuciosa pesquisa de campo e documental das fazendas erguidas com a expansão cafeeira do Vale do Paraíba ao longo do século XIX. Dessa forma, por meio do mapeamento e da disponibilização dos dados arquitetônicos e históricos

¹⁸²Cf. AGOSTINI, Camilla. *Mundo Atlântico e clandestinidade. Dinâmica material e simbólica em uma fazenda litorânea no sudeste, século XIX*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.

¹⁸³ AGOSTINI, Camilla. Resistência Cultural e Reconstrução e Identidades: Um olhar sobre a cultura material de Escravos do Século XIX. *Revista de História Regional*, v. 3, n.2, Inverno, 1998, p.115-137. p. 124.

¹⁸⁴Cf. SYMANSKI, Luís Cláudio; GOMES, Flávio. Da cultura material da escravidão e do pós-emancipação: perspectivas comparadas em arqueologia e história. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 293-338, 2013.

¹⁸⁵*Inventário das Fazendas de Café do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível na Internet: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>. Acesso em janeiro de 2011.

das *plantations* da Vila de Cantagalo, aproximamo-nos dos cenários que compunham “os mundos da fazenda”¹⁸⁶, que desvelaram aos nossos olhos as experiências cativas.

Das propriedades citadas pelo médico alemão Teuscher, encontramos nesse *Inventário* a fazenda Areias (figura 9,10,11,12) e a Itaoca (figura 13). Na fazenda Areias, foi localizada uma enfermaria que serviria para o tratamento dos cativos doentes. Sobre esses hospitais, Teuscher descreve-nos:

Só as fazendas de Santa Rita e Areias têm hospitais regulares, com enfermeiro branco, e fornecidos todos os recursos necessários; das outras fazendas são os doentes mais graves enviados para estes hospitais; as moléstias mais leves tratam-se em casa; só Itaoca manda todos os seus doentes para o hospital de Areias. Este é o motivo porque só posso apresentar datas completas sobre as povoações de Santa Rita¹⁸⁷.

Fontes disponíveis sobre como funcionavam os tratamentos médicos oferecidos pelos proprietários cafeeiros nem sempre são encontradas. Porém, é possível mapearmos alguns indícios dos cuidados dispensados à escravaria. Segundo o projeto, na fazenda Areias funcionou um prédio que servia de hospital dos escravos, medindo aproximadamente 573 m². A construção ficava bem ao lado da casa principal e preserva, até hoje, algumas de suas características originais. As figuras 9, 10, 11, 12, 13 e 14 apresentam fotografias do complexo produtivo que pertencia ao Barão de Nova Friburgo. De acordo com o relatório do Presidente da Província, sobre a riqueza da família Clemente Pinto foi registrado:

O opulento fazendeiro Antônio Clemente Pinto tem já plantado mais de cem mil pés de café em uma de suas fazendas que abriu em sociedade com o hábil engenheiro Jacob Van Erven, onde tenciona, assim que os cafezais estiverem próximos a produzir empregar pequena porção de colonos, mandando engajar na Bélgica e Holanda pelo dito engenheiro¹⁸⁸.

¹⁸⁶ MUZAE. O Vale do Paraíba Fluminense e a dinâmica imperial. Disponível em: http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/?page_id=8 . Acesso em janeiro de 2011, p.293.

¹⁸⁷ TEUSCHER, *op. cit.*, 1853, p.6.

¹⁸⁸ Relatório do Presidente da Província, 1851, p. 45-46, *apud* VINHAES, *op.cit.*, 1992, p. 35.



Figura 9. Vista da Fazenda Areias.

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>. p. 261. Acesso em: 17 abr. 2014.



Figura 10. Fazenda Areias, Hospital dos escravos.

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>. p. 261. Acesso em: 17 abr. 2014.



Figura 11. Fazenda Areias, Hospital dos escravos.

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>. Acesso em: 17 abr. 2014.



Figura 12. Fazenda Areias, Hospital dos escravos.

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>. p. 261. Acesso em: 17 abr. 2014.



Figura 13. Fazenda Itaoca.

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>. p. 282. Acesso em: 17 abr. 2014.

De acordo com as informações desse projeto, a fazenda Areias, construída em meados dos Oitocentos, destacava-se das outras propriedades locais e era vista como uma “das mais belas casas de morada em estilo colonial de toda a região, com belíssimas proporções, trabalhos em cantaria e carpintaria, e expressivos murais em seu interior”¹⁸⁹. Além disso, “possuía um formidável conjunto produtivo que contava com armazéns, engenhos, máquinas de beneficiar café, uma usina elétrica de 56 cavalos de força, mais de 600 mil pés de café, grandes lavouras de cana e de cereais”¹⁹⁰.

¹⁸⁹*Inventário das Fazendas de Café do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível na Internet: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>. p. 275. Acesso em janeiro de 2011.

¹⁹⁰*Ibidem*.



Figura 14. Vista do complexo produtivo da fazenda Areias.

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>. p. 257. Acesso em: 17 abr. 2014.

O responsável contratado para a construção da propriedade foi o engenheiro holandês Jacó van Erven (Jacobus Gijsbertus Paulus van Erven) (1800-1867), que mais tarde tornou-se sócio do Barão de Nova Friburgo. Sobre o hospital de escravos, reproduzido nas figuras anteriores, encontramos um processo de apelação com o registro de uma enfermaria que pertencia ao espólio dos bens do Barão. Em 1893, foi aberto um processo em que parte da sociedade dos herdeiros do finado Antônio Clemente Pinto, denominada Engenho Central Rio Negro, foi liquidada, tendo como apelante no processo o então herdeiro conde de Nova Friburgo. Nessa ação, foram descritos os valiosos bens da família Clemente Pinto e uma enfermaria aparece inventariada no libelo. É bem provável que tenha sido a mesma enfermaria em que o médico alemão trabalhou, já que a propriedade de Areias era uma das mais importantes da região. Entre os objetos que pertenciam à enfermaria, foram registrados, neste processo, lençóis de algodão, fronhas, cobertores e ourinol¹⁹¹, tudo avaliado no valor de 12.500 réis¹⁹².

¹⁹¹ De acordo com o verbete no dicionário de Raphael Bluteau: “ourinol: vaso em que recebe a ourina”. In: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.. p. 100. Disponível na Internet: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/edicao/1>. Acesso em: 04 de Junho de 2014. p.147

¹⁹² AMJERJ, Apelação, Conde de Nova Friburgo, Cx202, 1893.

Vejamos a lista das propriedades arroladas no projeto *Inventário das Fazendas de Café do Vale do Paraíba Fluminense* que pertenceram a Cantagalo nos Oitocentos:

Tabela 19. Fazendas que pertenciam a Cantagalo no século XIX

Nome da propriedade	Região atual	Características da fazenda relacionadas aos cuidados com a saúde
Fazenda Sossego	Cantagalo	-
Fazenda Areias	Cantagalo	Enfermaria
Fazenda São Clemente	Cantagalo	Hospital
Fazenda Itaoca	Cantagalo	-
Fazenda Santana	Cantagalo	-
Fazenda Passa Três	Carmo	-
Fazenda Santa Catharina	Carmo	-
Fazenda da Glória	Carmo	Enfermaria
Fazenda São Lourenço	Carmo	-
Fazenda N. Sra. Da Conceição	Carmo	-
Fazenda Santa Fé	Carmo	Hospital e farmácia
Fazenda Monte Café	Carmo/Sapucaia	Hospital
Fazenda Prazeres do Ribeirão Dourado	Cordeiro	Botica; Proprietário era médico.
Fazenda N. Sra. Do Bom Sucesso	Cordeiro	-
Fazenda Conceição do Pinheiro	Duas Barras	-
Fazenda Riachuelo	Duas Barras	-
Fazenda Penedo	Duas Barras	-
Fazenda Nova Era	Duas Barras	-
Fazenda São João de Monnerat	Duas Barras	-
Fazenda Santa Cruz	Duas Barras	-
Fazenda Três Barras	Duas Barras	-
Fazenda Rancharia do Norte	Duas Barras	-
Fazenda Atalaia	Duas Barras	-
Fazenda Sant'Ana	Sta Maria Madalena	-
Fazenda São Manoel	S. Sebastião do Alto	Proprietário era médico.
Fazenda Barra do Veado	S. Sebastião do Alto	-
Fazenda S. M. do Rio Grande	Traiano de Moraes	-
Fazenda Providência	Traiano de Moraes	-
Fazenda Olaria	Traiano de	-

	Moraes	
Fazenda São Geraldo	Trajano de Moraes	-
Fazenda do Canteiro	Trajano de Moraes	-
Fazenda do Retiro	Trajano de Moraes	-
Fazenda Santo Antônio da Serra	Trajano de Moraes	-

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>. Acesso em 01 de mar.2014.

A Fazenda Sossego¹⁹³, localizada na freguesia de Santa Rita do Rio Negro, pertencia ao casal Rosa Vieira de Jesus e Antônio Teixeira de Carvalho. Com o falecimento de ambos, foi possível reunir interessantes informações sobre o cotidiano dessa *plantation*. De acordo com o projeto *Inventário*, a fazenda Sossego foi construída em 1830. Na segunda metade dos Oitocentos, apesar de a casa sede ter dimensões relativamente pequenas, “com quatro dormitórios e três salas”, já apresentava “inteiramente implantada” uma “cafeicultura produtiva”. As fotografias abaixo revelam a vista de onde os proprietários podiam observar o trabalho dos escravos no antigo terreiro de secagem de café.



Figura 15. Vista da sala da fazenda Sossego.

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>. p. 257. Acesso em: 17abr. 2014.

¹⁹³*Inventário das Fazendas de Café do Vale do Paraíba Fluminense, op. cit.*, p. 215-231.



Figura 16. Vista da sala da fazenda Sossego.

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>. p. 257. Acesso em: 17 abr. 2014.

Com a morte de Rosa Vieira de Jesus, seu inventário *post-mortem* foi aberto em 1862, tendo sido enumerados entre os bens do casal: uma casa com cozinha, um engenho de socar, um paiol, uma casa de senzalas velhas e arruinadas, uma casa velha, um moinho, um galinheiro, uma casa de sítio e alguns alqueires de terras que confrontavam com as terras do Barão de nova Friburgo. Trata-se de um processo relativamente curto, indicando que os bens arrolados teriam permanecido sob o controle do seu marido, Antônio Teixeira de Carvalho. As imagens a seguir indicam o antigo paiol e o galinheiro, que ainda conservam algumas das suas características originais.



Figura 17. Vista do paio.

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>, p. 257. Acesso em: 17 abr. 2014.



Figura 18. Vista do galinheiro.

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>, p. 257. Acesso em: 17abr. 2014.

Nesse processo, o inventariante Joaquim Teixeira de Carvalho, filho de Rosa, indicou apenas 17 escravos pertencentes ao espólio da falecida. Vejamos algumas características dos escravos de Rosa Vieira de Jesus, em 1862:

Tabela 20. Perfil dos escravos de Rosa Vieira de Jesus

Nome	Sexo	Naturalidade	Idade	Saúde	Valor em réis
Basílio	M	-	-	-	2:600\$000
Camilo	M	-	-	-	2:200\$000

Eva	F	-	-	-	1:900\$000
Felipe	M	-	-	-	600\$000
Floriana	F	-	-	-	1:500\$000
Graciana	F	-	-	-	1:400\$000
Jacintha	F	-	-	-	700\$000
Jorge	M	-	-	-	1:500\$000
José Paulo	M	-	-	-	2:600\$000
Bernardo	M	Crioulo	-	-	1:800\$000
Joaquim	M	Crioulo	70	-	SEM VALOR
José	M	Crioulo	-	-	2:000\$000
Marcolino	M	Crioulo	-	-	1:800\$000
Joaquina	F	Crioulo	50	Doente	SEM VALOR
Lourença	F	Crioulo	72	Muito doente	SEM VALOR
Silvestre	M	Crioulo	50	Muito doente	SEM VALOR
José	M	Africano	-	-	1:000\$000

Fonte: Inventário *post-mortem* de Rosa Vieira de Jesus, em 1862, AMJRJ.

A leitura de um segundo processo de inventário, 21 anos depois, de Antônio Teixeira de Carvalho (viúvo de Rosa Vieira de Jesus), indicou-nos aspectos da expansão do café na região. O maior volume de bens e escravos revelou um processo de enriquecimento da família, experimentado por alguns proprietários do Vale. Em 1862, o espólio deixado por Rosa Vieira de Jesus foi de 43:179\$000 réis. Em 1883, os bens do então viúvo Antônio Teixeira de Carvalho, casado pela segunda vez com Virgínia Amélia Durão Teixeira, herdeira de outro importante proprietário da região, foram avaliados no “monte maior” de 165:869\$510 réis. O número de escravos registrados foi de 89 indivíduos, roças foram incorporadas e novas edificações foram registradas. Vejamos o perfil dos escravos de Antônio Teixeira de Carvalho:

Tabela 21. Distribuição dos escravos de Antônio Teixeira de Carvalho por naturalidade e sexo

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Africanos	1	-	1
Crioulos	22	13	35
Indeterminada	30	23	53
Total	53	36	89

Fonte: Inventário *post-mortem* de Antônio Teixeira de Carvalho, 1883.

Tabela 22. Perfil dos escravos de Antônio Teixeira de Carvalho com indicação da saúde

Nome	Naturalidade	Idade	Profissão	Saúde
Luís	-	41	Sapateiro/ Roça	Defeituoso
Martinha	CRIOULO	24	-	Doente

Estevão	-	24	Roça	Doente
Honorato	CRIOULO	35	Roça	Doente
Ricardo	-	29	Roça	Doente
Thomé	-	29	Roça	Doente
Felícia	-	40	Roça	Doente
Romualda	-	39	Serviço doméstico	Doente
Thomazia	-	24	Serviço doméstico	Doente

Fonte: Inventário *post-mortem* de Antônio Teixeira de Carvalho, 1883.

Embora os escravos inocentes, com menos de sete anos de idade, não apareçam listados na avaliação dos bens, identificamos 11 escravas que foram avaliadas com seus filhos. A partir da leitura do processo, identificamos 62 cativos registrados com informações sobre o ofício que exerciam na fazenda. As atividades relacionadas na fazenda Sossego foram: carpinteiro, carreiro, cozinheiro, roça, serviço doméstico e sapateiro.

Na representação gráfica feita pelo projeto *Inventário*¹⁹⁴, os pesquisadores não identificaram as moradias dos escravos na fazenda Sossego, mas, como vimos nos processos de inventários *post-mortem*, na década de 1850 a propriedade tinha uma “casa de senzalas arruinada e velha”. Posteriormente, na década de 1880, encontramos os seguintes bens: um lanço¹⁹⁵ de casas para senzalas, um lanço de casas para cozinhas e escravos, um armazém, uma coberta para estribaria, uma coberta para tropas.

De acordo com a tabela 22, no inventário de Antônio Teixeira de Carvalho, nove escravos aparecem registrados como “doentes” e um como “defeituoso”. Apesar da notável expansão das benfeitorias da propriedade, a Fazenda do Sossego não possuía hospital ou enfermaria para tratar seus escravos, mas conseguimos reunir indícios dos cuidados dispensados com a escravaria dessa família. No primeiro processo da família, o inventário de Rosa Vieira de Jesus, três escravos foram avaliados “sem valor” por estarem doentes. Encontramos apenas uma nota de pagamento, em abril de 1858, feita ao boticário Theodoro Peckolt, no valor de 24\$100 réis por remédios e drogas, mas ao que parece, referia-se aos cuidados prestados para a proprietária Rosa. Já no segundo processo, o inventário de seu

¹⁹⁴ *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>, p. 229. Acesso em: 17 abr. 2014.

¹⁹⁵ “Extensão de uma fachada; quadrela.” Verbete. Michaelis. Dicionário de Português Online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=lan%E7o> Acesso em março de 2014.

marido, descobrimos outros indícios das despesas com cuidados e tratamentos médicos com os escravos da Fazenda do Sossego.

Em primeiro de fevereiro de 1882, o médico Joaquim Marques da Cruz apresentou o recibo de 1:835\$000 pelo tratamento, até dezembro de 1882, do falecido Antônio Teixeira de Carvalho e de seus escravos. Em 31 de dezembro de 1882 a Farmácia Cantagallense, localizada no largo da Matriz, apresentou um recibo no valor de 82\$740 por medicamentos fornecidos ao falecido até o dia 20 de setembro de 1883. Em 20 de junho de 1883, um segundo recibo foi emitido com descrições dos medicamentos comprados pelos herdeiros do falecido. Em 28 de maio de 1883, foi apresentado um recibo no valor de 242\$990 pelos seguintes serviços:

“(…) comedorias, hospital, médico, medicamentos, carceragem e custas de juízo da provedoria, feitas para a soltura do escravo Antônio pertencente ao espólio do capitão Antônio Teixeira de Carvalho; cujas despesas fiz como procurador da viúva inventariante, devendo declarar que o referido escravo Antônio esteve preso desde agosto de 1882 até essa data.

Rio de Janeiro, 28 de maio de 1883.

C. F. [?]¹⁹⁶

Além dos recursos dispensados aos escravos doentes da fazenda, o recibo acima indica que os herdeiros também investiram na captura dos cativos que haviam fugido. Talvez possamos especular um adoecimento em decorrência dos possíveis castigos como punição por suas ações. Considerando as dificuldades que podia encontrar ao longo da fuga, o escravo Antônio talvez tenha sofrido com fome, frio, cansaço. Assim, antes do retorno à fazenda Sossego, Antônio recebeu medicamentos, atendimento médico, alimentação e, provavelmente, permaneceu internado por algum tempo em um hospital da província. No inventário de Antônio Teixeira de Carvalho, encontramos registrado que outro cativo andava fugido. Manoel, conhecido como “Manoel pequeno”, pardo, com 30 anos de idade, foi avaliado em 400\$000 réis, valor considerado baixo em comparação com seus companheiros de cativeiro. Os gastos feitos pelos indivíduos que o capturaram indicam que os herdeiros de seu falecido proprietário não estariam dispostos a perder mais um cativo do espólio de seu pai.

Na freguesia de Nossa Senhora do Carmo, examinamos o processo *post-mortem* de Francisco de Barros Guimarães, em 1862, proprietário da fazenda Santa Catharina. De acordo

¹⁹⁶ AMJERJ, Inventário *post-mortem* de Antônio Teixeira de Carvalho, 1883.

com informações coletadas para o projeto *Inventário*¹⁹⁷, em 1855 a propriedade foi identificada no Registro Paroquial de Terras como “porção de terras no lugar Santa Catharina...com um quarto de sesmaria”¹⁹⁸.



Figura 19. Vista da Fazenda Santa Catharina.

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>. p. 76. Acesso em: 17abr. 2014.

No inventário de Francisco de Barros Guimarães, em 1862, a propriedade aparece como um “sítio em terras de posse por medir que estimam em 80 alqueires de planta que constitui a situação [...] a situação denominada Santa Catharina por nove contos de réis”. Terras e benfeitorias com paiol, galinheiro, casa de engenho e cerca de 30 mil pés de café formavam o espólio de Francisco. A casa principal foi descrita como uma “casa de morada de sobrado com 72 palmos de comprimento [...] bastante deteriorada, cozinha térrea e mais dependências por dois contos de réis”¹⁹⁹.

São escassas as informações sobre a fazenda no século XIX, que foram mapeadas pelo projeto *Inventário*, já que parte das edificações originais foram modificadas ao longo do

¹⁹⁷ *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>. p. 73-93. Acesso em: 17abr.2014.

¹⁹⁸ *Ibidem* p. 93.

¹⁹⁹ *Ibidem*

tempo. Contudo, ainda permaneceram indicações materiais de um cemitério de escravos na Fazenda de Santa Catharina.



Figura 20. Vista da capela.

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>. p. 80. Acesso em: 17abr. 2014.

De acordo com o projeto *Inventário*, havia uma pedra junto à capela, “uma pedra esculpida exibindo gravação de simbologia religiosa”²⁰⁰, indicando que ali existia um cemitério de escravos. Não encontramos nenhuma referência a esse cemitério no inventário *post-mortem* de Francisco de Barros Guimarães, mas podemos nos indagar se, nas décadas posteriores a sua morte, a escravaria teria crescido rapidamente e seus herdeiros teriam construído outras benfeitorias lugar, incluindo o cemitério dos cativos.

²⁰⁰*Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>. p. 80. Acesso em: 17abr.2014.

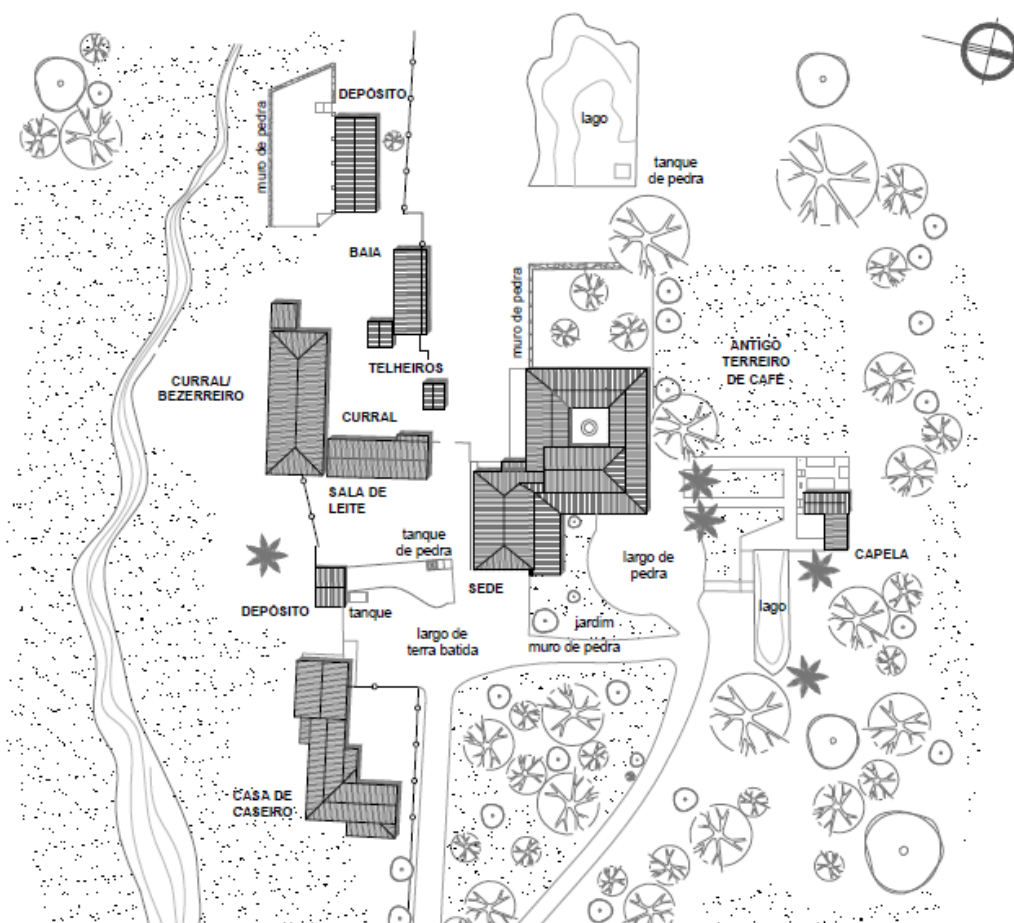


Figura 21. Quadro com detalhamento das benfeitorias da Fazenda Santa Catharina.

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>. p. 90. Acesso em: 17 abr. 2014.

Segundo informações reunidas no projeto *Inventário*, no início do século XIX a Fazenda Santa Catharina era uma importante propriedade de produção de café. Com isso, poderíamos especular que os espaços da “situação”, em 1862, teriam se modificado, acompanhando o crescimento da produção cafeeira experimentado pela região de Cantagalo nos anos posteriores. Vejamos as características da escravaria dessa fazenda em 1862:

Tabela 23. Escravos de Francisco de Barros Guimarães distribuídos por naturalidade e sexo.

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Africanos	3	-	3
Crioulos	1	-	1
Indeterminada	13	15	28
Inocentes	5	1	6
Total	22	16	38

Fonte: *Inventário post-mortem* de Francisco de Barros Guimarães, 1862.

Em relação à escravaria da Fazenda Santa Catharina, encontramos nos processos de inventários *post-mortem* informações sobre suas condições de saúde. O escravo africano Joaquim, de procedência mossangue, era alienado e foi avaliado sem valor algum. O escravo Antônio Joaquim foi descrito como quebrado e a escrava Joana como doente. Ambos tinham 60 anos e foram avaliados em apenas 150 mil réis. Já os escravos mais jovens, ainda que doentes, foram melhor avaliados. Embora o escravo Miguel, com 25 anos, estivesse quebrado das virilhas, ainda valia 400 mil réis, e seu companheiro de cativo, Agostinho, com 26 anos, também defeituoso das virilhas, foi avaliado em 800 mil réis.

Circulando pelas ambiências de Cantagalo, encontramos outra importante *plantation* examinada pelo projeto *Inventário* em que conseguimos reunir mais alguns indícios do cotidiano dos cativos que compunham sua escravaria. A fazenda Nossa Senhora do Bom Sucesso²⁰¹, propriedade de Caetano da Silva Freire, destacava-se das demais edificações do Vale por possuir uma arquitetura diferenciada. De acordo com informações do projeto *Inventário*,

A sede de Bom Sucesso foi construída com enorme solidez e um belo trabalho de cantaria. Suas paredes externas, de pedra, são extraordinariamente espessas, e a casa possui características raras na região, como a presença de três pavimentos de grande altura. O porão, onde ficava a senzala, também apresenta pé-direito muito alto, e por cima dele ainda se erguiam mais dois andares, com um grande número de cômodos, uma cozinha separada do corpo principal da casa, mas unida a ele por uma larga passagem telhada²⁰².

²⁰¹*Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>. p. 307-331. Acesso em: 17 abr. 2014.

²⁰²*Ibidem* p. 331.



Figura 22. Vista da fazenda N. Senhora do Bom Sucesso.

Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>. p. 311. Acesso em: 17 abr. 2014.

A riqueza da propriedade também pode ser medida pelo tamanho da sua escravaria nos primeiros anos da segunda metade dos Oitocentos. Como falecimento de Caetano da Silva Freire, o processo de seu inventário *post-mortem* foi iniciado em 1833 e teve continuidade até 1853, após o falecimento da herdeira Maria Clara Teixeira. A disputa pelo espólio de Caetano entre os seus herdeiros revelou algumas características dos indivíduos que circulavam pelas terras progressivamente tomadas pelos cafezais. Em 1842, Maria Clara Teixeira, inventariante no processo *post-mortem* e viúva de Caetano, ao apresentar uma prestação de contas aos herdeiros do espólio, indicou:

(...) acresceu ter havido mudança nas coisas, umas para reformas, outras para melhor, e outras para pior, bem como a morte de escravos, compra de outros e mortes de animais, feitas no decorrer dos anos tiveram igual sorte, e por isso cumpre requerer a V. S. ^a, como requer, [?] mandar o atual escrivão juntando estes aos autos ²⁰³.

²⁰³ AMJERJ, Inventário *post-mortem* de Caetano da Silva Freire, 1853, p.20,

A Fazenda Bom Sucesso possuía, em 1853, 121 cativos, sendo que 83 foram adquiridos após a morte de Caetano. A compra de mais escravos e a construção de novas benfeitorias reflete o crescimento da propriedade.

Tabela 24. Perfil dos escravos de Caetano da Silva Freire

Naturalidade	Homens	Mulheres	Inocentes	Total
Africanos	77	14		91
Crioulos	16	8	-	24
Sem indicação	1	-	-	1
Total	102	24	5	121

Fonte: Inventário *post-mortem* de Caetano da Silva Freire, 1853.

No longo processo do casal Caetano e Maria Clara, não encontramos indicações sobre tratamento dos cativos doentes, hospitais ou espaços construídos para cuidar dos enfermos. Contudo, ao determo-nos nas informações disponíveis, é possível levantar algumas questões sobre o cotidiano dos cativos de Bom Sucesso.

Em relação aos 38 cativos arrolados no inventário, antes de 1833, oito indivíduos aparecem com alguma indicação sobre doenças ou condições de saúde. Os escravos Camillo, monjolo, 28 anos; Francisco Antônio, congo, 25 anos, com a ocupação de tocador, e Paulo, crioulo, 32 anos, foram registrados apenas como doentes. Antônio cabinda, 22 anos, sofria de uma ferida crônica em uma das pernas. O outro escravo africano, também chamado Antônio, angola, 28 anos, sofria de opilação. Em relação aos defeitos físicos, encontramos os cativos João Francisco, congo, 30 anos, e Manoel, cabinda, 21 anos, rendidos de uma das virilhas e Jorge, Moçambique, 12 anos, com uma perna torta.

Dos 83 cativos comprados após a morte do proprietário Caetano, apenas seis tiveram anotadas indicações sobre suas condições de saúde ou doença. O escravo africano Joaquim Cascudo estava doente. A africana Faustina sofria de gota. No glossário organizado por Edméia Lima, a partir da obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, a gota seria “uma moléstia geralmente hereditária provocada pelo excesso de ácido úrico no organismo e caracterizada por dolorosos ataques inflamatórios que ocorrem, sobretudo, nas articulações”²⁰⁴. Entre os aleijados e quebrados, encontramos os escravos André, “velho”, e o africano Luís, ambos

²⁰⁴PORTO, Ângela. (org.) *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso: a memória de Alexandre Rodrigues Ferreira*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008, p. 111.

rendidos de uma das virilhas. O africano Rufino estava quebrado e outro escravo, também Luís, era aleijado de um braço.

Sobre os cuidados que deveriam ser dispensados aos escravos doentes, Carlos Augusto Taunay já alertava em seu *Manual do agricultor brasileiro*, publicado em 1837. Segundo ele,

Parece incrível que haja precisão de recomendar que se tome cuidado dos pretos doentes, pois que o interesse e a humanidade igualmente exigem. Mas o desleixo e abandono são tais em muitas partes, que somente na ocasião de perigo iminente é que se dá fé do estado dos escravos, e se lembram de os tirar das encharcadas palhoças onde jazem no chão, mas cobertas com trapos pestíferos. É de se esperar que a alta do preço dos negros e menores rendimentos da agricultura tornem os senhores mais solícitos no tratamento da escravatura. Toda a fazenda bem regrada deve ter uma sala e bem arejada para o hospital, como camas de tabuado, boas esteiras ou enxergões, lençóis, camisas e tudo o que é necessário para a cura dos doentes, e se a situação da fazenda permitir, deve-se ter um cirurgião de partido.²⁰⁵

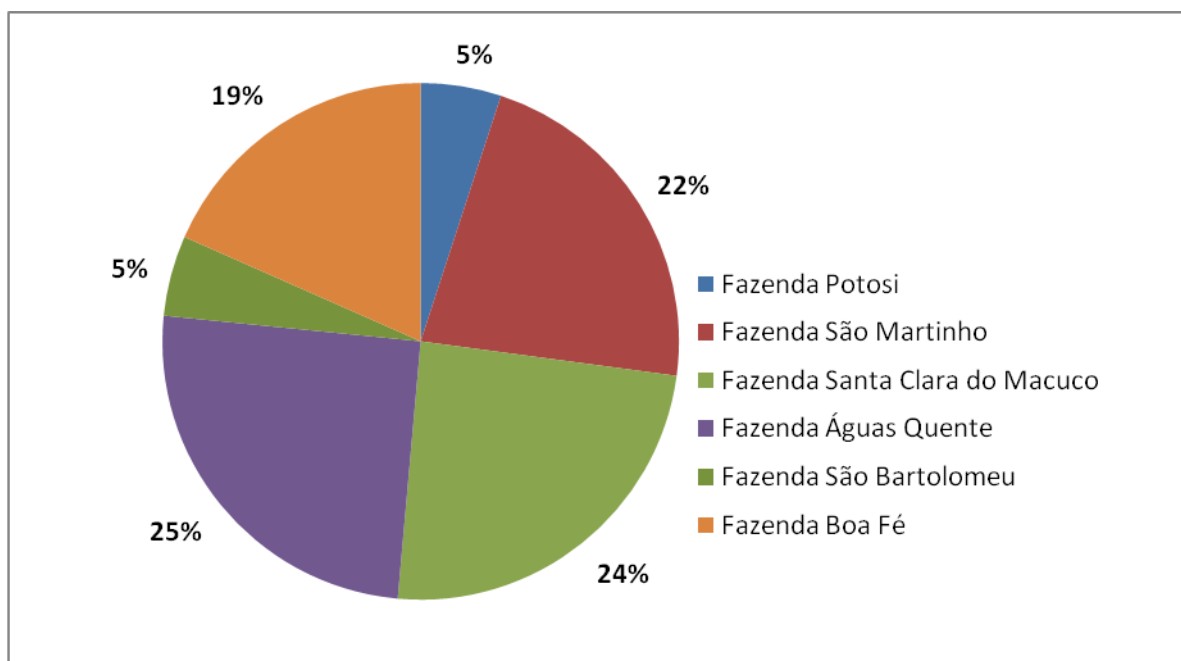
As condições da saúde dos cativos do falecido Caetano da Silva Freire, arrolados no seu inventário *post-mortem*, refletem o quadro geral do período em que o trabalho nas fazendas aparentava ser ainda mais penoso. Considerando o quadro de intensificação do trabalho escravo na segunda metade dos Oitocentos e a clara preocupação dos senhores em conservar essa mão de obra para a crescente demanda de serviço, não surpreende que os escravos sofressem com as marcas irreversíveis das árduas jornadas nas *plantations* de café. Indicamos acima cativos com “defeitos”, um escravo doente e outro que sofria de gota. É possível especularmos, a partir da observação dos “defeitos” dos cativos e da explanação sobre a doença chamada gota, que talvez as moléstias dos africanos não fossem só passageiras, podendo as condições de saúde relatadas no inventário ter afetado o desempenho no trabalho e até mesmo na avaliação durante o processo. Observamos que apenas um escravo doente teve registrado seu ofício. Francisco Antônio, congo, com 25 anos, era tocador, ocupação que talvez pudesse continuar exercendo, já que era jovem e talvez sua moléstia fosse apenas passageira.

Outros indícios sobre o governo dos escravos no Vale do Paraíba Fluminense surgem com a morte do engenheiro holandês Jacó van Erven. As informações que constam no seu inventário *post-mortem*, em 1867, lançam luz sobre os 457 cativos (gráfico 5) que viviam em

²⁰⁵ MARQUESE, Rafael Bivar (org.). *Manoel do Agricultor brasileiro - Carlos Augusto Taunay*. São Paulo: Companhia das Letras. 2001. p.64.

suas terras, constituindo uma fonte preciosa de informação sobre a escravidão e as condições de trabalho nas *plantations* cafeeiras. Segundo esse inventário²⁰⁶, Jacob possuía sociedade com o Barão de Nova Friburgo nas fazendas Água Quente, Boa Fé, Santa Clara do Macuco, São Martinho, Potosi e São Bartolomeu.

Gráfico 5. Distribuição dos escravos entre as fazendas do comendador Jacob Van Erven



Fonte: Inventário *post-mortem* de Jacob Van Erven, 1867. AMJRJ.

Nas fazendas Água Quente, Santa Clara de Macuco e São Martinho, foram registrados hospitais e enfermarias para receber os escravos doentes. Essas propriedades também faziam parte do complexo produtivo do Barão de Nova Friburgo. Na fazenda Água Quente, foi registrado “um hospital com uma cozinha” e botica avaliada em oito contos de réis, na segunda, uma “enfermaria em mal estado” no valor de 150 mil réis e na fazenda São Martinho, “uma casa de hospital” avaliada em 600mil réis. Como as outras propriedades eram anexas a essas fazendas, é bem provável que os cativos doentes fossem tratados nesses espaços. Além disso, também encontramos o registro de um escravo de nome Daniel, pardo, de 60 anos e com a função de barbeiro, avaliado em 400mil réis. Esse escravo vivia na fazenda Santa Clara de Macuco, assim, é possível que ele exercesse seu ofício de barbeiro nas

²⁰⁶ AMJERJ. Inventário *post-mortem* de Jacob van Erven, 1867.

enfermarias e hospitais ou cuidasse de seus companheiros de cativo nas senzalas. Vejamos alguns padrões da população escrava que vivia nessas propriedades.

Tabela 25. Distribuição da população escrava das fazendas de Jacob Van Erven segundo faixa etária, sexo e procedência (1870)

Fazendas	Inocentes	Africanos		Crioulos		Total
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
Fazenda Potosi	5	4	3	3	8	23
Fazenda São Martinho	26	13	6	29	27	101
Fazenda Santa Clara do Macuco	7	35	18	26	25	111
Fazenda Águas Quente	15	18	20	37	25	115
Fazenda São Bartolomeu	5	4	3	3	8	23
Fazenda Boa Fé	11	14	5	31	23	84
Total	69	88	55	129	116	457

Fonte: Inventário *post-mortem* de Jacob van Erven, 1867. AMJRJ.

Como se pode observar pela tabela anterior, a população escrava produtiva das propriedades que faziam parte do espólio de Jacob van Erven era composta não apenas de cativos homens, sendo a presença de mulheres em idade produtiva bastante significativa. A presença de uma parcela considerável de escravos crioulos, particularmente nessas propriedades, revela-nos como um dos mais importantes centros cafeeiros sobreviveu a problemas decorrentes da escassez de mão de obra africana. Destacam-se também, a partir da leitura do inventário de Jacob van Erven, os registros de famílias escravas vivendo nas suas fazendas. Alguns escravos aparecem divididos nas listas e registrados como “famílias”. Logo, verificamos que no quadro demográfico que caracterizava as propriedades de médio e grande porte, revelaram-se aspectos particulares daquela população cativa.

Com importantes abordagens sobre a família escrava se destaca o estudo de Robert Slenes. Ele analisou as estratégias e escolhas que moldavam os arranjos familiares cativos, fundamentalmente formados por aspectos de heranças culturais, que ganhavam contornos

próprios na experiência do cativo. Avançou, assim, num estudo da formação da família, entendendo outros aspectos da experiência e da cultura escrava: “a família é importante para a transmissão e interpretação da cultura e da experiência entre as gerações.”²⁰⁷ Desse modo, inúmeros aspectos da cultura material africana foram, também, cruciais para a formação de laços de solidariedade e identidade entre os escravos. Conclui Slenes: “é possível recuperar no olhar branco um lar negro coerente com os novos dados demográficos”, mas, antes, é preciso conhecer “o espaço marcado pelo encontro entre a herança cultural africana dos escravos e sua experiência no cativo”²⁰⁸.

Na análise das informações sobre os cativos das fazendas de Jacob Van Erven, destacam-se importantes pistas dos arranjos familiares que transformavam as experiências nas senzalas. Em Santa Clara de Macuco foram registradas, pelo inventariante, oito famílias escravas²⁰⁹. Na fazenda São Martinho, encontramos 11 famílias. Na propriedade de Água Quente, foram registradas 11 famílias. No sítio São Bartolomeu, quatro famílias escravas foram identificadas. Na fazenda Boa Fé, foram anotadas dez famílias. Em Potosi, encontramos o registro de quatro famílias escravas vivendo na propriedade. Vale ressaltar que os escravos da fazenda Boa Fé estavam divididos em duas senzalas, uma destinada aos “pretos” e outra só para as “pretas”.

Cogitamos que os laços familiares e de parentesco construídos nas senzalas dessas fazendas tenham sido determinantes nas escolhas das mães escravas sobre o melhor tratamento a ser dispensado aos seus filhos. Segundo o “olhar branco”²¹⁰ do médico alemão Teuscher, era difícil cuidar da saúde das crianças:

Se o tratamento medical dos pretos em geral encontra muitas vezes obstáculos na sua falta de inteligência, se a dificuldade em que maior parte deles se achão e dar conta dos seus sofrimentos limita ordinariamente à exclusão apreciação dos sintomas objetivos, isto tem lugar em muito maior no tratamento das crianças. As mães, pouco cuidadosas ou mal esclarecidas, contribuem geralmente antes para fazerem os seus filhos doentes, do que

²⁰⁷ SLENES, R. *Na senzala uma flor: as esperanças e as recordações na formação da família escrava*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999. p. 142.

²⁰⁸ *Ibidem*.

²⁰⁹ As famílias, identificados pelo inventariante do processo, eram compostas, na maior parte, de mulheres com seus filhos inocentes e adultos.

²¹⁰ *Ibidem*.

para conservarem-lhes os seus filhos a saúde, e estorvão o tratamento em lugar de o ajudarem²¹¹.

Talvez muitos escravos da fazenda tenham se negado a ser tratados ou a tomar as drogas oferecidas pelos seus senhores ou por médicos nos hospitais e/ou enfermarias das fazendas. Poderíamos supor que muitos escravos recorressem aos serviços dos barbeiros cativos que viviam nas fazendas de Cantagalo, tal como o escravo Daniel, que encontramos no inventário de Jacob Van Erven. Na lista dos cativos em que constam informações sobre profissões, encontramos outros escravos identificados como “barbeiros”²¹² vivendo em outras fazendas da região: em 1867, Jacinto, 60 anos, avaliado em 800 mil réis, morava na fazenda Boa Esperança, propriedade do falecido Rafael Ignácio da Fonseca Lontra; em 1872, o escravo Eleutério, crioulo, de 34 anos, avaliado em um conto e 500 mil réis, morava na fazenda União, propriedade da falecida Maria da Veiga Correia de Azevedo.

Ainda sobre as moléstias mais frequentes nas fazendas de Cantagalo, Teuscher observou que fatores como o clima das *plantations* poderia afetar a saúde dos cativos. Segundo ele,

O clima entre os trópicos sem dúvida predis põe para está doença [anemia intertropical, ou opilação], mas as causas próximas que a podem promover são numerosas. Não existe entre os escravos de todas as fazendas igualmente, mas escolhe de preferência aquelas de terras mais úmidas, e por consequência mais férteis²¹³.

Com relação à saúde dos negros nas fazendas de Jacob van Erven, encontramos escassas referências nas listas de escravos. Os escravos doentes apareceram registrados como quebrados (5), cego (1), doente (1), defeituoso (1), opilado (1), paralítico (1) e doente do útero (1).

De outro modo, é possível refletirmos a respeito desse tema examinando as ambiências de Cantagalo, que oferecem fragmentos valiosos para reconstruirmos os cenários de escravidão e doenças. Reflexões sobre os estudos travados nas últimas décadas do século

²¹¹ TEUSCHER, R. *op. cit.* 1853, p.11

²¹² AMJERJ Inventários *post-mortem* de Rafael Ignácio da Fonseca Lontra, 1867 e Jacob Van Erven, 1867.

²¹³ TEUSCHER, R. *op. cit.* 1853.

XIX indicam aspectos da crise da agricultura cafeeira no Vale do Paraíba, dando relevo à dinâmica do trabalho escravo e suas vicissitudes. José Augusto Pádua (1998), ao analisar as ideias ecológicas que permearam o debate intelectual da época no Congresso Agrícola, da década de 70 dos Oitocentos, apresenta-nos importantes questões sobre a crise da lavoura. Ele cita um documento da mesma época, escrito por Luiz Correa de Azevedo, fazendeiro de Cantagalo, que alertava para os problemas das derrubadas das matas. Tal documento informava que

(...) à proporção que terrenos descortinados e plantados se iam esgotando, ou provando serem secas as terras, administradores e fazendeiros, que só miravam materialismo, lucro do momento, iam sem dó nem consciência derrubando novas matas em demanda de novas terras (...)²¹⁴.

Outras narrativas apontam para os problemas das pragas nos cafezais, tais como o *mal da borboletinha* e o *mal de Cantagalo*, que se intensificaram na segunda metade dos Oitocentos, afetando diretamente a produção da lavoura de café. Gelson Rozentino de Almeida teceu alguns comentários sobre a ação dessas pragas:

O caminho mais viável, segundo especialistas (como Luiz Gonzaga Engelberg Lordello) e aceitável, é que os nematóides já ocupavam o seu lugar nas terras antes, com uma lenta expansão natural, tendo sua ação enormemente acelerada através da distribuição de mudas infestadas, realizadas pelo próprio homem²¹⁵.

Eduardo Silva também assinalou como a proliferação das pragas preocupava os proprietários, especialmente nas fazendas do Barão de Pati de Alferes. Em um período de pragas, a produção nas fazendas do Vale era diretamente afetada. A exportação em 1840 e 1850 somava-se em mais de oito mil arrobas de café e caiu para cinco mil arrobas, aproximadamente, em 1862. Em 1863, foi registrada a exportação em quatro mil arrobas²¹⁶.

²¹⁴ AZEVEDO, L. C. de. A Poda e o Arado na Lavoura do Café no Município de Cantagalo. *O Auxiliador da Indústria Nacional*, n. 9, p. 193, 1877. *apud* PADUA, J. A. Cultura Esgotadora: Agricultura e Destruição Ambiental nas Últimas Décadas do Brasil Império. *Estudos Sociedade e Agricultura* (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 11, p. 134-163, 1998.

²¹⁵ ALMEIDA, Gelson R. de. *op.cit.*, 1994, p. 71.

²¹⁶ SILVA, Eduardo. *Barões e escravidão: três gerações de fazendeiros e a crise da estrutura escravista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984. p. 171.

De acordo com Silva, “embora a produção fluminense tenha voltado à normalidade, outras pragas – anteriores à borboletinha – continuaram a atacar os cafezais, como a erva-de-passarinho, planta semiparasítica que se alojava nos cafeeiros mal tratados, e a saúva”²¹⁷. Particularmente sobre a saúva, informou que “atacava os cafezais desde o início da expansão, devorando-lhes as folhas. Sua frequência daria lugar ao aparecimento de uma especialidade dentro da fazenda escravista, o “matador” ou “formigueiro”, escravo especializado em dar-lhe o combate”²¹⁸. Tschudi, em suas viagens, também anotou os problemas decorrentes dessa praga para os fazendeiros do Vale:

A agricultura brasileira mantém uma luta tenaz e constante contra um inimigo de tamanho insignificante, que leva o lavrador ao desespero, sem lhe dar a possibilidade de vencê-lo. Tal inimigo ferrenho é a saúva, que nas regiões do sul se chama tanajura. Todos os viajantes que atravessaram a América do Sul mencionaram esse inseto perigoso, constando antes de tudo os grandes trajetos que percorrem, sua força e suas devastações que causam. Quero, pois, dizer alguma coisa sobre o modo de vida e os hábitos da saúva²¹⁹.

O quadro esboçado da região por cronistas e visitantes estrangeiros passa a ser descrito em meio à rápida expansão dos cafezais. As narrativas destes indivíduos apontam ainda os seguintes aspectos: “irregularidades das estações, a falta de chuvas, o aumento das temporadas de seca, o empobrecimento biológico dos cafezais, as pragas, as formigas”²²⁰. Apresentam-se, assim, aspectos que afetavam a venda e a produção do café e, ainda, causavam problemas com o abastecimento de alimentos na região. Logo, já poderíamos questionar como tais problemas, típicos daquelas propriedades, afetariam diretamente as condições de saúde dos cativos e dos homens livres daquelas paragens.

2.4 - Terra, trabalho e conflito nas fazendas de Cantagalo

Já salientamos como o espaço geográfico de Cantagalo foi tomado progressivamente pela expansão cafeeira e pelo elevado número de escravos que passaram a compor sua população. Nesse contexto, mais indícios sobre a experiência escrava nas *plantations* de café

²¹⁷ SILVA, Eduardo, *op. cit.*, 1984, p. 171-172.

²¹⁸ *Ibidem*, p. 171-172.

²¹⁹ TSCHUDI, *op. cit.*, 1980. p.69.

²²⁰ PÁDUA, *op. cit.* 1998. p.140.

se revelam com a investigação atenta dos inventários *post-mortem* e de outros registros documentais a respeito do acirramento dos conflitos entre senhores e escravos na cidade.

Analisando a documentação produzida pelas autoridades provinciais de Cantagalo, reunimos interessantes pistas sobre esses embates. Uma provável “insurreição de escravos”²²¹ na década de 70 dos Oitocentos levou as autoridades da capital à freguesia do Sumidouro do Paquequer (fazenda Boa Vista), território que na primeira metade do século XIX pertencia à Freguesia de Santíssimo Sacramento de Cantagalo. Um conflito entre escravos, administradores e herdeiros da fazenda Boa Vista revelou aspectos importantes do cotidiano da vida dos cativos que viviam naquelas ambiências de Cantagalo. O “levante” parece ter aterrorizado os moradores da freguesia, tendo sua repercussão chegado a ser publicada em um periódico de outra província. O número 18 do *Diário de Minas*, publicado em Ouro Preto em fevereiro de 1873, registrou entre os fatos mais relevantes ocorridos na região, o episódio do “levante”. No tocante à importância da freguesia do Sumidouro no Vale, o *Almanack do Carmense* descreveu algumas características geográficas do lugar:

No lugar denominado Sumidouro do Paquequer, o rio Paquequer some-se deixando o lugar de seu leito vazio, e vão surgir a uns 300 metros pouco mais ou menos em terras da fazenda da Exma. Sra. D. Anna Leopoldina de Faria Oliveira, despontando as águas como fervendo, cerca de uns 1.500 metros da sede da freguesia. Este mesmo rio Paquequer, além d’outras quedas d’água no município, tem a cascata Conde d’Eu, situada nas vertentes do Sumidouro, cuja cascata tem uma só queda, perpendicularmente, com altura pouco mais ou menos de 100 metros, formando uma grande bacia, em terras do tenente coronel João de Souza Vieira. **O ribeirão da Boa Vista**, em terras de Manoel Maximiliano da Silveira, tem uma cascata chamada Allan, (...) ²²² (grifo nosso).

Na seção “Folhetim” do periódico, o texto inicia com a preocupação das autoridades com a epidemia de febre amarela, que “tem trazido de sobressalto a população desta

²²¹ Aperj, Cx 79; maço 5; notação 221.

²²² Almanack do Carmense. 1888. Villa do Carmo. TYP. do Carmense, 1888. p. 84. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf2/707139/per707139_1888_00001.pdf. Acesso em março de 2014.

Corte²²³, e delinea as dificuldades que viajantes podiam encontrar ao longo dos caminhos que conectavam as importantes regiões da província do Rio de Janeiro e Minas:

A principal medida tomada a esse respeito foi a combinação com o agente oficial de colonização, e consiste em fazer seguir a todos os imigrantes que demandam o nosso porto para as povoações da serra do mar e suas imediações como o Rodeio, Barra do Pirahy, Mendes, Sant'Ana, etc, enfim para os lugares salubérrimos, afim de que aí se restabeçam dos sofrimentos de uma viagem sempre penosa durante a qual o passadio é por si só uma predisposição para serem vitimas da febre amarela²²⁴.

O texto continua informando sobre a repercussão da “notícia de um levantamento de escravos no Sumidouro de Paquequer²²⁵, provavelmente ocorrida nos anos de 1850. Após a morte do proprietário da fazenda Boa Vista, os cativos se recusaram a seguir a rotina de trabalho, alegando que estariam livres depois de saldarem as dívidas que acumularam com o falecido senhor. Depois da repercussão do caso, com inúmeras versões que corriam pela província, os fatos teriam sido esclarecidos naquele ano de 1853. A notícia de que o fazendeiro Francisco Luiz Pereira haveria deixado livre todos os seus escravos em testamento, causa do levante, seria falsa e “sem fundamentos²²⁶. O texto continua com a explicação de que tal notícia teria sido usada por desafetos do falecido Francisco Luiz Pereira, que instigaram seus escravos. Dos revoltosos, noticiava o jornal, 57 teriam fugido em direção a Magé, “onde tencionavam embarcar para vir à Corte, a fim de fazer valer seus supostos direitos à liberdade, quando ali foram aprisionados²²⁷. De acordo com Flávio dos Santos Gomes, a estratégia de fuga para a Corte era muito comum, mas tanto seguir pelas estradas em direção à Corte ou se refugiar em alguma fazenda era uma empreitada muita incerta. “Alguns escravos, para se manter alimentados ou procurar roupas e dinheiro, faziam dos roubos e furtos um investimento arriscado²²⁸. Tais ações tanto podiam acionar ações de solidariedade, como gerar conflitos entre os cativos da região. A partir da descrição, em 1888,

²²³ BN, Diário de Minas - 1866 a 1875 - PR_SOR_02051_376523. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=376523&PagFis=1827>. Acesso em março de 2014.

²²⁴ *Ibidem*.

²²⁵ *Ibidem*.

²²⁶ *Ibidem*.

²²⁷ *Ibidem*.

²²⁸ GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.63.

das distâncias entre as importantes vilas e freguesias que formavam o traçado oriental do Vale, é possível nos indagarmos como podia ser longa a viagem para os que seguiam a pé o percurso:

A Villa do Carmo, dista de Nictheroy, capital da Província do Rio de Janeiro, pela E. F. D. P. II e ramal do Sumidouro, 240 kilometros; da cidade de Cantagalo, 40 Kilometros, pela estrada provincial; da Villa de Nova Friburgo, 66 Kilometros; da estação de Porto Novo do Cunha, 18 Kilometros; da Villa de Sapucaia, 54 Kilometros; da freguesia de N. S. da Conceição do Paquequer (Sumidouro), 18 Kilometros, pela estrada de ferro do ramal do Sumidouro; da estação do Carmo 2 Kilometros. A latitude em que se acha a Villa do Carmo é pouco mais ou menos de 24° 30 e longitude de 42°²²⁹.

Retomando o episódio do “levante” dos cativos em Sumidouro, o conflito gerado na fazenda levou as forças públicas até a freguesia, onde teriam sido recebidas pelos escravos com foices. Contudo, o artigo do *Diário de Minas* conclui que o sucesso do levante foi apenas “local” e informa, tranquilizando seus leitores, que “felizmente, nas fazendas vizinhas, a tranquilidade pública e a segurança individual não tinham sido perturbadas”²³⁰.

A repercussão desse “levante” nos levou a examinar mais de perto as “versões” narradas sobre o conflito em uma importante *plantation* cafeeira. A fazenda, palco do confronto, contava com mais de 100 trabalhadores escravos, o conflito levou à morte três indivíduos e deixou outros três feridos. Como consequência direta das ações envolvendo os escravos e os herdeiros da propriedade, uma atmosfera de tensão e medo espalhou-se pela vizinhança.

Apresentamos, ao longo deste capítulo, uma região moldada pela expansão da economia cafeeira. Observamos que a ocupação de terras férteis e o abastecimento da força escrava regular representavam as variáveis fundamentais que, articuladas, alimentavam e desenvolviam a economia da região. Novas vilas eram formadas, freguesias surgiam às margens dos rios, morros eram tomados pelo cultivo do café, terras eram ocupadas e um grande número de indivíduos passava a frequentar o local. Destacadamente, na segunda

²²⁹ Almanack do Carmense. 1888. Villa do Carmo. TYP. do Carmense, 1888. p.42. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf2/707139/per707139_1888_00001.pdf . Acesso em março de 2014.

²³⁰ BN, Diário de Minas - 1866 a 1875 - PR_SOR_02051_376523. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=376523&PagFis=1827>. Acesso em abril de 2014.

metade dos Oitocentos, examinamos que as ambiências de Cantagalo e vizinhança se desenvolveram através do impulso da produção cafeeira, fundamental para sustentar o cenário clássico de exploração no qual se desenrolavam as experiências dos trabalhadores escravos, a *plantation*. Tais questões nos levam a especular que deviam ser múltiplas as estratégias dos proprietários para manterem sua escravaria produtiva. O cotejamento das documentações apresentadas até aqui revela aspectos de como as relações entre senhores e seus cativos podiam ser permeadas por conflitos em espaços geográficos que se conectavam por caminhos precários e, muitas vezes, intransitáveis. Sobre as dificuldades encontradas na viagem até a fazenda Boa Vista, na freguesia do Sumidouro do Paquequer em 1873, o subdelegado da polícia apontou as dificuldades para que ele e seus funcionários chegassem ao local do conflito²³¹:

Chegando ao Sumidouro às 11 horas da manhã e apesar de apenas de ali distar uma légua a fazenda onde se anunciava como ponto de reunião, poucas informações pude colher pelas quais ficasse eficientemente orientado do objeto para o qual tinha ido ao lugar, [pariando-me] apenas do que ouvi que os escravos de uma fazenda tinham-se recusado ao trabalho.

Não dispondo de toda a força policial que tinha levado comigo, porque ainda estavam algumas praças em viagem e outras fatigadas por terem andado toda a noite a pé e o resto da manhã debaixo de sol abrasador, além disso não vendo tanta urgência no caso que me obrigasse a seguir imediatamente para a dita fazenda reservei para o dia seguinte a minha ida ao lugar²³².

A região que o subdelegado encontrou caracterizava-se por um clima de temperaturas mais frias, com médias de 18 e 19°C, que no inverno variavam entre 10 e 15°C²³³. Os inventários que analisamos descrevem casas de senzalas arruinadas ou velhas, roças tomadas por insetos e trabalhadores que se expunham a animais perigosos nas plantações e sofriam com jornadas de trabalho mais longas nos períodos de colheita. Nesse sentido, ainda que os fazendeiros contratassem médicos, boticários, curadores e construíssem hospitais ou casas de enfermaria para seus cativos, não é difícil supor que devia ser custoso manter esses indivíduos em boas condições para a exploração de seu trabalho, especialmente em um regime demográfico caracterizado pela necessidade permanente do uso da força de trabalho escrava.

²³¹ Aperj cx 79; maço 5 notação 221, 1870.

²³² *Ibidem*.

²³³ ERTHAL, R. *op.cit.*, 2006, p.2.

Com o desenrolar da história de “insurreição dos escravos” na fazenda Boa Vista, é possível seguirmos as evidências do laborioso quadro em que viviam os escravos das *plantations* cafeeiras. A leitura dos documentos produzidos pelas autoridades provinciais sobre o conflito, depositados no Aperj, articulada ao exame do inventário *post-mortem* do administrador da fazenda (morto no embate), José Antônio Vidal, ilumina algumas das “versões” que surgiam sobre o caso.

De acordo com a carta manuscrita do subdelegado da polícia, A. Joaquim de M. Castro, em 1873, um telegrama da freguesia do Sumidouro do Paquequer pedia ajuda para conter “uma insurreição de escravos que se dizia estar preparada, ou já em começo de execução por atos pronunciados e constantes de atentados de que tinham resultado várias mortes”²³⁴. O falecimento do proprietário da fazenda Boa Vista, Francisco Luiz Pereira, parece ter sido o estopim do conflito.

Ao aproximar-se da fazenda, o subdelegado conseguiu poucas informações sobre o caso. Teria ouvido apenas que escravos haveriam se recusado ao trabalho. O receio sobre o assunto parecia-lhe sem fundamentos e, segundo ele, não haveria necessidade “para temer um excesso de consequências mais sérias”²³⁵. Ao chegar à fazenda Boa Vista, o subdelegado encontrou escravos trabalhando em funções ordinárias, examinou a propriedade e começou a inquirir os cativos, que teriam explicado o seguinte:

Que na ocasião em se procedeu ao inventário dos bens do seu falecido senhor Francisco Luiz Pereira, fora-lhes asseverado que eram livres, tendo apenas a obrigação de trabalhar até pagar as dívidas do mesmo seu falecido senhor; e que depois dessa asseveração tendo-se apresentado o suíço José Warol declarando que eles eram seus escravos e não tinham a isso anuído recusando-se então ao trabalho, porque a vista das declarações feitas pela justiça, não podiam reconhecer em Warol o Direito de os tornar escravos.

As pessoas do lugar então informaram-me, que Warol estava em ajuste para a compra da parte da fazenda pertencente à herdeira Dona Luiza Pereira da Rocha, e que para experimentar o animo dos escravos fizera essa declaração.

Que de fato na ocasião do inventário alguma coisa no sentido de depoimento fora aos escravos declarados, e (...)

Que visto a recusa, houve quem aconselhasse a Warol, para este requerer ao Juiz Municipal de Nova Friburgo e avaliadores para irem de novo à fazenda

²³⁴ Aperj cx 79; maço 5 notação 221, 1870.

²³⁵ *Ibidem*

da Boa Vista a fim de convencerem aos pretos da mesma fazenda que eram escravos.

Que Warol, em lugar de assim proceder, dirigiu-se ao subdelegado, que reunindo várias pessoas no dia seis do corrente das seis para as sete horas da noite fora a fazenda, e sendo recebido pelos escravos em massa, mais ou menos [altanados]; agrediram-nos ou foram agredidos, o que não pode ser verificado²³⁶.

Nas palavras do subdelegado, seria muito improvável que os cativos portassem armas de fogo e, provavelmente, Warol e seu grupo teriam atirado primeiro. Com isso, 29 cativos teriam fugido em direção a Magé. Outros foram reconhecidos em casas da vizinhança ao buscarem refúgio e na fazenda permaneceram 137 escravos. Com a explosão do conflito, Warol e seu grupo teriam fugido do local abandonando armas e cavalos. Foi nessa ocasião que foram mortos o administrador da fazenda, José Antônio Vidal, o inspetor de quarteirão e um escravo, tendo sido feridas outras três pessoas.

Depois de concluir que não haveria mais riscos de “insurreição”, o subdelegado finaliza:

Demorei-me no lugar até encontrar quem se dispusesse a tomar conta da fazenda e dos escravos, porque o interessado principal José Warol, a isso se recusará.

Logo que Francisco José da Rocha, filho da herdeira D. Luiza Pereira da Rocha, se me apresentou declarando que estava [?] para receber a fazenda, para ela segue e procedendo a chamada geral dos escravos d’elles fiz entrega ao dito Rocha, convencendo aos pretos que eram escravos e que não havia fundamento no que tinham ouvido de apenas serem obrigados a trabalhar até pagar as dívidas de seu falecido senhor.

Ficarão disso certos, lamentando-se apenas que tivessem sido enganados, sem vantagem para os que tiveram tal ideia²³⁷.

Os dados recolhidos pelo subdelegado indicam que o motivo da ação de “insurreição dos cativos” não teria sido apenas consequência de notícias “sem fundamentos”, boatos disseminados pelos “desafetos” do falecido Francisco Luiz Pereira entre seus escravos. O suíço José Warol e o administrador José Antônio Vidal proclamaram-se herdeiros do falecido, expressando o desejo de comprar partes da fazenda Boa Vista. Ao que parece, a viúva e seu filho concordaram com o negócio e isso teria motivado o protesto dos cativos da fazenda.

²³⁶Aperj cx 79; maço 5 notação 221, 1870

²³⁷*Ibidem.*

Com a recusa destes em aceitarem seus novos “donos”, os “prováveis” herdeiros seguiram para a fazenda, acompanhados das forças policiais locais, com a intenção de tomarem o controle da propriedade. O plano fracassou, alguns morreram, um grupo de escravos fugiu e o grupo liderado pelos administradores da fazenda também fugiu, deixando seus cavalos e armas pelo caminho.

Depois do assassinato do administrador José Antônio Vidal, foi aberto seu processo de inventário *post-mortem*, em 1871. Além de administrador, Vidal também era proprietário de outras terras na região. Sua propriedade possuía 43 cativos e entre os bens arrolados, estavam móveis para uma botica; casa no sítio Vista Alegre; terras na fazenda São Tomé; terras na fazenda Tanque. Além disso, seus herdeiros registraram, até a década de 1880, as contas com despesas para a manutenção da fazenda. Aí está uma particularidade do processo *post-mortem* de Vidal. São raros os inventários em que encontramos notas tão precisas sobre os gastos com escravos. Mas em seu processo foram registrados gastos com roupas, tecidos, materiais para a confecção de roupas, alimentos e “vales” que teriam sido pagos aos trabalhadores.

Tabela 26. Escravos de José Antônio Vidal distribuídos por naturalidade e sexo

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Africanos	8	-	8
Crioulos	21	13	34
Inocentes	-	1	1
Total	29	14	43

Fonte: Inventário *post-mortem* de José Antônio Vidal, 1871.

Sobre os escravos registrados com informações sobre sua profissão:

Tabela 27. Perfil dos escravos de José Antônio Vidal

Nome	Naturalidade	Idade	Ocupação
Nicolau	Crioulo	45	Ferreiro
Cazemiro	Crioulo	35	Lavoura
Antônio	Crioulo	36	Lavoura
Emigídio	Crioulo	38	Lavoura
Cazemiro	Crioulo	37	Lavoura
Raphael	Africano	50	Lavoura
Pedro Grande	Africano	40	Lavoura
Simão	Crioulo	16	Lavoura
Izidoro	Crioulo	20	Lavoura
Margarida	Crioulo	31	Lavoura

Paulo	Crioulo	12	Lavoura
Vicência	Crioulo	30	Lavoura
Isabel	Crioulo	10	Lavoura
Luiza	Crioulo	34	Lavoura
Fabricia	Crioulo	25	Lavoura
Antônio	Crioulo	28	Lavoura
Ludovina	Crioulo	30	Lavoura
Jezuina	Crioulo	26	Lavoura
Lucio	Crioulo	30	Tropeiro

Fonte: Inventário *post-mortem* de José Antônio Vidal, 1871.

Analisando as narrativas a partir da correspondência das autoridades, supomos que os escravos da fazenda Boa Vista estariam temerosos com a rigidez que talvez fosse implantada na fazenda, quando Vidal e Warol assumissem seu controle total. Sabe-se que com a divisão de partes da propriedade, a densa escravaria da fazenda Boa Vista poderia ser dividida ou vendida para outras fazendas. Não é possível inferirmos se o protesto escravo, expresso pela recusa do trabalho e pelo assassinato do administrador, indica que realmente os cativos acreditaram na promessa de que após algum tempo de trabalho receberiam sua alforria, ou se apenas o fizeram devido ao temor de que um proprietário mais cruel (possivelmente, o administrador Warol) tornasse seu cotidiano na fazenda ainda mais difícil. Imaginamos como devia ser penoso o trabalho nas *plantations* daquele período, e a narrativa do subdelegado reforça essa impressão, tendo deixado em relevo as dificuldades que os praças encontraram para chegarem até a fazenda Boa Vista, além de descrever como as viagens entre as freguesias da região podiam ser fatigantes.

Retomando o relato do subdelegado sobre o episódio do conflito na fazenda do falecido Francisco Luiz Pereira, o depoimento de testemunhas revelou o nome de alguns dos personagens envolvidos na trama: o escravo mulato Benjamim teria proferido no terreiro, em frente à casa de morada dos proprietários, um discurso alegando que todos seriam forros e que sabia por “diversos brancos que o seu falecido senhor os tinha deixado forros em testamento”²³⁸. As informações que reunimos com a leitura do manuscrito indicam que os escravos que haviam fugido não conseguiram chegar à Corte. A maioria deles foi capturada em Magé e alguns ficaram presos na Casa de Detenção da capital. A correspondência das autoridades policiais relatara que 29 fugitivos foram capturados, um escravo faleceu e o líder

²³⁸ Aperj cx 79; maço 5 notação 221, 1870

do grupo, o escravo Benjamim, conseguiu fugir novamente, abandonou seus parceiros e seguiu para “a entrada da Piedade e não foi encontrado”²³⁹.

Em outra freguesia de Cantagalo, na década de 60 do século XIX iniciou-se, com o falecimento de Anna Margarida Ursúla²⁴⁰, o processo do seu inventário. No decorrer do processo, o inventariante informou que teve muita dificuldade em administrar o espólio da falecida, uma fortuna avaliada em mais de 76 contos de réis, devido a conflitos entre os herdeiros. Em nota, o oficial de justiça do Juízo Municipal José Esteves Gonçalves e o oficial Custódio José Coelho informaram:

(...) achamos a dita fazenda em completo abandono sem que estivesse na fazenda mais que um preto doente pedimos informações a seus vizinhos sobre o desaparecimento dos escravos pertencentes à mesma Fazenda nos foi informado que no dia seis próximo passado o dito José Cipriano Rossier e seu irmão João Basilio Rossier se evadirão com todos os escravos pertencentes à dita fazenda²⁴¹.

Em 1862, um dos herdeiros apresentou um pedido para retomar o controle do espólio da sua falecida mãe. João Francisco de Araújo acusava dois outros herdeiros de abandonarem a fazenda e fugirem com os escravos que moravam na propriedade. Em um dos documentos que fazem parte do processo, João Francisco descreveu-nos:

(...) a fazenda estava em completo abandono estando seus cafezais no mato e sem os escravos necessários para os trabalhos na fazenda (...) encontrou quinze escravos sendo dois unicamente do serviço da roça, e a maior parte crias e o resto mulheres encarregadas de tratar das mesmas, algumas das quais estão enfermas. Vê-se, portanto o suplicante inabilitado de remediar esse mal, mesmo porque os escravos estão desmoralizados, e receia o suplicante que exercendo o rigor eles se evadam e precisa ao mesmo tempo incumbir a alguém a guarda dos bens inventariados; no que necessariamente tem de fazer despesas, que afinal documentará para serem atendidas²⁴².

Fragmentos dessa história revelam muitas faces do cotidiano dos escravos. A leitura da documentação envolvendo os proprietários falecidos Francisco Luiz Pereira, José Antônio

²³⁹ Aperj cx 79; maço 5 notação 221, 1870

²⁴⁰ *Ibidem.*

²⁴¹ *Ibidem.*

²⁴² *Ibidem.*

Vidal e Anna Margarida Úrsula indica que o cotidiano das relações entre senhores e escravos era permeado por tensões, conflitos. Como sugeriu Flávio dos Santos Gomes, “Escravos não só percebiam o mundo a sua volta, não só o modificavam, como agiam em função dessas possíveis mudanças”²⁴³. Nesse sentido, não seria possível supor que os conflitos travados entre os herdeiros pela herança da família teriam motivado o aumento das tensões entre escravos e os prováveis novos proprietários das fazendas examinadas? No primeiro registro da fuga dos escravos da fazenda da falecida Anna Margarida Úrsula, os oficiais de justiça da região encontraram apenas um cativo, que provavelmente não fugiu porque estava muito doente. Antônio congo foi avaliado em apenas 200mil réis por estar doente, enquanto a maioria dos seus companheiros de cativeiro foi avaliada em mais de um conto de réis. Tudo indica que tais conflitos afetaram o abastecimento da fazenda e, provavelmente, comprometeram a venda do café, afetando diretamente o cotidiano daqueles escravos. Nesse contexto, de fato eles estavam “desmoralizados” e a vida na fazenda revelava-se ainda mais árdua, evento que afetaria diretamente a saúde dos cativos e influenciaria nas ações empreendidas por eles.

Além do falecimento dos proprietários de Cantagalo, que poderia desestabilizar o dia a dia nas fazendas cafeeiras, a propagação das epidemias que ceifavam vidas nas proximidades das cidades atlânticas²⁴⁴ também preocupava os senhores do Vale. Eduardo Silva assinalou o quanto o Barão de Pati do Alferes, da região de Valença, se inquietava com os rumores de epidemias:

Em setembro de 1853, o Barão pede o seu correspondente, no Rio, para mantê-lo informado sobre o *estado sanitário dessa cidade*. Como a epidemia persistisse no entreposto de Iguazu, passa a mandar a tropa pela Pavuna e pede ao comissário para fazer o mesmo com as encomendas que enviasse as fazendas. Informa, contudo, que *por ora nem um caso há em cima da serra da moléstia que nos assalta*. Em novembro, contudo, percorre as fazendas de Santa Ana e Piedade, demorando-se de volta ao pitoresco Monte Alegre. Embora tudo corresse bem, um caso de cólera, nas proximidades, deixa-o de sobre aviso. Os receios de a respeito do imenso capital ameaçado pelas epidemias o levam a evitar o contato através da tropa, com os lugares afetados pela cólera, bem como a compra de novos escravos que,

²⁴³ GOMES, F. *op.cit.*, 2006. p.78.

²⁴⁴ Cf. KARASCH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850*. São Paulo: Companhia da Letras, 2000. Especialmente o capítulo *As almas: os que morriam*. pp.143-167.

incorporados as turmas de trabalho, poderiam trazer prejuízos imensos (grifo do autor)²⁴⁵.

Esse trecho apresenta algumas estratégias empreendidas pelo Barão de Pati do Alferes para que sua tropa de escravos não fosse contaminada pelas epidemias que assolavam várias regiões da província. O trabalho dos escravos tropeiros era de essencial importância para o sucesso da lavoura cafeeira. Circulando pelos caminhos sinuosos do Vale, levavam a produção da fazenda para os portos ou seguiam pelas principais estradas que ligavam à Corte, depois voltavam para as fazendas trazendo gêneros alimentícios para o abastecimento da propriedade. Aqui surgem pistas interessantes sobre a saúde escrava. Como alertou o Barão de Pati do Alferes, os escravos tropeiros que passavam pelas circunvizinhanças com surtos epidêmicos poderiam desestabilizar a vida na propriedade. De acordo com as anotações do médico Teuscher, dos 900 escravos das fazendas em que trabalhou, não eram todos do ofício da roça. Segundo ele, “sem contar as crianças, apenas a metade ocupam-se real e continuamente de lavoura; o resto é empregado em obras, com tropas, e outros serviços”²⁴⁶. Ou seja, o exame dos ofícios desses escravos revela-se como variável fundamental para compormos “a estatística sanitária da raça ethiopica”²⁴⁷ nas ambiências de Cantagalo.

Nas fazendas de Cantagalo verificamos que os senhores também dispensavam certos cuidados a sua escravaria. Além das duas fazendas com hospitais identificadas pelo médico alemão, já citadas, encontramos o registro de outras construções que serviram de hospital ou enfermaria para os doentes cativos, assim como o registro de gastos com o tratamento de suas doenças em algumas propriedades da Vila de Cantagalo. Vejamos alguns desses documentos. Em fevereiro de 1877 foi registrada a visita de um médico na fazenda Amparo, onde viviam 66 cativos, propriedade do falecido Lino Pinto da Rocha. O inventariante Jerônimo Pinto da Rocha anexou ao processo notas de pagamento com algumas despesas que teve com a propriedade. Uma dessas notas informa que o inventariante pagou pelos serviços do médico que foi “chamado” em um dia “com chuva” e por uma “receita” ao escravo Carlos, de 57 anos, trabalhador da roça. Outro registro indica um “chamado com temporal e a insistência do mesmo exame e receitas para os escravos Carlos, Ambrósio, Aninha, Domingas”²⁴⁸. Novamente o médico precisou voltar à fazenda, foi “chamado com mesmo contratempo e

²⁴⁵ SILVA, *op. cit.*, 1984, p. 149-150.

²⁴⁶ TEUSCHER, *op. cit.*, 1853, p.11

²⁴⁷ *Ibidem*, p.3.

²⁴⁸ AMJERJ, Inventário *post-mortem* de Lino Pinto da Rocha, 1875.

repetição para a escrava Aninha, e novos exames para os enfermos acima mencionados”. Em junho de 1877, foram anotados outros gastos com os cativos. Uma nota com o valor de 25 mil e 500 réis foi usada para pagar a Henrique Hafeld, proprietário de uma botica na região. Estavam entre os itens pagos: “remédios para o menino Honorato”, “pílulas para Agostinha”, “xarope para Agostinha”, “pílulas para Aninha”, “um vidro de peitoral de cereja”, “pomadas”, “basilicão”.

Em 1883 a doença de outro morador de Cantagalo, Manoel Pereira Lopes²⁴⁹, proprietário de uma fazenda com 40 escravos, levou o médico Dr. Torres Quintanilha a sua residência. Além de tratar Manoel com longas “visitas” e “horas de assistência à cabeceira do enfermo”, o médico aproveitou para cuidar de outros doentes da casa. Segundo consta em uma nota anexada ao inventário, ele recebeu por “visitas ao escravo Manoel Antônio”, “visita ao escravo Joaquim” e novamente por “consulta ao escravo Manoel Antônio”.

Analisando o libelo de João Lopes Martins²⁵⁰, em 1872, surgem novamente fragmentos da história marcada por tensões e fugas de alguns dos seus escravos. O inventariado possuía uma fazenda com 123 cativos, no entanto, três deles fugiram em direção à capital. É provável que os escravos tenham visto na morte do seu senhor o momento ideal para pôr seus planos de fuga em prática. Por ora, não podemos precisar as razões e motivações que os levaram à fuga, contudo vale a pena destacar alguns episódios dessas histórias. Com exceção do escravo africano Inocência, que aparece avaliado por apenas 400 mil réis, os outros dois fugitivos, Ricardo e Marcelino, eram vistos como peças valiosas do espólio de João Lopes Martins, sendo cada um deles avaliado em mais de um conto de réis. Em abril de 1877, o inventariante dos bens de João L. Martins já havia anunciado no *Jornal do Commercio* a fuga dos seus escravos. Em 23 de julho do mesmo ano, aparece anexado ao processo que o escravo Marcos tinha sido levado à carceragem e fora tratado em um hospital. Uma nota da casa de detenção de Niterói revelou que Marcos ficara no cárcere por dez dias, e outros 16 dias em tratamento em um hospital da região. No dia 26 de julho seguinte, foi paga a quantia de 20 mil e 400 réis ao Hospital de São João Batista, em *Nictheroy*, pelo tratamento do escravo na enfermaria local por 17 dias.

No decorrer do inventário de João Lopes Martins, surgem mais anotações sobre despesas com a “apreensão” e “soltura” de Marcelino crioulo, que exercia o ofício de

²⁴⁹AMJERJ, Inventário *post-mortem* de Manoel Pereira Lopes, 1883.

²⁵⁰AMJERJ, Inventário *post-mortem* de João Lopes Martins, 1872.

cocheiro, Ricardo crioulo, pedreiro, e Inocência africano, que trabalhava na roça. Os gastos com a captura e tratamento médico desses três escravos somaram mais de quatro contos de réis. Em agosto de 1877, o escravo Ricardo crioulo havia fugido e fora capturado. Num recibo consta o pagamento de uma gratificação no valor de 198 mil e 700 réis aos seus captores. Logo depois, no mesmo mês de agosto, o tesoureiro da secretaria da polícia da província do Rio de Janeiro, João José da Costa Velho, assinou uma nota no valor de 300 mil réis para as seguintes despesas do escravo Ricardo: “por dez dias de detenção do escravo; carceragem; despesas no hospital de São João Batista; transporte do escravo para Cantagalo, inclusive o regresso das praças que o escoltaram; alvará de soltura e selo; ofício para fazer seguir o escravo para Cantagalo”²⁵¹. Investigando outros documentos, anexados ao processo do falecido João Lopes Martins, encontramos informações sobre os cuidados da escravaria. Em várias notas são registrados o pagamento dos vencimentos do médico Dr. Joesinando Avelino Pinho. Em janeiro de 1870 foram pagos os “vencimentos como médico de minha família, dos escravos das minhas fazendas e dos meus empregados e bem assim como meu procurador”²⁵². Talvez esse médico tratasse dos doentes no hospital da fazenda Boa Vista, além disso, essa fazenda também possuía uma botica. De acordo com o processo, João Lopes Martins tinha 123 cativos distribuídos em três fazendas: Boa Vista, Sossego e Douradinho.

A “Casa de Saúde *Nictheroyense*” parecia ser o destino de muitos doentes que circulavam pelos territórios próximos ao Vale Fluminense. No processo de inventário de João Lopes Martins, como já mostramos, seus escravos em fuga para a capital foram capturados e levados para a casa de detenção em Niterói e internados no hospital da região. Não é possível determinarmos se o fracasso da fuga deveu-se ao adoecimento dos cativos ou se este foi causado pelas dificuldades encontradas nos caminhos até a capital, tais como fome, frio etc. Na década de 1860, correspondências oficiais entre a Secretaria da Polícia da província do Rio de Janeiro e o presidente da província indicam o “mapa sanitário da Casa de Saúde *Nictheroyense*”²⁵³ e oferecem-nos valiosas informações sobre os espaços em que, provavelmente, os escravos Ricardo, Marcelino e Inocência foram internados uma década depois. De acordo com o mapa apresentado, os diretores da casa de saúde, João José Pimentel e J. Luiz Rocha, apresentaram informações dos indivíduos tratados em março de 1865. Vejamos:

²⁵¹ AMJERJ, Inventário *post-mortem* de João Lopes Martins, 1872. AMJERJ.

²⁵² AMJERJ, Inventário *post-mortem* de João Lopes Martins, 1872. AMJERJ.

²⁵³ Aperj cx 79; maço 2; notação 223.

Tabela 28. Mapa sanitário da Casa de Saúde Nictheroyense, 1865.

1865												
Março												
	Indigentes				Pensionistas							
					Livre				Escravo			
	Nacional		Estrangeiro		Nacional		Estrangeiro		Nacional		Estrangeiro	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Existiam	7	6	12	3	-	-	-	-	4	2	1	-
Entraram	9	2	711	-	-	-	3	-	9	1	-	-
Saíram	7	3	57	3	-	-	2	-	6	1	-	-
Faleceram	2	1	5	-	-	-	-	-	-	1	-	-
Passam	7	4	11	-	-	-	1	-	7	1	1	-

Fonte: Aperj cx 79; maço 2; notação 223.

Com relação aos falecidos “indigentes”, as causas da morte registradas foram: tubérculos pulmonares (1); tifo (1); febre perniciosa (1); febre tifoide (1); hypoemia (1); cachexia paludosa (1); ascite (1); [desficação] das válvulas do coração e “o falecido escravo foi de tubérculos pulmonares”²⁵⁴.

Os mapas sanitários do mês de maio também foram fornecidos pelos diretores da instituição. Vejamos,

“Voluntários da Pátria, existiam 9 homens nacionais, entraram 104 homens e 3 mulheres nacionais, sairão 66 homens, faleceram 2 homens e ficam em tratamento 45 homens e 3 mulheres nacionais.

Os falecidos voluntários foram 2, 1 de varíola e 1 de leucaphlegmacia que faleceu 2 horas depois da entrada.

Os indigentes foram; 1 abscesso interior, 1 de colite, 1 de febre perniciosa, 1 de artrite, 1 de pneumonia, 1 queimadura e 1 de úlceras .

Os escravos foram: 3 de varíola confluyente, 1 de hypasmia e 1 de tubérculos pulmonares.

Casa de Casa de Saúde Nictheroyense, 2 de maio de 1865.

²⁵⁴ Aperj cx 79; maço 2; notação 223.

Os diretores D. João José Pimentel ; José Martins Rocha”²⁵⁵

Um manuscrito posterior revela mais alguns índices:

“De 1 de julho do mesmo ano próximo passado a 30 de abril do corrente ano tem-se tratado na Casa de Saúde Nictheroyense 544 doentes, dos quais faleceram 82, sairão curados 390 e ficam em tratamento 72.

Dos 544 eram indigentes 221, voluntários da Pátria 191, e pensionistas 132, isto é, 26 livres e 106 escravos.

Dos falecidos eram 57 indigentes, 2 voluntários da Pátria e 23 pensionistas, 5 livres e 18 escravos.

Dos que sairão erão 149 indigentes, 141 voluntários e 90, 19 livres e 81 escravos.

Das que ficam em tratamento são 15 indigentes, 48 voluntários da Pátria e 9 pensionistas, 2 livres e 7 escravos.

A mortalidade foi de 20,10%

Casa de Saúde Nictheroyense, 2 de maio de 1865.

Os diretores D. João José Pimentel; José Martins Rocha.”²⁵⁶

As anotações sobre as condições sanitárias dos locais de tratamento dos doentes indicam os aspectos insalubres para onde escravos fugitivos poderiam ser levados quando capturados. Ao longo deste capítulo, mapeamos as ambiências em que cativos circulavam, ressaltando como poderia ser precária a vida nas *plantations* cafeeiras. À medida que o regime escravista em Cantagalo expande-se e afirma-se como central na economia cafeeira da província, transformam-se as relações no trabalho escravo e revela-se um cenário de exploração mais intenso. Com isso, escravos que se arriscavam na fuga, além de se depararem com diversos desafios ao seguirem pelos caminhos que cortavam as serras atlânticas, podiam sofrer ainda mais com as consequências do fracasso da empreitada. As informações sobre os escravos da região de Cantagalo e das vizinhanças que foram capturados indicam que, ao passarem pelos cárceres da província, alguns seguiram, posteriormente, para hospitais ou casas de saúde antes de serem entregues aos seus donos. Os dados da *Casa de Saúde*

²⁵⁵ Aperj cx 79; maço 2; notação 223.

²⁵⁶ *Ibidem*.

Nictheroyense ainda que para períodos curtos, pontuam aspectos precários dos espaços de tratamento por onde cativos circulavam.

Os relatos que conseguimos reconstruir dos conflitos travados entre escravos e seus senhores nas *plantations* examinadas indicam que esses não eram os únicos episódios que despertavam temores na população da região e nas vizinhanças. Como discutimos, ao longo deste capítulo, a presença maciça de escravos, especialmente africanos, já delineava, na segunda metade do século XIX, um contexto social agitado na planície e nos morros que circundavam os vales da região que compunham o território de Cantagalo. O exame da documentação dos inventários *pots-mortens*, articulada a outras fontes documentais, contribuiu para contextualizarmos e delineararmos o quadro de tensões que se estabelecia, por exemplo, com a morte do senhor de uma propriedade. Para além dos volumosos dados quantitativos sobre a população escrava que expomos na primeira parte deste capítulo, apresentamos faces de um universo social em que se destacam histórias de conflitos entre senhores, escravos e médicos. Partindo da perspectiva de que escravos acionavam estratégias múltiplas para lidar com a exploração cada vez mais intensa nas *plantations* de café, observamos ainda que seus senhores também incorporavam outras ações para manterem sua escravaria controlada e produtiva. Essa investigação nos levou a perceber que os cuidados dispensados para preservar a saúde dos cativos faziam parte de um conjunto de ações que tinham como objetivo garantir que a produção das propriedades se expandisse. Logo, esses cativos precisavam estar em condições favoráveis de exercerem seus ofícios. Com a ênfase nas tensões geradas entre senhores e médicos, notamos também que a presença destes indivíduos agregava mais um ingrediente nas relações conflituosas entre aqueles e os escravos. Como veremos no próximo capítulo, com a morte dos proprietários de escravos surgiam novos embates e muitas dívidas deixadas pelos falecidos, posteriormente foram cobradas pelos médicos. Tais dívidas apresentam o universo complexo das *plantations* de Cantagalo, desvendam um quadro de múltiplos interesses que conduziam as elites senhoriais do Vale e indicam como poderia ser problemático responder à competitiva demanda da produção cafeeira no cenário local e no quadro externo da economia.

Capítulo 3

Em torno da saúde e da doença: investigando as experiências escravas nas *plantations* cafeeiras



Figura 23 . Estrada para o Cônego. Fundação D. João VI de Nova Friburgo - ²⁵⁷

²⁵⁷CDPM, Estrada para o Cônego, Álbum de família (1904-1912), Coleção de Luiz Raphael Jaccoud. Localização digital: FG04000004F.

*Enlevados em tantas belezas, não tínhamos prestado atenção ao caminho, quando de repente, saímos da cerrada floresta virgem e vimos um comprido e largo vale coberto de cafezais que se estendia diante de nós. À esquerda elevavam-se para lá da floresta penhascos cobertos de Cactáceas, enquanto que à nossa direita, acima de nós, começava novamente a floresta*²⁵⁸.

A epígrafe acima apresenta o deslumbramento que o Príncipe Adalberto, da Prússia, sentiu ao avistar os primeiros cafezais de Cantagalo. Seu desejo de desbravar matas virgens da Amazônia o levou a penetrar diferentes paisagens até a chegada do destino final da sua viagem. Saindo do Rio de Janeiro no ano de 1847, sua excursão seguia os percursos de muitos viajantes do seu tempo. Assim como descrevemos no capítulo anterior, Cantagalo estava situada entre vales esculpidos pelos rios Grande, Negro e Macuco, a região de *Cantagalo das Novas Minas dos Sertões de Macacu*, assim nomeada em fins do século XVIII, já chamava a atenção das autoridades coloniais, proprietários de terras e posseiros. Era um território ainda não desbravado que, por suas potencialidades auríferas, tornou-se conhecido na região fluminense nas últimas décadas dos Setecentos.

De acordo com Clélio Erthal, a “miragem do ouro” impulsionou a rápida ocupação da região, mas foi o “esplendor do café”²⁵⁹ que tornou os sertões de Macacu conhecidos nas duas margens do Atlântico. Foi com a explosão da economia cafeeira nesse território encravado em uma zona serrana, que o arraial foi elevado a Vila de Cantagalo em 1814. Projetou-se, assim, no cenário atlântico e atraiu os olhares de diversos indivíduos.

As ambiências de Cantagalo também se caracterizavam pela facilidade de circulação por mar, já que seus principais rios, “descendo a borda da Serra, procuravam as baixadas litorâneas e alcançavam o oceano”²⁶⁰. Isso facilitava a comunicação e aproximava outras regiões do território fluminense. Além disso, a presença de uma esplendorosa floresta tropical naquele lugar foi outro importante fator que proporcionou a Cantagalo o cenário ideal para observação e investigação da vegetação, atraindo os investimentos de indivíduos impelidos em alcançar altos lucros com a economia cafeeira. Os fragmentos das narrativas registradas de visitantes estrangeiros, como as do Príncipe Adalberto, que no seu diário de anotações indica aspectos interessantes daquela banda oriental do Vale do Paraíba fluminense, revelam-nos paisagens que despertavam o interesse de pessoas de fora. Não só estrangeiros, mas também

²⁵⁸ PRÚSSIA, Adalberto da. *Brasil: Amazonas – Xingu*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1977, p. 86-87.

²⁵⁹ ERTHAL, Clélio, *op. cit.*, 2008.

²⁶⁰ ERTHAL, Rui. *op.cit.* 2006, p.2

colonos, proprietários de terras em busca de novos investimentos, trabalhadores livres e pobres acabaram por voltar a atenção para o Vale. Esses indivíduos cortavam os tortuosos caminhos *serra acima* em busca de aventuras, investigação da fauna tropical, descoberta de terras e melhores oportunidades de trabalho. Em pouco tempo, as clareiras abertas no matagal para as plantações e roças de arroz, cana, feijão, milho, mandioca, frutas e verduras que abasteciam territórios vizinhos davam lugar à produção cafeeira. Esta, devido à conjuntura favorável, começou a proporcionar, depois da década 1830, um rápido crescimento econômico ao local.

Progressivamente, ao longo da segunda metade do século XIX, o território que compreendia a Vila de Cantagalo configurava-se como um dos mais importantes centros cafeeiros do país. Por toda a sua extensão, o cultivo do café oferecia lucros elevados, resultando num processo de enriquecimento acelerado dos proprietários locais, moldando a cartografia da região e transformando as relações sociais na área de *plantation*. Mesmo na década de 70 dos Oitocentos, Cantagalo não apresentava sinais de crise²⁶¹, distinguindo-se da parte ocidental do Vale fluminense. Para Francisco V. Luna e Herbert Klein²⁶², embora o censo de 1872 tenha revelado um acelerado crescimento da população negra livre no período, as regiões mais dinâmicas do Império, caracterizadas pela agricultura de exportação, foram abastecidas, essencialmente, pela mão de obra cativa até a abolição da escravidão. A reposição regular da força de trabalho escrava sustentou o processo de enriquecimento dos grandes proprietários, revelando um movimento intenso do comércio de cativos entre as províncias.

Nesse quadro social particular, terras livres eram ocupadas e mais escravos eram utilizados para alimentar as grandes lavouras da banda oriental do Vale. As variáveis “terras” e “força de trabalho escrava” sustentaram o sistema agrário que projetou Cantagalo nos mercados mundiais. Segundo Vinhaes, “fazendeiros de Cantagalo, sobreviveram com vigor às ‘agruras’ decorrentes da extinção do tráfico”²⁶³ e para isso elaboraram estratégias a fim de manter a escravaria produtiva. Essas estratégias passavam, é claro, pelo âmbito da saúde desses trabalhadores. Alguns proprietários investiam em edificações para receberem os doentes escravos, outros contratavam os serviços de médicos, cirurgiões ou barbeiros e compravam medicamentos nas boticas e farmácias da região. Tais indícios não traduzem um sistema de exploração mais ou menos cruel, mas revelam a diversidade dos espaços sociais

²⁶¹ VINHAES, *op. cit.*, 1992, p. 140.

²⁶² LUNA e KLEIN, *op. cit.*, 2010, p. 112.

²⁶³ VINHAES, *op. cit.*, 1992, p. 140.

em que atuavam senhores e cativos e a complexidade de uma sociedade escrava que moldava o sistema de grande lavoura em um espaço social particular e em um tempo específico. Ou seja, nosso interesse aqui não é apresentar uma região escravista caracterizada por um melhor ou pior tratamento dispensado aos cativos doentes. É, sim, expor cenários de saúde e doenças desses cativos, que desnudam os arranjos empreendidos pelos senhores para assegurar a produtividade nas *plantations* de Cantagalo. Nesses cenários que permeavam os complexos mundos da escravidão, conseguimos recuperar as estratégias de sobrevivência tecidas pelos escravos de Cantagalo, além de observar aspectos dos acordos e negociações elaborados entre senhores e médicos, no empenho de preservarem seus próprios interesses.

Por essas razões, reforçamos que as ações de cuidado com a saúde dos escravos refletem claramente o interesse dos proprietários em manterem-nos em condições favoráveis de trabalho. Contudo, retomando os argumentos de Francisco V. Luna e Herbert Klein, “o controle rígido e a violência física necessários para assegurar a produtividade talvez sejam os fatores que marcaram essa forma de exploração”²⁶⁴. Consideramos que em uma sociedade moldada pelo sistema de grande lavoura, caracterizado pela monocultura e o uso do trabalho escravo, a estratificação e a organização social são muito mais complexas do que o que as análises tradicionais sobre a escravidão no Brasil apontaram. Por essa razão, o mapeamento das doenças dos cativos e dos cuidados dispensados pelos senhores de Cantagalo com a sua saúde revelou um quadro aterrador do cotidiano de trabalho em uma região transformada pela agricultura de exportação ao longo do século XIX.

²⁶⁴ LUNA e KLEIN, *op. cit.*, 2010, p. 130.

3.1-História da saúde e das doenças: aspectos da vida escrava em Cantagalo

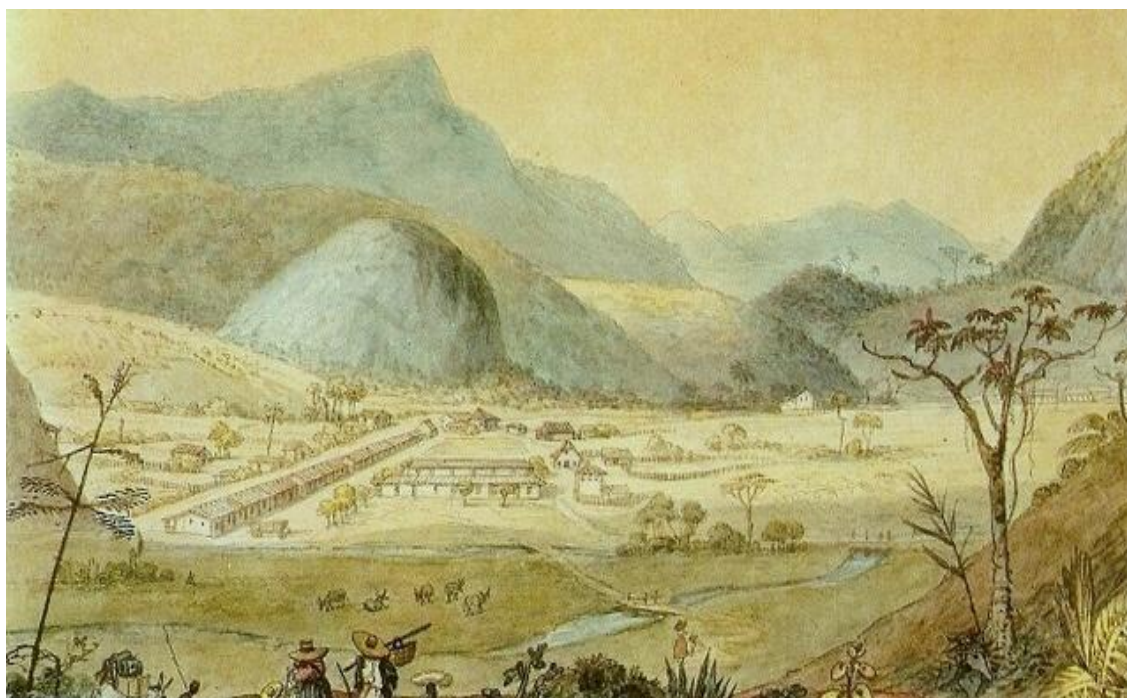


Figura 24. A Colônia suíça de Cantagalo, 1835.

Disponível em:

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/17/Jean_Baptiste_Debret_-_A_Col%C3%B4nia_su%C3%AD%C3%A7a_de_Cantagalo.jpg. Acesso em: 20 nov. 2013.

Examinando o perfil da escravaria arrolada nos *plantations* de Cantagalo, identificamos registros que revelaram indícios dos sinais e sintomas das doenças ou as condições de saúde dos cativos. Os dados gerais coletados dos processos de inventários dos proprietários falecidos em Cantagalo, ao longo do século XIX, compõem um arsenal de valiosas informações sobre a economia e a sociedade de uma região que fazia parte do “mosaico cafeeiro do sudeste”²⁶⁵.

De acordo com Renato Leite Marcondes, “a economia brasileira apresentou um dinamismo expressivo”²⁶⁶, destacadamente, nos anos de 1870. Num quadro comparativo com outras regiões brasileiras em tal século, ao examinar aspectos do contexto demográfico e econômico que caracterizava a região Sudeste, Marcondes verificou que após 1850 “o avanço da cafeicultura transbordou para além do Vale, atingindo o Oeste paulista, o Espírito Santo e o

²⁶⁵ MARCONDES, Renato Leite. *Desigualdades regionais brasileiras: comércio marítimo e posse de escravos na década de 1870*. Tese (Livre docência), USP, São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.p. 142.

²⁶⁶ *Ibidem*

sul e o vale do Rio Doce de Minas Gerais”²⁶⁷. Contudo, mesmo na década de 1870, “a província fluminense ainda mantinha a maior produção de café do país”²⁶⁸.

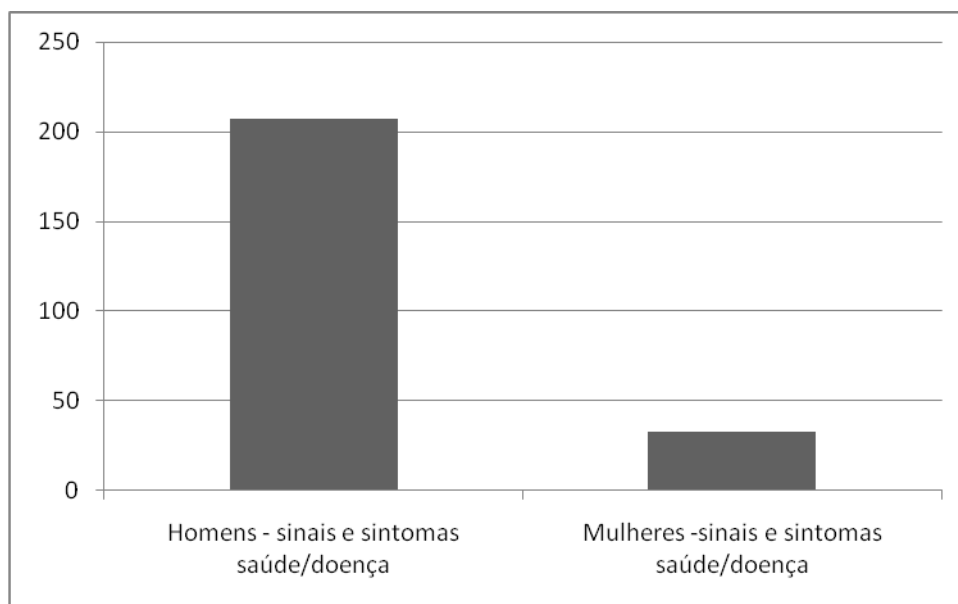
No conjunto de processos de inventários *post-mortem* que foram analisados, encontramos indicações, na lista de avaliação dos cativos de Cantagalo, sobre os sinais e sintomas de suas doenças e aspectos de sua saúde. Do total de 650 informações listadas, 637 eram de escravos adultos e apenas 13 eram de cativos inocentes, com menos de sete anos de idade.

Para interpretar esses dados, distribuimos os indivíduos adultos segundo sexo e naturalidade. Os dados gerais sobre os cativos adultos indicam que 467 (73%) eram homens e 170 (27%), mulheres. Em primeiro lugar está a população escrava africana (gráfico 6), que apresentou o maior número de registros: foram anotadas 240 indicações sobre condições da saúde ou sinais e sintomas de doenças desses cativos. A divisão por sexo indicou que 207 indicações (86%) eram de homens e apenas 33 (14%) de mulheres. O conjunto global desses dados não foge ao padrão geral do perfil demográfico da população escrava africana apresentada no primeiro capítulo, já que os homens eram a categoria de cativos preferencial para o trabalho nas lavouras, sendo transportados maciçamente para as *plantations* cafeeiras. Em segundo lugar aparecemos escravos sem indicação da naturalidade (gráfico 7). Do total de registros, com 219 indicações, encontramos 147 (67%) para os escravos do sexo masculino e 72 (33%) referindo-se a mulheres escravas. Em minoria, ficaram os escravos crioulos (gráfico 8). Com 178 informações no total, verificamos que 113 (63,5%) cativos eram do sexo masculino e 65 (36,5%), do sexo feminino.

²⁶⁷ MARCONDES, *op. cit.*, 2005, p. 150.

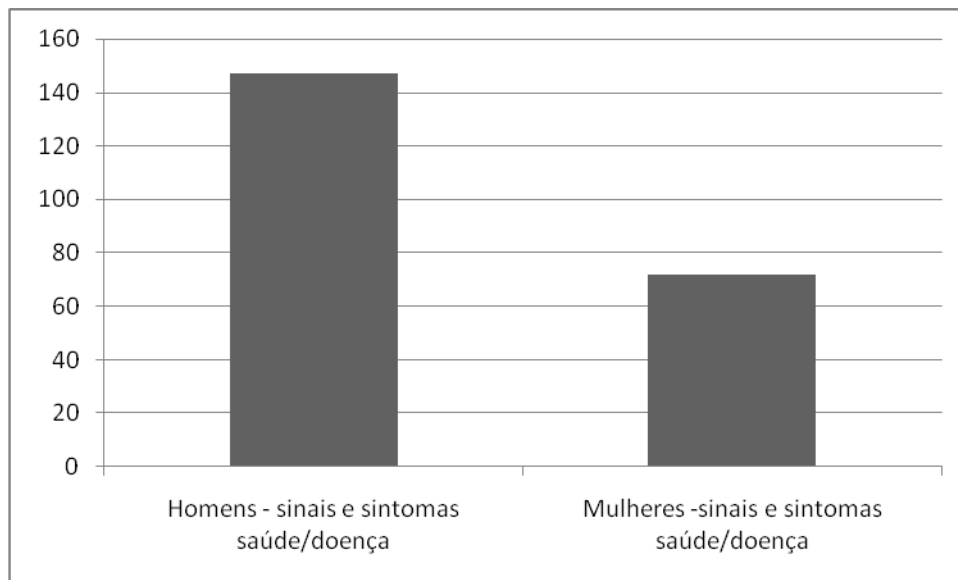
²⁶⁸ *Ibidem*, p. 151.

Gráfico 6. Escravos africanos segundo sexo e indicações dos sinais e sintomas de doenças



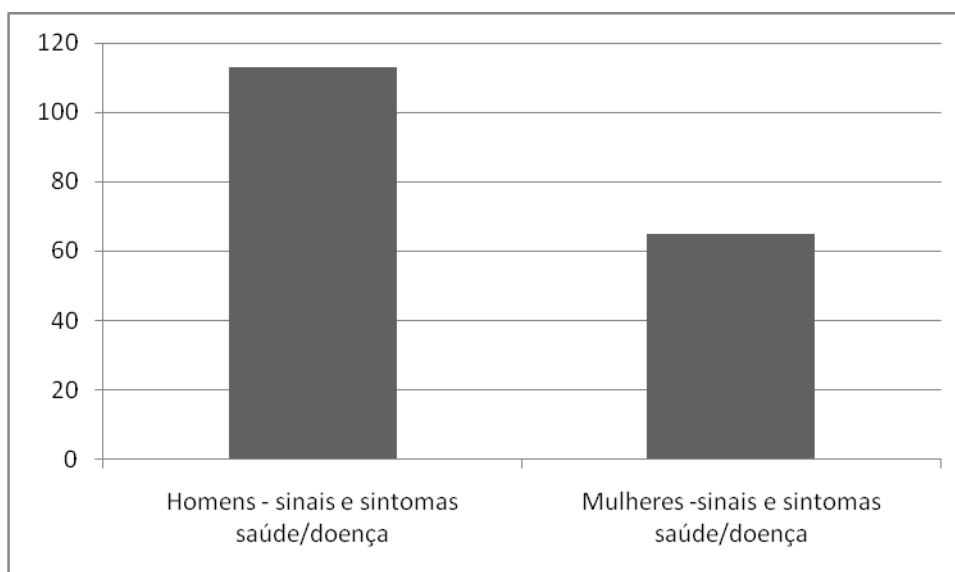
Fonte: Inventários *post-mortem*, Cantagalo, Museu da Justiça do Rio de Janeiro.

Gráfico 7. Escravos sem procedência identificada, segundo sexo e indicações dos sinais e sintomas de doenças



Fonte: Inventários *post-mortem*, Cantagalo, Museu da Justiça do Rio de Janeiro.

Gráfico 8. Escravos nascidos no Brasil (crioulos), segundo sexo e indicações dos sinais e sintomas de doenças.



Fonte: Inventários *post-mortem*, Cantagalo, Museu da Justiça do Rio de Janeiro.

O conjunto dos gráficos construídos até aqui apresenta um panorama geral da população escrava com indicações dos sinais e sintomas de suas doenças e com as condições de saúde que surgiam na ocasião de avaliação dos bens inventariados dos senhores de Cantagalo. Ao traçarmos esse primeiro perfil quantitativo, procuramos apresentar a riqueza do *corpus* documental pesquisado e indicar alguns aspectos iniciais do exame da população cativa nas fazendas locais. Assim, os indícios que surgiam nos conduziram a reduzir analiticamente a escala de observação para as *plantations* onde doenças afetavam a avaliação dos cativos. Ou seja, a exploração desses dados quantitativos nos permitiu traçar um primeiro quadro dos contextos relacionados à saúde e a doença desses indivíduos. Mas, para penetrarmos as *plantations* cantagalenses, foi indispensável examinarmos os inventários a partir de outra perspectiva. Notamos que muitas fazendas da região deixaram registradas, ao longo do processo de inventário, os gastos com médicos, cirurgiões, boticários, informações de enfermarias e hospitais que eram construídos para curar e tratar as moléstias dos cativos etc. Este segundo conjunto de informações nos ajudou a compreender importantes aspectos sobre as enfermidades que afligiam os escravos de Cantagalo.

Novamente, a fala do médico Reinhold Teuscher nos é sugestiva, ao indicar um “quadro estatístico sanitário” precário da população escrava que vivia em uma das mais ricas propriedades da região. No entanto, há várias lacunas deixadas por proprietários e avaliadores nessa documentação. Elas sugerem que, muitas vezes, eles não teriam registrado fielmente as

informações sobre o quadro aterrador de doenças e insalubridade que dizimavam a vida dos escravos na região. Tais lacunas tornaram a tarefa de reconstruirmos aspectos desse “quadro estatístico sanitário” não tão fácil. Sendo assim, essa inquietação nos levou a investigar por outros caminhos as condições de vida dos escravos nas fazendas de Cantagalo. Com isso, mapeando os espaços físicos em que a população escrava circulava e as relações estabelecidas a partir das dimensões da saúde e da doença, conseguimos observar questões relevantes para a discussão em torno da história da vida escrava em Cantagalo.

Neste sentido, ao longo do primeiro capítulo de nossa pesquisa, procuramos reconstruir e mapear cenários da paisagem social da escravidão, indicando aspectos do panorama geográfico do Vale do Paraíba, do contexto social local e da experiência escrava. Embora não tenha sido esgotada a investigação sobre aqueles cenários, o quadro traçado foi fundamental para darmos conta de algumas paisagens sociais possíveis, ambiências onde os escravos doentes transitavam. Considerando os trabalhos historiográficos clássicos e contemporâneos, análises apontam traços semelhantes de como Cantagalo adquiriu importância social, política e econômica para além da província. Logo, reconstruímos algumas dimensões do contexto de uma economia que se estruturava com o transbordamento de braços escravos. Em relevo, surgiram múltiplas pesquisas que buscaram apontar as variáveis que explicariam o sucesso das *plantations* em um cenário dinâmico e complexo, mas pouca importância foi dada às questões sobre saúde e doenças envolvendo as populações escravas, reflexo também das lacunas encontradas na documentação sobre a atividade médica da época em tais contextos. Por exemplo, o registro de óbitos de uma das freguesias de Cantagalo que analisamos não era regular e possivelmente, como veremos no decorrer deste capítulo, não exprime os óbitos de todos os escravos falecidos, ponderando que muitos dos proprietários da região enterravam seus escravos em suas próprias fazendas ou em locais próximos.

Tudo indica, portanto, que os cuidados dispensados aos escravos doentes eram, em grande parte, estratégias utilizadas pelos senhores para assegurar a produtividade nas suas fazendas. Logo, questionamos se não seria possível condensarmos essas questões como variável importante na tentativa de reconstruir a *agency* dos escravos de Cantagalo, já que tais ações causaram resultados diretos na vida desses trabalhadores nas *plantations* cafeeiras cantagalenses.

A região que correspondia já nos primeiros anos do século XIX a 14,6% do território fluminense²⁶⁹, no fim dos Oitocentos ainda tinha um papel de destaque na economia da província. Como argumentou Eliana Vinhaes, até as décadas finais da escravidão verificou-se uma escravaria produtiva em Cantagalo. Logo, poderíamos argumentar que a conjunção dos seguintes fatores: terras férteis disponíveis, farta reposição da mão de obra escrava e cuidados com a saúde dos cativos, explicaria o sucesso de como “a economia cafeeira local resistiu bravamente, superando dificuldades significativas para outros municípios”²⁷⁰.

Em termos gerais, as estratégias empreendidas por senhores, médicos e escravos agregam novas perspectivas analíticas para compreendermos os complexos cenários sociais que emergiram nos Oitocentos. Uma economia de *plantation* que se estruturava em meio à competitividade econômica na produção cafeeira, com demanda constante por mão de obra cativa, pressão por terras férteis e ainda a necessidade de lidar com as questões inerentes à própria sobrevivência do sistema escravista, carecia de encontrar rapidamente meios para sustentar e garantir a expansão da riqueza dos seus investidores, os senhores de escravos e terras.

Observamos que os proprietários de escravos podiam manipular a atuação dos avaliadores nos processos de inventários. Geralmente os avaliadores eram indivíduos livres, moradores das vizinhanças e remunerados para ocuparem a função que exerciam no processo. Apesar de não termos reunido mais informações sobre esses indivíduos, vale destacar aqui indícios interessantes sobre a relação dos avaliadores com as famílias dos falecidos e com os escravos inventariados. Como já salientamos, nem sempre os inventariantes e avaliadores apresentavam nos registros as doenças ou condições de saúde dos escravos relacionados. Sobre essa possibilidade de eles não informarem sobre as precárias condições de saúde da escravaria nas propriedades, chamou-nos a atenção a discordância entre dois avaliadores no processo de inventário de Theresa Antônia dos Santos²⁷¹. O processo, iniciado em 1877, indicou como o primeiro avaliador, José de Sá Freire, apresentou seu parecer sobre uma das escravas da falecida Theresa Antônia dos Santos:

²⁶⁹ ERTHAL, *op.cit.* 2006, p.1.

²⁷⁰ VINHAES, *op. cit.*, 1992, p. 82,83.

²⁷¹ AMJERJ, Inventário *post-mortem* de Theresa Antônia dos Santos, 1877.

Felismina, mucama, perfeita doceira e costureira muito fiel, com habilitações de tomar conta de uma casa, eu José de Sá da Silva Freira avalio ela por 2:200\$000 e o senhor José Joaquim de [?] Junior avaliou por 1:500\$000²⁷².

Já o segundo avaliador, José Joaquim, pareceu não ter concordado com o seu colega e contestou o valor atribuído à escrava Felismina:

Mas atendendo ao físico raquítico de Felismina, a [?] sua tez e morbidez de sua saúde não me parece valer mais do que um conto e quinhentos mil réis.²⁷³

De acordo com Fernando A. Alves da Costa, as relações estabelecidas entre herdeiros e avaliadores contratados nem sempre são problematizadas na historiografia, mas em alguns casos indícios sobre disputas e tensões travadas nos momento da partilha dos bens de um falecido são registrados nos processos. Assim, “analisá-los contribui para o entendimento das complexas relações por trás da avaliação dos bens nos processos de inventários *post-mortem*”²⁷⁴. Nesse caso, é possível preencher algumas lacunas ou levantar mais questões sobre as relações sociais estabelecidas na ocasião da abertura de um processo de inventário. Para o autor, a provável neutralidade dos avaliadores nem sempre era respeitada e muitos interesses contribuía para a valorização ou depreciação dos bens inventariados, revelando, no conjunto de dados quantitativos, como esses indivíduos “estavam imersos nas teias das relações políticas, sociais e econômicas das sociedades em que viviam”²⁷⁵.

Retomando o exame do processo de Theresa de Antônia dos Santos, o relato elogioso feito por José de Sá Freire à escrava Felismina indicou o seu empenho em valorizá-la. Já a contestação de José Joaquim revelou que a avaliação dos bens poderia ser conduzida por interesses diversos. Nesse caso, a discrepância nos valores atribuídos a Felismina desnudou os possíveis conflitos travados entre o primeiro e o segundo avaliador. É provável que o inventariante tivesse um acordo particular com o primeiro, José de Sá Freire, para que valorizasse o preço da escrava e pudesse auferir maiores lucros com a venda da cativa doente.

Avaliando mais detidamente o processo de Theresa, moradora da freguesia do Santíssimo Sacramento, podemos especular que a abertura de seu inventário inaugurava uma disputa acirrada pelos poucos bens da falecida entre os seus herdeiros. Com poucas páginas, o

²⁷² AMJERJ, Inventário *post-mortem* de Theresa Antônia dos Santos, 1877.

²⁷³ *Ibidem*

²⁷⁴ COSTA, Fernando A. Alves da. E Quanto valia, afinal? O Problema dos Preços nos inventários *Post-Mortem* do século XIX. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 60, dezembro 2013, p.8.

²⁷⁵ COSTA, *op. cit.*, 2013, p.8.

processo indicou-nos que seus bens mais valiosos eram seus escravos, não tendo sido encontrados registros de posse de terras. Em nossa análise, encontramos seis escravos adultos inventariados. Como apresentamos na tabela 29, dos escravos do espólio, cinco eram crioulos e dos outros não temos a indicação da naturalidade. Do total de cativos, dois escravos foram registrados sem valor algum. A escrava Florença, talvez por sua idade avançada, foi registrada como tendo “má aptidão para o trabalho” e sem valor. Em outro caso, mesmo sendo muito jovem, a escrava Rosalina foi registrada também sem valor algum. No ano do falecimento de sua proprietária, encontramos a avaliação de Rosalina como tendo “boa aptidão” para o trabalho. Especulamos que ela tenha sido acometida por uma grave moléstia no momento em que o inventário foi aberto, logo, não pôde ser avaliada. Considerando os indícios das condições de saúde dessas duas cativas, Florença e Rosalina, que certamente estavam muito doentes, supomos que os herdeiros tinham muito interesse em não perder mais nenhum escravo. Ou seja, sobraram apenas quatro cativos para a partilha, logo, os interessados na divisão dos bens articularam estratégias para valorizá-los. Certamente a escrava Felismina estava muito doente; quando observamos os seus companheiros de cativeiro na ocasião da abertura do processo, ficam evidentes as precárias condições a que estavam expostos. A aparência mórbida de Felismina e o seu estado raquítico apontam que a escrava vivia em um lugar insalubre, com alimentação precária, somada ao trabalho intenso a que certamente era submetida. Isso nos impele a pensar que seus companheiros de senzala também partilhassem das mesmas experiências.

Tabela 29. Perfil dos escravos de Theresa Antônia dos Santos

Nome	Naturalidade	Cor	Idade	Ocupação	Valor
Florença	Fluminense	Preta	60	Doméstica	Sem valor
Rosalina	Fluminense	Preta	8	Doméstica	Sem valor
Carolina	--	Preta	40	Doméstica	1:200\$000
Felismina	Fluminense	Parda	19	Mucama	2:200\$000
Lino	Carioca	Preto	40	Roça	1:800\$000
Tito	Fluminense	Pardo	18	Doméstico	2:000\$000

Fonte: AMJERJ, Inventário de Theresa Antônia dos Santos, 1877.

Ou seja, o estado raquítico de Felismina foi ignorado e, em sua avaliação no inventário de sua falecida proprietária, revelaram-se possíveis acordos e embates, uma tentativa frustrada dos herdeiros em lucrar com a partilha dos bens. Essa disputa, apesar de ser o único caso que encontramos no conjunto de processos de inventários de Cantagalo, pode exemplificar como

as relações entre herdeiros e os seus avaliadores eram permeadas por múltiplos interesses. Em um período marcado pela alta no preço dos cativos e pela demanda de mais braços para as lavouras, muitos escravos claramente incapazes de exercerem algum tipo de ocupação, registrados com “má aptidão”, eram transformados em trabalhadores saudáveis com “boa aptidão” para exercerem as tarefas a que eram submetidos. Nesse jogo de interesses, a jovem escrava Felismina era uma peça valiosa, apesar de sofrer com os sintomas de alguma doença ou pelo cansaço do intenso trabalho que devia exercer na ocupação de doméstica. Logo, outra imagem dela foi construída para suprir os interesses de seus herdeiros, transformando-a em modelo ideal de escrava para “tomar conta de uma casa”²⁷⁶.

Nesse sentido, os cenários globais apresentados até aqui são indicativos da intensificação do uso da mão de obra cativa na região oriental do Vale do Paraíba fluminense. Os dados sobre o crescimento das *plantations* cafeeiras e as características gerais das populações que experimentaram os efeitos desse crescimento acelerado constituem elementos essenciais na análise histórica para o entendimento da sociedade brasileira no século XIX. Quando consideramos coletivamente os indícios de saúde e doenças, mapeando relações sociais entre senhores, médicos e escravos, pressupomos que a economia no campo era mais complexa e que as estratégias para manter a escravaria produtiva eram múltiplas. Tais relações caracterizam um período em que mais se intensificava o tráfico de cativos e mais se institucionalizava o discurso médico²⁷⁷. Nesse caso, não se esgotam as possibilidades de compreendermos outras dimensões das levas de trabalhadores escravos que compuseram os espaços sociais transformados pela expansão cafeeira. Podemos dizer que o médico Reinhold Teuscher foi perspicaz não só ao se estabelecer em uma das mais ricas propriedades da região, atuando como médico das fazendas, mas também ao elaborar um trabalho sobre o estado sanitário dos escravos, indicando a pertinência de se observarem as particularidades que se esboçavam na aproximação da vida escrava. Logo, retomando os caminhos traçados por Teuscher²⁷⁸, que conduziu nossa análise no primeiro capítulo, suas impressões registradas na tese médica sobre as “condições sanitárias” em algumas propriedades de Cantagalo impeliram-nos a reconstruir a paisagem social das vilas e comarcas que faziam parte do território local ao longo do século XIX, destacando cenários de escravidão e doenças de algumas das suas principais fazendas. As observações sobre a região de Cantagalo, que se estabelecia no período como importante centro dinâmico cafeeiro do Vale do Paraíba

²⁷⁶ Inventário de Theresa Antônia dos Santos, 1877, AMJERJ.

²⁷⁷ Cf. EUGÊNIO, Alisson. Reflexões médicas sobre as condições de saúde da população escrava no Brasil do século XIX. *Afro-Ásia*, 42 (2010), 125-156.

²⁷⁸ TEUSCHER, *op.cit.*, 1853.

fluminense, levaram-nos a avaliar, analiticamente, os escravos doentes das *plantations* daqueles vales e as condições que causavam tais doenças. Eram estas marcadas por formações escravistas particulares e moldadas por complexas articulações sociais, constituintes da ocupação do espaço geográfico de Cantagalo por novas roças de café e pela transformação do seu ambiente natural.

O retorno à tese médica de Reinhold Teuscher não é novidade para os pesquisadores que buscam compreender os cenários sociais transformados pela economia cafeeira. Pedro Carvalho de Mello²⁷⁹ (1984), ao examinar o trabalho do médico alemão, formulou algumas considerações sobre a lucratividade da escravidão:

Devido a doenças, havia uma perda em fazendas de café de 5,5% dias úteis em um ano. Esta estimativa está baseada num relatório de Teuscher, um médico que exercera sua profissão em cinco fazendas de café, entre 1847 e 1852, duas das quais possuíam hospitais e um total de 925 escravos (...). Baseando-se em suas cifras, chegamos às informações seguintes: para cada mês, e então para cada período de três meses, o número total de dias do ano vezes o número de escravos doentes vezes a duração média de dias que permaneciam doentes é o numerador.²⁸⁰

De acordo com os dados compilados por Pedro Carvalho de Mello, o impacto das doenças nas fazendas de café representava:

Tabela 30. Percentagem dos dias perdidos devido a doenças em fazendas de café

1 ° trimestre (janeiro/março)	6,3%
2 ° trimestre (abril/junho)	5,9%
3 ° trimestre (julho/setembro)	5,2%
4 ° trimestre (outubro/dezembro)	4,6%
Média	5,5%

Fonte: MELLO, *op. cit.*, 1984, p.262.

Ao analisar a estrutura do mercado de compra e venda dos cativos na economia cafeeira, Mello argumentou que o investimento na compra de cativos adultos do sexo masculino era lucrativo na década de 1870. Além disso, a partir da análise de trabalhos

²⁷⁹MELLO, Pedro Carvalho de. *A economia da escravidão nas fazendas de café: 1850-1888*. Rio de Janeiro: Programa Nacional de Pesquisa Econômica, 1984.

²⁸⁰*Ibidem*, p. 262.

clássicos sobre a produção de café, apontou que proprietários tinham gastos fixos anuais com os escravos, tais como vestuário, alimentação, habitação e despesas médicas, “consistindo do tratamento de cirurgiões barbeiros e receitas de remédios”²⁸¹. A partir da compilação de dados econômicos, Mello concluiu que os gastos com despesas médicas chegavam a 12\$500 anuais para escravos do sexo masculino e feminino que trabalhavam nas roças²⁸². O quadro traçado pelo autor reforça o constante investimento na mão de obra escrava entre os proprietários do Vale:

Os resultados obtidos mostram que um fazendeiros de café que comprasse um escravo da roça adulto, do sexo masculino, na década de 1870, ao preço de mercado prevalecentes, esperaria ganhar pelo menos o que poderia ter ganho em outras oportunidades de investimentos. Uma vez que todas as informações usadas para estimar as taxas de retorno eram típicas da província do Rio de Janeiro, estes cálculos sugerem que o investimento de capital escravo era lucrativo para os fazendeiros do Vale do Paraíba e este fato pode explicar muito do seu comportamento em relação à propriedade de escravos.²⁸³

De acordo com Emília Viotti da Costa, a questão da lucratividade e produtividade do trabalho escravo era um tema controverso entre os pesquisadores da época²⁸⁴. Mas o que gostaríamos de delinear é que, ao abordar a questão dos custos com os cativos, autores como Pedro Carvalho de Mello descreveram aspectos importantes no trato da escravaria. Podemos supor que o aumento no volume desses investimentos – apesar do foco dessa análise problematizar o aspecto lucrativo – ocorreu em um contexto social específico, depois da segunda metade do século XIX. As regiões pioneiras na produção do café tinham acesso a determinados recursos para tratar as moléstias que se propagavam entre os escravos das fazendas com a intensificação da exploração de seu trabalho. Logo, o levantamento dessas informações expõe um quadro particular das vivências cativas em Cantagalo.

Stanley Stein, ao fazer um balanço a respeito do seu clássico estudo sobre Vassouras²⁸⁵, indicou que seu objetivo principal era recriar o mundo em que viveram os cativos das *plantations* cafeeiras de uma microrregião específica. O autor reconheceu que ter

²⁸¹ MELLO, *op. cit.*, 1984, p. 263.

²⁸² *Ibidem*, p.275.

²⁸³ *Ibidem.*, p 280-281

²⁸⁴ COSTA, E.V.*op. cit.*, 1998, p.55

²⁸⁵ STEIN, Stanley. *Vassouras. Um município brasileiro do café, 1850-1900*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990. O trabalho foi fruto de uma pesquisa de doutorado, defendido em 1951 na Universidade de Harvard e publicado pela primeira vez em 1957. (LARA, S. L. Vassouras e os sons do cativo no Brasil. In: LARA, S. H. e PACHECO, G. (ogs) *Memória do Jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein. Vassouras, 1949*. RJ: Folha Seca; SP: CECULT, 2007. p. 45.

acesso ao universo daqueles indivíduos não foi uma tarefa fácil²⁸⁶. O incansável objetivo de recuperar a trajetória e memória das vidas humanas transformadas pela implantação das *plantations* cafeeiras revelou uma visão nuançada das relações sociais estabelecidas entre escravos e seus senhores. Isso sinalizou como a aproximação do cotidiano dos cativos revelava-se um valioso caminho de pesquisa a ser explorado pelo historiador²⁸⁷. Ao fazer um balanço da importância da obra de Stein, Silvia H. Lara indicou que além dos interesses políticos, típicos do quadro social que se estabelecia na área das ciências humanas de então, nos principais trabalhos acadêmicos do período, a pesquisa pioneira do autor revelava-se inovadora: “Sua proposta associava, assim, o interesse pela cultura material e pelos hábitos da vida cotidiana às análises mais abrangentes que buscavam explicações para mudanças econômicas, demográficas e sociais.”²⁸⁸. Em seguida, o território do Vale do Paraíba e o oeste paulista²⁸⁹ logo se tornaram focos de interesse de inúmeros pesquisadores²⁹⁰. Stein, sobre seu método de pesquisa, explanou “a necessidade de levar em conta ao mesmo tempo a cultura material, as relações sociais e os padrões de mudança a fim de formar uma espécie de cosmovisão”²⁹¹. As fazendas de café do Vale do Paraíba representavam um desses espaços de interesse, nos quais pesquisadores buscaram recriar mundos em que viveram os cativos nas Américas.

Nesse sentido, avançando para o universo das *plantations* cafeeiras dos territórios que compreendiam a região de Cantagalo, buscamos recuperar aspectos do universo cativo, observando as estratégias empreendidas pelos proprietários para manterem seus escravos em condições de saúde favoráveis ao trabalho. Um primeiro olhar para os processos de inventários indicou um conjunto de informações sobre os sinais e sintomas das doenças que atingiram os cativos. Ao compararmos tais dados com o número total de escravos reunidos nos inventários, constatamos uma desproporção, havendo menos informações do que se poderia prever, dada a alta quantidade de cativos. Apesar disso, ao examinarmos mais atentamente cada inventário, compilamos informações sobre gastos com a saúde dos escravos que nos revelaram outros aspectos interessantes daquele cenário social.

²⁸⁶STEIN, S. Uma Viagem maravilhosa. In: LARA, PACHECO, *op.cit.*, 2007, p.39.

²⁸⁷ LARA, S. Vassouras e os sons do cativeiro no Brasil. In: LARA, PACHECO, *op.cit.*, 2007, p.45.

²⁸⁸ *Ibidem*, p. 47.

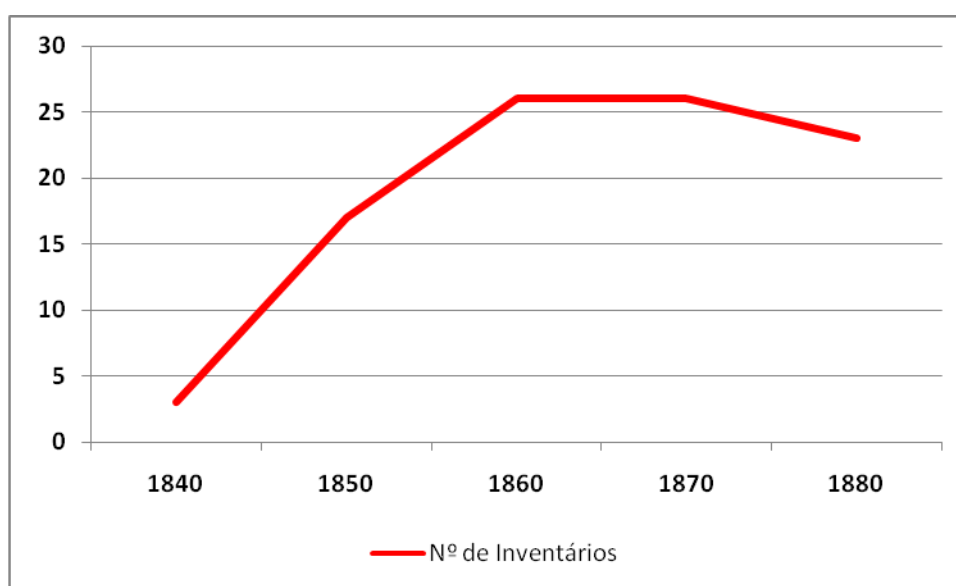
²⁸⁹ Cf. DEAN, *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura (1820-1920)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

²⁹⁰ Apesar dos estudos clássicos sobre a expansão cafeeira, estudos recentes voltam-se para os cenários sociais, econômicos e culturais marcados pela riqueza gerada pela produção de café, ver: SANTOS, Fábio Alexandre. *Rio Claro: uma cidade em transformação, 1850-1906*. Dissertação de Mestrado. Campinas, São Paulo: 2000.

²⁹¹ STEIN, S. Uma Viagem maravilhosa. In: LARA, PACHECO, *op.cit.*, 2007, p.38.

Dos processos de inventários que analisamos, em 26% encontramos anotações sobre os gastos com despesas de tratamento médico/medicamentos e construções de edificações nas fazendas que serviriam para cuidar dos cativos doentes²⁹². O gráfico 9 esboça o crescente registro desse tipo de informação nos inventários. Somente a partir da década de 1840 encontramos nos processos tais registros sobre gastos dispensados aos doentes pelos proprietários e seus herdeiros.

Gráfico 9. Proprietários que apresentaram gastos médicos para escravos em Cantagalo



Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Sobre aspectos da expansão da cafeicultura paulista, José Flávio Motta indicou como algumas importantes transformações políticas enfrentadas pelo comércio escravo, na segunda metade do século XIX, teriam moldado as direções com que proprietários conduziam aquele comércio²⁹³. Desde já poderíamos sugerir para o Vale fluminense que as transformações ocorridas nas relações do trabalho escravo, devidas à alta de preços e à escassez de mão de obra, favoreceriam a intensificação dos cuidados com a saúde da escravaria. Tal processo teria levado proprietários de escravos a construírem casas de enfermaria e hospitais para atender os doentes cativos nas suas fazendas e a pagarem pelo atendimento de boticários e médicos diplomados aos escravos, tal como fazia o médico Reinhold Teuscher. Nesse quadro complexo de transformações das *plantations* localizadas na parte oriental do Vale do Paraíba Fluminense, em que se moldava um regime de escravidão pioneiro concentrado, Cantagalo se

²⁹² Ver anexo 4.

²⁹³ MOTTA, José Flávio. *Op. cit.*, 2012, p.14.

expandia e se fortalecia em detrimento de outras importantes áreas produtoras da parte ocidental do Vale, tais como Valença, Vassouras²⁹⁴ e Paraíba do Sul. Surgem, assim, pistas interessantes sobre as experiências cativas e buscaremos, ao longo deste capítulo, não apenas apresentar casos paradigmáticos das vivências relacionadas à saúde e às doenças dos trabalhadores das fazendas, mas examinar e problematizar aspectos complexos do processo de escravização em que vidas humanas eram dizimadas por moléstias.

Assim como discutimos no capítulo anterior, o conjunto documental analisado para esta pesquisa compreende o longo período de 1815 a 1888. Com a escolha desses marcos, procuramos mapear, por meio do levantamento dos números globais de cativos registrados nos bens inventariados inseridos no veloz movimento de expansão cafeeira que marcou a região, os cenários sociais em que se desenrolavam experiências de saúde e doença desses indivíduos. Os exames dos dados quantitativos analisados revelaram não só o perfil demográfico da população escrava como indícios sobre suas moléstias. Nesse caso, considerando a complexidade desses dados, escolhemos apresentá-los também divididos a cada decênio.

Os cativos eram registrados nos processos de inventários de acordo com sua aptidão para o trabalho, relatando-se suas ocupações, laços familiares e condições de saúde. Com a observação dos dados quantificados que apresentamos até aqui, surgiram pistas a respeito dessas condições. Contudo, as informações sobre a saúde e as doenças dos cativos muitas vezes não eram registradas com precisão nos processos de inventários. Além disso, observamos também que nem sempre os inventariantes e os avaliadores, motivados por interesses diversos, indicavam com exatidão as condições de saúde dos indivíduos listados entre os bens inventariados. Considerando tais lacunas, procuramos expor os dados quantitativos, sobre os sinais e sintomas das doenças e as informações sobre as condições de saúde dos cativos, relacionados por intervalos de tempo determinados. Ao visualizarmos o conjunto dessas informações, avançamos no universo da vida escrava através dos indícios registrados nos inventários sobre os trabalhadores que receberam algum tipo de tratamento médico. Acompanhando o contexto econômico favorável aos senhores de escravos, marcado pelo movimento de expansão demográfica e territorial que caracterizou o pioneirismo de Cantagalo, despontam informações sobre o quadro de saúde que ameaçava a vida dos homens

²⁹⁴ Em trabalho recente, Fábio Pereira de Carvalho discutiu importantes aspectos da demografia escrava de Vassouras, chamando atenção para os conflitos e embates que moldavam as relações entre escravos e seus senhores, depois da segunda metade do século XIX, em uma região também transformada pela economia cafeeira. Cf. CARVALHO, F. P. de. *Vassouras: comunidade escrava, conflitos e sociabilidades (1850-1888)*. Dissertação (Mestrado em História Social), UFF, 2013.

que lutavam para sobreviver às mazelas da escravidão. O que emerge desse enfoque é uma dimensão da vida escrava marcada pela experiência da doença, que nos aproxima das senzalas de Cantagalo. No entanto, a ênfase na história da *doença* e da *saúde* não se reduz à configuração dos dados quantitativos e à especulação dos diagnósticos, mas expressa um mundo mais amplo que os escravos vivenciaram, pano de fundo para nos aproximarmos das dinâmicas sociais tecidas no interior das *plantations* cafeeiras, moldadas pelo impacto da progressiva precariedade da vida escrava.

3.1.1 -1815-1840

Analisando os dados sobre os doentes registrados nos inventários nos anos iniciais de ocupação do território de Cantagalo, observa-se que não só a população escrava era menor, como o número de trabalhadores indicados com sinais e sintomas de doenças era pouco expressivo. Considerando esse conjunto diminuto de informações, examinamos neste primeiro momento os inventários produzidos entre os anos de 1815 e 1840, reunindo um maior número de pistas sobre os doentes escravos em Cantagalo.

A tabela 31 apresenta informações sobre 14 escravos com algum tipo de moléstia ou defeito ao longo de nosso primeiro período de análise. Elas revelam cinco indivíduos com algum tipo de defeito físico: aleijados e pernas tortas. Apesar dessas condições, a maioria desses cativos deveria continuar com as suas atividades nas fazendas. Identificamos que apenas Floriano, crioulo, foi avaliado no baixo valor de 30 mil réis; outros cinco cativos foram registrados genericamente apenas com “moléstia crônica”, “doentes” ou “muito doentes” e sobre o escravo Antonio foi relatado que sofria de uma obstrução e ferida nos olhos. A maioria desses cativos também valia muito pouco; talvez possamos especular que os avaliados em mais de 200 mil réis sofressem de moléstias passageiras e, dessa forma, valeriam o investimento dos novos compradores.

Tabela 31. Perfil dos escravos com indicações sobre condições de saúde e doenças (1815-1840)

Ano	Nome	Sexo	Naturalidade	Procedência	Idade	Saúde	Valor
1817	Floriano	M	Crioulo	-	50	Aleijado de um braço	30\$000
1823	Adão	M	Crioulo	-	-	Moléstia crônica	20\$000
1824	Manoel Pereira	M	Africano	Congo	-	Aleijado de uma perna	140\$000
1828	Romualdo	M	Crioulo	-	36	Doente	Sem valor

1828	Gaspar	M	Africano	Cabinda	14	Doente	Sem valor
1832	Antonio	M	Africano	Cabinda	24	Obstrução e ferida em um olho	300\$000
1833	Domingos José	M	-		-	Aleijado	160\$000
1833	João Moreno	M	-		-	Doente (muito)	300\$000
1833	Fernando	M	-		-	Doente (muito)	300\$000
1833	Sabino	M	Africano	Inhambane	-	Pernas tortas	400\$000
1833	Pedro	M	Africano	Inhambane	-	Pernas tortas	80\$000
1835	Veríssimo	M	Africano	Indeterminada	34	Doente	15\$000
1835	Miguel	M	Africano	Congo	36	Doente	220\$000
1835	Victoria	F	Africana	Indeterminada	40	Doente	40\$000

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Examinado as primeiras indicações sobre as moléstias que afetaram os escravos de Cantagalo, os dicionários do período e manuais médicos indicam importantes aspectos das condições de saúde daqueles indivíduos. Por exemplo, no Dicionário de Medicina Popular do Dr. Chernoviz, “Esta palavra, que é sinônimo de *engurgitamento*, foi aplicada, na linguagem vulgar, a afecções mui diferentes e principalmente aos engurgitamentos chronicos do fígado e do baço, que se desenvolvem às vezes depois das febres intermitentes prolongadas”²⁹⁵. Mesmo com esse quadro de obstrução e a ferida no olho, o escravo Antônio ainda valia 300 mil réis. Tudo indica que tal doença que sofria não o deixava totalmente incapacitado para trabalhar, mas provavelmente teria tornado mais difícil para o jovem africano cumprir com suas obrigações de trabalho na fazenda que pertenceu ao finado José Gonçalvez Aranha.

Ao longo da primeira metade do século XIX, Cantagalo passou de mero território de ligação entre províncias a importante zona de concentração da agricultura cafeeira. Essa ascensão se deu em fins dos anos de 1850. Como salientamos no capítulo anterior, o processo de intensificação do tráfico transatlântico de escravos e o aumento da valorização do café no mercado internacional fez parte do conjunto de variáveis que conduziam as transformações sociais na região. Ainda que o desbravamento do seu território tenha se dado nas primeiras décadas dos Oitocentos, Cantagalo já adquiria contornos de uma área centrada na agricultura de café, abastecida intensamente pela grande oferta da mão de obra escrava. Provavelmente, a expansão veloz da riqueza nesse período tornava os cuidados com os cativos uma questão

²⁹⁵CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorias* ... 6. ed. consideravelmente aumentada, posta a par da ciência. Paris : A. Roger & F. Chernoviz, 1890. 2 v. p. 508. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/4>. Acesso em 1] de novembro de 2013.

menos importante. O que, talvez, justifique a escassez de informações sobre suas condições de saúde nas primeiras décadas de ocupação da região no século XIX. Afinal, para esse período inicial de expansão da cultura cafeeira em Cantagalo, encontramos poucos indícios de pagamentos feitos a médicos, boticários ou curadores etc.

Em contraponto, avaliamos os registros de óbitos da Paróquia Santíssimo Sacramento²⁹⁶. O primeiro livro, com registros de óbitos de escravos, teve início no ano de 1835. Investigando esses registros, entre os anos de 1835 a 1840, encontramos anotações sobre o falecimento de 128 escravos. As causas das mortes não foram relacionadas nesse período, mas podemos apresentar alguns aspectos do perfil dos escravos falecidos que habitavam em propriedades próximas à freguesia do Santíssimo Sacramento. Deles, identificamos 58 escravos inocentes e 70 adultos²⁹⁷.

Uma análise do conjunto de escravos adultos nesses registros de óbitos apontou que do total deles, 37 eram homens e 33, mulheres. A respeito das procedências dos cativos africanos, esboçamos o seguinte quadro: 15 eram africanos, dos quais 12 escravos homens (um quiçamã e 11 angolas) e três mulheres angolas. Em relação ao total de crioulos, encontramos três cativos do sexo masculino. Já entre os cativos sem naturalidade indicada, encontramos um número elevado de registros. Eram 52 no total, sendo 22 homens e 30 mulheres. Considerando a faixa etária desses cativos adultos arrolados, estão distribuídos com idades entre 12 e 90 anos.

O quadro do perfil de escravos levantados nos registros de óbitos da freguesia do Santíssimo Sacramento, com ênfase no falecimento de adultos, permite percebermos a presença significativa de cativos de variadas faixas etárias e um número considerável de mulheres escravas no processo de expansão das lavouras em Cantagalo. Apesar do número considerável de óbitos entre as mulheres, não podemos assegurar que elas morriam mais do que os cativos homens. Esse é um indício de que, dentro de um contexto social já marcado pelo fluxo intenso de escravos alimentando as *plantations* cafeeiras, devia ser veloz a reposição dos cativos falecidos, e muitos nem ao menos eram registrados nos livros paróquias. Nesse sentido, os dados de óbitos da freguesia de Santíssimo Sacramento representam uma pequena amostra do impacto do crescimento das lavouras no período.

²⁹⁶ De acordo com Clélio Erthal, a região da Freguesia de Santíssimo Sacramento caracterizava-se, até a primeira metade do século XIX, por um comércio rudimentar e uma ocupação escassa; “da mesma forma a igreja, elevada a categoria de Paróquia pelo alvará de 7 de outubro de 1806 (Paróquia Santíssimo Sacramento) também atraía mas só aos domingos e dias santos, quando da celebração de missas, casamentos, batizados e festas religiosas” ERTHAL, C. *op.cit.*, 2008, p. 105.

²⁹⁷ Paróquia Santíssimo Sacramento de Cantagalo. Livro de óbitos de livres e escravos, 1835-1840.

Analisando mais atentamente os inventários *post-mortem*, surgem dimensões da vida escrava relacionadas à experiência de saúde e doença, indícios até insuspeitos do ponto de vista quantitativo dos dados apresentados para os anos de 1815 a 1840. O exame do processo do inventário do falecido Francisco Alves Filgueiras Marra, em 1824, revelou aspectos interessantes dos cuidados com os escravos que adoeceram na fazenda Penedo. Apesar de apenas um cativo ter tido suas condições de saúde descritas na lista de avaliação de bens do processo de inventário – Manoel Pereira, congo, aleijado de uma perna–, outros indícios sugerem que graves doenças teriam atingido seus companheiros de cativeiro. Francisco Alves Filgueiras Marra possuía terras e benfeitorias em parte da fazenda Penedo. Apesar de não ser proprietário de uma grande fortuna, pertenciam ao seu espólio 28 cativos, sendo 13 africanos e 15 crioulos. Dentre as ocupações arroladas, estavam dois crioulos carreiros e um ferreiro. A nota de n.º232, anexada ao processo, indicou-nos aspectos das condições precárias de saúde desses escravos. O recibo informava que o falecido era devedor do valor de 74\$200 réis por trinta cabeças de galinha e um boi que havia sido comprado “para dar cura a oito escravos de boba”²⁹⁸. De acordo com a descrição de Jean-Baptista Alban Imbert, as *bobas* tinham duas seguintes características principais:

(...) a primeira consiste em pústulas, que fazem sobre a pele um relevo de uma a três linhas (...), de forma arredondada, deixando constantemente exsudar um fluido mucoso, incolor, assas abundante, apresentando todos os caracteres das pústulas sífilíticas chamadas chatas ou úmidas. Costuma atacar o começo das membranas mucosas (margem do anus, na boca, no nariz, às vezes o véu palatar). Consideradas primitivas porque sucede quase sempre depois do comércio impuro e se desenvolve em poucos dias".
A segunda é chamada consecutiva ou seca desenvolvida depois da cura aparente de sintomas venéreos ou durante sua existência. Ataca as partes pilosas (pernil, escrotos, barba, couro cabeludo, palmas das mãos e plantas dos pés) ocasiona perfurações regulares, gerando dores insuportáveis; chamado cravos de bobas. Em outras partes oferecem tubérculos em forma de verrugas, ligeiramente fendidas chamadas frambosia”²⁹⁹

Provavelmente, foi o aparecimento dos sintomas mais graves dessa moléstia que levou o lavrador Francisco Alves Filgueiras Marra a fornecer uma alimentação diferenciada aos doentes cativos. Para um proprietário com 18 cativos, ter oito deles atacados pelas bobas ou

²⁹⁸AMJERJ, inventário *post-mortem* de Francisco Alves Filgueiras Marra, 1824.

²⁹⁹IMBERT, Jean-Baptista Alban. *Manual do fazendeiro ou tratado doméstico sobre as enfermidades dos negros, generalizado as necessidades medicas de todas as classes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1839. Tomo II,235. *Apud*. RODRIGUES, Kassia. *Das páginas ao corpo: escravidão e práticas de saúde em manuais de fazendeiros do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. 2011, p. 83.

boubas poderia lhe trazer inúmeros prejuízos, especialmente nos anos em que a região começara a ser desbravada e que era latente a importância do trabalho escravo. Kássia Rodrigues, ao identificar a diminuição dos casos de “boubas” nas senzalas de Vassouras depois de 1850, explicou que “a moléstia floresce em locais sujos e abarrotados de gente, de fácil transmissão pelo contato direto da pele ou com o material contaminado, era identificada como ‘funesto legado’ dos negros em geral”³⁰⁰. Segundo ela, possivelmente, a diminuição do número de escravos por lances nas senzalas de Vassouras influenciou na diminuição dos casos registrados. A autora ainda indica que, apesar dos efeitos da moléstia não aparecerem de imediato, ela podia afetar gravemente o indivíduo atacado, fazendo-o sofrer com o corpo marcado por “lesões” e “desfiguramento”³⁰¹.

Nesse cenário de desbravamento e ocupação do território de Cantagalo, o inventário de Ignácio Pereira Guimarães³⁰², em 1828, fornece-nos outras interessantes pistas das possíveis estratégias elaboradas pelos escravos para lidarem com as mazelas da vida nas senzalas. O falecido Ignácio Pereira Guimarães era proprietário da fazenda de São Lourenço, com 66 cativos no total. Destes, 61 eram africanos, sendo mais da metade com idade entre dez e 30 anos, dois eram crioulos, dois não tinham indicação da naturalidade e apenas um era inocente. Apesar de somente dois cativos aparecerem como “doentes” na lista de avaliação, outros documentos anexados ao processo de inventário sugerem-nos que o cotidiano dos escravos da fazenda de São Lourenço era permeado por inúmeras dificuldades.

Em 24 de agosto de 1828, o inventariante dos bens de Ignácio Pereira Guimarães pagou 17 mil réis a um médico para tratar dos cativos doentes e outros três mil pela captura de escravos fugidos. Em 17 de setembro do mesmo ano, também teve gastos com o pagamento de parteiras, quatro mil réis. No ano de 1829, o inventariante registrou novamente as despesas que teve com os escravos da fazenda. Em abril do mesmo ano, ele informou que quatro mil réis foram pagos a um cirurgião “para cortar um tumor de uma preta, seis visitas a 640 réis”, que somaram “três mil e oitocentos e quarenta réis”. Além disso, foram registradas as seguintes despesas: “uma bacia branca para curar a preta do tumor; receita e remédio para um preto 5 mil réis; dinheiro que dei ao senhor Caetano para comprar galinhas mil réis; mais uma galinha para a doente 300 réis”³⁰³. A palavra “tumor” foi relacionada a um termo médico no

³⁰⁰ RODRIGUES, Kássia. *Das páginas ao corpo: escravidão e práticas de saúde em manuais de fazendeiros do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. 2011. p. 93

³⁰¹ *Ibidem*, p.93.

³⁰² Agradeço à historiadora Maria Celeste Gomes da Silva pela indicação desse processo.

³⁰³ AN, Inventário de Ignácio Pereira Guimarães, 1828.

dicionário de Raphael Bluteau, ou talvez apenas a um inchaço³⁰⁴. Ao recorreremos ao dicionário médico de Chernoviz, também encontramos uma descrição ampla: “chama-se tumor a elevação circunscrita, de certo volume, desenvolvida em qualquer parte do corpo (...)”, podendo indicar um amplo conjunto de moléstias, “não é possível dizer coisa alguma, nem sobre a causa, nem sobre o tratamento. É preciso que o leitor procure cada um dos artigos em que trato destas moléstias separadamente”³⁰⁵. De qualquer forma, o tumor que afetou a escrava chamou a atenção do inventariante, que recorreu a um cirurgião para empreender o tratamento necessário para a cura, talvez porque o inchaço tenha aumentado, impedindo-a de continuar a exercer suas funções na fazenda.

De acordo com as informações do inventário, o fazendeiro Ignácio Pereira Guimarães afogou-se quando seguia de Cantagalo em direção à Corte. Sua morte repentina parece ter gerado diversos conflitos pelo seu rico espólio. Observamos disputas entre o administrador de seus bens, Antonio Tertuliano dos Santos, e o responsável pelo seu herdeiro, que era menor de idade e morava na Corte. O administrador da fazenda, ao pedir autorização para a venda do café, argumentou que “da fazenda do defunto, sita a Cantagalo, estão vindo porções de café, que não podem conservar-se em gênero sem sua corrupção”³⁰⁶. Para além dos interesses que motivavam a dinâmica das ações do administrador ou do herdeiro, estava claro que a fazenda passava por dificuldades: faltava dinheiro para pagar aos credores, a colheita estava comprometida, alguns escravos haviam adoecido gravemente e outros, fugido. Considerando que as fugas eram ações que permeavam a construção das identidades escravas³⁰⁷, a soma de um conjunto de variáveis que causavam um cotidiano cada vez mais insalubre para aqueles indivíduos talvez despertasse mais temores em relação à sobrevivência nas senzalas e/ou motivasse-os ainda mais a fugir. Aproximando-nos do dia a dia da fazenda de São Lourenço, a partir da investigação do inventário de seu falecido proprietário, pudemos supor que a vida no cativeiro deve ter se tornado ainda mais instável durante as disputas na partilha pelos bens. As questões relacionadas à escassez de recursos (alimentos, roupas, medicamentos) e à falta de melhorias nas benfeitorias destinadas aos cativos certamente fez com que se alastrassem inúmeras moléstias entre eles. Nesse sentido, em um cenário no qual se iniciavam as acirradas

³⁰⁴ PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira* por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/02254100>. Acesso em 1º de julho de 2014.

³⁰⁵ CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol 1, p.1132.

³⁰⁶ AN. Inventário de Ignácio Pereira Guimarães, 1828.

³⁰⁷ SOARES, C.E.L.; GOMES, F. dos S. e FARIAS, J.B. *No labirinto das nações: africanos e identidades no Rio de Janeiro*, século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p. 123.

disputas por terras e riquezas à medida que novas clareiras eram abertas nas densas matas da província do sul fluminense, o cativo vai adquirindo cada vez mais importância.

3.1.2 - 1841-1850

Retomando a análise quantitativa dos dados, nos processos de inventários produzidos entre os anos de 1841 e 1850, deflagra-se um quadro distinto dos anos anteriores. O crescente número de informações sobre os escravos nesse período traduziu o destacado papel que Cantagalo vinha adquirindo na província fluminense. Se nos anos de 1830, a região assumia contornos da forte expansão cafeeira, no decênio seguinte já podemos visualizar os primeiros sinais da intensificação da exploração do trabalho escravo. Assim, o nosso segundo intervalo de tempo compreendeu os anos de 1841 a 1850. As condições de saúde, os sinais e sintomas das doenças relacionadas nos inventários indicaram uma variedade de moléstias que teriam atingido os cativos nesse decênio. Ao centrarmos nossa atenção nesses registros, construímos a tabela 32 e dividimos os escravos segundo informações sobre suas condições de saúde e doenças distribuídas por ano, naturalidade, idade:

Tabela 32. Escravos com indicações sobre condições de saúde e doença (1841-1850)

Ano	Nome	Naturalidade	Procedência	Idade	Sinais e sintomas doença/saúde
1844	Paulo	Africano	Indeterminado	28	Rendido
1844	José	Africano	Indeterminado	70	Cego de um olho
1844	Miguel	Africano	Indeterminado	40	Escorbuto
1844	José	Africano	Indeterminado	38	Hidrópico
1844	Matheos	Africano	Indeterminado	-	Aleijado
1846	Luzia	-	-	-	Pernas inchadas
1846	Iria	-	-	-	Vício de comer terra
1846	Rita	-	-	-	Aleijada de uma mão
1846	Jerônimo	-	-	-	Boubas
1846	Camillo	-	-	-	Opilado
1846	Lucianno	-	-	-	Boubas
1846	Romano	-	-	-	Fístula
1846	Balbina	-	-	-	Ferida na perna
1846	José	-	-	-	Corcunda
1846	Manoel Joaquim	-	-	Velho	Aleijado de um braço
1846	Joaquim	Africano	Benguela	25	Quebrado e aleijado de uma perna
1846	José	Africano	Congo	42	Aleijado de um braço
1846	José	Africano	Indeterminado	-	Doente com defeito
1846	Joaquim	-	-	-	Opilado
1847	Clemente	Nação	Indeterminado	-	Defeito em um olho

1847	Pedro	Nação	Indeterminado	-	Rendido das virilhas
1847	Antônio	Nação	Indeterminado	-	Cego de um olho
1847	Bruno	Nação	Indeterminado	-	Defeito pequeno em uma virilha
1847	Victoriano	Nação	Indeterminado	-	Rendido
1847	Serafim	Nação	Indeterminado	-	Defeito em um olho
1847	João	Nação	Indeterminado	-	Gotas boubáticas (Mal da)
1847	Adão	Crioulo	-	-	Rendido das virilhas
1848	Elena	Crioula	-	-	Aleijada e disforme
1848	Calixto grande	Africano	Benguela	-	Quebrado
1848	Getúlio	Africano	Benguela	-	Chaga crônica em uma perna
1848	José Pinto	Africano	Cabundá	-	Chaga crônica em uma perna
1848	Pautaleão	-	-	-	Aleijado das pernas
1848	Quistino	Africano	Cabinda	-	Aleijado das pernas
1848	Heitor	Africano	Benguela	-	Cego (quase)
1848	Zenóbio	Africano	Cabinda	-	Bexigas
1848	Cândido	Africano	Congo	-	Barriga d'água
1848	Salvador	Africano	Moçambique	-	Aleijado
1848	Lúcio	-	-	Velho	Doente
1848	César	Africano	Congo	-	Doente
1848	Manoel	Crioulo	-	18	Doente
1848	Victória	Africana	Benguela	40	Doente
1848	Joaquina	Africana	Benguela	18	Doente de um pé
1849	Caetano Roberto	Africano	Benguela	39	Doente
1849	Marcolina	-	-	-	Doente
1849	Valentina	Crioula	-	16	Pés inchados
1850	Felipe	Crioulo	-	-	Doente
1850	Nicolau	Crioulo	-	-	Aleijado
1850	Efigênia	Crioula	-	-	Doente
1850	Adão	Crioulo	-	-	Quebrado

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Neste segundo período estudado, encontramos 49 indicações a respeito do quadro de saúde dos escravos, que estavam divididos entre 12 proprietários. Os cativos africanos homens somavam 27 e as mulheres eram apenas duas: a jovem escrava Joaquina, benguela, de 18 anos, estava doente do pé, enquanto Victória, de 40 anos, benguela, foi registrada apenas como “doente”. Ambas as escravas pertenciam ao mesmo proprietário e foram avaliadas em, respectivamente, 700 mil réis e 200 mil réis.

No grupo de africanos homens, a maioria sofria algum tipo de defeito físico. Contabilizamos 13 indicações, sendo escravos aleijados das pernas e dos braços, cegos e quebrados os mais citados. Vejamos, os africanos de “nação” Paulo, Victoriano e Pedro

apareceram como rendidos, sendo Pedro rendido da virilha. O escravo Miguel, de nação, 40 anos, sofria de escorbuto, uma “moléstia produzida pela alteração do sangue, e cujos principais caracteres são fraqueza mui grande, nodoas lívidas em diferentes partes do corpo, amolecimento das gengivas, e disposição às hemorragias”³⁰⁸. João, de nação, sofria do “mal de gotas boubáticas”. As boubas caracterizavam-se por uma “moléstia cutânea”³⁰⁹. Provavelmente, essa doença causou muito sofrimento ao escravo João, que, impossibilitado de exercer o seu trabalho na fazenda, foi avaliado em apenas 100 mil réis.

Comparativamente, o escravo africano Zenóbio foi avaliado com o mais alto preço no período, mesmo doente de “bexigas”³¹⁰: quase um conto de réis. De acordo com o dicionário de Chernoviz, “bexigas ou varíola” tinham características de “uma erupção geral de borbulhas pelo corpo, que se convertem em grandes pústulas redondas e purulentas, acabam pela dessecação e deixam nodoas vermelhas, as que sucedem cicatrizes mais ou menos aparentes”³¹¹. A bexiga também era uma moléstia “eminente contágiosa”³¹², transmitida pela simples aproximação de indivíduos com a moléstia, mesmo sem que se houvesse tido qualquer contato anterior com ela. A disseminação da doença nas senzalas poderia causar inúmeros prejuízos para os senhores de escravos. O escravo Joaquim, africano, sofria de opilação, que, segundo “o Dr. Wucherer, as perdas de sangue, mui pequenas sem dúvida, mas incessantemente renovadas, que determinam estes vermes, ocasionam a moléstia chamada opilação”³¹³. Essa doença³¹⁴ foi muitas vezes relacionada ao clima insalubre em diversas partes da província; ela atingia principalmente os negros cativos que viviam em condições precárias nas senzalas. O debate sobre a moléstia gerou, ao longo do século XIX, vários conflitos em relação ao seu diagnóstico, mas é evidente que ela aparece

³⁰⁸ CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol 1, 1013.

³⁰⁹ *Ibidem*, vol 1, 357.

³¹⁰ Cf. SA, Magali Romero. A "peste branca" nos navios negreiros: epidemias de varíola na Amazônia colonial e os primeiros esforços de imunização. *Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental*. Online.v.11, n.4, suppl., dec. 2008, p.818-826. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000500008. Acesso em 1º de julho de 2014; MARCÍLIO, Maria Luiza. Mortalidade e morbidade da cidade do Rio de Janeiro Imperial. *Revista de História*, São Paulo, n.127-128, 1992/94, p.53-68; WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Cirurgiões do Atlântico Sul - conhecimento médico e terapêutica nos circuitos do tráfico e da escravidão (séculos XVII- XIX). *Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História*. ANPUH/SP – UNICAMP, Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.

³¹¹ CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol 1, 325

³¹² *Ibidem*.

³¹³ *Ibidem*, vol1, p. 160.

³¹⁴ Cf. debate em: FERREIRA, Luiz Otávio. Uma Interpretação Higienista do Brasil: Medicina e Pensamento Social no Império. Disponível na Internet: <http://www.bvshistoria.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=225>. Acesso em: 12 de maio de 2014.

recorrentemente em vários períodos e como causa das mortes entre diversos cativos de Cantagalo.

Os escravos Getúlio e José Pinto sofriam de uma chaga crônica em uma das pernas. O africano Cândido Congo sofria de barriga d'água e o escravo José, de nação, 38 anos, era “hidrópico”. De acordo com o Dicionário de Medicina Popular do Dr. Chernoviz, ambos os cativos deviam sofrer de hidropisia: “Dá-se o nome de hidropisia a todo o derramamento de serosidade em uma cavidade qualquer do corpo ou no tecido celular subcutâneo (...)”³¹⁵. Mais interessante foi a descrição que o médico fez sobre as possíveis causas da “hidropisia em geral”. O frio úmido, a alimentação insalubre ou insuficiente fazia parte dos fatores que podiam levar ao surgimento de seus sintomas em qualquer parte do corpo. O diagnóstico dessa moléstia, de acordo com o próprio o Dr. Chernoviz, não era fácil. Porém, não surpreende que os cativos sofressem os sintomas de certas doenças, decorrentes das condições insalubres em que vivam. Além do trabalho intenso a que eram submetidos nas lavouras e em outras atividades das propriedades, o clima úmido e frio era característico da região de Cantagalo e poderia afetar rapidamente a disseminação das moléstias nas senzalas.

Entre os crioulos, os registros sobre condições de saúde e doença apareceram em menor número: encontramos oito cativos enfermos. Entre as mulheres, tivemos apenas três indicações: uma com os pés inchados, uma doente e uma aleijada. Os escravos homens sofriam com defeitos, quebrados, rendidos ou apenas eram descritos como doentes. Mesmo entre os cativos sem indicação da naturalidade ou procedência, o quadro não difere muito dos padrões já citados para esse período. Os que sofriam de algum tipo de defeito eram aleijados das pernas e braços, padeciam de boubas, opilação e tinham feridas diversas. Em relação aos cativos africanos, conjecturamos que suas condições de vida fossem mesmo precárias. Os recém-chegados às lavouras cafeeiras do Vale sofreram com o contexto de expansão das roças de café: o trabalho tornou-se mais intenso e tais condições exporiam esses cativos ao clima úmido típico da região.

Ao seguirmos penetrando nas fazendas e espaços transformados pela expansão cafeeira inventariados na década de 1840, observamos mais escravos doentes, para além dos indícios lançados na lista de avaliação. Em 1844, examinamos o processo de inventário de Manoel de Sam José. O falecido fazia parte do grupo de pequenos proprietários da região, seus escravos somavam dez, sendo oito adultos e dois inocentes. O inventariado possuía também benfeitorias em suas terras, mas apenas a senzala foi descrita como “ordinária” e

³¹⁵ CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol 1, p. 160.

outra casa de vivenda estava “arruinada”. Podemos supor que além do intenso trabalho que exerciam ao longo dos dias, os escravos de Manoel de Sam José habitavam e circulavam por espaços “arruinados” e “ordinários”. Na lista de avaliação dos cativos, nenhum deles foi identificado com doenças, mas depois da primeira avaliação identificamos que um adoeceu gravemente. O inventariante declarou que o escravo africano Matheus, avaliado em 600 mil réis, depois da primeira avaliação “teve uma grave enfermidade, que resultou ficar aleijado de uma perna e quase lázaro”³¹⁶. Segundo o dicionário de Chernoviz, o termo *lázaro* indicava “uma moléstia cutânea caracterizada, no seu maior grau de desenvolvimento, por pequenos tumores ou *tubérculos* que se mostram principalmente no rosto e nas orelhas e depois na boca, nos membros, etc. (...)”³¹⁷. O empenho do inventariante, nesse caso, era que, na partilha, o escravo Matheus, ficando incapacitado de exercer alguma ocupação, traria prejuízos ao seu novo proprietário, logo deveria ser levada em conta sua “grave enfermidade”. Nessa dinâmica, observamos que nas relações sociais tecidas nas ambiências de Cantagalo, a dimensão da saúde e da doença era um importante aspecto nos embates travados entre os personagens que transitavam no entorno das senzalas: os senhores, os herdeiros, os médicos e os cativos. Isso pode ter acirrado ainda mais os conflitos entre esses personagens que ocupavam o território de Cantagalo.

Comparativamente, para o mesmo intervalo de tempo, analisamos o livro de óbitos de escravos da freguesia do Santíssimo Sacramento (tabela 33) e notamos que mais escravos foram registrados com a causa de morte. Apesar disso, as anotações dos óbitos dos cativos na década de 1840 foram irregulares; contabilizamos 67 escravos no total, divididos entre os anos de 1847 e 1848. Vejamos na tabela 33 o quadro construído em relação às causas de mortes dos cativos adultos: encontramos 37 registros de escravos adultos que se referiam aos anos de 1840, dos quais 12 eram escravos africanos, dois crioulos e 23 escravos sem naturalidade identificada³¹⁸. Ao analisarmos as informações compiladas com os registros de óbitos, encontramos aspectos interessantes que iluminam o cotidiano insalubre a que cativos de Cantagalo estavam expostos.

Entre as mulheres que foram sepultadas no cemitério da freguesia do Santíssimo Sacramento, encontramos 11 escravas. As três cativas de procedência africana registradas no livro de óbitos faleceram das seguintes causas: febres, Romana, benguela com 18 anos; bexigas, Maria, africana, com 50 anos; afogamento, Anna, angola. Por exemplo, a morte da

³¹⁶AMJERJ, Inventário *post-mortem* de Manoel de Sam José, 1844

³¹⁷CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol. 2, p.448.

³¹⁸Paróquia Santíssimo Sacramento de Cantagalo. Livro de óbitos de livres e escravos.1832-1849.

escrava Anna Angola pareceu mesmo ter sido violenta. Segundo seu registro de óbito, a escrava só foi enterrada depois do exame de corpo de delito judicial. Já as causas de mortes das oito cativas sem identificação da naturalidade e que estavam na faixa etária de 14 a 40 anos, ou seja, relativamente jovens, foram febres, partos, phthisica (tísica), reumatismo e tétano. Apesar das imprecisões relacionadas ao diagnóstico das doenças, tais informações elucidam o contexto das condições de vida dos falecidos escravos.

Vejamos algumas características das moléstias relacionadas nos óbitos das escravas, o reumatismo e o tétano. O reumatismo afetava mais os indivíduos adultos, era uma “moléstia cujo principal caráter consiste numa dor nas articulações (juntas) ou nos músculos, pelo que se divide em reumatismo articular e muscular”³¹⁹; apesar de a moléstia ser dividida em categorias, os sintomas típicos do doente com reumatismo eram dores nas juntas, inchaço e quase sempre febre. De acordo com o dicionário de Chernoviz, entre as causas da doença estava a exposição ao frio úmido, sendo suas vítimas indivíduos que dormiam “sobre a terra úmida e fria”. Chernoviz descreveu que as mulheres sofriam menos do que os homens do reumatismo, porque estariam menos expostas a trabalhos laboriosos. Contudo, sabemos que para as regiões de *plantations*, as atribuições que homens e mulheres desempenhavam eram na verdade cada vez mais difíceis. A caracterização de Chernoviz para “trabalho laborioso” acomodou perfeitamente algumas das características do trabalho escravo nas fazendas de Cantagalo: “entregam-se a trabalhos penosos, grandes caminhadas; suportam todas as intempéries do ar e as fadigas corporais”³²⁰. Em relação ao tétano, caracterizava-se “pela rijez e contração convulsiva de uma parte ou da totalidade dos músculos”³²¹. Nem todas as causas que levavam à doença eram conhecidas, mas a partir de algumas das características citadas no dicionário de Chernoviz, podemos relacioná-la ao cotidiano dos escravos de Cantagalo: “as feridas graves são as que a produzem mais frequentemente”³²².

Dos escravos adultos e africanos, localizamos nove indivíduos. As causas de morte mais citadas foram febres (4), seguidas de boubas (1), gota (1), hidropisia (1), phthisica (tísica) (1) e mordedura de cobra (1). Os dois cativos crioulos registrados sofreram com febre e um com uma moléstia decorrente de um acidente pela queda de um cavalo. A hidropisia ou hydropsia apresentava o seguinte sintoma: “todo o derramamento de serosidade em uma cavidade qualquer do corpo ou tecido celular subcutâneo”³²³. Determinadas doenças poderiam

³¹⁹CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol 2 p. 893.

³²⁰*Ibidem.*

³²¹*Ibidem* , vol.2 p. 1069.

³²²*Ibidem*

³²³ *Ibidem.*, Vol 2 p.161

resultar em *hydropsia*, mas o seu aparecimento estaria associado a algumas variáveis, como exposição ao frio e “alimentação insalubre e insuficiente”³²⁴. Chernoviz descreveu que o prognóstico das *hydropsia* não poderia ser feito de uma maneira geral, já que várias circunstâncias, sinais e sintomas precisariam ser considerados para o seu entendimento. Apesar disso, certamente a “alimentação insalubre e insuficiente” e a exposição ao frio são condições que podem ser relacionadas a uma das várias circunstâncias que levaram ao adoecimento e morte do cativo.

O grupo sem indicação de naturalidade somava 15 escravos. Encontrados cinco falecidos de febres, um de febre maligna, um de febre intermitente, dois por opilação e outros de *phthisica* (tísica), pleura, disenteria, mal do peito, mordedura de cobra e inflamação dos intestinos. A pleura, registrada como causa da morte do escravo José, de 30 anos de idade, talvez fosse pleuriz. De acordo com o dicionário de Chernoviz, tratava-se de uma moléstia de sintomas muito parecidos com os da pneumonia: dor, febre, tosse, só que “no pleuriz a tosse é seca ou seguida só de expectoração pouco abundante e sempre mucosa”³²⁵. Sobre as causas relacionadas ao pleuriz, a exposição a um ambiente frio quando “o corpo está suando (...) vêm depois as pancadas, as quedas, as feridas do peito”³²⁶. Não é difícil supor que essas variáveis, relacionadas por Chernoviz, condensariam alguns dos elementos que teriam levado ao adoecimento e morte do escravo João.

Tabela 33. Óbitos de escravos da freguesia de Santíssimo Sacramento (1847-1848)

Ano	Nome	Sexo	Idade	Naturalidade	Procedência	Causas de mortes
1847	Maria	F	50	Africana	Indeterminada	Bexigas
1847	Balbina	F	17	-	-	Tétano
1847	Michaela	F	30	-	-	Parto
1847	Felicidade	F	25	-	-	Parto
1847	Claudianna	F	40	-	-	Reumatismo
1847	Esperança	F	35	-	-	Phthisica
1847	Firmino	M	-	Crioulo		Moléstia interior precedida de queda de cavalo
1847	João	M	40	-	-	Opilação
1847	Benedicto	M	20	-	-	Mal do peito
1847	Custódio	M	-	Africano	Indeterminada	Hidropisia
1847	Felício	M	36	Africano	Indeterminada	Mordedura de cobra
1847	José	M	30	-	-	Pleura
1847	Manoel	M	30	-	-	Mordedura de cobra
1847	Adão	M	25	Africano	Indeterminada	Phthisica

³²⁴CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol.2, p.161

³²⁵*Ibidem*, vol 2 p.757.

³²⁶*Ibidem*

1848	Romana	F	18	Africana	Benguela	Febres
1848	Anna	F	-	Africana	Angola	Afogada na água
1848	Clara	F	30	-	-	Phthisica
1848	Eufrazia	F	-	-	-	Febre maligna
1848	Joanna	F	14	-	-	Febres
1848	Manoel	M	18	-	-	Disenteria
1848	Manoel	M	36	-	-	Phthisica
1848	Pedro	M	14	Crioulo		Febres
1848	Thomé	M	12	-	-	Febre maligna
1848	Ventura	M	-	-	-	Opilado
1848	João	M	10	-	-	Febres
1848	Jacyntho	M	40	-	-	Inflamação nos intestinos
1848	Miguel	M	40	-	-	Febres
1848	João	M	60	Africano	Indeterminada	Gota
1848	José	M	80	-	-	Febres
1848	Pedro	M	30	-	-	Febres
1848	Thomé	M	-	-	-	Febres
1848	Manoel	M	28	Africano	Moçambique	Febres
1848	Christino	M	-	Africano	Indeterminada	Febres
1848	Uladisbão	M	-	-	-	Febres intermitentes
1848	Antônio	M	35	Africano	Indeterminada	Bobas
1848	José	M	60	Africano	Indeterminada	Febres
1848	Ambrozio	M	35	Africano	Indeterminada	Febres

Fonte: Paróquia do Santíssimo Sacramento, Cantagalo.

É evidente que muitos dos termos relacionados na tabela 33 são apenas indicativos dos sintomas das moléstias. Apesar de ser difícil aferir com exatidão as doenças que dizimaram cativos nas *plantations* de Cantagalo, quando expomos tais dados, nos aproximamos do universo da vida escrava, moldado por precárias condições de saúde. Por outro lado, salientamos que os sinais e sintomas das doenças que atingiram os cativos também eram fatores de preocupação entre seus proprietários, especialmente nos períodos em que a acelerada expansão cafeeira *serra acima* transformou a paisagem social de Cantagalo. As ações empreendidas pela classe senhorial para manterem sua escravaria produtiva, nos períodos de maior demanda pelo trabalho escravo, revelam mais indícios de como o cotidiano daqueles trabalhadores foi marcado pelas precárias condições de moradias, alimentação e trabalho.

3.1.3 - 1851-1860

O terceiro período analisado compreendeu os anos de 1851 a 1860. Nesse intervalo de tempo encontramos um volume ainda maior de escravos com indicações sobre os sinais e sintomas de suas doenças, tendo contabilizado 97 indícios relacionados às enfermidades dos cativos adultos de Cantagalo. Desse total, 74 escravos eram homens e 23 eram mulheres. Assim, como salientamos no capítulo anterior, os últimos anos da primeira metade do século XIX foram um período marcado pela consolidação da produção cafeeira na região. Dessa forma, duplicaram-se os registros sobre os cativos com alguma doença ou defeito. Apesar de não encontrarmos, a respeito desse intervalo de tempo, indicações das causas de mortes no livro de óbitos dos escravos da freguesia do Santíssimo Sacramento, através dos processos de inventários das fazendas de Cantagalo percebemos mais escravos doentes. Ou seja, surgiram mais indicações de cativos defeituosos, quebrados, achacados e que, provavelmente, sofriam de moléstias antigas, mas continuavam se ocupando das roças, no serviço doméstico ou no ofício de “tocador” das tropas de animais. Para uma melhor visualização dos dados compilados, apresentaremos os escravos reunidos divididos em duas tabelas. A tabela 34 apresenta o perfil das mulheres escravas registradas com informações sobre as suas condições de saúde e a tabela 35 revela o perfil dos homens escravos relacionados no mesmo período.

Tabela 34. Escravas com indicações sobre condições de saúde/doença (1851-1860)

Ano	Nome	Naturalidade	Idade	Profissão	Saúde
1852	Rita	-	-	-	Doente de um olho e do qual presentemente pouco vê
1852	Florianna	Crioula	-	Doméstica	Doente (muito)
1852	Luduvina	Crioula	-	Doméstica	Doente
1859	[Carolina?]	-	-	-	Muito ordinária
1859	Leopoldina	-	-	-	Vesga dos olhos
1851	Isabel	Crioula	19	-	Paralítica
1857	Umbelinia	Crioula	-	-	Doente
1857	Antônia	Crioula	-	-	Doente de feridas
1857	Mafalda	Crioula	-	-	Feridas
1857	Celeste	-	-	-	Aleijada
1857	Vitorina	-	-	-	Doente
1857	Analia	Africana	-	-	Doente
1857	Irias	-	-	-	Erisipelas
1857	Joaquina	-	Idosa	-	Defeituosa de um olho
1857	Constância	-	Velha	--	Doente
1853	Jacintha	Crioula	-	-	Gota

1859	Maria Luiza	Africana	56	-	Doente
1859	Maria Correa	-	-	-	Doente
1859	Helena	Crioula	-	-	Doente do útero
1859	Luísa	-	50	-	Defeito nos olhos
1854	Justina	Crioula	12	-	Aleijada
1853	Thereza	Africana	-	-	Doente
1853	Faustina	Africana	-	-	Gota

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Tabela 35. Escravos com indicações sobre condições de saúde/doença (1851-1860)

Ano	Nome	Naturalidade	Procedência	Idade	Ocupação	Saúde
1852	Felizardo	-	-	-	-	Opilado
1852	José	-	-	-	-	Doente de uma perna, com ferida na mesma
1856	Marianno	Africano	Indeterminada	-	-	Doente
1854	Antônio	-	-	-	-	Doente dos peitos
1854	Miguel	-	-	-	-	Muito quebrado e velho
1852	Manoel Jaú	Africano	Congo	-	Engenho	Aleijado das pernas
1852	Cesário	Africano	Congo	-	Roça	Doente das pernas
1852	Félix	Crioulo	Crioulo	-	Pedreiro	Doente das pernas
1852	Miguel	Africano	Moçambique	-	Roça	Aleijado das pernas
1852	Bernardino	Africano	Congo	-	Corta capim para os animais	Pernas tortas
1852	José	Africano	Moçambique	-	Roça	Sofre ataques de gota
1853	Semião	Africano	Mina	-	-	Quebrado e doente
1853	Pedro	Africano	Congo	-	-	Doente
1853	Manoel	Africano	Congo	-	-	Muito ordinário
1853	Theodoro	-	-	-	-	Muito doente
1851	Joaquim	Africano	Congo	30	-	Aleijado
1857	Fernando	Africano	Indeterminada	-	-	Aleijado
1857	João	-	-	-	-	Doente incurável
1857	Nicolau	-	-	-	-	Doente das pernas
1857	Archiles	-	-	-	-	Feridas
1857	Victorínio	Crioulo	-	-	-	Doente de feridas
1857	Virgílio	Crioulo	-	-	-	Doente de feridas
1857	Firmino	Crioulo	-	-	-	Doente de feridas
1857	Francisco	Africano	Indeterminada	-	-	Rendido da virilha
1857	Albino	Africano	Indeterminada	-	-	Rendido da virilha
1857	Pedro	Crioulo	-	-	-	Doente do peito
1857	Anselmo	Africano	Indeterminada	-	-	Rendido
1857	Roque	-	-	-	-	Rendido de uma virilha
1857	Agostinho	-	-	-	-	Aleijado de um braço
1857	Manoel	-	-	-	Pintor	Doente

1857	Orpheu	-	-	-	-	Doente
1857	Pedro	-	-	-	-	Rendido de uma virilha
1857	Feliciano	-	-	-	-	Rendido de uma virilha
1857	Francisco	-	-	-	-	Rendido da virilha
1857	João	Africano	Cabinda	-	-	Rendido de uma virilha
1857	Sebastião	-	-	-	-	Doente
1857	Nutonino	-	-	Velho	-	Asmático
1857	Francisco	-	-	Velho	-	Aleijado
1857	Iparco	Africano	Indeterminada	-	-	Doente incurável
1857	Antônio	-	-	Velho	Serrador	Doente incurável
1857	Plácido	-	-	Velho	-	Aleijado e inválido
1856	Francisco	Africano	Angola	-	-	Quebrado
1856	Simão	-	-	-	-	Aleijado das pernas
1853	Silvestre	Crioulo	-	Velho	-	Aleijado de uma perna
1853	João	Africano	Indeterminada	-	-	Pés inchados
1853	Felipe	Africano	Indeterminada	-	-	Rendido
1859	Pedro	Africano	Indeterminada	45	-	Quebrado
1854	Antônio	Africano	Benguela	-	-	Sem um braço
1860	Antônio	Africano	Congo	50	-	Doente
1856	Antônio	Africano	Indeterminada	-	-	Opilado
1858	Francisco	Africano	Indeterminada	70	-	Doente
1858	Chripim	Africano	Indeterminada	46	-	Pernas tortas
1858	João	-	-	70	-	Moléstias e muito inválido
1851	José	Africano	Indeterminada	-	-	Manca de uma perna
1851	João	Africano	Indeterminada	-	-	Doente
1851	Jacinto	Africano	Moçambique	Velho	-	Achacado de moléstias
1851	Antônio	Africano	Moçambique	Velho	-	Achacado de moléstias
1853	Antônio	-			-	Doente do peito
1853	Tristam	-			-	Doente de tinha na cabeça
1853	Raimundo	-			-	Doente de elefantia
1860	Francisco	-		Velho	-	Aleijado das pernas
1853	Antônio	Africano	Angola	28	-	Opilado
1853	Camilo	Africano	Monjolo	28	-	Doente
1853	Manoel	Africano	Cabinda	21	-	Rendido de uma virilha
1853	Antônio	Africano	Cabinda	22	-	Ferida crônica em uma perna
1853	Jorge	Africano	Moçambique	12	-	Torto de uma perna
1853	João Francisco	Africano	Congo	30	-	Rendido de uma virilha
1853	Francisco Antônio	Africano	Congo	25	Tocador	Doente
1853	Paulo	Crioulo	-	32	-	Doente
1853	Luiz	Africano	Indeterminada		-	Aleijado de um braço
1853	Luís	Africano	Indeterminada		-	Rendido de uma virilha
1853	André	-	-	Velho	-	Rendido de uma virilha
1853	Joaquim Cascudo	Africano	Indeterminada		-	Doente

1853	Rufino	Africano	Indeterminada		-	Quebrado
------	--------	----------	---------------	--	---	----------

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

No grupo dos homens escravos, os africanos somavam 40, os escravos sem identificação da naturalidade eram 27 e os crioulos eram sete. No grupo dos africanos, os registrados como rendidos, aleijados, defeituosos, quebrados estavam em maior número. Entre os cativos sem a informação da naturalidade, os aleijados, quebrados e doentes eram maioria. Já entre os crioulos, dos sete escravos registrados, três estavam doentes de feridas, um estava doente das pernas, um doente do peito, um aleijado e um registrado apenas como doente. No conjunto geral, era expressivo o número de aleijados, quebrados, rendidos da virilha. Destacadamente, entre os cativos com ocupações registradas, três escravos africanos ocupados do serviço da roça sofriam com ataques de gota, defeito na perna e o terceiro era aleijado nas pernas. O africano Bernardino, que cortava capim para os animais, tinha as pernas tortas. O pedreiro Félix, crioulo, estava doente das pernas; Manoel, pintor, e o africano Francisco Antônio, tocador, estavam doentes e Antônio serrador, que já era muito velho, foi registrado como doente incurável.

No grupo das escravas também figuravam indicações sobre defeitos e feridas, mas a maioria das mulheres foi registrada apenas como doente ou adoentada. Sobre as ocupações, encontramos duas indicações: Ludovina e Floriana, crioulas, ambas escravas de Carlos Teixeira da Silva, foram indicadas como doente e muito doente e trabalhavam no serviço doméstico. As crioulas deveriam mesmo sofrer de graves moléstias, já que o inventariante indicou que elas estariam forras depois do fim do processo de inventário. Os preços atribuídos às escravas foram, respectivamente, 250 mil réis e 100 mil réis, valores muito inferiores aos em que eram avaliados outros escravos no mesmo período. Essas informações nos levaram a examinar mais atentamente a *plantation* em que essas escravas viviam. O falecido Carlos Teixeira da Silva fazia parte dos proprietários que acumularam fortunas com o cultivo do café. Estavam entre os seus bens 104 cativos: nove inocentes e 95 adultos. Além da fazenda Soledade, em Cantagalo, tinha outras propriedades na Corte. Os escravos crioulos da fazenda de Carlos Teixeira da Silva somavam 31 indivíduos, divididos entre 17 homens e 14 mulheres. Os escravos africanos eram 64, sendo 37 homens e 27 mulheres. Ao longo do processo, depois da avaliação do espólio dos bens, o inventariante registrou a morte de sete desses cativos. Estavam entre os falecidos três escravos inocentes, duas escravas crioulas e mais duas escravas africanas moçambiques. É interessante destacar que, entre esses escravos falecidos, nenhum foi descrito anteriormente como “doente”.

De acordo com as informações que recolhemos no processo de Carlos Teixeira da Silva, oito cativos estavam doentes no momento em que o inventário foi aberto, no ano de 1853; para outros sete foi anotado o falecimento nas páginas finais do processo. Tudo indica que se configurava na fazenda Soledade um quadro típico da exploração das regiões de grande lavoura. A densa escravaria da fazenda traduzia a importância do fluxo de africanos que abasteciam as propriedades da região: contabilizamos no inventário que 67,45% dos cativos eram africanos e 32,6% eram crioulos. Observamos, a partir do processo de inventário *post-mortem* de Carlos Teixeira da Silva, um cenário em que a maioria dos cativos sofria com alguma moléstia, muitos tinham “defeitos” ou sinais de doenças nas pernas. Apesar de não identificarmos se os óbitos dos cativos anotados no inventário foram ocasionados por moléstias antigas, repentinas ou situações de violência, podemos sugerir que, possivelmente, na fazenda do finado Carlos, naqueles anos, emergia um contexto de condições de vida muito precárias, afetando diretamente a saúde dos cativos que abarrotavam as senzalas da propriedade.

Tabela 36. Perfil dos escravos de Carlos Teixeira da Silva, com indicações sobre as condições de saúde e doenças

Nome	Naturalidade	Procedência	Ocupação	Saúde	Valor
Ludovina	Crioula	-	Serviço doméstico	Adoentada	250\$000
Manoel Jaú	Congo	-	Trabalho no engenho	Aleijado das pernas	100\$000
Félix	Crioulo	-	Pedreiro	Doente das pernas	100\$000
Miguel	Africano	Moçambique	Roça	Aleijado das pernas	380\$000
Cesário	Africano	Congo	Roça	Doente das pernas	100\$000
Florianna	Crioula	-	Serviço doméstico	Muito adoentada	100\$000
Bernardino	Africano	Congo	Corta capim para os animais	Pernas tortas	380\$000
José	Africano	Moçambique	Roça	Sofre ataques de gota	50\$000

Fonte: Inventário de Carlos Teixeira da Silva, 1852.

Em 1856, a avaliação dos bens do inventário de João Clemente de Sá, proprietário da fazenda Monte Café indicou a presença de 83 cativos de sua posse. Na propriedade, encontramos registrados alguns livros, “romances e livros de medicina” que foram avaliados em 19 mil réis. Além disso, estavam entre os bens do inventariado “uma botica contendo

várias drogas mais usadas, e em pequenas porções”³²⁷, avaliadas em 40 mil réis. Parece que nessa propriedade os livros de medicina e remédios armazenados na botica serviam como primeiro recurso para tratar dos doentes. Apenas dois cativos foram avaliados com indicações sobre sua saúde, o escravo Simão era aleijado das pernas e o africano Francisco era quebrado.

Sobre o ano de 1860, na propriedade que pertenceu ao falecido Francisco Salles de Abreu, encontramos o indício de como a doença de um escravo poderia preocupar os herdeiros do espólio. Em 1862, foi chamado na fazenda o médico Joaquim de Oliveira Garcia. Segundo seu próprio registro no recibo que emitiu aos herdeiros, o médico era doutor em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Sua ida se deveu ao adoecimento do escravo crioulo Agostinho, que tinha apenas dois anos de idade. Ainda que tivesse acompanhado a moléstia do inocente, o Dr. Joaquim não conseguiu salvá-lo. Em 1862, o dito escravo Agostinho faleceu de uma “hepatite aguda”³²⁸. No verbete do dicionário de Chernoviz, a hepatite aparece descrita como uma inflamação do fígado que podia ser aguda ou crônica. O escravo Agostinho padeceu da hepatite aguda, provavelmente sofreu com alguns dos sintomas mais graves da doença, caracterizada pela “opressão na respiração, dor agudíssima do lado direito do ventre e do peito”³²⁹. Vejamos seu registro de óbito:

Atesto que faleceu no mês de junho de 1861 de uma hepatite aguda, o crioulo de nome Agostinho pertencente à Fazenda do falecido Francisco de Salles Abreu, o qual foi por mim tratado durante sua enfermidade. O referido é verdade e afirmo sob juramento (...). Cantagalo, 13 de maio de 1862³³⁰.

Ainda a respeito do ano de 1860, reunimos mais relatos sobre os cuidados dispensados aos doentes escravos. A morte do tenente coronel Plácido Lopes Martins, nesse mesmo ano, deixou em evidência algumas características estruturais de sua fazenda, localizada na freguesia do Santíssimo Sacramento. Apesar do elevado número de cativos que pertenciam ao falecido, 80, poucos foram registrados como doentes, dentre os quais identificamos apenas seis escravos. Os doentes sofriam do fígado, ou estavam opilados e rendidos. Apesar disso, entre os registros de benfeitorias que serviam aos cativos (além de uma senzala com cozinha), foram anotados uma casa que servia de “enfermaria e dormitórios de pretos”, avaliada em 600

³²⁷ AMJERJ, inventário *post-mortem* de João Clemente de Sá, 1856.

³²⁸ AMJERJ, inventário *post-mortem* de Francisco Salles de Abreu, 1860.

³²⁹ CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol, 1,1172.

³³⁰ AMJERJ, , inventário *post-mortem* de Francisco Salles de Abreu, 1860.

mil réis. Considerando os vestígios que reunimos até aqui através dos processos de inventários, a construção de enfermarias nas fazendas indicava que a expansão da cultura cafeeira tornava a exploração do trabalho escravo mais intenso, afetando cada vez sua saúde.

A partir do maior número de informações sobre os gastos dos proprietários e seus herdeiros com médicos e diversos tratamentos para lidar com as doenças dos seus cativos, é possível analisarmos faces da experiência relacionada à saúde do escravo, que era moldada em uma dinâmica de expansão de uma economia de grande lavoura. As características insalubres do cotidiano da população de Cantagalo certamente marcavam as vivências dos moradores da cidade desde o seu desbravamento. Mas com o veloz crescimento demográfico e a progressiva ocupação do território, foi possível observarmos que se instalava um cenário social ainda mais ameaçador para a vida dos trabalhadores escravos. As senzalas eram os espaços mais rapidamente atingidos pelas moléstias, e a saúde dos escravos se tornava mais precária na medida em que Cantagalo assumia o papel central de destaque na economia cafeeira nos Oitocentos. Observamos que médicos circulavam pelas ambiências de grandes propriedades locais e que muitos deles, em suas visitas, tratavam tanto de senhores quanto de seus escravos. Contudo, veremos ao longo deste capítulo que mesmo entre os proprietários de pequenas e médias fazendas, os serviços médicos eram estratégias muito usadas no trato dos cativos doentes.

3.1.4 - 1861-1870

A avaliação dos inventários *post-mortem* no decênio de 1861 a 1870 revelou um cenário ainda mais ameaçador para a vida dos cativos de Cantagalo. Nesse período em que a concentração de escravos adultos foi maior, tal como apresentamos no primeiro capítulo, também nos deparamos com um maior número de registros sobre as condições de saúde dos cativos. Nos processos de inventários *post-mortem*, tais informações triplicaram quando comparadas à década anterior. Compilamos 247 informações sobre a saúde a doença desses cativos, distribuídas em 47 proprietários inventariados³³¹. É importante observar que essas anotações davam-se no momento em que a região vivenciava o auge da produção cafeeira. A tabela 37 apresenta a proporção do perfil dos escravos reunidos com informações sobre saúde e doenças:

³³¹ Ver anexo 2.

Tabela 37. Distribuição dos escravos adultos com indicações sobre saúde e doenças, 1861-70.

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Africanos	101	17	118
Crioulos	51	23	74
Sem indicação da naturalidade	32	23	55
Total	184	63	247

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Nessa dinâmica de expansão demográfica e econômica, enquanto outras regiões de exploração da cultura cafeeira estavam vulneráveis às mazelas que abalavam o fluxo do comércio do café, Cantagalo experimentava o progressivo acúmulo de fortunas. O que vemos é uma região onde a utilização da mão de obra escrava foi maciça, sendo composta consideravelmente por africanos levados *serra acima* pelo movimento do tráfico transatlântico. Nesse contexto social, também se estabeleciam embates e acordos entre senhores de escravos, autoridades, médicos, trabalhadores livres etc. Logo, para dar conta dessas dinâmicas, foi necessário reduzirmos nossa escala de observação para o cotidiano das *plantations*, através das informações registradas nos inventários *post-mortem*. Em Cantagalo, proprietários de terras, escravos e médicos surgem até aqui com destaque, ora distribuídos por espaços geográficos, ora por intervalos de tempo previamente selecionados. Buscamos apresentar a complexidade da experiência escrava que pode ser apreendida com a exploração de suas condições de saúde em Cantagalo.

Apesar de não encontramos informações sobre as causas de mortes nos registros de óbitos dos escravos da freguesia de Santíssimo Sacramento para esse período, vale ressaltar alguns padrões dos cativos enterrados no cemitério da Igreja do Santíssimo Sacramento. O volume de falecidos registrados no período foi elevado: 261 cativos adultos e 191 inocentes, ou seja, com menos de sete anos de idade. Uma observação mais geral desses dados revelou que dos escravos falecidos adultos, 143 eram africanos e 47 foram registrados como crioulos e com indicações de naturalidade de outras províncias. Já entre os cativos sem indicação da naturalidade, foram registrados 71 óbitos³³². Apesar de os dados referentes aos óbitos da freguesia do Santíssimo Sacramento revelarem apenas uma pequena amostra do universo dos escravos falecidos de Cantagalo, o número expressivo de africanos é indicativo que na cidade configurava-se um cenário típico dos principais contextos escravistas das Américas.

Considerando o elevado número de indivíduos registrados nos inventários *post-mortem* no período de 1861 a 1870, nosso primeiro passo foi nos aproximarmos do universo

³³² Paróquia Santíssimo Sacramento de Cantagalo. Livro de óbitos de livres e escravos.

de escravos africanos. Compilamos 118 registros sobre os cativos dessa naturalidade, sendo assim, foi possível tecermos algumas considerações a partir da divisão por sexo e grupo etário. Em 26 registros, não encontramos indicações sobre a idade, e em apenas um registro identificamos a ocupação: o escravo Fernando era carreiro, africano de nação, cambeta de uma perna, pertencia a Porcina Angélica dos Milagres, proprietária da fazenda São João da Pedra³³³. Das mulheres africanas, duas são registradas com opilações e outras duas com feridas. Mariana, conga, estava muito opilada e Maximiniana, de nação, sofria de opilação. A escrava Felícia, angola, tinha feridas nas pernas e Catharina, de nação, sofria das “pernas inchadas”. Mesmo sem o mapeamento da faixa etária e da identificação do trabalho, num quadro geral, esboça-se um padrão não muito diferente do conhecido sobre os efeitos do trabalho nas *plantations*. Grande parte foi indicada como quebrado, rendido, opilado ou estavam aleijados, defeituosos. Assim, em primeiro lugar, vejamos o conjunto de dados relacionados a esse grupo de cativos africanos:

Tabela 38. Escravos africanos com indicações sobre saúde e doenças, distribuídos por procedência, sexo e sem indicação da idade (1860-1871)

Nome	Sexo	Procedência	Saúde
Felícia	F	Angola	Ferida na perna
Marianna	F	Conga	Opilada (muito)
Maximiniana	F	Indeterminada	Opilada
Catharina	F	Indeterminada	Pernas inchadas
Fernando	M	Indeterminada	Cambeta de uma perna
Salvador	M	Indeterminada	Aleijado
Adão	M	Indeterminada	Aleijado
Frederico	M	Indeterminada	Aleijado
Joaquim	M	Mossangue	Alienado
Antônio	M	Indeterminada	Cego (quase)
Augusto	M	Indeterminada	Doente do fígado
Marcelino	M	Cabinda	Escorbuto
Lauriano	M	Indeterminada	Escrofuloso
Ignácio	M	Moçambique	Gota
Joaquim	M	Angola	Gota (mal da)
Manoel	M	Angola	Gota (mal da)
Daniel	M	Angola	Hipertrofia do coração muito adiantada
Thomaz	M	Cabinda	Opilado
Antônio	M	Indeterminada	Opilado

³³³ AMJERJ, inventário *post-mortem* de Porcina Angélica dos Milagres, 1863.

Malaquias	M	Indeterminada	Perna de pau
Miguel	M	Angola	Perna inchada e doente
Rufo	M	Indeterminada	Pernas tortas
Egídio	M	Indeterminada	Rendido
Adolpho	M	Indeterminada	Rendido
Joaquim Moleque	M	Indeterminada	Sem um braço
Manoel	M	Benguela	Sofre de uma veia da perna esquerda (é recente nos verões)

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Na tabela 39, apreciamos os escravos africanos mais jovens, com idades que variavam entre 20 e 30 anos. Entre as mulheres cativas, Juliana e Florinda, ambas de 25 anos, eram congas. Juliana sofria de *erysipela*³³⁴ e Florinda estava com uma perna quebrada. Já a africana Leonor, 30 anos, cabinda, sofria com uma ferida crônica na perna. Em relação aos jovens africanos, temos seis cativos. O escravo Dionízio, 20 anos, procedência indeterminada, sofria de opilação. João, 30 anos, foi registrado como idiota³³⁵. Victor, 30 anos, cabinda, sofria com uma ferida crônica na perna e os outros três cativos, Clemente, Elias e Francisco, foram registrados com algum defeito.

Tabela 39. Escravos africanos com indicações sobre saúde e doenças, distribuídos por procedência, sexo e idades entre 20 e 30 anos (1861-1870)

Ano	Nome	Sexo	Procedência	Idade	Saúde
1862	Leonor	F	Cabinda	30	Ferida crônica na perna
1862	Juliana	F	Conga	25	Erysipela
1862	Florinda	F	Conga	25	Perna quebrada
1861	Dionízio	M	Nação	20	Opilação
1862	Clemente	M	Angola	28	Não vê de noite
1862	Elias	M	Cabinda	28	Pernas tortas
1864	João	M	Nação	30	Idiota
1862	Victor	M	Cabinda	30	Ferida crônica na perna
1861	Francisco	M	Nação	30	Rendido

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

³³⁴ “*Erysipela*: Inflamação da pele, caracterizada pela cor vermelha, inchação e dor da parte afetada”. CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol 1, p.1000.

³³⁵ De acordo com o dicionário de Chernoviz, *idiota* ou *idiotismo*: “Os idiotas são entes privados mais ou menos completamente da inteligência desde a mais tenra idade(...) Pouco tenho que dizer sobre o *tratamento* do idiotismo. Quando a moléstia existe com um vício de conformação do crânio, ou com a paralisia dos membros que anuncia uma lesão orgânica do cérebro, não há remédio que aproveite. Mas quando a cabeça é bem conformada, sobretudo se o enfraquecimento da inteligência tiver principiado depois do nascimento, se for recente e não houver paralisia, pode-se tentar o uso dos purgantes, (...)”. CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol.2, p.203.

A maioria dos escravos distribuídos nesse grupo – Leonor, Juliana, Florinda, Victor, Clemente e Elias– pertencia a Joana Claudina Ludolf, proprietária da Fazenda da Quinta. Destaca-se nessa fazenda o maior número de escravos do sexo masculino (45 homens e 31 mulheres) e de naturalidade africana, sendo 48 africanos, 18 crioulos e apenas dez sem indicação da naturalidade. Dos 76 cativos adultos da Fazenda da Quinta, apenas 18 apareceram com indicações sobre sua situação de saúde. Observando as informações reunidas no processo de inventário de Joana Claudina Ludolf, foi possível imaginar como devia ser precárias as condições de vida dos cativos da fazenda. Eles habitavam em uma “casa servindo a senzala e paiol” e, além do trabalho na lavoura de café, deveriam também se ocupar de outras atividades na fazenda, que possuía uma olaria, roças de alimentos e hortas. Entre os bens da falecida, encontramos indicações de “remédios de botica e balança” e uma nota de recibo médico. A indicação de despesas médicas revelou que a proprietária da fazenda devia ao Dr. Joaquim de Oliveira Garcia cerca de um conto de réis pelos seguintes serviços: “trabalhos médicos feitos no ano de 1859; do ano de 1860; três visitas a uma escrava e aplicação de aparelho de fratura; três visitas a um escravo”³³⁶. Alguns cativos da propriedade estavam quebrados ou sofriam com algum tipo de defeito nas pernas e pés. Mas apenas os escravos com feridas nas pernas tiveram os mais baixos valores de avaliação, indicando uma moléstia que os incapacitava para o trabalho na fazenda. De acordo com Lycurgo Santos Filho, a ferida figurava como um dos acidentes cutâneos mais conhecidos no período, significando “qualquer corte ou lesão da pele”³³⁷. Logo, as indicações sobre a saúde dos cativos na Fazenda da Quinta apontam como devia ser árduo para eles o trabalho na propriedade.

Os escravos africanos com faixa etária entre 31 e 40 anos, distribuídos na década de 1860, com indicações sobre as condições de saúde somavam 21 indivíduos, sendo três mulheres e 18 homens. A tabela 40 apresenta as características desses africanos. Nesse caso, a indicação de “quebrado” teve maior ocorrência, com oito cativos, seguida de três cativos indicados com algum tipo defeito.

³³⁶AMJERJ, inventário *post-mortem* de Joana Claudina Ludolf, 1862.

³³⁷SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História Geral da medicina brasileira*. HUCITEC, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977, p. 200.

Tabela 40. Escravos africanos com indicações sobre saúde e doenças por procedência, sexo e idade entre 31 e 40 anos (1861-70)

Nome	Sexo	Procedência	Idade	Ocupação	Saúde
Delfina	F	Indeterminada	31	-	Opilação
Luiza	F	Mina	40	-	Ferida crônica na perna
Euzênia	F	Indeterminada	40	-	Doente
Paulo	M	Indeterminada	32	-	Gota
Carlos	M	Congo	32	-	Pernas inchadas
Félix	M	Indeterminada	38	-	Quebrado
Luís	M	Indeterminada	40	-	Defeituoso
Joaquim	M	Cabinda	40	-	Quebrado
José	M	Cabinda	40	-	Defeituoso
Pedro	M	Congo	40	-	Quebrado
Henrique	M	Indeterminada	40	-	Quebrado
Raymundo	M	Indeterminada	40	-	Quebrado
Izidoro	M	Indeterminada	40	-	Quebrado
Dezidério	M	Indeterminada	40	-	Quebrado
Semião	M	Indeterminada	40	-	Reumático
Francisco Gato	M	Indeterminada	40	-	Aleijado de uma mão
Pantaleão	M	Indeterminada	40	-	Opilado
Lucas	M	Indeterminada	40	-	Rendido
Antônio Moutinho	M	Indeterminada	35	Roça	Rendido das [?] e virilhas
Santhiago	M	Indeterminada	40	Roça	Quebrado
Felipe	M	Congo	36	Tropeiro	Pés inchados

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

A maioria dos escravos relacionados com alguma moléstia na tabela 40 pertencia a Manoel Teixeira de Souza e Dona Victorina de Souza. Ao investigarmos mais de perto o cotidiano desses cativos que pertenciam ao espólio do casal, a partir do processo de inventário aberto no ano de 1867, emergiam aspectos das precárias condições da vida escrava. Em primeiro lugar, chamou-nos a atenção o fato de que parte dos escravos “quebrados” pertencia à mesma propriedade, a fazenda Santa Bárbara. Logo, interrogamo-nos sobre os aspectos que afetariam ainda mais a saúde dos cativos da fazenda e isso nos levou a investigar mais atentamente as ambiências daquela propriedade.

Entre os bens avaliados do casal Manoel Teixeira de Souza e Dona Victorina de Souza, identificamos que circulavam na fazenda Santa Bárbara 94 escravos adultos e 27 com menos de sete anos de idade. Os escravos do espólio caracterizavam-se por uma maior concentração de africanos, com 55,3%, sendo 44,7% de crioulos. O casal possuía uma fortuna

considerável no período e seus cativos, provavelmente, estavam ocupados em serviços pelas fazendas Santa Bárbara, Santa Isabel e no sítio Aranha. No início do inventário, localizamos que, na propriedade Santa Bárbara, estavam entre os bens do casal os móveis de uma senzala, com duas marqueiras³³⁸ e um caixão pequeno. Na casa de enfermaria, foram registradas “seis camas de cavalete e um tronco”³³⁹. No longo processo, o inventariante também descreveu com mais detalhes as características das moradias dos cativos. A primeira foi uma casa que servia de senzala de negras e era “forrada e assolada, coberta de telhas”, “com 34 braças de comprimento e 44 de largura, tendo uma sala e três quartos, em mau estado”³⁴⁰, avaliada em 400 mil réis. Já a senzala para os negros era de “madeira lavrada, coberta de telhas”, tinha “120 braços de comprimento e 37 de largura, em mau estado” e foi avaliada em 800 mil réis.

De acordo com o processo de inventário do falecido casal, não era apenas a moradia dos cativos que estava em péssimo estado de conservação. O engenho de cana, o paiol, a casa de morada, entre outros bens, apareceram descritos como “arruinados” ou em “mau estado”. A casa que servia de enfermaria, avaliada em 150 mil réis, era “assoalhada, coberta de telhas, 65 braças de comprimento e 21 de largura” e também foi registrada em “mau estado”³⁴¹. Não sabemos ao certo o que teria levado que uma propriedade com as características da fazenda Santa Bárbara, composta de diversas benfeitorias, terras e escravos, estivesse em estado tão precário. Talvez as moléstias que levaram à morte do casal, somadas às disputas dos herdeiros tenham influenciado diretamente na organização da fazenda e provocado o fato de que parte das benfeitorias estivesse “arruinada” na ocasião da morte dos seus proprietários. Logo, os indícios sobre os espaços por onde os cativos circulavam, adicionados às indicações de suas críticas condições de saúde, dão-nos acesso ao cotidiano assustador da experiência escrava em Cantagalo em uma ocasião marcada pela intensificação e expansão das lavouras cafeeiras. Com o exame do inventário do falecido casal, o que vislumbramos até aqui foi uma propriedade “arruinada” depois do falecimento dos seus proprietários, mas ainda não se esgotaram as possibilidades de investigar o cotidiano dos cativos da fazenda Santa Bárbara.

Prosseguindo a análise do inventário do falecido casal, que levou cerca de um ano para ser concluído, encontramos notas e recibos por serviços prestados por médicos aos escravos

³³⁸Em viagem ao Brasil nos anos de 1820, Karl Friedrich e Philipp von Martius identificaram “marqueiras” eram “redes tecidas ou trançadas” muito usadas por brasileiros. Cf. Johann Baptist von Spix, Karl Friedrich Philipp von Martius *Travels in Brazil, in the Years 1817-1820: Undertaken by Command ...*, Volume 1 ...p;.314.

³³⁹AMJERJ, Inventário de Manoel Teixeira de Souza e Dona Victorina de Souza, 1867.

³⁴⁰*Ibidem.*

³⁴¹*Ibidem.*

doentes da fazenda. Em julho de 1867, Paulo Ribeiro da Costa emitiu um recibo (Nota nº 4) para “despesa do preto que esteve doente, dito chama-se Joaquim”, no valor de 20 mil réis. Em setembro de 1868, o Dr. Domingues emitiu um recibo de um tratamento em agosto de 1867 (Nota nº 8), no valor de 50 mil réis. De acordo com a nota emitida, o Dr. Domingues havia feito visitas médicas à família na fazenda de Santa Bárbara em julho de 1866, por ocasião da doença do comendador Manoel Teixeira de Souza. Essa informação reforça uma das questões que levantamos anteriormente. A doença que teria levado à morte o comendador era longa, talvez impedindo que preservasse seus bens e, assim, deixando que ficassem “arruinados”.

De acordo com Robert Slenes, o quadro “estável” que caracterizava as propriedades “médias” e “grandes” do Sudeste “traduzia uma política senhorial, criada no calor do embate com a senzala”³⁴². Nesse contexto de embates que marcaram as negociações entre senhores e escravos, poderíamos supor que, nas *plantations* de Cantagalo, fossem elaboradas múltiplas estratégias: pelos senhores, para que seus escravos, peças valiosas da fazenda, estivessem em condições favoráveis de saúde para exercerem suas ocupações; por médicos que buscavam alcançar melhores honorários nas ricas propriedades do Vale do Paraíba, ocupando-se das enfermidades dos senhores de terras, de seus familiares e, principalmente, dos seus cativos; e, por fim, pelos escravos, que precisavam lidar constantemente com os perigos eminentes de seu cotidiano, elaborando e mantendo táticas para sobreviverem às asperezas decorrentes da desestabilização das fazendas. Assim, o que vemos esboçado na fazenda Santa Bárbara foi uma completa desestruturação da organização senhorial. As benfeitorias estavam arruinadas, com destaque para as senzalas em mau estado e para uma casa de enfermaria que, possivelmente, não estaria em condições de receber adequadamente os indivíduos doentes, já que também se apresentava em mau estado.

Em todo o caso, ainda podemos vislumbrar mais algumas questões sobre a vida dos cativos na fazenda Santa Bárbara. O recibo (Nota n.º41) do Dr. Manoel Alves da Costa confirma o quadro precário de saúde que marcou a vida dos escravos do falecido comendador. De acordo com esse recibo, o Dr. Manoel cobrava pelos honorários o valor de 420 mil réis por serviços prestados aos escravos da fazenda Santa Bárbara referentes ao mês de janeiro até outubro de 1868. As descrições sobre esses serviços, mais do que apresentarem pistas dos esforços promovidos pelos herdeiros para manterem a propriedade “estável” novamente, reforçam o quadro insalubre da vida escrava de que até então suspeitávamos. Vemos na tabela

³⁴² SLENES, Robert. *Op. cit.*, 2011, p.57.

41 que o Dr. Manoel havia atestado quatro óbitos de escravos no ano de 1868. Também foram feitas muitas visitas para tratar dos cativos da fazenda, com cuidados diversos fornecidos, e houve o caso de um escravo que sofria de uma enfermidade grave e precisou ficar na casa do médico para receber o tratamento. Esses indícios, somados às pistas que reunimos na lista de avaliação dos cativos, reforçam que as variáveis relacionadas à saúde daqueles indivíduos nos territórios de grande lavoura do Sudeste, mesmo no período de expansão, desestabilizavam senzalas e a própria organização das fazendas. As benfeitorias, por exemplo, quando *arruinadas*, influenciavam diretamente na saúde dos cativos.

Tabela 41. Serviços médicos prestados pelo Dr. Manoel à Fazenda Santa Bárbara

Mês	Dia	Serviços prestados	Valor
Janeiro	17	Viagem por ver diversos doentes	30\$000
Fevereiro	20	Consulta para uma preta	5\$000
Fevereiro	28	Viagem para ver Theodora	30\$000
Março	08	Viagem para ver um escravo	30\$000
Abril	15	Viagem para ver dois doentes	30\$000
Mai	09	Consulta para uma crioulinha	5\$000
Mai	12	Exame e receita a Ignácio (moléstia de olhos)	10\$000
Mai	12	Consulta para Eva	5\$000
Mai	30	Exame e receita a Ignácio (moléstia de olhos)	10\$000
Junho	12	Consulta para Rufina	5\$000
Junho	13	Consulta para Rufina	5\$000
Junho	14	Viagem para ver Rufina	30\$000
Junho	19	Consulta para Rufina	5\$000
Junho	19	Quatro atestados de óbito	Grátis
Junho	30	Viagem para ver dois pretos	30\$000
Julho	11	Consulta para um crioulinho	5\$000
Julho	24	Viagem para ver Mariana e outros	30\$000
Julho	28	Viagem para visitas	30\$000
Agosto	5	Consulta para Eva	5\$000
24 de junho a 24 de agosto		Tratamento em sua casa do preto Ignácio de uma grave enfermidade de olhos	120\$000
			420\$000

Fonte: Inventário de Manoel Teixeira de Souza, 1867.

A indicação de indivíduos avaliados nas listas de inventários como quebrados, feridos, defeituosos etc. traduziu cenários marcados pela intensificação da exploração do trabalho

escravo e revelou como as experiências relacionadas às precárias condições de saúde moldavam aspectos da vida cativa. As dimensões da saúde e das doenças nos aproximam das comunidades escravas construídas e reconstruídas nas *plantations* cafeeiras do Vale fluminense, configurando variáveis que poderiam influenciar diretamente na elaboração de estratégias de sobrevivência tecidas pelos escravos de Cantagalo. Nesse sentido, a observação dos africanos com idades de 31 a 40 anos, distribuídos na tabela anterior (tabela 40), reflete o quadro de exploração do trabalho a que os indivíduos escravizados eram submetidos nas propriedades de Cantagalo que temos apresentado.

A relação aos escravos africanos, com idades que variavam entre 41 e 50 anos, somam 29 registros (tabela 42). Destes, foi registrada apenas um mulher, a escrava Felícia, de 45 anos, benguela, indicada apenas como doente. Sobre os cativos, esboça-se o típico quadro de quebrados, rendidos, opilados etc.

Tabela 42. Escravos africanos por procedência, sexo e idade entre 41-50 anos (1861-70)

Nome	Sexo	Procedência	Idade	Profissão	Saúde
Felícia	F	Benguela	45	-	Doente
Miguel	M	Indeterminada	42	-	Doente
Matheus	M	Indeterminada	45	-	Feridas
Antônio	M	Indeterminada	45	-	Quebrado
Joaquim	M	Indeterminada	45	-	Gota (mal da)
Cassiano	M	Indeterminada	45	-	Quebrado
Manoel Antônio	M	Indeterminada	45	-	Quebrado
Adolfo	M	Indeterminada	46	-	Quebrado
Matheus	M	Indeterminada	46	-	Quebrado
Manoel	M	Benguela	50	-	Quebrado
Casimiro	M	Indeterminada	50	-	Doente
Pedro	M	Indeterminada	50	-	Moléstia do coração
Ponciano	M	Indeterminada	50	-	Opilado
Feliciano	M	Indeterminada	50	-	Quebrado
Antônio	M	Congo	50	-	Aleijado no braço e perna
Belizário	M	Benguela	50	-	Pernas tortas
Marcelino	M	Indeterminada	50	-	Defeito no pé
Januário	M	Indeterminada	50	-	Doente do peito
Venâncio	M	Indeterminada	50	-	Paralítico
Dionísio	M	Indeterminada	50	-	Quebrado
Daniel	M	Indeterminada	45	Carapina	Rendido
Thomás	M	Indeterminada	48	Roça	Doente
Marianno	M	Indeterminada	50	Roça	Opilado

Jerônimo	M	Indeterminada	41	Roça	Quebrado
Eugênio	M	Indeterminada	42	Roça	Quebrado
Inocência	M	Indeterminada	42	Roça	Quebrado
Salvador	M	Indeterminada	45	Roça	Doente
Modesto	M	Indeterminada	45	Roça	Doente das mãos
João	M	Indeterminada	44	Tocador	Morfítico

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Os dados compilados sobre os africanos com mais de 50 anos indicam 33 cativos, sendo quatro mulheres e 27 homens (tabela 43). Nesse grupo de cativos mais velhos que sobreviveram ao penoso trabalho nas fazendas de Cantagalo, abundam referências aos inválidos e/ou com algum tipo de defeito.

Tabela 43. Escravos africanos distribuídos por sexo e com mais de 51 anos (1861-70)

Nome	Sexo	Procedência	Idade	Ocupação	Saúde
Lauriana	F	Indeterminada	53	-	Elefantíase
Bazília	F	Mina	53	-	Sofre de prolapso uterino
Leocádia	F	Moçambique	54	-	Doente
Maria Joana	F	Indeterminada	60	-	Doente
Josefa	F	Indeterminada	60	Roça	Doente
Delphina	F	Indeterminada	58	Roça	Sofre de varizes
Laurindo	M	Indeterminada	51	-	Doente
Leandro	M	Indeterminada	53	-	Defeituoso
Lucas	M	Indeterminada	53	-	Doente
Manoel Lourenço	M	Indeterminada	53	-	Doente
Jorge	M	Indeterminada	53	-	Quebrado e asmático
José Miguel	M	Indeterminada	54	-	Quebrado
Manoel Canela	M	Indeterminada	54	-	Quebrado
Miguel	M	Indeterminada	54	-	Quebrado
João	M	Indeterminada	56	-	Catarata
Gabriel	M	Indeterminada	58	-	Quebrado das duas virilhas e sem olho
Lourenço	M	Indeterminada	58	-	Sem um olho
Justo	M	Indeterminada	60	-	Quebrado
Joaquim	M	Cassange	60	-	Quebrado
Jaulo	M	Moçambique	60	-	Quebrado
Francisco	M	Indeterminada	60	-	Sem uma vista
Antônio Joaquim	M	Indeterminada	60	-	Quebrado
Caetano	M	Indeterminada	63	-	Quebrado
Agostinho	M	Indeterminada	66	-	Doente

Alberto	M	Indeterminada	70	-	Cego de um olho
Fabrcio	M	Indeterminada	56	Roça	Aleijado das pernas
Leandro	M	Indeterminada	60	Roça	Sofrendo do coraçaõ
Pedro	M	Indeterminada	75	Roça	Doente
José	M	Indeterminada	53	Pedreiro	Sofre de degenerescência dos grãos
Januário	M	Indeterminada	56	Roça	Tendo já estado louco
João [moulás]	M	Indeterminada	60	Roça	Coxo
Germmano	M	Indeterminada	63	Roça	Invalído
Joaquim	M	Indeterminada	65	Roça	Doente

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Com relação aos escravos crioulos arrolados no mesmo período (1861-1870), a indicação das condições de saúde somaram 74 registros, sendo 51 sobre os crioulos homens e 23 anotações para as mulheres escravas. Considerando esse menor número de registros, observaremos os cativos crioulos distribuídos por homens e mulheres. Os dados indicados nas tabelas 44 e 45 a respeito dessa distribuição também sinalizam as precárias condições de saúde que moldavam o cotidiano dos cativos. Na tabela 44, observamos que entre os crioulos esboçava-se um elevado índice de indeterminação relacionado à saúde, muitos escravos (23) foram apenas registrados como doentes ou muito doentes. Contudo, os crioulos quebrados, rendidos e defeituosos também tiveram registro. Sobre as mulheres crioulas, tabela 45, identificamos que quase a metade foi apenas registrada como doente. No entanto, as informações sobre cativas rendidas, quebradas e com defeitos também eram numerosas.

Tabela 44. Escravos crioulos por idade e ocupação (1861-1870)

Nome	Sexo	Idade	Ocupação	Saúde
Antônio	M	-	-	Surdo
Cândido	M	-	-	Escrofuloso
Raymundo	M	-	-	Boubas
Pompeu	M	-	-	Defeituoso
Pantaleão	M	-	-	Aleijado (totalmente)
Henrique	M	-	-	Asmático
Bernardo	M	-	Falquejador	Sofre de reumatismo
Manoel Florentino	M	-	-	Defeito em uma perna
Alexandre	M	-	-	Ferida crônica na perna
José	M	-	-	Ferida em uma perna
Fortunato	M	-	Tropeiro	Perna chata
Isidoro	M	14	-	Doente
Victorino	M	14	-	Thipho
José	M	15	-	Doente

Hemetério	M	16	-	Defeituoso
Severino	M	16	Roça	Doente do coração
Alexandre	M	18	-	Idiota
Amaro	M	19	Roça	Doente
João	M	19	-	Aleijado de uma mão
Bernardo	M	24	-	Doente
Agostinho	M	25	-	Quebrado
Pedro	M	25	-	Quebrado
Leopoldo	M	28	Roça	Doente
Veríssimo	M	28	-	Quebrado
Pacífico	M	28	Roça	Rendido de uma virilha
Maximiniano	M	29	-	Escrufuloso
Sátiro	M	30	Sapateiro	Dois dedos cortados de uma mão
Benedito	M	30	-	Doente
Casimiro	M	30	-	Sofre dos olhos
Victor	M	30	-	Doente
Jeronymo	M	30	-	Quebrado
Gustavo	M	30	-	Doente de impigem crônica
Claudino	M	31	Carreiro	Doente
Constantino	M	31	Carreiro	Doente
Plácido	M	32	-	Paralítico
Roque	M	35	Pedreiro	Rendido das virilhas
Francisco	M	38	-	Tuberculoso
Felipe	M	38	-	Doente
Gregório	M	40	Roça	Quebrado
Cipriano	M	44	-	Quebrado
Manoel	M	49	-	Doente
Gustavo	M	49	Marceneiro	Rendido das virilhas
Silvestre	M	50	-	Muito doente
José Rosa	M	50	-	Cego
Sebastião	M	50	Cavouqueiro	Doente
Agostinho	M	50	Roça	Quebrado
Marcolino	M	50	Roça	Doente
João	M	50	-	Doente
Matheus	M	70	Roça	Doente
Manoel	M	70	Pedreiro	Doente do coração
Adriano	M	70	Roça	Mudo

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Tabela 45. Escravas crioulas por idade (1861-1870)

Nome	Idade	Saúde
Joana	-	Aleijada (totalmente)
Elena	-	Aleijada (muito)

Clara	-	Pernas tortas
Graciana	-	Morphética
Virgínia	09	Doente
Silvina	14	Aleijada do braço direito
Perciliana	18	Sofrendo de [?]
Eva	19	Doente
Vicência	25	Perna torta
Luiza	25	Doente
Domingas	28	Doente do útero
Maria	30	Rendida
Paulina	30	Doente
Thereza	30	Cólica
Lanita	35	Doente
Theodora	40	Escrofulosa
Ignez	45	Doente
Bernardina	45	Doente
Joaquina	50	Doente
Maria	51	Doente
Josepha	51	Quebrada
Lourença	72	Muito doente
Joaquina	90	Inválida

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

A tabela 46 apresenta os cativos que foram lançados nos processos de inventários sem indicações sobre naturalidade ou procedência. Para efeito de comparação, eles serão apresentados distribuídos entre homens e mulheres. Desse conjunto total de cativos, 32 eram homens e 23 eram mulheres. As indicações sobre suas condições de saúde relacionadas na avaliação não surpreenderam: as que contemplam escravos com defeitos, aleijados e quebrados continuam a ser as mais registradas. É evidente que no grupo das mulheres escravas encontramos uma ligeira diferença nas indicações de saúde. Assim como encontramos em outros grupos de cativas, as mulheres sofriam, por exemplo, de prolapso uterino.

Tabela 46. Escravos sem indicação da naturalidade por idade (1861-1870)

Nome	Idade	Ocupação	Saúde
Damião	-	-	Defeituoso
Simplício	-	-	Defeituoso
Sabino	-	-	Cego

Eugênio	-	-	Aleijado
Floriano	-	-	Quebrado
Domingos	-	-	Quebrado
Gregório	-	-	Cego
João	-	-	Cego
Domingos	-	-	Cocho
Antônio José	-	-	Cocho
José Ferreira	-	-	Cocho e pernas inchadas
Joaquim Ferreira	-	-	Cocho e quebrado
Martinho	-	-	Doente
Manoel	10	-	Falta de vista
Caetano	19	-	Doente
Venâncio	20	-	Defeituoso
Miguel	25	-	Quebrado das virilhas
Agostinho	26	-	Defeituoso das pernas
Silvestre	29	-	Doente, quebrado
Camillo	33	Roça	Boubático
Germano	35	-	Doente
Júlio	38	Roça	Doente
Fortunato	39	Roça	Quebrado
Matheus	40	-	Rendido
Clemente	43	-	Doente
David	43	-	Doente
Pedro Calmaia	45	-	Ferida crônica na perna
Laurentino	49	-	Quebrado
Lucas	50	-	Quebrado
Antônio Joaquim	60	-	Quebrado
Joaquim	08	-	Pernas tortas
Antônio	Velho	Tropeiro	Rendido

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Tabela 47. Escravas sem indicação da naturalidade (1861-1870)

Nome	Idade	Saúde
Maria	-	Maluca
Carolina	-	Doente
Faustina	-	Hidrópica
Maria Rosa	-	Aleijada
Joanna	-	Morphética
Isabel	-	Morfética
Josepha	-	Cocha
Ana	-	Cocha
Nominata	08	Asmática

Izabel	13	Gota (mal da)
Cassiana	24	Sofre de prolapso uterino
Suzana	28	Tuberculosa
Jachinta	29	Doente
Henriqueta	34	Paralítica
Florência	35	Doente
Eva	38	Doente
Joaquina	42	Doente
Luiza Califórnia	45	Doente (meio)
Victorina	53	Doente
Felícia	54	Doente
Josefa	54	Doente
CândidaPaula	58	Sofre de prolapso uterino
Joana	60	Doente

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Para além dos inúmeros sinais e sintomas de enfermidades registrados nos inventários *post-mortem* que assolavam o cotidiano dos cativos, conseguimos, ao perscrutar as fazendas de Cantagalo e examinar o entorno das senzalas, aproximar-nos do universo dos escravos naquelas ambiências. O maior número de doentes nesse período, em um contexto social marcado pela valorização da mão de obra escrava, contribuiu para que rápidas ações fossem elaboradas pelos senhores de escravos em relação aos cuidados e preservação com a saúde dos seus cativos. Assim, surgiram mais pistas de que alguns doentes apresentados nas tabelas anteriores tivessem recebido algum tipo de tratamento médico na propriedade que habitavam ou na vizinhança.

Em 1861, um processo de prestação de contas do espólio de João Antônio Gatto revelou gastos no tratamento dos seus cativos. O responsável pelo espólio dos bens do falecido foi o capitão João José da Silva, que registrou, no ano de 1857, despesas com medicamentos e tratamento dos escravos Felicidade, Marcelina e Matheus, no valor de 156 mil réis. As notas e recibos revelaram que o ano de 1857 parece ter sido um momento difícil para a família Gatto. Além do falecimento do patriarca, os escravos também adoeceram e mais gastos foram investidos para seu tratamento. No processo que analisamos, encontramos apenas oito cativos relacionados na propriedade da família. Um terceiro recibo médico nos ajudou a compreender o quadro precário de saúde que se instalava na fazenda do falecido João Antônio Gatto. Em maio de 1857, um importante farmacêutico da região Dr. Theodore Peckolt emitiu um recibo pelo fornecimento de medicamentos. Já em novembro de 1857, o

Dr. Luís José Sergio de [?] informou que, do mês de agosto ao mês de novembro de 1857, fez “visitas” e “consultas diversas” aos herdeiros e aos seus escravos³⁴³.

No ano de 1864 examinamos o processo de inventário *post-mortem* de Francisco Antônio de Souza³⁴⁴, proprietário fazenda Rio Grande. Ao examinarmos atentamente esse inventário, verificamos a doença de Francisco levou à propriedade várias visitas de um médico. Contudo, as visitas também se estenderam a uma escrava chamada Leodora. Após a morte do proprietário, foram registradas notas no processo de inventário e identificamos que, no dia 30 de março de 1864, a escrava Leodora, crioula, com 30 anos, adoeceu e recebeu uma consulta médica que custou cinco mil réis. Francisco Antônio de Souza possuía 45 cativos no total. Destes, apenas três foram registrados como doentes: o escravo Casimiro, africano, com 50 anos; Miguel, africano, com 42 anos e Isidoro, crioulo, com 14 anos. Apesar de não termos identificado a moléstia que teria atingido a escrava Leodora, certamente ela foi um pouco mais grave do que a doença dos seus companheiros de cativeiro. Apesar dos esforços do inventariante, tudo indica que a escrava tenha falecido, já que não encontramos nenhuma informação sobre ela na avaliação dos bens ou na partilha.

Mesmo em propriedades maiores, com grandes extensões de terras e benfeitorias em bom estado, a casa de enfermaria aparece como construção importante dos bens. No inventário de Maria Amália de Souza Azevedo³⁴⁵, encontramos a indicação de uma casa de enfermaria, avaliada no elevado valor de um conto e duzentos mil réis. Também identificamos, entre os bens móveis, uma botica, avaliada em 500 mil réis. A falecida Maria Amália era proprietária de uma volumosa escravaria com 145 indivíduos. Além dos casos típicos que temos citado até aqui, escravos quebrados, rendidos e defeituosos, reunimos informações sobre outras indicações de moléstias que atacaram alguns cativos dessa proprietária. Por exemplo, três mulheres sofriam de prolapso uterino e um casal de escravos estava tuberculoso. Outros oito cativos foram registrados apenas como doentes, donde imaginamos que, quando aquela densa escravaria se aglomerava nas senzalas – com medidas de “cinquenta e um metros de frente e cinco de fundo estragadas, avaliada em um conto de réis” –, algumas doenças se alastrassem rapidamente. Parece que a manutenção da casa que servia de enfermaria, com “quatorze metros de quadro e duas varandas, tendo uma quatorze metros de frente, treze de fundo e outra dezoito ditos de frente e nove de fundo”³⁴⁶, e a existência de uma botica abastecida com remédios eram fatores que agregavam o sucesso e a

³⁴³ CDPD. João VI, caixa n.4, Processo de prestação de contas de João Antônio Gatto, 1861.

³⁴⁴ CDPD. João VI, caixa 512, Inventário de Francisco Antônio de Souza, 1864

³⁴⁵ CDPD. João VI, caixa 498, Inventário de Maria Amália de Souza Azevedo, 1865.

³⁴⁶ *Ibidem*.

expansão da *plantation* cafeeira da falecida Maria Amália de Souza Azevedo. Por outro lado, esses fatores sinalizam que cotidianamente os cativos da fazenda adoeciam e precisavam de algum tipo de cuidado para sobreviverem às moléstias que se disseminavam nas senzalas, além de tratarem as feridas, machucados e fraturas que os atingiam.

Como exemplo de doença comum entre as escravas, podemos citar o *prolapso uterino* ou *prolapso do útero*. Ele era atribuído com mais frequência a mulheres que já haviam tido filhos. De acordo com o verbete do dicionário de Chernoviz, as mulheres que padeciam dessa moléstia não tinham risco de morte, mas os sintomas relacionados a ela eram incômodos, e podemos imaginar como eles afetavam o trabalho das escravas. De acordo com o dicionário de Chernoviz, os sintomas eram “(...) dores no estômago e desarranjo na digestão. As mulheres experimentam às vezes, uma sensação singular, que consiste em lhes parecer que de repente o ventre lhes fica vazio: esta sensação é sempre acompanhada de um quase desmaio”³⁴⁷. Provavelmente, os constantes desmaios e dores levavam as escravas à enfermaria da fazenda para receberem o tratamento necessário. Considerando que o tratamento indicado no dicionário de Chernoviz para a moléstia envolvia tanto a aplicação de líquidos no útero, como o repouso da doente, podemos imaginar que dificilmente essas cativas tenham se curado de todo.

No dicionário de Luiz Maria da Silva Pinto (1832), o *tuberculoso* era o “doente de tubérculo”³⁴⁸. No de Chernoviz, o verbete *tísica ou ththisica* indica o “desenvolvimento de tubérculos nos pulmões”, sendo que alguns dos sintomas “ocasiona[m] a diminuição lenta das forças, o emagrecimento progressivo, e produz[em] a moléstia chamada *tísica*.”³⁴⁹ A descrição da moléstia do casal de escravos da falecida Maria Amália de Souza Azevedo nos indica que certamente padeciam de seus sintomas mais graves. Logo, é possível imaginarmos que os outros oito escravos descritos apenas como doentes tivessem padecido do mesmo mal.

Nessa dinâmica de interesses, a questão da doença e da saúde permeava os discursos e moldavam ações dos indivíduos de Cantagalo. Vejamos algumas facetas da vida escrava que conseguimos reconstruir em nossa pesquisa. O processo de inventário de Sabino José de Santa Ana foi aberto em 1865. Ele era proprietário da fazenda do Bonfim, localizada na freguesia de N. Senhora da Conceição de Duas Barras do Rio Negro. O falecido era solteiro, deixando apenas filhos naturais e nomeou como inventariante Romualdo Rodrigues da Costa. Romualdo era vizinho de Sabino, tinha terras que confrontavam com a fazenda do

³⁴⁷ CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol 2, p. 1167

³⁴⁸ SILVA, Luiz Maria. *Op. cit.*, 1832.

³⁴⁹ CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol 2 1092

inventariado, ficando responsável também como tutor do herdeiro. Contudo, a morte de Sabino gerou conflitos entre os interessados no espólio. Um requerimento de setembro de 1865, emitido pelo escrivão da Justiça Leopoldo de Oliveira Pimentel, obrigava o inventariante Romualdo Rodrigues da Costa a entregar alguns dos escravos que estavam em seu poder ao herdeiro:

(...) Matheus, Caetano, Lucas, pertencente ao seu quinhão, do inventário do seu falecido pai Sabino José de Santa Ana, do que foi inventariante, o citado Romualdo está por ter deixado de fazer a dita entrega à vista do formal de partilha de que lhe foi apresentado pelo mesmo herdeiro e que cumprirá sob pena de prisão³⁵⁰.

A partir daí se exacerbam os conflitos em torno da herança do falecido. O escravo Caetano, trabalhador da lavoura, havia sido “emprestado” ao proprietário Silvestre Roiz da Silva em troca de cerca de um conto de réis. O contrato, firmado em 1865, obrigava o preto africano Caetano, com 45 anos, a trabalhar para Silvestre e não permitia que os herdeiros reclamassem as diárias do escravo. Caso este “adoecesse gravemente, morra ou qualquer outra coisa impossibilite e interrompa o trabalho”, o contrato obrigava que Sabino providenciasse um novo escravo para o trabalho em terras de Silvestre, para que este não sofresse prejuízos na negociação. Silvestre prometeu devolver o escravo assim que recuperasse seu investimento com os jornais do mesmo e se obrigava a “dar de comer, cama para dormir e agasalho (...) como se fosse meu, e me obrigo a tratar suas moléstias de pequena consideradas indigestões, defluxos e outras destas, porém se fosse preciso médico e botica estas despesas serão da conta de Sabino”³⁵¹.

Certamente, quando não eram graves, inúmeros sinais e sintomas de doenças que assolavam as senzalas de Cantagalo nem ao menos eram registrados nos processos de inventários das fazendas ou nas receitas e notas de recibos dos médicos que circulavam na região. Apesar disso, com o exame dos documentos que foram incluídos ao longo do processo de inventário de Sabino José de Santa Ana, observamos como a questão da saúde do escravo—quando impossibilitava o trabalho—era uma variável importante na negociação entre os proprietários. Surgiam questões em torno da possibilidade de o trabalhador adoecer; no caso analisado, o contratante sofreria algum tipo de prejuízo se o escravo Caetano deixasse de se ocupar da roça, mas, para algumas moléstias “pequenas”, aquele se responsabilizaria e os proprietários de Caetano não precisariam se preocupar ou dispensar tratamento com médicos

³⁵⁰AMJERJ, inventário de Sabino José de Santa Ana, 1865.

³⁵¹*Ibidem*.

e remédios dos boticários. Esses relatos expõem como os diagnósticos das moléstias chamadas “indigestões” e “defluxos” deviam fazer parte da experiência do cativo. Em nenhum dos 45 escravos do falecido Sabino José de Santa Ana foi indicado algum defeito ou doença, mas as pistas contidas no contrato firmado entre Sabino e Silvestre indicam que “indigestões” e “defluxos” talvez fossem bem comuns naquele período e dificilmente recebessem acompanhamento de um médico ou boticário.

De acordo com Chernoviz, o tratamento para essas moléstias consideradas “pequenas” era simples; em seu dicionário, o médico indicou ervas e alguns medicamentos. Contudo, era possível que surgissem sintomas mais graves resultantes da *indigestão*, tal como a apoplexia³⁵², levando o doente à morte. A investigação dos sintomas relacionados ao termo “indigestão” apoia o quadro das moléstias que marcavam a rotina dos trabalhadores escravos nas fazendas de café.

Os *symptomas* da indigestão simples são os seguintes: sensação de peso no estômago; depois, vontade de vomitar, soluços, arrotos ácidos ou acres. No fim de algum tempo, declaram-se vômitos e desenvolve-se cólicas fortes, às quais sucedem evacuações alvinas mais ou menos abundantes, e no meio delas acham-se matérias alimentarias não digeridas. Em certas pessoas, nas mulheres e crianças, sobretudo, a indigestão pôde anunciar-se por um desmaio mais ou menos completo: em algumas há convulsões³⁵³.

Ainda seguindo os conflitos narrados nesse processo, o inventariante Romualdo continuou se recusando a entregar os cativos e foi perseguido pelas autoridades policiais da Comarca de Cantagalo. Em outubro de 1865, Romualdo foi encontrado pelos oficiais de Justiça em uma casa num lugar conhecido como Quilombo, localizado na freguesia N. Senhora do Monte do Carmo. O episódio da perseguição de Romualdo não pareceu ter sido uma tarefa fácil para as autoridades policiais: ao se aproximarem do esconderijo, o fugitivo resistiu com armas de fogo à tentativa de prenderem-no. Esboça-se, assim, um cenário de conflitos acirrados entre herdeiros e inventariante, o que teria produzido um clima ainda mais tenso entre os escravos do falecido Sabino. Com a indicação de que os gastos com os doentes cativos eram feitos apenas quando ocorressem moléstias mais graves, podemos sugerir que os

³⁵² De acordo com Chernoviz, “apoplexia cerebral, ar, ramo de ar, ou estupor. Chama-se geralmente *apoplexia*, e mais particularmente *apoplexia cerebral*, uma congestão de sangue no cérebro, seguida ou não do derramamento d'este líquido na substância do cérebro, e cujo sintoma principal é a perda súbita, e mais ou menos completa, do sentimento e do desenvolvimento. CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol. 1, p.199.

³⁵³ CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol 2,p.225.

escravos de Sabino, mesmo antes do falecimento do proprietário, já padecessem com a disseminação de diversas doenças.

Antes do falecimento de Sabino, encontramos pistas de que Romualdo já cuidava dos bens da família. Em fevereiro de 1865, pagou 65 mil réis a um médico para tratar da moléstia do proprietário da fazenda e de mais quatro doentes, provavelmente, cativos. Encontramos uma nota de consulta para uma escrava, tratamento com “bichas” para a escrava Joaquina e a notícia que um dos escravos teria fugido, o preto Diogo. Considerando que o cotidiano dos cativos de Sabino era estremecido rotineiramente pela disseminação de graves moléstias, talvez possamos sugerir que Diogo tenha vislumbrado que a morte do seu senhor tornaria a vida na fazenda ainda mais árdua e a solução para uma vida melhor seria o recurso da fuga. Apesar disso, a fuga de Diogo foi temporária. Em 1868, o preto foi capturado, em 1866 foi retirado da cadeia e vendido, quem sabe para evitar que incitasse a fuga dos seus companheiros de cativeiro. Nesse mesmo ano da fuga de Diogo, foram registrados mais gastos com médicos para a família do falecido e com seus escravos. Vejamos as seguintes indicações relacionadas aos cativos:

Junho - 30: consulta a um escravo de cravos nos pés (cravo no pé)
 Julho - 06: consulta a um “cabra” da tropa e a um escravo
 Julho - 11: Consulta ao mesmo escravo
 Julho - 22,30: consulta ao escravo Honorato
 Julho – Duas consultas a uma cabrinha
 Setembro - 15 e 25: receitas ao escravo
 Dezembro: Francisco Joaquim Belmonte cobrava por consulta à escrava Joaquina (em agosto de 1867)
 Dezembro: 9 bichas aplicadas à escrava Joaquina pelo Dr. Brancant
 Dezembro: outra visita feita à escrava Joaquina (Dr. Beauclair)³⁵⁴

Com a abertura do inventário de Manoel Teixeira e Souza Júnior, em 1866, configuram-se importantes variáveis para compreendermos melhor a experiência escrava relacionada à saúde. O falecido Manoel Teixeira e Souza Júnior era proprietário da fazenda Passos e tinha uma volumosa escravaria: eram 240 cativos distribuídos entre 88 africanos e 152 crioulos. Embora as informações relacionadas à saúde desse conjunto de cativos seja escassa, quando observamos mais atentamente as notas e recibos anexados ao processo, identificamos os registros de compra de remédios, ervas, consultas médicas etc. As anotações sobre tais gastos datam do início de setembro de 1864 a agosto de 1866. O Dr. Eboly foi o médico que mais forneceu receitas para a fazenda Passos.

³⁵⁴ AMJERJ, inventário *post-mortem* de Sabino José de Santa Ana, 1865.

No processo de inventário de Theodoro de Macedo Sodré, proprietário da fazenda Ribeirão Dourado, encontramos a indicação de um hospital, tendo anexo um armazém de café e uma varanda, no valor de um conto e 500 mil réis, provavelmente destinado aos escravos doentes. No entanto, apenas três foram registrados como doentes e uma escrava crioula estava “morfética”³⁵⁵.

A partir do inventário de Anna Clara Lopes Martins, aberto em 1868, podemos observar que os serviços médicos destacavam-se na listagem de gastos dos inventários. De acordo com o inventariante, o Dr. José Sezinando de Avelino Pinho atuou nas fazendas da importante família Martins, cuidando do falecido senhor, seus herdeiros e de seus escravos, do mês de janeiro de 1860 até 1868. Desse modo, ele recebeu de honorários mais de dois contos de réis, quantia que era extremamente elevada no período. Mais uma vez, quando verificamos a lista de avaliação dos cativos, encontramos escassas informações sobre os doentes, mas os registros da atuação do médico na fazenda revela que muitos escravos adoeceram nas propriedades inventariadas.

No inventário de Domiciano Ribeiro da Costa, em 1868, foram relacionados poucos bens. Apesar disso, a família do falecido e seus escravos receberam cuidados de um médico ao ficarem doentes. Ao Dr. Emilio Guadagni foram pagos 200 mil réis pelo tratamento à viúva e aos seus escravos, entre fevereiro de 1865 e março de 1868, “no hospital da fazenda de José Pedro Alvez”³⁵⁶, na freguesia do Carmo.

No inventário de Laura Clementina Goulart e José Goulart de Sousa, em 1868, coletamos informações sobre a atuação do médico Diogo Antônio de Carvalho. O casal era morador da freguesia do Carmo e pertenciam ao seu espólio 40 escravos, sendo que apenas seis deles tiveram a indicação de saúde registrada: Manoel Florentino, crioulo, com defeito em uma perna; Alexandre, crioulo, com ferida crônica na perna; José, crioulo e a escrava Felícia, de Angola tinham uma ferida na perna, Ignácio, de Moçambique, tinha gota e o crioulo Fortunato, que exercia a ocupação de tropeiro, tinha uma perna chata. Contudo, os escravos listados não estavam entre os que receberam tratamento médico. As informações no inventário reforçam que talvez os outros escravos sofressem com graves moléstias. Em 1864, para o africano Fernando, congo, foram contabilizados os seguintes atendimentos: “três visitas”, “quatro visitas pela manhã”, “visita à tarde”, “cinco visitas”, “seis vistas”, que custaram à família 50 mil réis. Já em setembro de 1865, o Dr. Diogo aparece novamente para

³⁵⁵AMJERJ, inventário *post-mortem* de Theodoro de Macedo Sodré, 1867.

³⁵⁶AMJERJ, Inventário *post-mortem* de Domiciano Ribeiro da Costa, 1868.

atender uma escrava inocente: “dia 22 visita uma menor, filha da escrava Maria; 23 outra visita à dita”³⁵⁷.

Com a morte do casal de proprietários da fazenda Aurora, localizada na freguesia do Carmo, despontaram tensões e conflitos que perpassavam a vida dos que a habitavam. Francisco Antônio de Carvalho faleceu e seus bens foram inventariados em 1865, e sua mulher, Ana Monteiro da Fonseca, foi nomeada como inventariante. Anos depois, esta veio a falecer e novamente os bens da família foram inventariados. De acordo com o inventário, as benfeitorias que faziam parte da fazenda Aurora eram uma casa de vivenda, um paiol, algumas casas cobertas de telhas, um moinho de milho, um curral etc. Em relação aos escravos, temos indicados 19 no total, dos quais apenas Benedito, crioulo, com 30 anos, foi descrito como doente e a escrava Henriqueta, com 34 anos, estava parálitica e não lhe foi atribuído nenhum valor, por ser incapaz para o trabalho. A investigação dos inventários do casal nos levou a vislumbrar um cenário social marcado pelas disputas dos bens do falecido, que certamente afetaram a organização da fazenda e a vida dos escravos pertencentes à propriedade. No início do segundo inventário, o genro e inventariante de Ana Monteiro da Fonseca argumentaram sobre as terras de cultura que haviam sido declaradas no processo anterior: segundo eles, o total de 80 alqueires estava errado, ou seja, “quando em verdade elas contêm o dobro ou mais, e porque este engano em mau cálculo tenha causado prejuízo e danos em todos os interessados”³⁵⁸. Não sabemos ao certo o que teria levado a viúva a omitir tal informação, mas podemos imaginar como as desavenças familiares podiam implicar em mudanças na organização da fazenda e, conseqüentemente, na vida dos seus cativos. Em novembro de 1871, um documento anexado ao processo informa o seguinte:

No dia 27 do corrente mês, dois escravos de nomes João, pardo, e Emilindo, pardo, pertencentes ao dito espólio fugiram da Fazenda da Aurora inventariada, *sem motivo algum para tal fim*, e como isto seja prejudicial aos interesses do referido espólio, o suplicante vem perante Vossa Exc. requerer que se lhe passe mandado para serem apreendidos os referidos escravos em qualquer parte em que os mesmos fossem encontrados para serem entregues ao suplicante³⁵⁹ (grifo nosso).

Ao avançarmos nossa investigação no entorno da fazenda Aurora, buscamos entender ao menos um dos motivos que teriam levado os cativos a fugirem. A afirmação do herdeiro e inventariante de que os escravos João e Emilindo teriam fugido “*sem motivo algum para tal*

³⁵⁷AMJERJ, inventário de Laura Clementina Goulart e José Goulart de Sousa, em 1868.

³⁵⁸AMJERJ, inventário de Ana Monteiro da Fonseca, 1870.

³⁵⁹*Ibidem*.

fim” nos levou a inverter a sentença, imaginando que eles fugiram “*com motivo para tal fim*”. Logo, a primeira pista surgiu quando observamos os escravos que não fugiram. Em janeiro de 1872, uma escrava faleceu de “paralisia”, com a idade de 38 anos e, segundo o espólio, foi sepultada no cemitério da freguesia do Carmo. Vejamos o registro de óbito da escrava anexado ao processo:

Aos vinte e seis dias do mês de dezembro de 1871, nesta freguesia de Nossa Senhora do Monte do Carmo, faleceu de paralytia, Henriqueta, crioula, idade de 38 anos prováveis, sem sacramentos por não procurarem, escrava dos herdeiros de Dona Ana Monteiro da Fonseca, morreu no estado de solteira, foi pelo [?] Raphael Balbi, encomendada de licença minha, e sepultada no cemitério desta Matriz; de que lavrei este termo que assino Vigário José Ribeiro Gonçalves³⁶⁰.

Um recibo assinado por João Simões Bazilio, da *Fharmácia do Carmo*, em 1870, indicou os produtos e remédios fornecidos à finada Ana e aos seus escravos. O documento também fazia referência a medicamentos fornecidos entre os anos de 1809 e 1840. Em janeiro de 1872, João Simões Bazilio também emitiu um recibo no valor de 65 mil réis de medicamentos fornecidos à família. Observamos que era patente o processo de expansão das lavouras cafeeiras de Cantagalo ainda na segunda metade do século, e como diversos fatores políticos, sociais e econômicos contribuíram para a rápida valorização da mão de obra escrava. Temos argumentado que as estratégias empreendidas pelos senhores de escravos de Cantagalo para conservarem seus escravos produtivos levavam esses proprietários a dispensarem recursos cada vez maiores para os cuidados com a saúde dos cativos. Em contrapartida, senhores de terras e escravos com menos recursos buscavam, além de acompanhar esse acelerado ritmo de crescimento, proteger seus empreendimentos. Em 1865, a fazenda Aurora contava com 18 cativos adultos, que tiveram registrada a filiação e o estado civil e alguns foram apontados como casados. Já em 1873, esses números se reduziram para oito cativos, com seis adultos e dois inocentes. Na relação dos cativos desse período, seis tiveram indicações de que seus pais já eram falecidos. Em primeiro lugar, a avaliação dos bens de Ana Monteiro da Fonseca evidencia laços das famílias cativas que eram criados na fazenda Aurora. Em segundo lugar, são comprovadas as precárias condições da vida escrava: informações sobre o adoecimento dos negros e indicações da morte dos seus companheiros de senzala revelaram-nos mais pistas sobre as experiências daqueles indivíduos na fazenda. Sobre o escravo fujão Emilindo, encontramos a indicação de que tinha 26 anos e apareceu em 1872 em casa de um dos herdeiros. O quadro que se instalava talvez fosse ameaçador para a

³⁶⁰AMJERJ, inventário de Ana Monteiro da Fonseca, 1870.

sobrevivência dos cativos da fazenda Aurora, já que conflitos e disputas entre os herdeiros certamente afetaram a rotina local. O trabalho tornara-se mais intenso, considerando que parte dos escravos da propriedade já tinha morrido. O interesse sobre as experiências dos cativos em relação às precárias condições de saúde a que eram submetidos, ou seja, a observação de faces da vida escrava no ambiente social da fazenda Aurora nos levou a considerar que era *com motivos* que alguns escravos empreendiam ações de fuga.

Stanley Stein apresentou aspectos dos padrões de vida dos escravos em Vassouras, descrevendo-os como “subnutridos e mal vestidos”, submetidos a um intenso trabalho. Ao examinar dados estatísticos da região, partir dos inventários *post-mortem*, indicou que “muitas fazendas pareciam mais agregações de doentes e incapacitados do que estabelecimentos agrícolas produzindo uma colheita lucrativa”³⁶¹. Nesse quadro de extrema precariedade da situação escrava desenhado por Stein, podemos identificar em diversas fazendas de tamanhos pequenos, médios ou grandes de Cantagalo, como as doenças moldavam a vida daqueles homens e mulheres. Sugerimos que a experiência das doenças tanto podiam atrasar os planos de fuga dos cativos daquela região, como motivar tais ações. Por fim, vejamos na freguesia de Duas Barras, como alguns senhores investiam recursos para tratamento das moléstias mais graves: no processo de inventário do negociante João Martins Alfaia, de 1872, encontramos apenas o registro de uma escrava que faleceu no mesmo ano, provavelmente vítima de uma grave moléstia. A seguir, transcrevemos um trecho do registro de óbito da escrava:

Aos vinte e três dias do mês de fevereiro de mil oitocentos e setenta e dois nesta freguesia, faleceu Catharina, crioula, com quarenta anos de idade, escrava dos órfãos do finado João Martins Alfaia: foi encomendada e sepultada no cemitério desta freguesia e para constar fiz este assento que assinei. O Vigário Sebastião Moreira Maria³⁶²

O Vigário da região descreveu, em nota, que “recebi, (...) a quantia de 4 mil réis, provenientes do enterro da escrava Catharina (...) 25 de fevereiro de 1872”³⁶³. A crioula Catharina, com 40 anos de idade, avaliada em um conto de réis, ao adoecer recebeu visitas de um médico. Em 23 de fevereiro, o Dr. Pelidriano recebeu por visitas médicas para a escrava, com honorários no valor de 130 mil réis.

³⁶¹ STEIN, Stanley J. *op. cit.*, 1990, p. 223.

³⁶² AMJERJ, inventário de João Martins Alfaia, 1872.

³⁶³ *Ibidem*.

3.1.5. 1871-1880

Nos anos de 1871 a 1880, coletamos um número ainda menor de informações sobre as condições de saúde e doença dos cativos escravizados, quando comparados ao decênio anterior. A região de Cantagalo, nesse período, ainda experimentava os frutos do veloz processo de enriquecimento que transformou sua paisagem social, cultural e econômica. Como vimos no capítulo anterior, apesar da diminuição dos escravos arrolados, o número de indivíduos inventariados cresceu. Dos anos 1860, avaliamos 47 inventários *post-mortem* e dos anos 1870, foram 53 inventários³⁶⁴. A diminuição da concentração da mão de obra escrava nas fazendas provavelmente tornou o trabalho escravo ainda mais intenso em Cantagalo e, como veremos mais ao longo deste capítulo, isso favorecia a intensificação dos conflitos entre os proprietários de terras e seus cativos. A respeito dos anos de 1871 a 1880, coletamos 156 informações sobre os cativos que sofreram com algum tipo de moléstia ou defeito. Os africanos cujo quadro de saúde foi informado eram 39, sendo 30 homens e nove mulheres. Os escravos crioulos somavam 60 (40 homens e 20 mulheres). Já no grupo de escravos cuja naturalidade não pudemos identificar, contabilizamos 57 (44 homens e 13 mulheres). A partir da proporção dos grupos de naturalidade e sexo, constituímos o quadro que se segue.

Tabela 48. Distribuição dos escravos adultos com indicações sobre saúde (1871-80)

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Africanos	30	09	39
Crioulos	40	20	60
Sem indicação da naturalidade	44	13	57
Total	114	42	156

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

As impressionantes paisagens das lavouras cafeeiras do Sudeste nos anos de 1870 ainda despertavam o interesse de inúmeros visitantes. O naturalista norte-americano Herbert Huntingon Smith, em viagem ao Brasil no mesmo período, salientou que as plantações de café eram os espaços ideais de observação sobre o tratamento que os escravos recebiam dos seus senhores. Ao descrever os aspectos da vida social no Rio de Janeiro naquele período, indicou na sua obra interessantes imagens sobre os escravos trabalhadores das lavouras cafeeiras.

³⁶⁴ Ver Anexo 3.



Figura 25. *Plantations Slaves*.

Fonte: SMITH, H. H. *Op. cit.* 1879, p. 469.

Com um olhar atento às paisagens sociais transformadas pela lavoura cafeeira, Smith não deixou de registrar cenas do trabalho escravo. Como vimos no primeiro capítulo, não há dúvida que o movimento de cativos circulando pelas *plantations* de Cantagalo continuava com fôlego nos anos de 1870; a intensificação do comércio de cativos entre as províncias do Brasil moldava o perfil demográfico da região de Cantagalo e de outras regiões do Sudeste cafeeiro, chamando atenção dos visitantes. Apesar de inúmeras vezes, a lente dos viajantes estrangeiros apresentarem uma visão que “sofria interferências de preconceitos culturais”³⁶⁵, a afirmação de Smith de que aqueles espaços seriam privilegiados para a observação de aspectos da vida dos cativos nos é sugestiva. Ou seja, reforçamos nossa ideia inicial de que esses espaços seriam também locais privilegiados de observação das precárias condições de saúde e doença.

Vejamos o processo de inventário de Galdina Maria de Jesus, uma proprietária de uma pequena porção de terras. A falecida Galdina morava num pequeno sítio em terras foreiras, localizado nos subúrbios do local conhecido como “Mão de Luva”. Galdina possuía apenas quatro cativos e, além de despender gastos com a moléstia de um cativo inocente, ainda fê-lo herdeiro universal dos seus bens. Na ocasião da abertura do inventário, os escravos de Galdina eram Modesto, africano, 45 anos, trabalhador da roça que estava doente das mãos; a crioula Maria, registrada como velha; a inocente Maria, com cinco anos e o inocente pardo Bernardino, com seis anos, eleito seu herdeiro. Alguns anos depois, em 1874, um recibo (nota

³⁶⁵ SLENES, R. *op.cit.*, 2011, p. 146.

n.8) indica que o inventariante de Galdina pagou 12 mil e 600 réis por medicamentos ao boticário Henrique Halfeld, fornecidos ao “órfão Bernardino”. Uma segunda nota (nota n.12) também registrou que o boticário fez visitas ao doente Bernardino. Mesmo nessa pequena propriedade, é possível apreendermos como a precariedade da saúde e o adoecimento permeavam dimensões do cotidiano da comunidade escrava de Cantagalo. O inocente escravo Bernardino, ao tornar-se herdeiro dos módicos bens da sua falecida senhora, recebeu a atenção de importantes boticários da região para tratar suas moléstias e passou a viver dos rendimentos do espólio controlados pelo seu tutor, Fortunato Barbosa Vellozo. Ao que parece, o único escravo que restou dos bens da falecida Galdina foi Modesto. No inventário da senhora, foram lançadas as despesas e rendimentos dos bens que restaram e anotadas informações sobre o corte no pagamento dos jornais de um preto que não trabalhou no ano de 1872, por sofrer de moléstias. Em 1873, esse mesmo preto teria deixado de trabalhar por um mês e, em 1874, por 15 dias. Já em 1875, permaneceu quatro meses doente, “quando caiu da Igreja”. Provavelmente, trata-se do preto Modesto, que, ao se ocupar de algum trabalho na Matriz da Freguesia, sofreu algum tipo de acidente. Contudo, a queda não parece ter sido a causa do afastamento do escravo Modesto. Apesar de já ser “velho”, ter adoecido das mãos alguns anos antes e sofrer uma queda, ainda foi atacado por outra grave moléstia. Em dezembro de 1878, o Dr. Joaquim Marques da Cruz, formado pela faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, informou que o escravo Modesto, já descrito na avaliação dos bens como “doente das mãos”, padecia também de pneumonia. Vejamos,

Atesto que o preto Modesto maior de 60 anos, escravo do senhor Bernardino Emiliano da Silva, sofre de uma pneumonia crônica que se exacerba frequentemente acompanhada de [?] e priva-se de entregar-se a qualquer trabalho regular. O referido é verdade e o certifico sob o juramento de meu grau.

Cantagalo, 23 de dezembro de 1878.
Dr. Joaquim Marques da Cruz³⁶⁶

Dos escravos descritos como doentes ou defeituosos nos anos 1870, a história do preto Modesto parece melhor elucidar uma dimensão dolorosa do cotidiano dos cativos que habitavam os grandes cafezais. Já a história do pardo Bernardino, escravo em 1871, e que se tornou Bernardino Emiliano da Silva em 1878, é reveladora. Herdeiro dos bens da sua falecida senhora, ele foi curado das moléstias que o tinham atacado quando criança no

³⁶⁶ AMJERJ, inventário *post-mortem* de Galdina Maria de Jesus, 1862

cativo, tendo frequentado as escolas de Cantagalo e recebido uma educação formal, como consta nos recibos anexados ao processo. Já Modesto, seu antigo companheiro de cativo permaneceu ocupado pelas intensas tarefas que a condição de escravo lhe imputava, sofrendo de defeitos e das moléstias típicas que atacavam os cativos da região. Ao buscarmos mapear os cenários de saúde e doenças resultantes da exploração intensa do trabalho escravo, conseguimos nos aproximar do cotidiano dos cativos em Cantagalo. As trajetórias polarizadas que transformaram vida desses dois indivíduos, que dividiram o mesmo espaço de cativo, validam o argumento do viajante Smith, sobre como a observação do cotidiano dos cativos nas *plantations* cafeeiras é reveladora das múltiplas experiências da vida escrava.

Avaliando mais informações sobre as condições de saúde dos cativos nesse período, observamos que os escravos da fazenda da Cachoeira Alta, em 1872, que pertenceu ao falecido José Vieira de Souza, também receberam tratamento de boticários. Segundo informações do inventário, o boticário Henrique Halfeld recebeu cerca de cinco mil réis por fornecer os seguintes remédios ao escravo Custódio: “xarope, pílulas, linimento”³⁶⁷.

A partir do exame do inventário de Maria da Veiga Correa de Azevedo, em 1872, identificamos que na fazenda União, localizada na freguesia de Nossa Senhora do Monte do Carmo, havia uma “enfermaria com vinte e dois metros de frente sobre cinco e meio de fundos e seus pertences por um conto de réis; medicamentos e utensílios de botica, dois contos e seiscentos mil réis”³⁶⁸. Ao examinarmos a lista dos 45 cativos que pertenciam à fazenda, observamos que três deles foram registrados com alguma moléstia. Agostinho, crioulo de 36 anos; Juvêncio, crioulo de 26 anos e Antônio, africano de 54 anos, estavam “herniados”³⁶⁹ e a inocente crioula Isabel, com apenas sete anos, já sofria de “raquitismo”. Também identificamos um registro de óbito, do escravo crioulo Anselmo, com 40 anos, vejamos:

Aos 10 dias do mês de novembro de 1876, nesta freguesia, faleceu de uma antiga *bronquite* – com sacramentos – o preto Anselmo, natural do Ceará, de idade de 40 anos, escravo do Dr. Luiz Augusto de Correa de Azevedo, e a onze foi encomendado, sepultado no cemitério desta matriz, de que lavrei

³⁶⁷AMJERJ, inventário *post-mortem* de José Vieira de Souza, 1872.

³⁶⁸AMJERJ, inventário *post-mortem* de Maria da Veiga C. de Azevedo, 1872.

³⁶⁹De acordo com o dicionário de Chernoviz, hérnia era sinônimo de “quebradura ou rotura”, significava “a saída de um órgão fora da cavidade que o contém normalmente (...) são mais especialmente empregadas para designar a saída do intestino ou da membrana chamada *epiploon*, através das aberturas naturais ou acidentes das paredes do ventre. Dão-se às quebraduras nomes diferentes, conforme a região do ventre em que se mostram” (CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol.2, p.834)

este termo. O coadjutor, padre Firmino Fortunato de Souza Leite³⁷⁰ (grifo nosso).

Em agosto de 1877, também foi anexado ao processo um segundo registro de óbito de um indivíduo cuja causa da morte era diabetes³⁷¹. Contudo, o falecido era um preto liberto, vejamos:

Aos vinte e dois dias do mês de agosto de 1877, nesta freguesia, faleceu de *diabetes* Antônio Bráz, preto liberto, fluminense, de idade presumível de cinquenta e cinco anos, solteiro, e a vinte e três sepultou-se no cemitério desta matriz depois de encomendado, de que lavrei este termo, o Vigário José Ribeiro Gonçalves³⁷² (grifo nosso).

Pouco antes da morte do liberto Antônio Bráz, uma nota de julho de 1877 indicava que ele cobrara cerca de 800 mil réis pelos serviços agrícolas prestados à fazenda. Já a africana liberta Ricarda também apareceu cobrando pelos salários atrasados em pouco mais de um conto de réis por serviços agrícolas também prestados. No quadro que conseguimos construir para esse período, a partir da leitura dos inventários, esses foram os primeiros indícios que surgiram da presença de libertos nas fazendas. Suspeitamos que eles ainda vivessem no entorno das senzalas, talvez compartilhassem das experiências marcadas pelas precárias condições de vida, além das doenças, e também encontravam dificuldades em obter os “salários” pelos trabalhos executados nas fazendas.

Na fazenda Boa Esperança, localizada na freguesia de Santa Rita do Rio Negro, localizamos mais escravos doentes. Segundo o inventariante dos bens de João Rodrigues Pereira, “o escravo Joaquim apresentou-se doente e levei ao Dr. Garcia, receitou (...) o dito até que ficou bom. Quanto ao Benedicto, até hoje ordinário trabalhador (...)”³⁷³. Nessa propriedade não havia muitos cativos; com oito escravos registrados, nota-se que o inventariante provavelmente buscou tratamento para eles, talvez porque suas moléstias tenham sido graves. Na lista de avaliação, o escravo Joaquim, africano, com 58 anos, estava tuberculoso e Benedicto, pardo, com 24 anos, era um “sifilítico incurável”, o que explica sua descrição como trabalhador ordinário, ou seja, incapaz para exercer qualquer tarefa na fazenda.

³⁷⁰AMJERJ, inventário *post-mortem* de Maria da Veiga C. de Azevedo, em 1872.

³⁷¹ “Moléstia caracterizada pela excreção abundante de urina contendo matéria saccharina cristalizável análoga ao açúcar de fécula, acompanhada de aumento notável de apetite, de sede inextinguível, e de emagrecimento progressivo. Não se deve confundir esta moléstia com o fluxo abundante da urina (...)”(CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol. 1, p. 855).

³⁷²AMJERJ, inventário *post-mortem* de Maria da Veiga C. de Azevedo, 1872.

³⁷³AMJERJ, inventário *post-mortem* de João Rodrigues Pereira, 1873.

Em 1874, a falecida Rita Clara Teixeira possuía em sua propriedade 17 cativos, mas apenas o escravo Eudorico foi registrado na lista de avaliação como doente. Não encontramos indicações sobre a moléstia que o afetara, mas, ao examinarmos os documentos anexados ao processo de inventário, confirmamos que o escravo Eudorico deve ter sofrido de uma grave doença, pois recebeu duas consultas médicas pelo Dr. J. M. Pereira Monteiro, nos dias 25 e 27 de abril de 1879. Além disso, o Dr. Monteiro já tinha prestado atendimento na fazenda da falecida Rita Clara Teixeira. Em fevereiro do mesmo ano, prestou uma consulta médica à escrava Anita. O valor total pelos honorários do profissional foi de 15 mil réis.

O inventário de Rita Clara Teixeira é um exemplo de que nem sempre são visíveis as doenças que afetavam os escravos das áreas de grande lavoura, como Cantagalo, muito menos os medicamentos ou tratamentos utilizados para curar suas moléstias. Contudo, apesar de as listas de avaliação dos cativos de Cantagalo nem sempre descreverem doenças, os documentos anexados aos processos com recibos médicos e notas de pagamentos relacionados a boticários e médicos diplomados revelam aspectos interessantes do cotidiano das senzalas. Ou seja, tais indícios são apenas o ponto de partida para recuperarmos dimensões mais complexas da história da saúde³⁷⁴ e das doenças dos cativos de Cantagalo.

Nesse caso, seguindo esses caminhos de investigação, conseguimos mais pistas para nossa pesquisa. O inventário, feito em 1875, de Anna Joaquina de Jesus e Silva indicou mais alguns aspectos importantes sobre a saúde dos escravos. A proprietária era moradora da freguesia do Carmo e possuía oito cativos, sendo quatro africanos de nação e quatro crioulos. Seu falecimento promoveu o acirramento das disputas em torno da partilha de seus bens e, a partir daí, puderam ser apreendidas as narrativas sobre os cativos que pertenciam ao seu espólio. Como a falecida não possuía muito bens, os escravos certamente estavam entre os *itens* mais importantes do espólio. A doença da escrava Maria levou os herdeiros a contratarem um médico para atestar sobre sua real condição de saúde; é possível que duvidassem de sua moléstia e precisassem aferir se a escrava conseguiria exercer algum tipo de trabalho. Vejamos o diagnóstico produzido pelo Dr. Veríssimo dos Santos:

E abaixo assinado Doutor de Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro:
Atesto que a escrava Maria crioula, de cor e raça pretas, de [?],
temperamento linfático, pertencente aos herdeiros da falecida Dona Anna
Joaquina de Jesus Silva, acha-se afetada de alienação mental aguda e em

³⁷⁴ PORTO, A. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.13, n.4, 2006, p.1020. Disponível em :www.scielo.br. Acesso em 01 de Ags. de 2007.

tratamento médico por mim dirigido, o retor-dito é verdade e por me ter sido pedido, passo este, que assino –sob fé do meu grau.

Carmo de Cantagalo
16 de outubro de 1875
Dr. Veríssimo dos Santos ³⁷⁵

Ainda que doente, a crioula Maria foi avaliada em 700 mil réis e sua moléstia parece não ter impedido sua venda. Encontramos no fim do inventário de Anna Joaquina indicações de que o valor atribuído a Maria foi repartido entre os herdeiros da finada. No dicionário de Chernoviz, o diagnóstico de “alienação mental aguda” aparece como um dos significados do verbete *loucura*: “loucura, doidice ou alienação mental: perturbação das faculdades intelectuais”³⁷⁶.

Os escravos da falecida Anna Joaquina não eram muitos, mas as narrativas que recuperamos no inventário indicam que naquela propriedade alguns escravos construíram uma “família” e que ela foi ameaçada pela partilha dos bens. Um ano após a abertura do inventário, os herdeiros se esforçavam para essa partilha. De acordo com o inventariante,

Diz Eusébio da Silva Cruz, inventariante dos bens de sua falecida mãe Dona Anna Joaquina de Jesus e Silva, que dos bens que se tem partilhar existe uma *família* composta dos escravos seguintes: Pedro, sua mulher Querubina e sua filha Maria Gregória, os quais não podendo caber a um só herdeiro se não por mais de grande reposição, e não havendo nenhum herdeiro que queira sujeitar-se a essa condição vem o suplicante requerer a V. Sr. que se digne a ordenar que os referidos escravos vão a praça afim de serem repartidos seus valores na partilha, pois que neste casos é concedida pela nova lei de elemento civil.

Abril de 1876 ³⁷⁷ (grifo nosso).

Os escravos que formavam a *família* eram Querubina, africana de *nação*, com 52 anos, casada com Pedro, africano de *nação*, com 53 anos. O casal tinha uma filha legítima, a escrava Maria Gregória, com nove anos. A possibilidade da venda dos cativos parece ter gerado um debate entre os herdeiros e a tentativa do inventariante em fazer a tal venda em praça fracassou. Em maio de 1876, o herdeiro José da Silva Cruz fez um pedido oficial requerendo os escravos citados acima, segundo ele, “por serem estes uma família, e não poderem estes ser separados”³⁷⁸. Não sabemos o que teria levado o herdeiro José a permanecer com os cativos, pois o inventariante argumentou que “nenhum herdeiro (...)

³⁷⁵ AMJERJ, inventário *post-mortem* de Anna Joaquina de Jesus e Silva, 1875.

³⁷⁶ CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol2, p.331.

³⁷⁷ AMJERJ, inventário *post-mortem* de Anna Joaquina de Jesus e Silva, 1875.

³⁷⁸ *Ibidem*.

[queria] sujeitar-se a essa condição”³⁷⁹. Essa escolha provavelmente implicaria pagar o valor a que os outros herdeiros teriam direito. Não encontramos mais indícios sobre as transações entre os herdeiros e os escravos, mas talvez possamos imaginar que estes tivessem negociado com José, para que não fossem separados. Qualquer que fosse a motivação do herdeiro ou as estratégias utilizadas pelos cativos, no fim, a família não foi separada e permaneceu sob tutela de José da Silva Cruz.

Mais indícios sobre as doenças que atingiram os cativos de Cantagalo surgem com o avanço da investigação de seu cotidiano, mesmo nas propriedades com poucos bens arrolados. O inventário de Paulino João de Macedo, de 1875, forneceu-nos mais pistas sobre as dimensões da vida escrava. O falecido Paulino tinha algumas benfeitorias no lugar denominado Macuco de Cantagalo, habitava em casa de morada com cozinha coberta de telha “em mau estado”³⁸⁰, paiol, galinheiro, monjolo e 58 alqueires de planta. Possuía apenas oito escravos, dos quais Florentino, pardo, com 20 anos, ocupado no serviço da roça, foi diagnosticado como “doente das pernas”³⁸¹. Depois de um pedido do inventariante³⁸², o escravo Florentino foi novamente avaliado e descrito como tendo uma “moléstia incurável” e sofrendo “de elefantíase dos gregos”³⁸³.

O questionamento dos valores atribuídos aos cativos ocorria quando os interesses dos seus proprietários estavam ameaçados. Contemplamos, ao longo desta investigação, um amplo conjunto de processos de inventários nos ajudou a compreender como podiam ser diversas as motivações que levavam tanto inventariantes a não informarem sobre os doentes, como avaliadores a indicarem ou não os cativos atacados por moléstias. Contudo, o quadro que se esboça nos anos 1870 nos induz a pensar que os interesses da classe senhorial no período eram preservar seus escravos em um cenário caracterizado pela competição por terras cultiváveis e mão de obra. No inventário de Romualdo José do Carmo, em 1875, o inventariante questionou sobre o valor da escrava Joaquina, africana, com 49 anos. De acordo com ele, Joaquina era uma “velha, reumática e sofre ainda do coração” e uma simples inspeção veria que o valor atribuído à escrava, 600 mil réis, indicaria que o preço foi elevado.

Em 1878, o inventariante dos bens de João Alves Mendes informou no processo que utilizou o valor de um conto e 569 mil réis para as seguintes despesas: “pagamento de

³⁷⁹ AMJERJ, inventário *post-mortem* de Anna Joaquina de Jesus e Silva, 1875.

³⁸⁰ AMJERJ, inventário *post-mortem* de Paulino João de Macedo, de 1875.

³⁸¹ *Ibidem*.

³⁸² *Ibidem*.

³⁸³ Também conhecida como “morphea, mal de são lázaro ou mal feio” CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol 2, p.448.

despesas de alimentação, vestuário de inventariante e seus filhos, doenças de escravos, contas de médicos, botica...”³⁸⁴. Entre os bens arrolados foram registrados seis cativos, tendo uma escrava aparecido com indicação de “defeito”. A escrava Luciana, preta, com 30 anos de idade e cozinheira tinha um “defeito em um olho”³⁸⁵. No mesmo ano, o inventário de Maria Bernarda dos Santos indicou algumas dessas despesas médicas. De acordo com a avaliação dos bens, a falecida Maria possuía 17 escravos e em nenhum deles encontramos indicações sobre a saúde. Apesar disso, foram feitos determinados gastos relacionados à saúde dos escravos. Em março de 1868, houve pagamento pelos seguintes serviços “remédio para um crioulo inocente, 7\$440 réis; uma receita que paguei ao doutor Sampaio, 5 mil réis e curativo do crioulo Sebastião, 35 mil réis”. Alguns anos depois, encontramos o registro da morte do crioulo Sebastião, em 1874. As informações com as despesas médicas talvez iluminem as lacunas deixadas pelos inventariantes sobre a saúde dos escravos. Elas nos levam a imaginar como deviam ser insalubres os espaços que compartilhavam nas fazendas.

No inventário de José Ferreira da Rocha, de 1877, que tinha uma propriedade na freguesia do Carmo, os registros sobre os gastos com médicos e o atestado de óbito de um dos escravos traduzem um contexto precário para a saúde dos cativos que pertenciam ao seu espólio. Dos 15 cativos arrolados no processo, oito aparecem como doentes. Vejamos:

Tabela 49. Escravos doentes registrados no inventário de José Ferreira da Rocha

Nome	Naturalidade	Idade	Ocupação	Saúde
Francisca	Crioula	25	Costureira	Doente
Joaquim	Crioulo	40	-	Doente
Paula	Crioula	30	Costureira	Doente
Liberato	Nação	50	-	Erisipelas
Francisco	Crioulo	40	Sapateiro	Muito doente
Joaquim	Nação	64	-	Quebrado
Joaquim	Crioulo	50	-	Quebrado
Salvador	Nação	50	-	Quebrado

Fonte: AMJERJ, inventário de José Ferreira da Rocha, em 1877.

As descrições do médico revelam que naquele contexto não só os escravos adoeceram, mas o capitão João Ferreira da Rocha, e quiçá o restante de sua família, também precisou de atendimento médico. Também foi registrado o óbito de quatro escravos da fazenda, mas em apenas um falecimento encontramos a *causa mortis*.

³⁸⁴AMJERJ, inventário *post-mortem* de João Alves Mendes, 1878

³⁸⁵*Ibidem*.

Aos 19 dias do mês de junho de 1878, nesta freguesia, faleceu de tísica pulmonar, sem sacramentos, por não procurarem, o preto Francisco, fluminense, de idade presumível de 40 anos, solteiro, escravo pertencente ao espólio do finado capitão João Ferreira da Rocha (...). O vigário José Ribeiro Gonçalves³⁸⁶

Vejamos o inventário de Francisco Rodrigues Milagres, de 1876. Francisco era proprietário da fazenda Conquista, no local chamado Cachoeira Alta, freguesia de Santíssimo Sacramento. Ao longo do processo, foram registrados falecimentos e nascimentos de seus cativos. No mesmo ano, um recibo indicou que o Dr. Antônio C. Loureiro Sampaio recebeu 120 mil réis pelo atendimento ao escravo Narciso, do “dia 4 de abril ao dia 23 de abril do mesmo mês; tratamento do escravo Narciso de uma fratura do rádio³⁸⁷ exigindo a aplicação de 2 aparelhos”³⁸⁸. O preto Narciso trabalhava na roça, tinha 24 anos de idade e, junto com outros dois cativos foi registrado no mês de março como fujão. Além do registro de fuga, Narciso também foi descrito como um cativo com “boa aptidão para o trabalho”. Com isso, podemos supor que sua “fratura” tenha sido resultado da empreitada mal sucedida, já que acidentes naqueles tortuosos caminhos da serra não eram incomuns, especialmente para um escravo em fuga. Também é possível imaginar que a “fratura” tenha sido causada pelos castigos que teria recebido por causa da fuga.

Contudo, observamos que o quadro insalubre que se configurava já marcava a experiência dos cativos em algumas décadas anteriores. A *Nota n. 5* foi anexada ao processo no ano de 1877, mas o médico cobrava por serviços feitos nos anos 1840. Vejamos:

Serviços médicos em casa do falecido [?] João Ferreira da Rocha:
 72 visitas -360 mil réis.
 Extração de polypo do útero - 250 mil réis
 9 curativos em sua escrava Joaquina - 45 mil réis
 12 curativos em sua escrava Francisca - 60 mil réis
 Conferência e estada à noite junto ao capitão João Ferreira da Rocha - 100 mil réis
 Carmo, 5 de abril de 1848³⁸⁹.

³⁸⁶ AMJERJ, inventário *post-mortem* de José Ferreira da Rocha, em 1877.

³⁸⁷ De acordo com Chernoviz, “o rádio é um dos dois ossos do antebraço; ocupa o lado externo. É mais delgado em cima do que embaixo. A sua extremidade superior apresenta uma eminência arredondada que tem o nome de *cabeça*, sustida por uma porção estreita ou *collo*. A extremidade inferior articula-se com os dois primeiros ossos da mão” (CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol, 2 p.870).

³⁸⁸ AMJERJ, inventário *post-mortem* de Francisco Rodrigues Milagres, em 1876.

³⁸⁹ *Ibidem*.

No processo da falecida Maria José Milagres, proprietária da fazenda Panorama, localizada na freguesia de Santa Rita do Rio Negro, em 1878, o inventariante Joaquim Rodrigues Milagres, solicitou que os escravos fossem avaliados novamente, pois “depois de avaliados, ficaram aleijados, doentes”³⁹⁰. Do total de escravos avaliados, 60 indivíduos, dois eram “defeituosos” e três foram registrados como “doentes”. A dívida com a *Farmácia Santo Aleixo*, cujo proprietário era Eduardo Xavier Vaia de Abreu, no elevado valor de 500 mil réis, confirma que muitos medicamentos foram comprados para a fazenda e sugere-nos que mais cativos teriam adoecido após a abertura do processo de inventário.

No processo de inventário de Manoel Coelho de Magalhães Júnior, em 1879, foi registrada mais uma indicação de “trauma” sofrido por um cativo e atestado por um médico:

João Ferreira de Campos, doutor em medicina.
Atesta sob fé de grau, que o escravo Marcelo, cabra, de 20 anos de idade, apressadamente sucumbiu no dia 24 do corrente mês a [?] de um traumatismo que promoveu ruptura da bexiga e acidente de [uremia]. Este escravo pertencia ao espólio de Manoel Coelho de Magalhães Júnior

São Sebastião do Parayba, 25 de outubro de 1880.

Com a abertura do inventário da proprietária Maria Vieira Milagres Procópio, em 1879, deparamo-nos com as seguintes benfeitorias construídas: “um correr de casas com 58 metros de comprimento, contendo senzala, hospital e vários cômodos, avaliados em 4 contos de réis”. A fazenda Paracatu, localizada na freguesia de Santa Rita, possuía 70 escravos. Contudo, apesar da numerosa escravaria no período, nenhum deles foi registrado como doente. Em um período em que notamos cada vez mais gastos com a saúde dos cativos, não surpreende que um alto investimento tenha sido feito para a construção de um hospital na fazenda Paracatu. Em novembro de 1879, o Dr. Beauclair registrou que recebeu a quantia de 280 mil réis para o “tratamento de sua finada mulher, dos escravos de sua fazenda, até o dia 5 de novembro de 1879”³⁹¹. O hospital foi construído anexo à senzala, talvez para facilitar o atendimento dos médicos, e o recibo de pagamento assinado pelo Dr. Beauclair sugere-nos que circulava pela fazenda atendendo tanto a família da falecida, quanto seus escravos doentes.

Por fim, no ano de 1880, no inventário de Joaquim Ferreira da Silva, observamos mais gastos com a saúde de cativos. Além de compras na *Farmácia das Duas Barras*, aparecem indicações da presença de médicos para tratar a moléstia do proprietário Joaquim. O Dr.

³⁹⁰ AMJERJ, inventário *post-mortem* de Maria José Milagres, em 1878.

³⁹¹ AMJERJ, inventário *post-mortem* de Maria Vieira Milagres Procópio, em 1879.

Francisco dos Santos Corrêa visitou a fazenda do inventariado por cerca de três meses, registrou que fez diversos atendimentos e operações no fazendeiro e discutiu o melhor tratamento para o doente em conferências com o Dr. Marques da Cruz. Em abril de 1880, um recibo anexado ao processo indicou que o médico também aproveitou a visita à fazenda para tratar da escrava Ana. Contudo, nem o proprietário Joaquim Ferreira da Silva nem sua escrava sobreviveram à enfermidade que os teria vitimado. Em abril do mesmo ano, ambos faleceram.

3.1.6. - 1881-1888

Seguindo nosso objetivo em apresentar de forma exploratória os cenários de saúde dos cativos no Vale do Paraíba, examinamos os dados referentes aos anos finais da escravidão no Brasil. No período que vai de 1881 a 1888, localizamos 74 informações sobre cativos com sinais e sintomas de doenças ou aspectos de saúde. Do conjunto analisado, encontramos somente dois africanos, 15 crioulos e 57 indivíduos cuja naturalidade não foi possível definirmos (tabela 50). Para visualizarmos melhor os dados reunidos, distribuímos os escravos com indicações da saúde em dois grupos divididos por sexo: tabela 51 e tabela 52.

Tabela 50. Distribuição dos escravos adultos com indicações sobre saúde/doença (1881-1888)

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Africanos	2	-	2
Crioulos	6	9	15
Sem indicação da naturalidade	35	22	57
Total	43	31	74

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Tabela 51. Perfil dos escravos homens com indicações sobre saúde/doença (1881-1888)

Ano	Nome	Naturalidade	Idade	Profissão	Saúde
1881	Antônio	Crioulo	32	-	Aleijado das mãos
1881	Theodoro	-	54	-	Cego de um olho
1881	Miguel	-	36	-	Defeituoso das pernas
1881	Athos	-	42	-	Doente
1881	Donato	-	-	-	Doente
1881	Jugultho	-	51	-	Doente
1881	Felimino	-	33	-	Ferida nas pernas
1881	Saturnino	-	35	Roça	Quebrado
1882	Lepoldino	Crioulo	16	-	Aleijado de uma perna
1882	João	Africano	70	Roça	Classificado como deficiente
1882	Marcelino	-	-	-	Cravos nos pés
1882	Protácio	-	-	-	Cravos nos pés

1882	Firmino	-	-	Roça	Defeito nas pernas
1882	Felipe	-	-	-	Defeito nos [pés]
1882	Ângelo	-	-	-	Defeituoso
1882	Geraldo	-	-	-	Doente
1882	Irino	-	14	-	Doente
1882	João	-	-	Enfermeiro	Doente
1882	Manoel Félix	-	Velho	-	Doente
1882	Máximo	-	-	-	Doente
1882	Romualdo	-	Velho	-	Doente
1882	Santiago	-	Velho	-	Doente
1882	Sebastião	-	Velho	-	Doente
1882	Silvestre	-	-	Roça	Doente
1882	Caetano	-	23	-	Doente do coração
1882	Carlos	-	Velho	-	Doente do coração
1882	Jorge	-	Velho	-	Doente do coração
1882	Firmino	Crioulo	20	-	Muito doente
1882	Felipe	-	43	Roça	Opilado
1882	Victor	-	Velho	-	Quebrado
1882	João	-	-	Tropeiro	Rendido
1882	Fortunato	Crioulo	27	-	Reumático
1882	José	-	-	Pastor	Reumático
1882	Liberato	-	22	-	Tuberculoso
1883	Paulo	Africano	40	-	Cambeta e com feridas
1883	Lourenço	Crioulo	22	-	Com feridas
1883	Luís	-	41	Sapateiro/ Roça	Defeituoso
1883	Estevão	-	24	Roça	Doente
1883	Honorato	Crioulo	35	Roça	Doente
1883	Ricardo	-	29	Roça	Doente
1883	Thomé	-	29	Roça	Doente
1884	Eugênio	-	44	-	Cego
1884	Cândido	-	52	-	Rendido

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

Tabela 52. Perfil das escravas mulheres com indicações sobre saúde/doença (1881-1888)

Ano	Nome	Naturalidade	Idade	Ocupação	Saúde
1881	Luiza	Crioula	34		Doente
1881	Maria Vitória		30		Doente
1881	Raymunda	Crioula	27		Doente
1881	Rita				Quebrada
1881	Herculina				Sofre de gota
1882	Luiza	Crioula	24		Asmática
1882	Bernardina	Crioula	46		Asmática e aleijada

1882	Adelaide		14		Doente
1882	Ana		Velha		Doente
1882	Apolinária		Velha		Doente
1882	Clarmida				Doente
1882	Delmira				Doente
1882	Estalesia		Velha		Doente
1882	Herculana				Doente
1882	Higina				Doente
1882	Marcolina				Doente
1882	Maria Teresa	Crioula	23		Doente
1882	Severiana		Velha		Doente
1882	Silvéria	Crioula	22		Doente
1882	Andresa		27		Doente do coração
1882	Bárbara		29		Elephantíase
1882	Clara				Inutilizada
1882	Mariana		10		Inválida
1882	Leonor				Sofre de ?coração
1883	Alexandrina		50		Doente
1883	Felícia		[40?]	Roça	Doente
1883	Martinha	Crioula	24		Doente
1883	Romualda		39	Serviço doméstico	Doente
1883	Thomázia		24	Serviço doméstico	Doente
1884	Joanna	Crioula	24	Serviço doméstico	Sofre de ataques
1887	Silvéria	Crioula	46		Doente

Fonte: Inventários *post-mortem* de Cantagalo.

No grupo dos escravos homens, apesar do alto índice de indeterminação a respeito das indicações das moléstias, observamos algumas particularidades. O africano Paulo, de nação, 40 anos, era cambeta e sofria com feridas, apesar disso ainda chegou a ser avaliado em 400 mil réis. Já o segundo escravo, João, africano, já com 70 anos, era deficiente e não chegou sequer a ser avaliado. Entre os escravos crioulos, seis eram homens e nove eram mulheres. Já entre os cativos sem indicação de procedência, 35 eram homens e 22, mulheres. No grupo feminino, a maioria das mulheres foi registrada apenas como doente, seguida de alguns casos de asma, gota e moléstias do coração.

Para esse mesmo período, encontramos indicações sobre as causas de mortes nos livros paroquiais da freguesia de Santíssimo Sacramento. Entre os anos de 1881 e 1883, foram registrados 167 óbitos de escravos. Com relação às causas de mortes dos cativos adultos, reunimos 21 casos.

Tabela 53. Óbitos dos escravos adultos da freguesia de Santíssimo Sacramento (1881-1888)

Ano	Nome	Sexo	Naturalidade	Procedência	Idade	Causas de morte
1882	Maria	F	Africana	Indeterminada	70	[Hemorragia] cerebral
1882	Maria	F	Africana	Conga	60	Afecção orgânica do coração
1882	Clemência	F	-	-	36	Tubérculos pulmonares
1882	Maria	F	-	-	30	Tubérculos pulmonares
1882	Delfina	F	-	-	-	Tubérculos pulmonares em terceiro grau
1882	Faustina	F	-	-	-	Tuberculose pulmonar
1882	Anastácio	M	Crioulo	-	30	[Anataria]
1882	Clemente	M	Africano	Indeterminada	60	[Lesões] orgânicas no coração
1882	José	M	-	-	80	[Miasma] senil
1882	André	M	-	-	44	Apoplexia pulmonar
1883	Simão	M	-	-	-	Enforcamento
1882	Honorato	M	-	-	16	Febre perniciososa
1882	Marcelino	M	-	-	27	Hemorragia pulmonar
1882	Jacinto	M	Africano	Indeterminada	52	Insuficiência [aóstica]
1882	Manoel	M	Africano	Mina	70	Lesão orgânica no coração
1882	José	M	-	-	30	Peritonite
1882	Geraldo	M	-	-	16	Tubérculos pulmonares
1882	Florêncio	M	-	-	-	Tubérculos pulmonares
1882	Gregório	M	-	-	60	Um [vulva]
1882	Joaquim	M	-	-	45	Uma inclusão intestinal
1882	Nicolau	M	Africano	Indeterminada	80	Velhice

Fonte: Paróquia Santíssimo Sacramento.

Os registros de óbitos dos últimos anos de escravidão iluminam as lacunas deixadas com o alto índice de indeterminação sobre as condições de saúde dos cativos. Apesar de não serem numerosos, esses dados revelam que a maioria dos cativos registrada no período faleceu de tubérculos pulmonares ou tísicos. O quadro que vislumbramos com os registros de óbitos podem sugerir que a tuberculose assolava as senzalas de muitas fazendas do período.

O quadro mais revelador dos cenários insalubres das *plantations* cafeeiras do Vale que conseguimos reconstruir são as pistas que surgem quando examinamos mais atentamente os processos de inventários desse período. O cotejamento das informações sobre os sinais e sintomas das doenças registradas nos processos com os manuais e dicionários médicos da época lançam luz em torno das moléstias que atingiram os cativos de Cantagalo. Por exemplo, com a morte de José Sezinando de Avelino Pinho³⁹², em 1882, a fazenda Benfica foi inventariada e algumas doenças dos cativos foram registradas.

³⁹² Foi médico da família e das fazendas de Anna Clara Lopes Martins entre os anos de 1860-1868.

Tabela 54. Escravos doentes da Fazenda Benfica

Cravos nos pés	2
Defeito nas pernas	1
Defeito nos pés	1
Defeituoso	1
Doente	17
Doente do coração	3
Inutilizado	1
Quebrado	1
Remático	1

Fonte: AMJERJ, inventário de José Sezinando de Avelino Pinho, 1882.

Uma das doenças registradas na tabela, cravos nos pés, atingiu os escravos Marcelino e Protácio. Contudo, tais moléstias provavelmente não os incapacitaram para o trabalho nas roças da fazenda. Suas avaliações foram registradas em um conto e 200 mil réis, valor superior quando comparado com os outros 27 cativos registrados como doentes. De acordo com o Dicionário de Medicina Popular do Dr. Chernoviz, os cravos que afligiram o escravo Marcelino e Protácio seriam “os cravos boubáticos”. Vejamos a descrição do médico:

(...) *Cravos boubáticos*. Pequenas elevações na planta dos pés, ou na palma das mãos, cobertas da pele calosa e dura, acompanhadas de rachas profundas, dolorosas, de que reçuma às vezes, matéria viscosa. As boubas mostram-se, as mais das vezes, sem serem precedidas de sintomas gerais por pequenas manchas de cor rubra-escura, semelhantes às picadas de pulgas, e grupadas em geral umas ao lado das outras; a estas manchas sucedem pequenas elevações rubras da grandeza de cabeças de alfinetes; crescem pouco a pouco, e alargam-se até adquirirem, às vezes, a extensão de um círculo de 14 milímetros de diâmetro; cobrem-se de escamas; forma-se como uma espécie de crosta, e observam-se depois na superfície da parte affectada em número variável pequenas vegetações rubras, que foram comparadas, pela fôrma e cor, às framboezas ou amoras. Estas excrescências não são dolorosas, salvo se aparecem na planta dos pés. São então irritadas pelo andar, e fazem sofrer grandes dores ao doente. No fim de um tempo variável, ulceram-se no ápice, e deitam matéria purulenta de cheiro às vezes desagradável; esta matéria coagulando-se forma crostas espessas que podem encobrir até certo ponto o verdadeiro caráter da moléstia. Tubérculos das boubas podem desenvolver-se em todas as partes do corpo; mostram-se todavia com preferência no rosto, tronco, extremidades, virilhas e margem do ânus; sua aparição é em geral sucessiva (...) ³⁹³.

³⁹³CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol2 v. p. 358.

Para o Dr. Chernoviz, os cravos boubáticos eram muito comuns em regiões “intertropicais”, especialmente no Brasil, onde podiam ser encontrados em quase todas as províncias. Desde já, não poderíamos especular que os outros companheiros de cativeiro de Marcelino e Protácio já tivessem sofrido com “cravos nos pés”? Uma doença contagiosa, segundo o dicionário do Dr. Chernoviz, que afetava indivíduos com algum tipo de úlceras e que podia ser “inoculada por insetos”³⁹⁴. A maioria dos escravos da fazenda Benfica aparece registrada apenas como doente.

Na fazenda Bonfim, propriedade dos herdeiros de João Pereira Durão, localizamos interessantes informações sobre o cotidiano dos cativos naqueles últimos anos de escravidão. A fazenda Bonfim possuía uma densa escravaria na década de 1880, eram 114 cativos distribuídos por suas ambiências. Ao examinarmos o perfil dos escravos registrados, identificamos dois africanos: Luiza, cabinda, com 51 anos, e Vicente, congo, com 62 anos. Os crioulos eram 34 indivíduos no total, 17 homens e 17 mulheres. Em maior número, os cativos sem indicação da naturalidade, com 78 indivíduos no total, sendo 47 homens e 31 mulheres³⁹⁵.

Sobre as questões envolvendo a saúde dos cativos, identificamos informações sobre nove escravos. Dos que sofriam de alguma moléstia, cinco foram registrados apenas como doentes (Athos, Jugultho, Luiza, Maria Victória, Raymunda); Antônio, crioulo, 32 anos, foi registrado como aleijado das mãos; Theodoro, 54 anos, como cego de um olho; Miguel, 36 anos, como defeituoso das pernas e Filimino, 33 anos, com feridas nas pernas. Contudo, avançando na investigação da fazenda Bonfim, reunimos mais pistas sobre os cenários de doenças que deviam assolar aquela densa escravaria. Logo, encontramos a indicação de um hospital na propriedade, registrado da seguinte forma: “casa do hospital, com duas portas, duas janelas, [?], toda assoalhada por 450 mil réis”³⁹⁶. Os escravos da fazenda Bonfim deviam circular intensamente no espaço construído para o tratamento dos doentes. Considerando nossa ideia inicial de que os esforços dos proprietários de escravos direcionados aos recursos médicos para os negros doentes tinham o objetivo de manter a produtividade nas fazendas, foi possível vislumbrar como a vida dos escravos na fazenda Bonfim devia ser árdua. Um recibo anexado ao processo pelo médico Dr. Paulino indicava os serviços que prestara na fazenda Bonfim. Em 1880, foram descritos os serviços médicos e os valores dos honorários devidos ao Dr. Luiz Paulino Soares de Souza:

³⁹⁴ CHERNOVIZ, *op. cit.*, 1890, vol2 v. p. 358.

³⁹⁵ AMJERJ, inventário *post-mortem* de João Pereira Durão, 1881.

³⁹⁶ *Ibidem*

Janeiro - 21: Chamado ao Bonfim para a Sra. D. Ambrosina. Examinei também o Sr. Comendador Durão e o escravo Clemente (hydortheroze do peito).

Março - 27: Chamado à dita fazenda para o Sr. Comendador. Examinei os escravos Clemente, Carneiro, um ingênuo, a Sra. D. Ambrosina e um seu filho.

Abril - 20: Chamado para Raymunda branca (febre puerperal). Examinei também Athos, Victoriano, uma parda e uma criança. Examinei os olhos da Ecx. Sra. D. Francisca.

Abril - 22: Chamado para Raymunda branca. Examinei também a menina Etelvina.

Abril - 26: Chamado para Raymunda branca. Examinei também Clemente, Carneiro, Veridiana, Raphaela, Maria crioula e a criança Leuneralda.

Junho - 9: Chamado. Examinei a criança Afonso, Roland, filho de Petronilha, Maria Victória, Francisco carapina, Clemente, Benedicto branco, Raymunda branca e mais dois pretos.

Julho - 4: Chamado para Luiza mucama. Examinei Clemente, Maria Victória, Raymunda branca, Maria Crioula Thomásia, Raphael, Maria nova, Benedicto branco, Romualdo, dois pretos com supressão da transpiração, um preto com [metrite] crônica (img1664) e quatro crianças com bronquite, cujos nomes não tomei nota.

(...) Honorários médicos do ano de 1879: 520\$000

Ditos do ano de 1880 ao dia 23 de março de 1881: 1:790\$000

Cantagalo, 19 de outubro de 1881³⁹⁷.

O valor final dos honorários do médico Dr. Luiz Paulino Soares de Souza foi elevado. A narrativa dos serviços que foram prestados não só revela um interesse em tratar das moléstias dos cativos, para que os investimentos do proprietário não fossem perdidos, como traduzem os cenários ainda mais precários para as vivências cativas nos últimos anos de escravidão.

O adoecimento de um dos membros da família do comendador Durão também levou à contratação dos serviços de médicos na Corte. Foi registrado no inventário o recibo do Dr. João Marinho de Azevedo, médico, especialista nas moléstias da infância, que atendia na Rua da Prainha, número 84. De acordo com o recibo de 8 de abril de 1881, o comendador Durão “deve ao Dr. Marinho por diversas visitas feitas a sua senhoria quando vinha à Corte e por diferentes consultas feitas por escrito feitas de Cantagalo e respondidas da Corte, a quantia de 300 mil réis”³⁹⁸.

Na propriedade do falecido Fortunato Barbosa Velloso, localizada na freguesia do Santíssimo Sacramento, o Dr. Joaquim Marquez da Cruz parece ter despendido um longo

³⁹⁷AMJERJ, inventário *post-mortem* de João Pereira Durão, 1881.

³⁹⁸*Ibidem*

tempo cuidando dos seus doentes escravos e do dito Velloso³⁹⁹. Os honorários do médico chegaram a dois contos de réis, e vale destacar que o médico assumiu, em 1883, o papel de tutor do filho do falecido Fortunato.

O falecido Fortunato Barbosa Velloso possuía 47 cativos entre os seus bens. O maior grupo eram os cativos sem identificação da naturalidade, com 37 no total, 20 homens e 17 mulheres. Já os escravos identificados como crioulos eram dez no total, sendo sete homens e três mulheres. Além do próprio Fortunato, que adoeceu gravemente, muitos recursos foram dispensados aos escravos doentes. Os gastos na *Pharmácia Cantagallense*, propriedade de Augusto Alves Pereira de Mello e Sebastião Pereira de Mello, foram de aproximadamente 500 mil réis. Ao boticário Henrique Hafeld foram pagos cerca de 200 mil réis por medicamentos fornecidos à fazenda. Ao Dr. Luiz Augusto da Silva foram pagos 175 mil réis pelos serviços médicos prestados aos escravos do espólio de Fortunato⁴⁰⁰.

Avaliando os bens registrados no rico inventário do finado Joaquim Pires Velloso, identificamos “uma casa para hospital, avaliada em 1:300\$000 mil réis”. O total de escravos registrados foi de 200 indivíduos, provavelmente, distribuídos entre as quatro propriedades que pertenciam ao espólio do inventariado: as fazendas Pouso Alegre, Feliz Retiro, Providência e Dhália. Em 1884, o Dr. Alfredo Augusto Vieira Barcelos apresentou uma longa lista dos serviços médicos para o tratamento da família Velloso e dos escravos das propriedades, apesar de apenas um escravo aparecer com indicação sobre doenças na lista de avaliação: o escravo Cândido, de 52 anos, apareceu como rendido. De acordo com um recibo, identificamos que o médico circulava intensamente pela fazenda Pouso Alegre, provavelmente onde estava localizada a casa que servia de hospital, e recebeu aproximadamente dez contos de réis por seus serviços médicos. Apesar da longa lista de visitas à fazenda, especialmente para acompanhar o doente Joaquim Pires Velloso durante à noite, o Dr. Alfredo pouco explicou sobre os diagnósticos das doenças ou tratamentos. Identificamos apenas duas situações em que ele descreve que retirou “um abscesso de um escravo” e “um abscesso facial de um escravo”⁴⁰¹. No ano de 1884, um recibo indicou que João Pedro Soares Luna recebeu 500 mil réis para tratar dos escravos e abastecer farmácia da Fazenda Pouso Alegre em dezembro de 1883.

No último processo de inventário que analisamos na década de 1880, em que reunimos pistas das condições de saúde dos cativos, encontramos registrados poucos bens. Estavam

³⁹⁹AMJERJ, inventário *post-mortem* de Fortunato Barbosa Velloso, 1883.

⁴⁰⁰*Ibidem*.

⁴⁰¹AMJERJ, inventário *post-mortem* de Joaquim Pires Velloso, 1884.

entre os bens da finada Maria Eyer Reis apenas sete escravos. Parte deles foi tratada com medicamentos fornecidos pela *Farmacia Moraes*, propriedade de Lino Américo do Brasil Moraes, localizada na estação do Cordeiro (Cantagalo). “Pomadas para feridas”, xaropes, pílulas, sanguessugas e outros medicamentos⁴⁰² perfaziam como gastos rotineiros no cotidiano dos moradores que viviam e circulavam os arrabaldes de Cantagalo.

Verificamos até aqui que o quadro insalubre que se instalava como pano de fundo em muitas fazendas de Cantagalo, tal como observamos com a disseminação das moléstias nas propriedades, somado ao falecimento dos senhores e às disputas dos seus herdeiros, podia tornar ainda mais precária a vida dos escravos na região. Como discutimos no capítulo anterior, com o exemplo dos conflitos travados em uma propriedade da freguesia de Sumidouro do Paquequer, o falecimento do senhor podia deixar os seus escravos temerosos em relação à sobrevivência na propriedade. Também observamos que, em outros casos, os conflitos dos herdeiros tornavam a vida cativa ainda mais precária, fazendo com que muitos fugissem ou buscassem sobreviver às dificuldades decorrentes da intensa exploração do trabalho. Ao apresentarmos os sinais e sintomas das doenças que afetavam a avaliação dos cativos de Cantagalo, reconstruímos os cenários sociais em que se estabelecia o quadro das relações entre escravos, senhores e médicos, no que tange os aspectos da saúde e doença. Apesar disso, a experiência relacionada à doença dos milhares de indivíduos negros escravizados, levados pelo comércio transatlântico para abastecer as *plantations* cafeeiras no Brasil, tinha início nos portos africanos. Considerando o volume total de indivíduos africanos em Cantagalo no período estudado, somente analisando os inventários *post-mortem*, os africanos representavam cerca de 26% da população. Tal como indicamos no capítulo anterior, quando observamos essas cifras mais de perto, em períodos marcados pelo intenso comércio transatlântico, os africanos chegavam a representar mais da metade da população escrava de Cantagalo.

Veremos como dimensões das experiências da saúde e da doença permeavam importantes narrativas construídas também no fluxo do comércio de escravos africanos. Em contraponto aos cenários sociais explorados sobre o universo da vida escrava em Cantagalo, a ênfase nos cenários atlânticos também revelou importantes questões sobre a experiência relacionadas ao quadro de saúde, a partir da escravização nos portos africanos.

⁴⁰²AMJERJ, inventário de Maria Eyer Reis, 1887.

3.2. Medicina e saúde na diáspora africana

São múltiplas as histórias de indivíduos que circulavam pelas rotas mercantis do tráfico atlântico de escravos. A historiografia mais recente sobre o tema tende a valorizar as experiências humanas e as relações sociais, econômicas e culturais estabelecidas nelas⁴⁰³. Francisco Vidal Luna e Herbert Klein argumentaram que

Para transportar os estimados 5,5 milhões de trabalhadores da África na travessia do Atlântico até o Brasil, emergiu um complexo e refinado sistema de compra de cativos africanos, o que, por sua vez, ligou as economias da Ásia, América, Europa à economia de mercado em desenvolvimento na África⁴⁰⁴.

Os autores salientam que, desde os fins do século XV até fins do século XIX, “dos 10,7 milhões que sobreviveram à travessia do Atlântico (...) estima-se que 4,8 milhões aportaram no Brasil”⁴⁰⁵. Logo, vislumbra-se um complexo cenário social em que ideias e experiências humanas se conectavam e inúmeras histórias eram tecidas em meio à expansão progressiva da captura de indivíduos africanos, barbaramente transformados em cativos.

Vemos, no decorrer do século XIX, com a intensificação do tráfico transatlântico de escravos através do Atlântico sul⁴⁰⁶, ser esboçada uma nova geografia da empreitada escravista, especialmente alavancada pela demanda de braços escravos para abastecerem as *plantations* do Brasil. Dos portos da costa angolana⁴⁰⁷, embarcaram milhares de indivíduos africanos para servirem aos mercados americanos, tendo o Rio de Janeiro recebido o maior volume de cativos e alcançado, no decorrer dos Oitocentos, a posição de um dos portos mais importantes de todo o mercado atlântico. Os dados arrolados sobre o número de africanos traficados indicam que, entre os anos de 1801 e 1825, desembarcaram no Brasil 1.012.762 africanos, já entre os anos 1826 e 1850 foram contabilizados 1.041.964, sendo que 6.800

⁴⁰³ Cf. RODRIGUES, Jaime. Cultura marítima: marinheiros e escravos no tráfico negreiro para o Brasil (sécs. XVIII e XIX). *Rev. bras. Hist.* [online]. 1999, vol.19, n.38, pp. 15-53. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-0188&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 01 maio de 2014; REDIKER, Marcus. *O Navio Negreiro: uma história humana*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁴⁰⁴ LUNA e KLEIN, *op. cit.*, 2010, p 167.

⁴⁰⁵ *Ibidem*, p 168.

⁴⁰⁶ Cf. FLORENTINO, Manolo Garcia. *Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 1995.

⁴⁰⁷ Cf. CURTO, J. C. e GERVAIS, R. R. A dinâmica demográfica em Luanda no contexto do tráfico de escravos do Atlântico Sul, 1781-1844. *Topoi: Revista de História*, Rio de Janeiro, 7 Letras, v.4, p.85-138, 2002; MILLER, J. A economia do tráfico angolano de escravos no século XVIII. In: PANTOJA, S. e SARAIVA, J. F. S. (orgs.). *Angola e Brasil nas rotas do atlântico sul*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999; PANTOJA, Selma. Três leituras e Duas cidades: Luanda e Rio de Janeiro nos setecentos. In: PANTOJA, S. e SARAIVA, J. F. S. (orgs.). *Angola e Brasil nas rotas do atlântico sul*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

cativos africanos desembarcaram após a lei de proibição do tráfico de 1850⁴⁰⁸. Nestes dois últimos períodos, a maioria dos cativos foi levada para as fazendas de café do Sudeste, sendo esse um tempo “logo posterior à independência e marcado pelo processo de construção do Estado imperial em meio ao estouro dos cafezais no Vale do Paraíba”⁴⁰⁹.

Sob a exploração do trabalho forçado desses indivíduos, constituía-se uma das maiores cidades atlânticas africanas das Américas⁴¹⁰. O Rio de Janeiro revelava-se, assim, já no primeiro quartel do século XIX, um espaço social transformado e marcado pela presença maciça de africanos. Estabelecia-se a maior cidade escravista das Américas e desembarcaram em seu porto mais de 500 mil indivíduos que partilhavam a trágica experiência do cativo⁴¹¹. De acordo com Dale Tomich, transformações na economia mundial tornaram “as condições da existência do trabalho escravo mais vulnerável e volátil que antes”. Isso, à “competição de preços num mercado mundial em expansão e [a]o crescimento do trabalho assalariado tornaram a produtividade do trabalho mais importante”⁴¹². Destarte, desvela-se um quadro material de profundas transformações, em que a expansão do mercado mundial do café, que favorecia o impressionante crescimento da produção cafeeira na província do Rio de Janeiro⁴¹³, incrementou o tráfico atlântico de escravos e conduziu a forma como se configurou a escravidão nas *plantations* cafeeiras no Brasil. A partir desse novo conjunto de abordagens, estabelecem-se novos caminhos analíticos para o debate acadêmico contemporâneo, tais como os estudos que inauguraram abordagens sobre a mortalidade⁴¹⁴, aspectos da saúde e da doença dos indivíduos escravizados⁴¹⁵ no contexto americano. De acordo com Diana Maul de

⁴⁰⁸ CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil Oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 35.

⁴⁰⁹ *Ibidem*

⁴¹⁰ SOARES, E., GOMES, F. e FARIAS, J. No *Labirinto das nações: africanos e identidades*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p. 23.

⁴¹¹ *Ibidem*

⁴¹² TOMICHI, Dale W. *Pelo prisma da escravidão: trabalho, capital e economia mundial*. São Paulo: EDUSP, 2011, p.114.

⁴¹³ MARQUESE, R. de B. *op. cit.*, 2004, p.264.

⁴¹⁴ Cf. KARASCH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850*. São Paulo: Companhia da Letras, 2000; KIPLE, K. F.; KING, V. H. *Another dimension to the black diaspora: diet, disease, and racism*. Cambridge University Press, 1981; KLEIN, Herbert S. Vida, morte e família nas sociedades afro-americanas. In: KLEIN, Herbert S. *A escravidão africana: América Latina e Caribe*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987; LUNA, F. V. e KLEIN, H. S. *Escravidão no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2010, capítulo 2.

⁴¹⁵ Cf. BARBOSA, Keith & GOMES, Flávio. “Doenças, morte e escravidão africana: perspectivas historiográficas”. *Ciência e Letras*, Porto Alegre, n. 44, jul./dez. 2008, pp. 237-259; BARBOSA, Keith. Vida e morte escravos no Rio de Janeiro Oitocentista, 1820-1836. In: NASCIMENTO, Dilene R.; CARVALHO, Diana Maul de; (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*, vol.3. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010.

Carvalho, a difusão do imaginário do deslocamento humano dos povos através das margens do atlântico, que evocaria a percepção naturalizada de deslocamentos de doenças, deve ser problematizada. Concordamos quando ela argumenta que, as conexões entre doenças e escravidão devem levar em conta peculiaridades, contextos históricos e formações sociais. Dessa forma, emergiria com maior força um campo de estudos das doenças a partir de investigações sobre os quadros nosológicos de determinadas populações, com muita atenção às configurações específicas de certas enfermidades, considerando as moléstias e seus agentes propagadores e transmissores⁴¹⁶. Recentemente, inúmeras pesquisas buscam compreender o desenvolvimento do comércio de africanos pelos múltiplos espaços sociais do Atlântico⁴¹⁷, conectados pelo empreendimento negreiro, por trajetórias de negociantes do infame comércio⁴¹⁸, marinheiros⁴¹⁹ e a agência⁴²⁰ dos indivíduos vitimados pela diáspora africana⁴²¹. Neste caso, argumentamos que outras faces desse comércio atlântico também podem ser recuperadas, examinando como as relações entre saúde⁴²², trabalho e governo dos escravos descortinam experiências humanas, até então pouco acessíveis pelas lógicas macroeconômicas.

Dale Tornston Graden, em estudo recente intitulado *Disease, Resistance, and Lies: The Demise of the Transatlantic Slave Trade to Brazil and Cuba (2014)*, elegeu a *doença* como mais uma variável para compor a discussão sobre a dinâmica do tráfico atlântico de escravos. Sua proposta é interessante, porque sugere uma investigação em que a dimensão da experiência da *doença* é analisada como ponto de partida para avaliar a dinâmica do tráfico. Apesar de muitas vezes apenas ressaltar as *doenças infecciosas* nos espaços sociais investigados, portos e navios, o autor delinea como o debate em torno da doença, de alguma forma, perpassava as discussões em torno do fim do tráfico. Mesmo com ênfase nas doenças

⁴¹⁶Cf. CARVALHO, D. M. de. Doenças dos escravizados, doenças africanas?. In: PORTO, A. (org.). *Doenças e escravidão: sistema de saúde e práticas terapêuticas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. CD-rom il.

⁴¹⁷Sobre as discussões em torno da administração dos escravos, Cf. MARQUESE, R. de B. *Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁴¹⁸Cf. RODRIGUES, Jaime. *O infame comércio: Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850)*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2000.

⁴¹⁹Cf. RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁴²⁰Ver discussão em: THOMPSON, E. P *A miséria da teoria, ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

⁴²¹ Para uma perspectiva inovadora sobre as trágicas experiências nos navios negreiros, Cf. REDIKER, Marcus. *O navio negreiro: uma história humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁴²² Para um debate recente sobre as condições de saúde das populações negras no continente norte-americano, ver: DOWNS, Jim. *Sick from Freedom: African-American Illness and Suffering during the Civil War and Reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2012.

que afetavam os cativos africanos no entorno dos principais portos do Brasil e nos negreiros, Graden ressaltou imagens interessantes da cidade insalubre narrada por estrangeiros, discutindo como à questão das doenças dos africanos perpassavam também as querelas⁴²³ políticas e jurídicas sobre o tráfico.

Stuart Anderson ressaltou a importância de examinarmos mais atentamente a questão da doença nos navios negreiros. Segundo o autor, ela sempre esteve presente no tráfico de escravos, mas os africanos não eram os únicos atingidos pela propagação das moléstias no interior dos navios. O combate às doenças era um desafio, diversas estratégias eram empreendidas pelos traficantes para contê-las e, no século XVIII, muitos cirurgiões foram empregados nos navios britânicos para tratarem dos doentes. De acordo com a análise de Anderson,

Some 500 people qualified as naval surgeons each year, and quite a number worked on slave ships. Naval surgeons had to anticipate the medical needs of both slaves and crew. Each surgeon had his own medicine chest. Slave ships without a surgeon usually carried a medicine chest. Records survive of the contents of the chest of a ship without a surgeon trading off the African coast. The contents were deemed to be sufficient for a crew of twenty for one year. The internal preparations included a large amount of Peruvian bark, or cinchona, for malaria fever, and other powders, including rhubarb. The chest also contained opium and laudanum. There were large quantities of Epsom salts, gentian root and cream of tartar in the chest. The liquids included antimonial wine and castor oil. Large numbers of pills were also carried, including bilious and purging pills. Internal medicines were lettered for easy recognition⁴²⁴.

A ênfase nas relações entre escravidão e medicina não apenas revelam questões sobre as doenças que afligiam os escravos e tripulantes dos negreiros, mas apontam a importância dos indivíduos que tratavam os doentes e os medicamentos utilizados por eles. Nesse sentido, argumentamos que o conjunto de questões que surge com a interrogação desses novos objetos de estudo é complexo, exige o esforço do pesquisador em estabelecer um diálogo constante com outras áreas de conhecimento, mas compõe uma abordagem promissora para analisarmos

⁴²³Cf. capítulo 3, sobre a discussão entre as autoridades brasileiras e britânicas sobre a captura do navio *Bella Miquelina* em 1848. GRADEN, Dale Tornston. *Disease, Resistance, and Lies: The Demise of the Transatlantic Slave Trade to Brazil and Cuba*. Louisiana State University Press, 2014,

⁴²⁴ANDERSON, Stuart. *The Great Days of Sail: Slavery, Ships and Sickness*. Associate Dean of Studies London School of Hygiene and Tropical Medicine. October 2011. Disponível em: <http://www.gresham.ac.uk/lectures-and-events/slavery-ships-and-sickness>. Acessado em 01 de junho de 2014.

quadros complexos de morbidade⁴²⁵ e mortalidade escrava⁴²⁶. Nesse caso, o exame atento de um processo civil de 1826, localizado no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, movido por um cirurgião militar contra o capitão de uma embarcação negreira e seu proprietário, tornou instigante a escolha dessa temática como caminho analítico viável para reconstruirmos as vivências dos indivíduos que integravam os complexos cenários sociais, políticos e econômicos construídos e reconstruídos pelo tráfico transatlântico de africanos. Logo, podemos exercitar a construção de alguns contextos acerca desses objetos de análise. Em foco, o importante período de intensificação do tráfico negreiro no atlântico sul nas primeiras décadas do século XIX. Para dar conta de tal empreitada, iremos ajustar nossas lentes, direcionando-as para os cenários atlânticos de escravidão que abrangiam ricos negociantes, trabalhadores marítimos, cirurgiões, médicos e escravos.

3.2.1. Um cirurgião nas rotas do mundo atlântico

No dia 27 de outubro de 1825, o cirurgião José Justo Coelho embarcava no navio Bergantim Espadarte, em uma das inúmeras viagens que saíam do Rio de Janeiro em direção aos portos d'África. Residindo em território carioca, foi registrado no *Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro*⁴²⁷ como membro integrante do Corpo de Saúde da Armada, com a titulação de Cirurgião dos Imperiais Marinheiros⁴²⁸.

Sobre a presença dos cirurgiões nos negreiros, os autores H. Klein e Francisco Luna, ao examinar as taxas de mortalidade no tráfico atlântico, informam que desde o início da empresa negreira os traficantes ingleses, por exemplo, já os haviam introduzido nas viagens. Apesar disso, o impacto na redução da “mortalidade” ou na “incidência das doenças” seria diminuto⁴²⁹. Com o crescimento do comércio, “a melhora generalizada nos conhecimentos

⁴²⁵ NASCIMENTO, D. R. do. e SILVEIRA, A. J. T. “A doença revelando a história. Uma historiografia das doenças” In: NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. M et aalli.(orgs). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004, p.20.

⁴²⁶ Cf. BARBOSA, K. *Doença e Cativo: um estudo sobre morbidade, mortalidade e sociabilidades escravas no Rio de Janeiro, século XIX*. Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em História), UFRRJ, 2010.

⁴²⁷ *Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro*, 1851, p.152 Disponível em: <http://books.google.com.br> . Acesso em: 08/08/2013.

⁴²⁸ No *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*, coordenado pela Casa de Oswaldo Cruz, José Justo Coelho também foi identificado como integrante do corpo médico do Hospital Real Militar e Ultramar da Marinha. Ver verbete “Hospital da Armada e Corpo da Marinha”. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/hosparmar.htm>. Acessado em 7 de agosto de 2013.

⁴²⁹ LUNA e KLEIN, *op. cit.*, 2010, p. 173

dos europeus sobre a alimentação e o uso de métodos incipientes de vacinação contra varíola disseminaram-se por todos os países que traficavam cativos na segunda metade do século XVIII”. Tais ações teriam reduzido a mortalidade que, antes do século XVII, aproximava-se de 20% para cerca de 5% a 8% no final do século XVIII até o início do século XIX⁴³⁰.

Com a intensificação das rotas do tráfico que movimentavam o comércio de africanos, produtos e mercadorias, os cirurgiões passaram a desempenhar um papel fundamental nas empreitadas marítimas do período. O argumento do historiador Jaime Rodrigues é muito útil para compreendermos melhor o papel exercido pelo cirurgião militar José Justo Coelho no Bergantim Espadarte:

Em especial, as atividades dos cirurgiões iam além das relativas ao trato do médico e ao enfrentamento das intempéries das viagens; principais ajudantes dos capitães nos negócios terrestres, desenvolviam um saber adquirido no escrutínio dos homens, das mulheres e das crianças que seriam comprados. Vale dizer que, considerando-as fontes históricas, essa característica imprimiu um sentido muito particular às narrativas de viagens que foram produzidas por eles⁴³¹.

Um cirurgião exercia sua “arte de curar” com a tripulação do navio e com os indivíduos africanos escravizados, buscando reduzir a mortalidade da valiosa carga transportada entre as múltiplas direções dos espaços atlânticos do período. De acordo com Nikelen Acosta Witter (2001), em muitos casos, os cirurgiões atuavam como médicos diplomados, cuidando de doentes e receitando remédios, na intenção de complementar seus soldos⁴³². Esta poderia ter sido uma das estratégias do cirurgião Coelho para acumular mais recursos: empregar-se nos negreiros que partiam do porto da cidade do Rio de Janeiro:

Porque destinando-se o dito Bergantim a sua viagem aos portos d’África, convencionou o autor com o réu José Bernardes como dono e caixeiro de Barroso, ir o mesmo autor como cirurgião do navio, ganhando sessenta e quatro mil réis por mês, ida e volta.⁴³³

A falta de pagamentos pelos honorários do cirurgião José Justo Coelho expôs o universo social do Bergantim Espadarte, revelando tensões e conflitos nas relações tecidas

⁴³⁰ LUNA e KLEIN, *op. cit.*, 2010, p.173

⁴³¹ RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.p.16 .

⁴³² WITTER, Nikelen Acosta. *Dizem que foi feitiço: as práticas da cura no sul do Brasil (1845 a 1880)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 76.

⁴³³ AN, José Justo Coelho, Maço 141, número 216, galeria C. Apelação Civil, 1826.

durante as viagens marítimas. O cirurgião aparece no processo civil, depositado no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, como autor de uma ação sumária, aberta em 27 de julho do ano de 1826, de cobrança de soldadas contra o proprietário do Bergantim Espadarte, João Gomes Barroso, assim como contra o caixeiro José Bernardes Silva e o capitão do Bergantim, Francisco Pereira Nunes Madruga.

O proprietário do navio, João Gomes Barroso, era um rico negociante envolvido no comércio de escravos. Jupiracy Affonso Rego Rossato, em sua análise sobre os comerciantes de *grosso-trato*, identificou o negociante português Barroso, nascido em 1766 e falecido em outubro de 1829, como um dos mais influentes da cidade. De acordo com a autora, Barroso atuava intensamente na praça mercantil do Rio de Janeiro, importando um número expressivo de cativos africanos em suas viagens aos portos d'África⁴³⁴. Entre os anos de 1828 e 1830, negociou o total de 1285 mil peças de escravos⁴³⁵. A abertura de um processo de cobranças pelos soldos do cirurgião tornou possível que a experiência da tripulação do Bergantim Espadarte e sua inserção nas redes do tráfico transatlântico pudessem ser recuperadas:

Diz José Justo Coelho, cirurgião, que havendo embarcado para o fim de exercer sua arte durante a viagem no Bergantim Espadarte por ajuste e convenção feita com José Bernardes Silva, na qualidade de caixeiro e preposto de João Gomes Barroso, ambos donos do dito Bergantim, ganhando o suplicante soldadas a meses; até agora não tem sido pago delas; e por isso quer exigir o seu pagamento na forma da lei, com declaração que tem vencido quinhentos e cinquenta mil réis, os quais lhe deve o suplicado Barroso pagar. Assim pede a V. Sra mande citar o mesmo João Gomes Barroso para se [?] e ver jurar ao suplicante aquela quantia e responder a ação sumária⁴³⁶.

O processo de cobranças de soldos narra o movimento do Bergantim no circuito transatlântico do tráfico negreiro na segunda década dos Oitocentos e apresenta importantes personagens desse momento histórico, tais como indivíduos livres, africanos e escravos envolvidos na dinâmica do tráfico. Reconstituindo aspectos do universo de saúde e da doença no navio, foi possível mapearmos importantes indícios das vivências humanas nos negreiros que circulavam no litoral da África atlântica, revelando a complexidade e diversidade das

⁴³⁴ ROSSATO, Jupiracy Affonso Rego. *Os negociantes de grosso trato e a Câmara Municipal do Rio de Janeiro: estabelecendo trajetórias de poder*. Tese (Doutorado em História Social), UFRJ/ IFCS, Rio de Janeiro, 2006. p.155.

⁴³⁵ *Ibidem*.

⁴³⁶ AN, José Justo Coelho, Maço 141, número 216, galeria C. Apelação Civil, 1826.

relações sociais, econômicas e culturais que moldavam o comércio de africanos. Verifica-se como a precariedade da saúde e a falta de cuidados com os doentes não apenas eram situações corriqueiras ao longo da viagem marítima, mas também eram características das práticas empreendidas nos entrepostos africanos, promovendo ou desestabilizando relações sociais entre indivíduos ou grupos que circulavam pelas redes do tráfico. Mesmo para um experiente cirurgião, afeito a viagens em direção ao litoral africano, os aspectos relacionados à alimentação, os cuidados com a saúde nas feitorias, nos barracões, ou mesmo no interior dos navios, enquanto estavam ancorados em algum porto da costa africana, podiam pôr em risco a vida da tripulação e da carga humana de africanos escravizados.

O Bergantim Espadarte vindo de Cabinda mestre Francisco Pereira Nunes, no dia 13 do mês de julho do presente ano, (...) 334 escravos embarcados naquele porto, três escravos falecidos na viagem, dois escravos falecidos antes da contagem (...)⁴³⁷.

Ao embarcar no Bergantim Espadarte no porto do Rio de Janeiro, localizado no coração da cidade escravista, José Justo Coelho talvez não fizesse ideia dos riscos daquela empreitada. Segundo ele próprio: “é estimado de todos, humano, [?], zeloso das obrigações do seu ofício, e a muitos anos que embarcam para África, nunca ninguém queixou-se dele”⁴³⁸. Provavelmente, o próprio cirurgião nunca tinha se queixado do trabalho em outra embarcação em viagens passadas. As anotações no processo revelam espaços percorridos pela expedição e as conexões estabelecidas entre realidades africanas e o mundo atlântico daquele período. Assim, surgem os primeiros indícios das condições de saúde dos indivíduos envolvidos naquele cenário. Durante a viagem, segundo informa o cirurgião, ele “exerceu a sua arte de curar com todo o zelo e cuidado e humanidade o pardo Inácio, escravo do réu mestre Madruga e ficou bom”⁴³⁹.

Ao chegarem ao litoral africano, relatou:

Porque chegando a Angola, daí passaram para o rio Zaire, qual se fizeram algumas expedições à Boma e outros lugares, e o autor acompanhou o réu mestre à Boma e aí esteve um mês, donde voltou ao Bergantim por estar doente.

⁴³⁷AN, José Justo Coelho, Maço 141, número 216, galeria C. Apelação Civil, 1826.

⁴³⁸*Ibidem.*

⁴³⁹*Ibidem.*

Porque então voltou depois o Réu Mestre ao navio, por estar também enfermo de febres intermitentes, e Autor o tratou com aquele zelo com que costuma sempre tratar seus doentes⁴⁴⁰.

De acordo com o relato do cirurgião, o Bergantim Espadarte foi ancorado às margens da bacia congoleza. Essa era uma região intensamente ocupada por povos diversificados. Com a expansão das redes comerciais do tráfico, novas relações eram estabelecidas entre estrangeiros africanos. Sendo assim, o comércio nos portos e mercados de cativos localizados mais ao sul adquiria maior importância⁴⁴¹. Logo, as margens e afluentes do rio Congo (Zaire), que já eram conhecidas desde os primórdios do comércio atlântico de negros, adquiriram, depois de 1750, um papel importante no circuito de trocas comerciais daquela região:

(...) a bacia do Congo e de seus afluentes tornou-se então o principal provedor de escravos para as Américas, uma rede de rotas de caravanas particularmente densa ligava-a a uma multidão de portos situados de uma parte e de outra da foz do rio, fosse Loango, Cabinda, **Boma**, Ambrizette, Ambriz e Luanda⁴⁴² (grifo nosso).

⁴⁴⁰ AN, José Justo Coelho, Maço 141, número 216, galeria C. Apelação Civil, 1826.

⁴⁴¹ DIAS, Jil. Novas identidades africanas em Angola no contexto do comércio atlântico. In: BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, Miguel Vale de.; FELDMAN-BIANCO, Bela (orgs.), *Trânsitos coloniais. Diálogos críticos luso-brasileiros* Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 323.

⁴⁴² M'BOKOLO, E. Das savanas de Camarões ao alto Nilo. In: *História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII*. Editado por Bethwell Allan, Ogot. – Brasília: UNESCO, 2010, p. 636.



Figura 27. Rio Zaire.

Fonte: Captain J.K. Tuckey. *Narrative of an Expedition to Explore the River Zaire, Usually Called the Congo: In South Africa, 1816.*

Ao desembarcarem do Bergantim em Boma, o capitão Madruga e o cirurgião Coelho seguiram juntos para as expedições na região e em “outros lugares”, em busca de cativos. Jaime Rodrigues reforça a importância de médicos e cirurgiões para além dos cuidados com a saúde a bordo dos negreiros:

(...) foram também auxiliares importantes dos oficiais nas escolhas dos cativos disponíveis nos barracões africanos; eram eles que atestavam o bom estado de saúde dos escravos. Em sua maioria brancos e conhecedores dos critérios que definiam uma boa mercadoria do ponto de vista dos senhores de escravos na América, esses profissionais se especializaram em viver como cirurgiões-embarcações nas rotas negreiras⁴⁴³.

⁴⁴³ RODRIGUES, *op. cit.*, 2005, p. 278

Analisando a narrativa do médico alemão George Tams sobre sua viagem na região da África Centro-Occidental nos anos de 1840, Maria Cristina C. Wissenbach⁴⁴⁴ apresentou a importância desses relatos para recompor o universo social do tráfico atlântico daquele período. Surgem depoimentos sobre as negociações empreendidas nos diversos pontos da costa africana e sobre aspectos de insalubridade das regiões que causavam adoecimento e morte para africanos e estrangeiros. Sobre a circulação dos mercadores no litoral africano, o médico alemão relatou:

Uma manhã, por ocasião de fazer-lhe uma visita medicinal, em consequência de um apadecimento crônico do fígado, que lhe tinha sobrevindo em razão de prolongadas residências em diferentes partes do Brasil, me disse ele que não obstante achar-se muito doente, havia andado a noite anterior dezesseis léguas a cavalo, para poder assistir ao embarque de escravos seus no sul do rio Dande⁴⁴⁵.

A permanência da tripulação do Bergantim Espadarte por um mês em Boma resultou nos primeiros indícios das doenças que afetavam tripulantes nos navios negreiros, além dos africanos. De acordo com a narrativa do cirurgião, o retorno às expedições em Boma gerou experiências dramáticas para a tripulação do navio. Depois de tratar e curar o capitão Madruga das febres intermitentes⁴⁴⁶, o cirurgião Coelho e parte da tripulação adoeceram gravemente.

Porque a moléstia do Autor foi exercendo de dia a noite a ponto de ficar obstruído, atacado de febre podre coberto de úlceras escorbúticas, com edemacia nas extremidades inferiores: assim como também nessa ocasião havia mais seis doentes mais graves, que eram três marinheiros, o piloto e o contramestre ambos atacados do fígado, e o contramestre demais a mais [cautificado], e da mesma forma o praticante José Rebello. Atacado de febre nervosa⁴⁴⁷.

⁴⁴⁴ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. As feitorias de urzela e o tráfico de escravos: Georg Tams, José Ribeiro dos Santos e os negociantes da África Centro-Occidental na década de 1840. *Afro-Ásia*, 43, p.43-90, 2011.

⁴⁴⁵ Georg Tams, Visita às possessões portuguesas, v. p.212 *apud* WISSENBACH, M. C. C. *op.cit.*, 2011.

⁴⁴⁶ De acordo com Alexandre Rodrigues Ferreiras, notam-se os seguintes sintomas nas febres intermitentes: “a. o frio que precede esta febre é ligeiro; b. o suor que a termina é copioso; b. na remitente irregular costumam aparecer alguns vômitos, diarreias, convulsões e dores semelhantes às pleuríticas e reumáticas.” In: PORTO, A de A. (org.). *Enfermidades endêmicas na capitania de Mato Grosso: a memória de Alexandre Rodrigues Ferreira*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008, p.84.

⁴⁴⁷ AN, José Justo Coelho, Maço 141, número 216, galeria C. Apelação Civil, 1826.

Já nas primeiras décadas do século XIX, a capital angolana, Luanda, perdia cada vez mais espaço como principal entreposto do tráfico de cativos, e alguns fatores favoreceram um reordenamento desse tráfico para outras regiões do litoral. A combinação de fome e doenças tornava o ambiente litorâneo insalubre, influenciando no declínio da população e tornando necessário o deslocamento do tráfico para o norte do litoral angolano. Cabinda, Ambriz, e a embocadura do rio Congo (Zaire)⁴⁴⁸, pelo qual circulou o Bergantim Espadarte, foram alguns dos espaços ocupados. Sobre o impacto do comércio atlântico nessa região, Bokolo argumentou:

O sistema de trocas voltado para o novo mundo exterior baseava-se principalmente em duas mercadorias: escravos e o marfim. Os escravos, cujo comércio teve um verdadeiro *boom* após 1750, provinham principalmente de quatro regiões: a bacia de Lulonga, os países do Alima, o país de *Boma*, situado entre uma confluência do Congo e do Kwa e o lago Mai-Ndombe, e a bacia do Ubangui⁴⁴⁹ (grifo nosso).

⁴⁴⁸ RODRIGUES, *op. cit.*, 2005, p.56 e 57.

⁴⁴⁹ BOKOLO, *op. cit.*, 2010, p. 637.

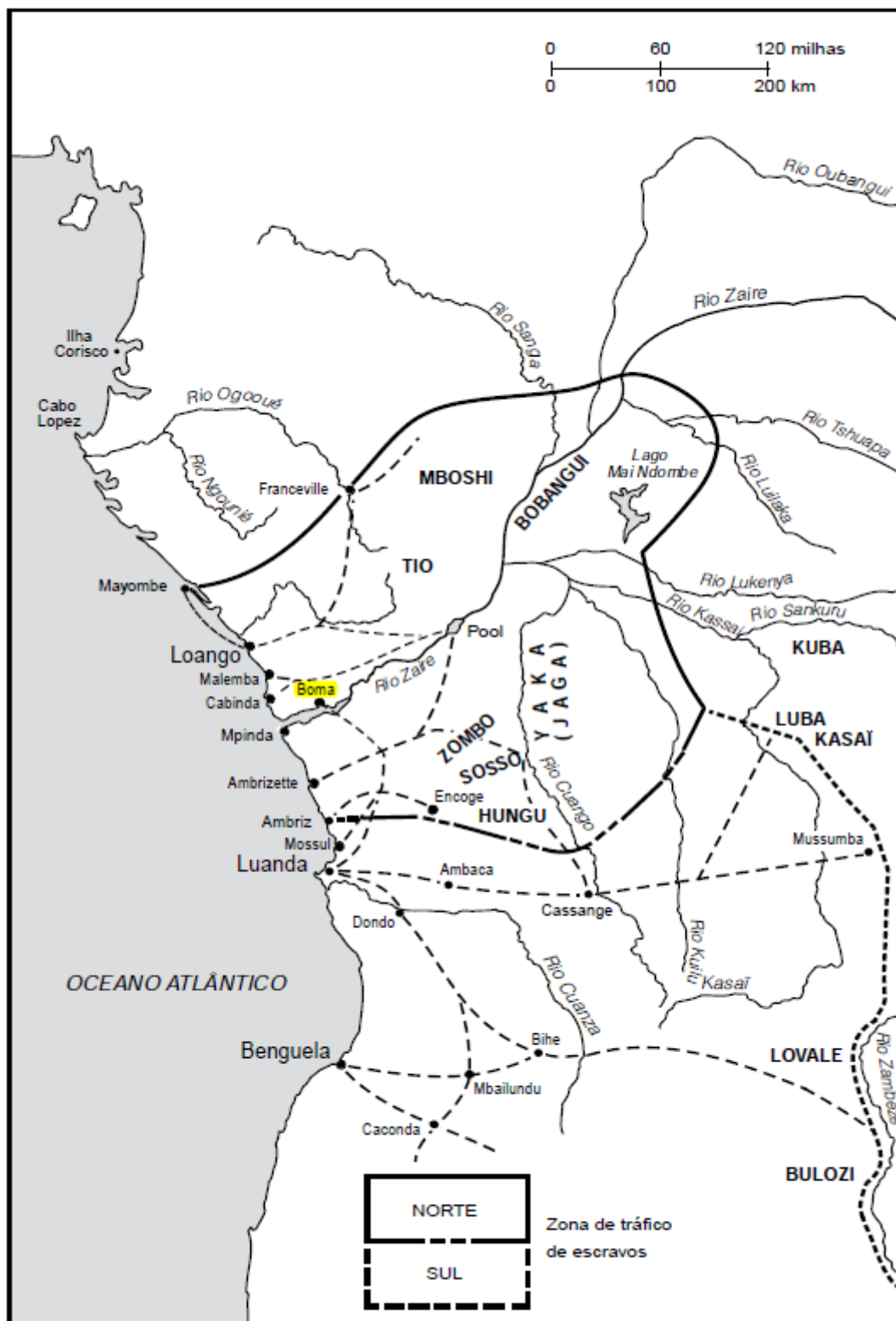


FIGURA 19.17 O tráfico de escravos na África Central do século XVIII (segundo J. Vansina).

Figura 28. *Boma*– África Central, no século XVIII.

Fonte: BOKOLO, *op. cit.*, 2010, p.684.

As doenças relatadas pelo cirurgião Coelho eram comuns naquela região. Jaime Rodrigues indicou algumas doenças que afetavam as embarcações, nas paradas do litoral africano, e como esse era um fator de preocupação entre a tripulação dos negreiros. De acordo com o autor, o mestre da escuna *Diana* adoeceu em uma das paradas às margens do rio Congo (Zaire), seu capitão foi vitimado por um “ataque de febres malignas ou carneiradas, tão frequentes naquelas regiões”, e seu contramestre, atingido por “graves chagas”⁴⁵⁰. Voltando ao Bergantim Espadarte, a enfermidade de alguns tripulantes parece não ter impedido o capitão Madruga de continuar suas expedições em busca de mais cativos. Segundo relata o cirurgião do navio, o capitão, ao se ausentar em outra ocasião, deixou ordens expressas ao cozinheiro do navio para que apenas servisse à tripulação “carne seca salgada já corrupta e feijão”. Enquanto isso, apenas ele “regalava-se com bons mantimentos, enquanto [...] passava ordens ao despenseiro, que era um negro escravo, para dar ao Autor (José Justo Coelho) e demais doentes o tratamento já referido”.

A presença de escravos atuando como parte da tripulação tem sido analisada extensamente pela historiografia⁴⁵¹. O exame do perfil da tripulação dos negreiros tem revelado aspectos importantes das relações sociais estabelecidas nos principais entrepostos comerciais do litoral africano. De acordo com Jaime Rodrigues, embora a vida dos trabalhadores que circulavam nos navios fosse marcada pelo sofrimento, as hierarquias produzidas a bordo seriam variáveis importantes para o entendimento de como os vínculos de solidariedade seriam estabelecidos no interior da tripulação⁴⁵². Ou seja, “As relações que envolviam o recrutamento, a negociação do salário e as ligações hierárquicas a bordo dos navios talvez possam ser definidas como um misto de *economia moral* e *economia política*”⁴⁵³. Essas questões informariam as ações de rebeldia e negociações da tripulação com outros indivíduos, oficiais e escravos, moldando a mobilidade que podiam alcançar nas empreitadas marítimas⁴⁵⁴.

Aspectos desagradáveis dos conflitos entre os tripulantes marítimos das embarcações podem ser recuperados a partir da narrativa do cirurgião do Bergantim Espadarte. Em relação à alimentação distribuída no navio, revelou:

⁴⁵⁰ RODRIGUES, *op. cit.*, 2005, p.175.

⁴⁵¹ Cf. REIS, José Reis; GOMES, Flávio dos Santos; CARVALHO, Marcus. *O Alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico Negro (c.1822-c.1853)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁴⁵² RODRIGUES, *op. cit.*, 2005, p.193.

⁴⁵³ *Ibidem*. p. 194.

⁴⁵⁴ Ver interessantes discussões em: BARREIRO, José Carlos. A formação da força de trabalho marítima no Brasil: cultura e cotidiano, tradição e resistência (1808-1850). *Tempo*, Niterói, v.15, n.29, p. 189-209, jul./dez.2010.

Porque o negro despenseiro não obedecia nem ao piloto nem a ninguém no artigo comida, ainda que se lhe pedisse pelo amor de deus, porque tinha restritas ordens do Réu Madruga, com o qual ia comunicar a Boma, quando queria; é isto por haver o mesmo R. Madruga ordenado ao piloto não impedisse de ir a Boma quando quisesse⁴⁵⁵.

Nesse trecho, relata-se certo prestígio que o despenseiro, possivelmente também o cozinheiro do Bergantim, tinha alcançado com o capitão Madruga, sendo possível, e até mesmo permitido, sair do navio “quando queria”. João J. Reis, Flávio dos S. Gomes e Marcus de Carvalho reforçam a ideia de que o cozinheiro de um navio negreiro, cuja função, na maioria das vezes, era ocupada por negros, desempenhava um papel essencial na embarcação. A argumentação é “que ele era fundamental no ciclo de reprodução daqueles que nisso participavam integralmente, a quem alimentava a cada dia”⁴⁵⁶. De acordo com os autores, além da preparação das refeições para a tripulação e os escravos, o cozinheiro tinha o poder de controlar a dispensa de alimentos e impedir roubos de comida. Os relatos do cirurgião José Justo Coelho confirmam certos aspectos das relações estabelecidas nessas rotas mercantis atlânticas entre os tripulantes e os negros responsáveis pela cozinha do navio. No caso do Bergantim Espadarte, o negro *despenseiro* não cedeu aos apelos do cirurgião para que fornecesse uma alimentação mais adequada para os doentes embarcados. Logo, parte da tripulação, alguns escravos e o próprio cirurgião sofreram com a propagação do escorbuto⁴⁵⁷, enquanto estavam atracados no litoral africano aguardando o retorno do capitão Madruga de mais uma expedição. De acordo com Rodrigues, episódios como esse de desabastecimento gerariam inúmeros conflitos, deserção e motins. Essas seriam estratégias usadas por marinheiros e pela tripulação, na tentativa de sobreviverem aos imprevistos indesejáveis das viagens marítimas⁴⁵⁸.

⁴⁵⁵AN, José Justo Coelho, Maço 141, número 216, galeria C. Apelação Civil, 1826.

⁴⁵⁶REIS, José Reis; GOMES, Flávio dos Santos; CARVALHO, Marcus. *O Alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico Negro (c.1822-c.1853)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.p. 101.

⁴⁵⁷ Também conhecido como “mal de Luanda”, o escorbuto era uma doença que atingia escravos e marinheiros. Cf. ABREU, Jean Luiz Neves. A Colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das ‘luzes’ e as informações sobre as enfermidades da América portuguesa. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.761-778, jul.-set. 2007. Segundo Chernoviz, “a ferida é a solução de continuidade feita por causa externa. A solução de continuidade produzida por causa interna, como a syphilis, escrophulas, escorbutos, tem o nome de úlcera. Às vezes as pessoas chamam úlceras de feridas antigas”. In: CHERNOVIZ, P. L. N. *Dicionário de Medicina Popular*. Paris: Casa do Autor.1862, p. 100.

⁴⁵⁸ RODRIGUES, *op. cit.*, 2005, p.177-1778.

O escorbuto, as febres intermitentes, podres e nervosas são alguns sinais e sintomas de doenças registrados no processo. Eles aparecem anotados em importantes tratados sobre como entender e combater as doenças que se disseminavam nas regiões alimentadas pelo tráfico negreiro. As descrições de algumas dessas moléstias são indicativas do quadro ameaçador que se formava com a propagação delas entre os indivíduos que circulavam pelas redes do tráfico. Sobre a “febre podre”, o cirurgião Dazille indicou:

A febre sobrevém, e começa as mais das vezes por um calafrio considerável, seguido de um calor mordicante, durante o qual o pulso se desenvolve mais, ou menos; sentem-se sobressaltos nos tendões, a cabeça se perturba, o rosto se faz vermelho, o ventre se meteoriza, as urinas são avermelhadas ou cor de tijolo (...)⁴⁵⁹.

Contudo, reforçarmos o argumento de que o entendimento das “doenças” assinaladas pelo cirurgião Coelho decorre da análise atenta do contexto em que estava inserido. O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, em suas viagens pelo interior das capitanias do Norte do Brasil, indicou elementos fundamentais para o entendimento de algumas doenças. Ao tecer explicações sobre as diversas febres que grassavam por várias partes do Brasil, defendeu:

Pelo que importa muito aprender a distinguir uma de outras febres, examinando o contexto, examinando o que elas são, os sinais que dão de si, os efeitos que produzem e combinar estas com outras observações e experiências adquiridas do lugar onde se está, o tempo, o gênio endêmico ou epidêmico reinante⁴⁶⁰.

Nesse sentido, a partir do relato do cirurgião, indicamos como eram intensos os contatos com os povos da região e com outros negreiros que circulavam pelo litoral e como as precárias condições de saúde da tripulação seriam ainda mais agravadas pelas ações do capitão Madruga. A falta de alimentos poderia ser resolvida pelo comércio de mercadorias com os negros locais. Segundo Coelho, a troca de tecidos por alimentos frescos era essencial para a melhora dos doentes:

⁴⁵⁹ DAZILLE, Jean Barthélemy. *Observações sobre as enfermidades dos negros*. Trad., Antônio José de Carvalho. Lisboa: Tipografia Arco do Cego, 1801. *Apud* NOGUEIRA, André. Universos coloniais e ‘enfermidades dos negros’ pelos cirurgiões régios Dazille e Vieira de Carvalho. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, supl., p.189, dez. 2012.

⁴⁶⁰ PORTO, A de A. (org.). *Enfermidades endêmicas na capitania de Mato Grosso: a memória de Alexandre Rodrigues Ferreira*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008, p.52.

Porque o Autor o solicitou muitas vezes do Réu Madruga por cartaz e de viva voz os alimentos bons para os doentes: mas o Réu, em lugar de providenciar, ao contrário nenhum caso fazia, e passava ordens ao piloto para não vender chitas aos negros do país, os quais por isso não iam à bordo do Espadarte vender galinhas e outros mantimentos, e só iam aos outros navios, onde se lhes pagava com chitas⁴⁶¹.

De acordo com informações do Diário Mercantil de 25 de outubro de 1825, o Bergantim Espadarte, sob o comando do mestre Madruga, seguia para Cabinda com os seguintes produtos: 66 fardos de fazenda da Índia, 17 de ditas inglesas, 13 caixões, sete barricas, 427 barras de ferro, 15 pipas de aguardente, 388 sacos de farinha de mandioca, 80 ditos de feijão, 180 arrobas de carne seca e dois rolos de fumo⁴⁶². Sendo impedidos de negociarem os produtos do navio com os povos locais na ausência do capitão, as condições de saúde no Bergantim Espadarte tornavam-se ainda mais precárias para a tripulação, obrigando seus tripulantes a acionarem outras redes de solidariedade⁴⁶³. O cirurgião Coelho recorreu a outras embarcações para fornecerem-lhes alimentos. Segundo ele, “neste estado de miséria o Autor se via obrigado a mendigar alimento nos navios Marquez e Júpiter, cujos oficiais compadecidos lhe davão galinha a comer”⁴⁶⁴. O escoamento e transporte de mercadorias e escravos favorecia o acionamento de relações sociais e aproximava a tripulação dos navios, os africanos e também os escravos. Ou seja, “é possível presumir que essas pessoas poderiam manter relações interpessoais mais próximas, compartilhando experiências, circulando informações e se conectando com outras realidades”⁴⁶⁵.

Observando o cotidiano das relações no Bergantim Espadarte, verificamos indícios dessa rede de relações estabelecida nos portos do litoral norte angolano. Vemos indicações de que africanos podiam ir a bordo dos navios para efetuar a troca de produtos, caso o capitão

⁴⁶¹AN, José Justo Coelho, Maço 141, número 216, galeria C. Apelação Civil, 1826.

⁴⁶²*Diário Mercantil*, 1825. Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706892&PagFis=984> . Acesso em 8 de agosto de 2013.

⁴⁶³ Sobre as relações sociais construídas nos entrepostos, por exemplo, brasileiros, Nielson Bezerra da Silva descreveu os lugares onde navios aportavam, como o litoral do recôncavo da Guanabara, salientando como a permanência nesses entrepostos aproximava diversos indivíduos envolvidos no tráfico atlântico, os marinheiros africanos. BEZERRA, Nielson Rosa. Mesmas Margens de outros portos: marinheiros africanos e tráfico atlântico no recôncavo da Guanabara. In: *REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA*, Rio de Janeiro, 7, 1: 244-261, 2013: 247. Disponível em: <http://www.hcomparada.historia.ufrj.br>. Acesso em 12 de agosto de 2013.

⁴⁶⁴ AN, José Justo Coelho, Maço 141, número 216, galeria C. Apelação Civil, 1826.

⁴⁶⁵BEZERRA, *op. cit.*, 2013, p.247.

Madruga não deixasse ordens expressas em contrário. Nesse sentido, impedidos de fazerem seus próprios negócios, a tripulação do Bergantim só podia contar com a ajuda de outras embarcações.

Depois do falecimento do tripulante José Rebelo, que adoeceu de febre nervosa, e de alguns dos escravos embarcados, a doença do cirurgião Coelho só se agravava. As condições insalubres do navio tornavam as relações ainda mais tensas entre o cirurgião e o capitão Madruga. Os relatos daquele indicaram que assim que o capitão retornasse ao Bergantim, este seguiria para outras partes do litoral africano, provavelmente ancorando em outros portos em busca de mais cativos africanos. Podemos especular que os tecidos que não puderam ser negociados em Boma talvez o fossem em outras expedições lideradas pelo capitão Madruga. Diante da impossibilidade de negociação com o capitão, Coelho não aceitou continuar a viagem no Bergantim Espadarte e retornou ao Rio de Janeiro em outra embarcação:

Porque o Autor morreria infalivelmente, se não tomasse o acordo de buscar escravos em outra parte, pois a sua moléstia estava em tal grau, que não obstante ver depois mui bem tratado no Bergantim Delfina d'África, em que veio para a Corte, contudo chegou mui gravemente enfermo, até desembarcou em braços; e tudo isso por causa do mau tratamento que lhe dera o Réu Madruga, como foi observado na visita da saúde, constante no documento ora junto, n.1⁴⁶⁶.

A narrativa do cirurgião militar José Justo Coelho tanto revela aspectos das condições insalubres dos negreiros que circulavam intensamente pelas rotas mercantis, como informa sobre os temores e ações que compunham as redes de relações sociais estabelecidas nas longas viagens marítimas daquele período, pelos agentes envolvidos na dinâmica do tráfico transatlântico de escravos. Os relatos do médico, ainda que imbuídos de interesse pessoal, revelam outras variáveis para compreendermos o impacto da intensificação do tráfico de cativos na saúde de negros e das tripulações dos navios que atracavam no litoral africano. Fragmentos de aspectos violentos do crescente fluxo do comércio de escravos naquela região, associados aos cenários de doenças e precariedade de alimentos, revelam como podia ser arriscada a vida dos trabalhadores marítimos, bem como a dos 330 cativos embarcados que foram transportados no porão do Bergantim Espadarte. A intensificação das expedições para além do litoral africano, a permanência mais longa nos entrepostos africanos, na expectativa de aumentar o número de cativos negociados e as relações conflituosas entre a tripulação são

⁴⁶⁶AN, José Justo Coelho, Maço 141, número 216, galeria C. Apelação Civil, 1826.

variáveis importantes para a análise da saúde dos africanos traficados, dos indivíduos livres e dos escravos envolvidos no comércio negreiro. O testemunho do cirurgião José Justo Coelho ainda revela outras denúncias contra o capitão Madruga, pela violência com que tratava os cativos. De acordo com Coelho, o capitão foi responsável pelo assassinato de “oito negros a ferro, sangrando-os a ferro, os quais não morreriam talvez de sangria, mas do tratamento, se porventura ele os não quisesse logo matar”⁴⁶⁷. Francisco Pereira Nunes Madruga parecia ser um capitão experiente nos negócios do tráfico. De acordo com informações do *Slave Trade Database*, Madruga aparece como capitão em outras três viagens à costa africana. Em 1818 comandou a Galera Olímpia, com 473 escravos, em 1829 liderou uma expedição no Bergantim Espadarte, com 452 cativos, e em 1829 foi capitão do navio Maria Segunda, com 210 escravos desembarcados⁴⁶⁸.

O Bergantim Espadarte retornou ao porto do Rio de Janeiro em julho de 1827, “gastando 8 meses e 13 dias na viagem redonda, fora os dias anteriores da matrícula do autor, a qual se verificou em 15 de outubro de 1825”⁴⁶⁹. Em sua defesa, o capitão Madruga argumentou que, dos 334 escravos embarcados do porto de Cabinda, apenas dois morreram antes de embarcar e outros três ao longo da viagem, chegando ao porto do Rio de Janeiro com 331 africanos. As informações do *Slave Trade Database* confirmam que o Bergantim Espadarte (viagem número 3356) retornou ao Rio de Janeiro sob o comando do capitão Francisco Nunes Pereira Madruga, sendo a principal região de compra dos cativos registrada a África Central e Santa Helena. Sobre o número de escravos traficados, informa que, dos 333 escravos africanos capturados, faleceram apenas três cativos na *middle passage* de 36 dias⁴⁷⁰, ou seja, sobreviveram 330. Apesar do reduzido número de mortos informado pelo capitão Madruga, poderíamos então especular, a partir do relato de Coelho, que a mortalidade dos africanos negociados pelo capitão do Bergantim Espadarte ao longo dos caminhos percorridos pelas expedições e nas paradas nos entrepostos do litoral central africano teria sido elevada. Ou seja, considerando as informações do cirurgião José Justo Coelho sobre a violência com que o experiente capitão conduzia sua tripulação e seus cativos, somados à permanência prolongada do Bergantim nos espaços insalubres dos portos africanos e às dificuldades relatadas para a alimentação dos embarcados, poderíamos supor que a conjunção dessas

⁴⁶⁷ AN, José Justo Coelho, Maço 141, número 216, galeria C. Apelação Civil, 1826

⁴⁶⁸ Dados do *Voyages, The Trans-Atlantic Slave Trade Database*, Disponível em: <http://www.slavevoyages.org>. Acesso em 08 de agosto de 2013.

⁴⁶⁹ AN, José Justo Coelho, Maço 141, número 216, galeria C. Apelação Civil, 1826.

⁴⁷⁰ Dados do *Voyages, The Trans-Atlantic Slave Trade Database*, Disponível em: <http://www.slavevoyages.org>. Acesso em 08 de agosto de 2013

variáveis teria levado à morte inúmeros indivíduos livres, escravos e africanos cativos antes mesmo do início da viagem de retorno ao Rio de Janeiro.

Por fim, depois de uma longa viagem marcada por inúmeros imprevistos, o cirurgião José Justo Coelho desembarcava no porto carioca em outro navio, o Bergantim Delfina d'África⁴⁷¹, sob o comando do capitão José João Câncio. Em depoimento ao provedor-mor da saúde no porto do Rio de Janeiro, o capitão do Bergantim Delfina relatou:

(...) que vinha de Ambriz com 40 dias de viagem com 24 pessoas nesta viagem e que desta se acha enfermo o cirurgião obstruído e coberto de úlceras escorbúticas e atacado de febres podres em consequência do mau tratamento que teve abordo do Brigue Espadarte, de que é capitão Francisco Pereira Nunes Madruga, e todos os mais em estado de saúde e que a carga de escravos dos quais carregou é trezentos e noventa e sete, e que destes morreram seis de diarreias, e que atualmente tem seis enfermos da mesma moléstia⁴⁷².

Como já indicado, José Justo Coelho, gravemente enfermo, “desembarcou em braços” dos tripulantes do navio Delfina. Seu relato indica como experiências humanas desenrolavam-se nas rotas comerciais do oceano Atlântico Sul, em um período marcado por intensas transformações no comércio negreiro. Surgem indícios valiosos dos mundos atlânticos de escravidão que constituíam o cotidiano de homens livres, africanos e escravizados e esboça-se um caminho analítico promissor para a pesquisa da saúde e das doenças dos indivíduos que trilhavam os caminhos e entrepostos do tráfico de africanos no mundo atlântico.

3.3. Médicos, senhores e cativos nas fazendas de Cantagalo

Os processos de médicos que cobravam seus honorários pelo tratamento dispensado aos falecidos proprietários e aos seus escravos são indicativos do cotidiano daquela população, um conjunto documental que revelou mais indícios das vivências cativas. Mais do que elucidar a atuação desses médicos acadêmicos fora da área urbana da Corte Imperial, destacamos aspectos importantes das conflituosas relações entre cativos e seus senhores, sobre a saúde e o trabalho dos indivíduos escravizados. O processo movido em Cantagalo, em

⁴⁷¹ De acordo com os dados do *Voyages, The Trans-Atlantic Slave Trade Database*, a viagem realizada pelo Delfina da África iniciou-se em 1825, partindo de Pernambuco em direção a Luanda, sendo as principais regiões de compra de cativos a África Ocidental e Santa Helena, com 250 cativos. (Viagem número 47010) Disponível em: <http://www.slavevoyages.org>. Acessado: em 08 de agosto de 2013.

⁴⁷² AN, José Justo Coelho, Maço 141, número 216, galeria C. Apelação Civil, 1826.

fins dos Oitocentos, pelo médico Manoel Monte Godinho⁴⁷³ contra os herdeiros de Bernardes Pires Veloso indica alguns aspectos de como o convívio entre essas duas classes podiam ser permeados por tensões e conflitos.

Diz Manoel Monte Godinho, médico residente neste município que é [ç], para serviços médicos prestados, do casal de Bernardo Pires Veloso da quantia de 10: 420\$000, tudo de conformidade com a quantia junto (...)⁴⁷⁴.

Nesse processo, o médico exige o pagamento pelo tratamento dispensado ao falecido e a alguns de seus escravos, por exemplo, à escrava Maria Rosa, que sofria de epilepsia e, depois de ficar hospedada em sua casa, foi curada. A escrava Dorothéa foi curada de um tumor de caráter maligno na mama. Já em relação a outra escrava, após um parto com dificuldades, o médico deixou registrado que conseguiu salvar tanto a mãe quanto o filho. A tabela a seguir apresenta os serviços prestados pelo médico e os valores que lhe deviam os herdeiros. Vejamos as informações relatadas pelo Dr. Godinho sobre as dívidas de Bernardo Pires Veloso:

Tabela 55. Gastos registrados pelo Dr. Godinho

Gastos	Valores
Exame e receita para um escravo que depois se suicidou	5\$000
Um auto de corpo de delito feito em seu escravo sendo subdelegado o Sr. José Luiz da Silva	50\$000
Operação praticada no mesmo escravo reclamado por estrangulamento intestinal devido a uma [solução de continuidade] sobre a região umbilical produzida por instrumento cortante pontiagudo	150\$000
Estada de uma noite e dia reclamada pelo estado do doente	200\$000
Tratamento durante todo o ano de 1881 em escravos e pessoas de sua família	800\$000

⁴⁷³ Em 1888, o Doutor Manoel Monte Godinho registrou no Arquivo Nacional um medicamento também destinado à prisão de ventre. Trata-se do “preparado farmacêutico denominado Pílulas de Taiuiá”. Em 1881, temos a informação sobre a Instrução Pública: o inspetor do distrito era Dr. Manoel Monte Godinho. Preparo farmacêutico denominado “Pílulas de Taiuiá”, destinado ao tratamento e cura de prisões de ventre e “unguento de Gurjum”, para moléstias cutâneas – Dr. Manoel Monte Godinho. Patente 606, de 1888.

⁴⁷⁴ AN, Godinho, Manoel Monte. Supremo Tribunal Federal, 1883

Uma viagem para o Sr. Bernardo Pires Veloso por ocasião do desastre de que foi vítima por chamado escrito da Exc. Sra. D. Florinda, sendo portador o seu escravo Francisco. De S. Sebastião à fazenda do Sr. Joaquim Pires Veloso, isto é, a três léguas e meia, e no mês de fevereiro, época de chuvas torrenciais e inundações, passando por caminhos diferentes aos iguais	200\$000
Dois dias e duas noite de estada a seu pedido	400\$000
Uma viagem para Exc. Sra. D. Luiza passando pelos mesmos caminhos e encontrando as mesmas dificuldades, porque as chuvas continuavam a espalhar o pânico sobre as terras, de São Sebastião à fazenda do Sr. Joaquim Pires Veloso	200\$000
Três dias e três noites de estada reclamada pelo estado da doente, visto que se acha louca	600\$000
Acompanhar a mesma Sr. até a fazenda da Serrada Pedreira, distância de duas léguas, por péssimos caminhos, lutando com grandes dificuldades, visto que não se forneceu <u>uma só</u> pessoa para ajudar a contê-la, tendo de ir buscá-la muitas vezes dentro dos matos e pântanos. (grifo dele)	1:500\$000
Viagem acompanhando à mesma Sra., ainda por caminhos intransitáveis e até por picadas feitas de propósito, dando-se uma volta pela fazenda do Sr. Jardim. Distância de duas léguas inclusive até São Sebastião do Parahyba	1:000\$000
Tratamento da mesma Sr. em Sebastião sendo 17 dias em nossa casa e 15 dias em casa sua, administrando-lhe <u>todos</u> os serviços médicos reclamados para ela que se achava louca e que tentava não tomar medicamento algum. (grifo dele)	2:000\$000
Acompanhá-la a Friburgo gastando nesse trajeto 4 dias e meio, incluindo a mesma estada e despesas de viagem para a volta	2:000\$000
Um parto feito em sua escrava. Apresentação do braço. Versão [podalica]. Salvando-se tanto mãe como filho e extração de placenta.	300\$000
Tratamento do Sr. Bernardo Pires Veloso em nossa casa e extração de caroços de chumbos e curativos.	600\$000
Tratamento da sua escrava Maria Rosa em nossa casa, que sofria de erisipela e que ficou boa	200\$000
Tratamento de uma escrava Dorothea em nossa casa por diversas vezes, sofrendo ultimamente de um tumor de caráter maligno em uma das mamas e tendo ficado restabelecida.	200\$000
Abertura de um abscesso em seu ingênuo Victorio	10\$000
Receita para a escrava Dorothea	5\$000
Total das despesas	10:420\$000

O processo segue com a defesa dos herdeiros. Em resposta, o advogado da família questiona os tratamentos e gastos informados pelo médico Godinho. A narrativa segue com pistas interessantes sobre as relações entre o médico, o proprietário e seus escravos:

16º- Porque nenhum chamado fez o Réu ao autor para partejar uma sua escrava e que estando o autor, de passagem para Friburgo, na fazenda do réu, nesta ocasião uma escrava teve o parto muito naturalmente.

18º Porque a escrava Maria Rosa nunca sofreu de epilepsia e que estando em casa do autor para lavar e engomar e fingindo-se doente foi curada a *supapos*, segundo disse o autor que conheceu ser uma fingida doença.

19º Porque a escrava Dorothea nunca sofreu operação alguma nem mesmo punctionou o tumor que o autor classificou de maligno, sendo apenas mandada a sua casa para ser receitada, a fim de poupar a viagem médica, *como fazem os fazendeiros nas moléstias passageiras*⁴⁷⁵ (grifo nosso).

Ao longo da defesa dos herdeiros, o advogado protesta quanto à ideia de que os caminhos entre as fazendas eram intransitáveis e questiona os tratamentos oferecidos a alguns escravos, especialmente o prestado à escrava Maria Rosa, que não estaria doente e que, provavelmente, “estaria de manha”. As testemunhas reforçaram o argumento do advogado:

Soube há tempos por (...) que mandou essa sua escrava para a casa do meu colega Dr. Monte a fim de aprender a lavar e engomar ao mesmo tempo para o meu colega observar se a mesma escrava sofria de alguma moléstia. Durante a moléstia, não existia, porque o meu colega disse que havia só mandado e julga ser verdade isto porque o tratamento foi alguns bofetões.

12 de Julio de 1883

Dr. Julio Bahia de Oliveira Souza.

(...) tendo há tempos que (...) essa sua escrava viera para a casa do Dr. Monte Godinho aprender a lavar e engomar, que a doença nada sofria, que estando em sua companhia do Dr. M. Godinho e tendo ele prevenido a pessoas de sua casa que deseja observar uns ataques da referida escrava que supõe ser manha, foi chamado para [...] reconhecer ser manha, tanto que aplicaram-lhe alguns bofetões [...].

24 de julho de 1883

José Augusto de Souza Passos⁴⁷⁶.

A resposta do médico Godinho evidencia que tanto o médico quanto o falecido Bernardes buscavam impor uma disciplina à escrava Maria Rosa. Estaria Maria Rosa de “manha”, utilizando-se da condição de doente para impor um melhor tratamento do seu senhor ou uma carga menor de trabalho? Médico e fazendeiro pareciam compartilhar da ideia

⁴⁷⁵ AN, Godinho, Manoel Monte. Supremo Tribunal Federal, 1883,

⁴⁷⁶ *Ibidem*.

de que a escrava estaria fingindo. Maria Rosa recebeu, no período em que lavava e engomava na casa do médico Godinho, o mesmo tratamento que recebia do seu senhor. Contudo, para Godinho, os “supapos” com que teria tratado a escrava seriam formas legítimas de intervenção e, logo, deveria receber por isso. Para justificar tal violência, Godinho utilizou como argumentos os ensinamentos do *Dictionnaire de thérapeutique médicale et chirurgicale* de Eugène Bouchut e Armand Deprés⁴⁷⁷:

O tratamento de Maria Rosa, quando mesmo consistir unicamente na aplicação de castigos ou enfim de quaisquer violências físicas, não exclui como parece pensar o Dr. Bahia a ideia de que fosse realmente doente aquela escrava, e afirmam-lhe com a autoridade de Bouchut e Després – dicionário de medicina e de therapeutica p, 728 (...) ⁴⁷⁸.

Vejamos outros argumentos do médico Godinho:

No artigo 16 dos embargos alega que o Réu que a verba de 300\$000, relativa a uma operação de parto em uma escrava, não teve lugar naturalmente não tendo o ansiar chamado. A esse respeito a 1ª testemunha nada sabe e a 2ª sabe-a por ouvir dizer pelos escravos da fazenda. [?], escravos não sabem o que parir naturalmente, nem o poderiam informar, mesmo que assistissem ao ato fisiológico se a testemunha afirmasse não ter. Se feita a operação ou declarasse o nome da parteira que a fizera, bem estaria, mas isto de parto natural, sem assistente, como qualquer animal no campo, não é crível tratando-se de uma casa onde havia médico e que, como ficou provado, tratava na fazenda.

(...) tratando-se de um ferimento grave feito no ventre com estrangulamento intestinal, era de necessidade a operação para a redução dos intestinos. Feita a redução era indispensável a presença do médico para o caso de produzir-se um estado febril e [peritonite], moléstia grave e que só por exceção deixa de ser consecutiva aos ferimentos profundos ou mesmo simplesmente penetrantes do ventre, é a que se denomina peritonite primitiva e que provém de um traumatismo abdominal por ferimento do ventre com ou sem penetração de corpos estranhos ⁴⁷⁹.

O enfretamento entre o médico Godinho e os herdeiros de Bernardo continuou com a discussão segundo a qual os escravos eram apenas receitas:

⁴⁷⁷(*) *Dictionnaire de thérapeutique médicale et chirurgicale : comprenant le résumé de la médecine et de la chirurgie, les indications thérapeutiques de chaque maladie, la médecine opératoire, les accouchements, l'oculistique, l'odontotechnie, les maladies d'oreilles, l'électrisation, la matière médicale, les eaux minérales et un formulaire spécial pour chaque maladie par Eugène Bouchut et Armand Després.* Aris : Germer Baillière; New York: Baillière Bros., 1867.

⁴⁷⁸AN. Godinho, Manoel Monte. Supremo Tribunal Federal, 1883,

⁴⁷⁹*Ibidem.*

Para que se prove nenhum chamado fez o Réu ao autor para partejar uma sua escrava e que estando o autor, de passagem para Friburgo, na fazenda do réu, nesta ocasião uma escrava teve o parto muito naturalmente.

Para que se prove a escrava Maria Rosa nunca sofreu de epilepsia e que estando em casa do autor para lavar e engomar e fingindo-se doente foi curada a *supapos*, segundo disse o autor que conheceu ser uma fingida doença.

Para que se prove a escrava Dorothéa nunca sofreu operação alguma, nem mesmo puncionou o tumor que o autor classificou de maligno, sendo apenas mandada a sua casa para ser receitada, a fim de poupar a viagem médica, *como fazem os fazendeiros nas moléstias passageiras*⁴⁸⁰ (grifo nosso).

Ao que parece, escravos circulavam entre as fazendas de seus proprietários e de médicos da região. A partir dos relatos, poderíamos supor, por exemplo, que a escrava Maria, tendo permanecido por algum tempo trabalhando para o médico, foi enviada à casa de Godinho para pagar as dívidas que a família de Bernardes acumulava com ele. Pouco mais se conhece sobre a história de Maria Rosa, mas se estivesse mesmo de fingimento, sua estratégia para conquistar um melhor tratamento evidentemente fracassou. Os castigos com que era tratada sua provável epilepsia agora eram justificados pelo discurso médico como tratamento terapêutico legitimado pelos dicionários franceses de medicina.

Para efeito de comparação, vejamos um segundo processo de cobrança de honorários médicos da década de 80, que reforça os conflitos travados entre médicos e senhores de escravos em outra região cafeeira do Vale do Paraíba fluminense. O falecimento de Francisco Alves Barbosa, 2º Barão de Santa Justa, no ano de 1883, motivou a cobrança de honorários do médico que lhe prestava serviços, tratando também dos escravos de sua fazenda Santa Justa, propriedade localizada em Rio das Flores. De acordo com Edmundo Santos Coelho, o trabalho no interior da província, principalmente nas grandes propriedades, podia ser visto por muitos médicos como uma alternativa em busca de melhores oportunidades de trabalho, com rendimentos superiores ao que podiam acumular na área urbana, onde a concorrência era acirrada. Nesse sentido, o exame do processo movido pelo Dr. Jorge contra a baronesa de Santa Justa, dona Bernardina Alves Barbosa, além de reforçar a presença de médicos cuidando de cativos e seus senhores, revelou uma dinâmica de intensa circulação desses profissionais⁴⁸¹ entre as *plantations* do Vale e a Corte Imperial. Além disso, também aponta para as dificuldades que esses médicos podiam encontrar com o falecimento dos proprietários das fazendas em que exerciam seu ofício.

⁴⁸⁰ AN, Godinho, Manoel Monte. Supremo Tribunal Federal, 1883.

⁴⁸¹ COELHO, Edmundo Santos. *As profissões Imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p.74-75.

Dr. Jorge Rodrigues Moreira da Cunha cobra honorários médicos dos herdeiros

(...) tendo sido o suplicante chamado para várias vezes à fazenda do finado, onde passou dias e noites inteiras à cabeceira do doente, tendo sido o suplicante ainda obrigado a transportar-se para a Corte por força da gravidade da moléstia do referido Barão de Santa Justa, e acompanhá-lo como médico assistente presente a várias inferências e assistindo e fazendo várias operações na Corte, onde o suplicante foi forçado a permanecer ao lado do enfermo desde dois de junho até quatro de agosto de 1883 (...) o suplicante apenas tivesse contrato com o falecido Barão de Santa Justa para tratar dos escravos, com obrigação de ir uma vez por semana os enfermos da fazenda (de cujo contrato entretanto, ainda ficou a dever o mesmo Barão a importância relativa aos trabalhos médicos de dois anos e quatro meses) não podendo no mesmo contrato incluído o trabalho extraordinário e cheio de sacrifícios do tratamento do Barão falecido também neste Município (...)⁴⁸².

De acordo com Leila Alegrio, depois da morte do Barão de Santa Justa, dona Bernardina assumiu o controle das propriedades que pertenciam à família. Mesmo com sua morte em 1915, reuniu uma considerável produção de café, estando registradas em seu espólio uma enfermaria e uma farmácia naquelas terras⁴⁸³. Além de os processos revelarem aspectos das relações entre médicos acadêmicos, proprietários e escravos, a falta de pagamento por honorários médicos é indicativa de como a presença e a atuação desses profissionais eram importantes nas propriedades. Para além das *plantations* do Vale, a presença de médicos em propriedades de ricos moradores da Corte também indica aspectos sobre sua atuação na área urbana da cidade.

Um extenso processo de cobranças de honorários pelo trabalho do Dr. Luís Bompane (?- 1877) nas propriedades do Visconde de Souto, localizadas nos arredores da Corte Imperial, também é revelador da importância desses profissionais no trato dos doentes, livres, libertos e cativos. De acordo com informações do processo, o Dr. Bompane argumentava que os honorários recebidos pelo trabalho nas propriedades da Tijuca e Campo Alegre, que pertenciam ao Visconde de Souto (Antônio José Alves Souto), eram insuficientes⁴⁸⁴. Ao longo do processo, ele narra o tempo despendido e as dificuldades encaradas no trajeto entre tais propriedades. Além de tratar do Visconde e de sua família, cuidava dos trabalhadores livres das fazendas, de escravos e estrangeiros residentes nas casas espalhadas ao longo delas.

⁴⁸² AN, Baronesa de Santa Justa; Relação do Rio de Janeiro, 1885.

⁴⁸³ ALEGRIO, Leila. O café, o Vale do Paraíba e a mulher fazendeira. Disponível em http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2009/11/28_leila-alegrio.pdf. Acesso em 17 de novembro de 2013.

⁴⁸⁴ AN, Processo de revistas cível. Supremo Tribunal da Justiça, Luis Bompane, BU.O.RCI.0852, 1868.

Em seu cotidiano, lidava com cirurgias diversas, tratamento de doentes com febre amarela e epidemias de sarampo entre escravos, tendo sido relatadas, principalmente, as epidemias que atingiam as crianças.

Lena Freitas, ao examinar o processo de ação de cobranças de honorários em Vila Rica de Goiás nos primeiros anos do século XIX, reforçou a importância desse exame para iluminar questões sobre a atuação de médicos, medicamentos, doenças e as relações sociais estabelecidas entre senhores e seus escravos. O cirurgião-mor André Villela da Cunha cobrava de Joanna da Fonseca Coutinho pelo tratamento de um escravo mulatino que sofria de lombriga. Consta ainda, no processo em questão, que ele “comprou e manipulou todos os remédios que lhe forão precisos”⁴⁸⁵. Interessa-nos destacar, nessas ações de cobranças de honorários, ainda que para contextos diversos, o modo como as relações entre médicos, senhores e escravos eram permeadas por múltiplos interesses políticos e sociais.

Nas décadas de 50 e 60 do século XIX descobrimos cativos exercendo atividades relacionadas à cura. É interessante destacar aqui que encontramos anotações a respeito de dois escravos avaliados como barbeiros: trata-se de Daniel e Jacinto, ambos com 60 anos, cuja avaliação data de 1867. Daniel, crioulo, era escravo de Jacob Van Erven, foi avaliado em 400 mil réis e residia na fazenda Santa Clara de Macuco, uma das seis propriedades que Jacob tinha em sociedade com o importante barão de Nova Friburgo. Como avaliamos no segundo capítulo desta tese, provavelmente Daniel exercia suas atividades de barbeiro em uma das casas de enfermaria espalhadas pela propriedade⁴⁸⁶.

O escravo Jacinto, sem procedência identificada, também com 60 anos, era cativo de Rafael Ignácio da Fonseca Lontra⁴⁸⁷ e fazia parte dos bens da fazenda Boa Esperança. Nesta propriedade, que continha 103 cativos, apenas um, Gregório, foi registrado como cego e avaliado em duzentos mil réis. Embora tenhamos localizado no inventário de Rafael Ignácio apenas um armário de botica, avaliado em 30 mil réis, sem mais referências a doenças dos cativos, hospitais ou casas de enfermaria para atendimento dos enfermos, a leitura de um processo da década de 80 revelou mais pistas sobre a estrutura da fazenda. Com a abertura do inventário de Maria Augusta Pinto Lontra, em 1881, encontramos entre os bens da família a fazenda Boa Esperança, com indicações sobre uma casa de enfermaria avaliada em um conto

⁴⁸⁵ Ação (ordinária) de artigos justificativos entre partes. O cirurgião-mor André Cilla, 1801. Arquivo da Fundação Frei Simão Dorvi, Cidade de Goiás *apud* FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. Honorários de um cirurgião na justiça (Vila Boa de Goiás, 1801). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012, p.299-308.

⁴⁸⁶ Ver análise sobre as propriedades e escravos de Jacob Van Erven no capítulo 1.

⁴⁸⁷ AMJERJ, Inventário *post-mortem* de Rafael Ignácio da Fonseca Lontra, 1867

de réis, além de uma botica e drogas no valor de cem mil réis. Passam-se 14 anos desde o processo de inventário de Rafael, em 1867, até o de Maria Augusta, em 1881. Nesta última data, a fazenda Boa Esperança possuía um número considerável de escravos, contabilizados em 145⁴⁸⁸. Desde já, não poderíamos especular que a estrutura local tenha sido adaptada para atender à demanda por braços cativos em meio às dificuldades impostas pela iminente abolição, que gerou a valorização da mão de obra escrava?

Em 1884, uma notícia no jornal *O Voto Livre*, que circulava em Cantagalo, indicava as dificuldades em arregimentarem-se trabalhadores cativos: “Aluga-se escravos: Precisa-se alugar 6 escravos que sejam prestativos e bons colhedores de café. Afiança-se o bom tratamento e pagamento”⁴⁸⁹. Ao catalogar os periódicos que circulavam em Cantagalo ao longo do século XIX, Álvaro Lutterback Dutra apresentou interessantes aspectos sobre o conteúdo dos jornais:

O periódico sobreviveu por quase oito anos e sem dúvidas marcou a imprensa de Cantagalo, conseguindo retratar casos importantes como a abolição da escravatura e a proclamação da República. Também detalhou e produziu excelentes textos que abordaram a praga nos cafezais, as revoltas nas senzalas, as enchentes no córrego São Pedro, o progresso com a chegada do trem, os bailes de carnaval, assim como inseriu interessantes anúncios que abalizam os costumes e os modos de vida da sociedade que desfrutava das benesses do *ouro verde*⁴⁹⁰ (grifo dele).

Nos anos de 1852 e 1868 também identificamos cativos exercendo atividades de enfermeiros. No ano de 1852 foi registrada como enfermeira a escrava Maria Valentina de nação Rebola, casada, pertencente a Carlos Teixeira da Silva. Dos 104 cativos que faziam parte dessa propriedade, nove aparecem adoentados, quebrados e sem valor. Já o escravo Isaías, que, em 1868, tinha 49 anos, era pardo e pertencia a Ana Clara Lopes Martins. Ana Clara era proprietária de 242 cativos e cerca de 30 deles foram registrados como doentes. Nessas duas fazendas, não encontramos entre os bens dos proprietários indicações sobre enfermarias de escravos ou hospitais. Contudo, poderíamos nos questionar sobre se estariam aqueles escravos atuando nas enfermarias espalhadas pelas propriedades vizinhas, circulando

⁴⁸⁸ AMJERJ, Inventário *post-mortem* de Maria Augusta Pinto Lontra, 1881.

⁴⁸⁹ *O Voto Livre*, em 01 de junho de 1884, *apud* LUTTERBACK, Álvaro. *O Conservador x Voto Livre: a imprensa que fez história em Cantagalo*. Governo do Rio de Janeiro. Secretaria de Cultura, 2011 p. 48

⁴⁹⁰ LUTTERBACK, Álvaro. *O Conservador x Voto Livre: a imprensa que fez história em Cantagalo*. Governo do Rio de Janeiro. Secretaria de Cultura, 2011, p. 20. Agradeço a João Bôsco Paula Bon Cardoso pela indicação deste material.

por outros espaços, exercendo certa autonomia ou mobilidade que haviam alcançado. Em 1847, o príncipe prussiano Adalberto visitou Cantagalo e deixou registradas algumas impressões da fazenda Aldeia, localizada às margens do Rio Negro:

Depois de alguns minutos encontramos o Dr. Troubas, um dos três proprietários da grande fazenda que ficava perto, chamada Aldeia, e que pretendíamos visitar por nos ter sido descrita como altamente interessante no que concernia à cultura do café. O doutor, que, como soubemos depois, ia assistir à amputação do braço de um negro que tinha sido picado por uma cobra, desistiu do seu paciente e voltou conosco⁴⁹¹.

Depois de o grupo de visitantes que o acompanhava ter circulado pelas instalações da fazenda, destacadamente pelas enfermarias dos pretos, o príncipe Adalberto assim registrou:

Enquanto eu me entretinha com as senhoras da casa, meus companheiros aproveitaram a oportunidade para irem ver o alojamento dos escravos, que ficava numa comprida e suja construção de um só piso que extraordinariamente tinha uma grande semelhança com uma cavalaria. No Lazareto, que viram primeiro, encontraram as enfermarias, como os quartos também, separados para ambos os sexos. Uma negra estava deitada na sua esteira de junco amamentando o seu negrinho a quem dera à luz a noite anterior. “Dentro de dois dias voltará ao trabalho”, disse o doutor ao conde Bismark, a quem devo este relato. Na enfermaria dos homens estavam três ou quatro negros, todos acidentados. Depois chegou a vez do lavatório onde cada negro tinha uma divisão provida de um número. Todos os domingos cada negro na aldeia recebe uma calça branca lavada e uma camisa, e as mulheres um vestido e uma camisa. Daí percorrem os visitantes um largo corredor até as habitações dos negros, pequenos quartos enegrecidos pelo fumo. Todas as noites, depois do trabalho, os habitantes acendem fogo neles, sentando-se em volta por muitas horas mesmo depois dos mais árduos trabalhos; conversam e fumam, tanto os homens como as mulheres, o fumo que lhes é distribuído todas as semanas⁴⁹².

Sobre o escravo que havia sido picado por uma cobra, voltou a comentar:

Como a conversa passasse a versar sobre cobras, Monsier de Luze disse: “está aqui em casa um negro gravemente doente devido à picada de uma cobra” – como o negro que o Dr. Troubas devia ajudar a amputar, tinha sido também mordido por uma cobra. Acrescentou: *eu mesmo já encontrei dessas criaturas aqui, na minha cama!*⁴⁹³ (grifo dele).

Ao salientar alguns aspectos da lavoura cafeeira, Frederico Cesar Leopoldo Burlamaqui, autor da *Monographia do Cafeseiro e do Café* (1860), descreveu algumas

⁴⁹¹ PRÚSSIA, Adalberto da. *Brasil: Amazonas – Xingu*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1977, p.84.

⁴⁹² *Ibidem*, p. 85-86.

⁴⁹³ *Ibidem*, p.88

características de como os acidentes com cobras nas roças podiam ser comuns para os trabalhadores:

A conservação dos cafezais é fácil. Capina-se duas a três vezes, e arranca-se, à mão ou com instrumentos próprios, as más ervas, e em lugar de as queimar aproveitam-se para estrumar a terra. Em alguns lugares, juntam-se as folhas, as ervas de capina e as palhas dos vegetais que se cultivaram no mesmo terreno, e com elas se cercam os pés de café. (...) Este método tem alguns inconvenientes. Primeiramente quase todo o estrume, que se forma pela decomposição dos vegetais, é levado pelas águas de chuva para os pontos mais baixos; em segundo lugar, os pés de café ficam submetidos a um calor extraordinário; em terceiro lugar, esses montões de matérias vegetais acomodados dão abrigo a uma multidão de vermes nocivos à planta, *servem de esconderijo às cobras* e produzem uma evaporação nociva à qualidade do café, na época da florescência, e à saúde dos trabalhadores na ocasião da colheita. (...) O melhor meio d'aproveitar em benefício do cafezal esses vegetais inúteis, sem nenhum dos inconvenientes apontados é o de enterrá-los⁴⁹⁴ (grifo nosso).

Sobre a importância e a ocupação das terras de Cantagalo, Mauro Leão Gomes argumenta:

A região de Cantagalo oferecia condições físicas adequadas para o cultivo do café. O clima ameno, sem a presença de geadas ou excesso de umidade e com a incidência de chuvas regulares, numa região cujos solos eram cobertos por grandes extensões de florestas primárias, reunia nesta área as condições consideradas como apropriadas ao desenvolvimento de grandes plantações deste produto. Já na metade do século XIX, em Cantagalo, os vales dos rios Negro, Grande, Paquequer e Ribeirão das Areias, antes florestados, encontravam-se ao menos parcialmente ocupados pelas plantações de café. As terras cantagalenses passavam a ser ocupadas de modo mais intenso pelos cafezais, que seguiam sua marcha em direção às freguesias de Santa Maria Madalena, São Francisco de Paula, Duas Barras, Santa Rita do Rio Negro, Carmo, Sumidouro e São Sebastião do Alto.⁴⁹⁵

Retomando as narrativas sobre escravos que trabalhavam como “enfermeiros”, analisando o ano de 1882, encontramos mais um cativo registrado como tal. João era escravo de José Sezinando de Avelino Pinho⁴⁹⁶ e foi avaliado em apenas 200 mil réis por estar doente. A fazenda Benfica, em Cantagalo, onde residia, possuía 116 cativos, dos quais 28 estavam doentes. Foi registrada entre os bens do falecido José uma casa de enfermaria no valor de 700

⁴⁹⁴ BURLAMAQUI, Frederico Leopoldo Cesar. *Monographia do Cafeeiro e do Café*, 1860, apud GOMES, Mauro Leão. *Ouro, posseiros e fazendas de café*. A ocupação e a degradação ambiental da região das Minas do Canta Gallo na Província do Rio de Janeiro, Tese de Doutorado. Seropédica, UFRRJ, 2004:76

⁴⁹⁵ GOMES, Mauro Leão. *Op. cit.*, 2004, p.70.

⁴⁹⁶ AMJERJ, Inventário *post-mortem* de José Sezinando de Avelino Pinho, 1882.

mil réis, onde provavelmente o escravo João atuava ajudando no tratamento dos seus companheiros de cativeiro.

Embora tais informações sejam apenas pedaços de muitas histórias que permeavam as experiências dos indivíduos escravizados em Cantagalo, elas são fundamentais para reconstruirmos esses mundos da escravidão que se desvelaram na importante paisagem social do Vale do Paraíba fluminense. Deparamo-nos com escravos aleijados, defeituosos, quebrados, opilados, etc.; observamos processos com informações sobre gastos dos inventariantes com médicos, drogas, remédios e com o serviço de barbeiros, tudo para tratamento dos cativos. Desse modo, concluímos até aqui que o cotejamento de registros médicos e outros processos revela importantes pistas dos cenários sociais daquela região. As relações entre saúde, trabalho e governo dos escravos permitem-nos descortinar experiências da vida escrava, apontando como essas abordagens compõem um quadro profícuo e promissor para os pesquisadores que se dedicarem às análises em torno dessa temática. Narrativas sobre as experiências da saúde e doença da população escrava foram o ponto de partida da nossa observação, explorando a densidade das experiências dos indivíduos marcados pela diáspora africana nas *plantations* cafeeiras de Cantagalo.

Considerações Finais

A expansão da cultura do café na região de Cantagalo transformou o pequeno arraial, localizado entre os vales nas encostas das serras atlânticas, em um importante espaço precursor da economia cafeeira do Vale do Paraíba Fluminense já na segunda metade do século XIX. Observamos que o quadro de expansão demográfica que se seguiu transformou a paisagem social da região e promoveu a ampliação das fortunas dos proprietários de terras locais. Com o desbravamento e a ocupação progressiva do território de Cantagalo, estruturaram-se transformações que logo impulsionariam o desenvolvimento de uma economia baseada na agricultura extensiva de terras e sustentada pela mão de obra escrava. No âmbito da valorização do café no cenário internacional, foi montado o complexo cafeeiro no Brasil e, assim, os proprietários cantagalenses direcionaram seus esforços para investimentos na produção do artigo, influenciando na incorporação de novos territórios à região e na compra de mais escravos.

Nessa dinâmica, um número cada vez maior de negros escravizados era transportado em direção às fazendas cafeeiras do Vale. O adensamento das senzalas promoveu mudanças nos cenários sociais da região e as transformações ocorridas nas relações do trabalho escravo, produto da alta de preços e escassez de mão de obra, favoreceriam a intensificação dos cuidados com a saúde daqueles trabalhadores ao longo do século XIX, especialmente a partir da segunda metade dos Oitocentos. Com destaque para a leitura dos inventários *post-mortem* dos senhores de Cantagalo, a observação das *plantations* cafeeiras permitiu-nos que penetrássemos no cotidiano de escravos, apresentando dimensões das experiências de vida dos indivíduos que eram peças-chave daquele processo de transformações.

No conjunto total de escravos que reunimos, a partir das informações nos inventários, contabilizados 9624, sendo que, destes, 91% eram escravos adultos e apenas 9% tinha menos de sete anos de idade. Com a compilação desses dados, inseridos no veloz movimento de expansão cafeeira que marcou a região, conseguimos nos aproximar dos cenários sociais em que se desenrolavam as experiências dos indivíduos escravizados relacionadas à sua saúde e às doenças que os atacavam. Primeiro, o exame dos dados quantitativos analisados foi importante para revelar questões sobre o perfil demográfico da população escrava e informações sobre a saúde e doenças daqueles homens e mulheres. Considerando a complexidade de tais informações, esse foi o primeiro passo para reconstruirmos as narrativas sobre as vivências escravas naquele contexto. O segundo foi observar atentamente, nas

ambiências do Vale fluminense, como o processo de expansão das lavouras teria levado os proprietários de escravos a dispensarem recursos com os cuidados dos doentes, tais como a construção de casas de enfermagem e hospitais para atender os cativos enfermos nas suas fazendas, além de pagarem pelo atendimento de boticários e médicos diplomados a eles. Ou seja, os indícios reunidos sobre essas dinâmicas, e também sobre esses personagens que atuavam na região de Cantagalo, fornecendo remédios e atendendo aos doentes cativos e seus senhores, indicam que a valorização dessas práticas foi sendo incorporada ao cotidiano dos escravos. Tratava-se de uma das estratégias elaboradas pelos proprietários da região para manterem seus trabalhadores escravos em condições de saúde favoráveis para exercerem o penoso trabalho nas lavouras, assegurando, assim, o sucesso do empreendimento das *plantations* cafeeiras.

Ao apresentarmos os registros de cativos com indicações sobre condições de saúde e doença, distribuídas por determinados períodos de tempo, buscamos traçar um quadro mais amplo da vida escrava, moldado pelo impacto da progressiva precariedade da vida nas fazendas de Cantagalo. Na primeira metade do século XIX, reunimos poucos registros sobre os cativos que adoeceram na região. O reduzido número de informações sobre as doenças que encontramos nos processos de inventários revelam um cenário marcado pelo desbravamento do território local, onde, no entanto, já era latente o uso intenso da mão de obra escrava. Talvez fosse uma questão menor, entre os senhores do referido período, registrar com precisão as condições de saúde dos cativos inventariados, especialmente naquele momento em que a região se expandia e a oferta de escravos era farta, o que não quer dizer que as moléstias não se alastrassem nas senzalas. Como salientamos ao longo dos capítulos desta tese, em um contexto marcado por uma acirrada disputa por terras e riquezas nos espaços em que a estrutura para receber os trabalhadores cativos era precária, certamente se disseminaram inúmeras moléstias nas senzalas das fazendas examinadas.

No decorrer da segunda metade do século XIX, o quadro que esboçamos foi distinto. Reunimos um conjunto maior de informações sobre os doentes e cuidados dispensados aos cativos. No cenário econômico, político e cultural que se delineava no período, Cantagalo destacava-se como importante produtor cafeeiro do Sudeste. Ao nos aproximarmos das *plantations* desse período, constatamos que eram ricas propriedades compostas por densas escravarias, onde médicos e boticários circulavam intensamente. Logo, conseguimos reunir, a partir do conjunto documental analisado, interessantes informações sobre as moléstias que atingiam os cativos e as condições precárias de vida a que eram submetidos nas *plantations* do Vale fluminense. Com a intenção de preservarem seus investimentos e expandirem suas

riquezas, os proprietários de Cantagalo passaram a utilizar os serviços de médicos e farmacêuticos para tratarem das doenças mais graves dos seus cativos. Apesar disso, podemos perceber que o cotidiano escravo, marcado pela intensa exploração do trabalho, tornava-se ainda mais precário com a multiplicação das moléstias que afetavam as fazendas. Os milhares de cativos que localizamos registrados com defeitos, quebrados, achacados, etc. e que, provavelmente, sofriam de moléstias antigas menos graves, eram tratados para continuarem se ocupando dos seus ofícios.

As evidências apresentadas ao longo deste trabalho sobre os sinais e sintomas de doenças que atingiram os cativos de Cantagalo representaram uma amostra do universo de escravos distribuídos pelas fazendas locais. Surgem pistas para preenchermos as lacunas deixadas pelos proprietários sobre os doentes escravos. Tais pistas nos levam a perceber melhor o quadro aterrador de doenças e insalubridade que dizimava a vida daqueles indivíduos.

Portanto, o estudo das doenças e da saúde pode contribuir como mais um importante caminho analítico para o entendimento das sociedades escravistas no Brasil. Em um complexo cenário do Vale escravista cafeeiro dos Oitocentos, a ênfase nas questões sobre as doenças, a saúde e o governo dos escravos permitiu-nos examinar fatores apontando como essas abordagens compõem um conjunto de perspectivas promissoras para o entendimento das experiências cativas. Por meio de estudos voltados para a dimensão da saúde e das doenças, aproximamo-nos da vida dos cativos de Cantagalo e esquadrimos variados aspectos de seu cotidiano nas senzalas e as implicações que se impunham a ele, decorrentes do trabalho e das condições de vida em geral. Resumidamente, procuramos, a partir desta abordagem, destacar as principais possibilidades analíticas para o universo da temática da escravidão no Brasil, cruzando os temas da escravidão, da mortalidade e das doenças. Com isso, ressaltamos como a experiência compartilhada por muitos escravos em relação à saúde teria influenciado as estratégias de sobrevivência tecidas por eles nas *plantations* de Cantagalo.

Nos capítulos anteriores, apreciamos coletivamente os indícios de saúde dos cativos da referida região e os aspectos das relações entre eles, senhores e médicos. Levando em conta que tais relações eram dinâmicas e multifacetadas, apresentamos alguns aspectos dos conflitos travados entre esses indivíduos. A partir da observação do conjunto dessas ações, pressupomos que a economia no campo, moldada pela expansão cafeeira, traduzia uma política de controle senhorial, levada a cabo também por intrincadas estratégias para manter a escravaria produtiva, ou seja, em condições favoráveis para a exploração e intensificação do trabalho, perpetradas especialmente na segunda metade do século XIX. A expansão das

fortunas dos senhores das áreas de grande lavoura revelava que, em um contexto econômico, social e cultural característico daquelas regiões, múltiplas estratégias podiam ser empreendidas e redes de relações eram estabelecidas entre senhores, escravos e médicos nas fazendas.

Logo, a partir da compilação dos documentos apresentados ao longo deste trabalho, nos quais pudemos recuperar dimensões das vivências sobre os indivíduos escravizados nas *plantations* cafeeiras de uma determinada região do Vale do Paraíba fluminense, reunimos valiosos indícios para reconstruir paisagens e contextos sociais nos quais os escravos viviam. Analisando outros aspectos da vida escrava, que surgiram da análise dos inventários, e seguindo os caminhos traçados pelo médico alemão Reinhold Teuscher e por tantos outros visitantes à Comarca de Cantagalo, procuramos apresentar outras faces dos universos sociais dessa importante região do Vale cafeeiro. Ao percebermos algumas nuances dessas configurações sociais marcadas pela experiência da escravidão, notamos que tanto nas ricas propriedades de Cantagalo quanto nas propriedades menores e com menos recursos a questão da saúde do cativo manifestava-se como uma preocupação central para os proprietários. Assim, estabeleciam-se quadros complexos de mortalidade e morbidade entre os cativos, a partir dos quais indagamo-nos sobre até que ponto suas experiências individuais e coletivas no cativeiro redefiniram estratégias de sobrevivência, influenciaram em suas escolhas e moldaram suas práticas culturais, resultando em uma configuração social particular.

Ao explorarmos as informações sobre as precárias condições de saúde dos cativos, com destaque para as registradas nos processos de inventários *post-mortem*, buscamos reconstruir os universos sociais escravistas em áreas rurais do Sul Fluminense, examinando o cotidiano dos indivíduos que ocupavam aquela área e as sociabilidades diversas entre eles. A investigação do conjunto documental que reunimos foi uma primeira tentativa para compreendermos melhor as implicações decorrentes do trabalho e das condições de vida em geral de milhares de indivíduos transformadas pela diáspora africana. Nesse caso, diversas questões ainda podem ser fomentadas com a observação das experiências dos cativos relativas à doença, à morte e às respectivas práticas de cura. Algumas informações sobre as moléstias dos cativos e os cuidados para seu tratamento são fragmentos de muitas histórias que permeavam as experiências dos escravos, mas que apresentam questões fundamentais para reconstruirmos esses mundos da escravidão que se desvelaram na importante paisagem social do Vale do Paraíba fluminense. O volumoso número de escravos, especialmente africanos, já esboçava, na segunda metade do século XIX, um contexto social rumoroso em Cantagalo. Ao

apresentarmos essas dimensões da experiência escrava, expomos as relações sociais que se estabeleciam nas *plantations* e os processos materiais que constituíam as ambiências do Vale.

Nesse sentido, quando observamos os diversos sujeitos que seguiram o fluxo do movimento demográfico que caracterizou todo o Vale do Paraíba, verificamos que esses indivíduos contribuíram de diversas formas para transformarem as estruturas locais daquele regime moldado pela expansão escravista. Os conflitos entre senhores, escravos e médicos que narramos deixam esses aspectos em evidência. Ou seja, como já salientamos, os cuidados dispensados para preservar a saúde dos cativos refletia um conjunto de ações com o objetivo de garantir que a produção das *plantations* se expandisse. Para isso, os escravos precisavam estar em condições favoráveis de exercerem seus ofícios. Assim, tornou-se fundamental examinarmos as estratégias que foram empreendidas pelos proprietários de Cantagalo para os cuidados com os doentes. Ainda que essas informações tenham aparecido de forma dispersa nos processos analisados, foi possível capturar o universo complexo das *plantations* de Cantagalo, e constatar o papel de destaque que os médicos foram adquirindo nas fazendas de Cantagalo ao longo dos Oitocentos.

Ao nos aproximarmos das dimensões relacionadas à saúde, à doença e às estratégias de cura empreendidas pelos senhores, a partir da análise dos recursos investidos com o tratamento dos cativos doentes, verificamos como essas abordagens são promissoras e o quanto também contribuíram para desvendarmos outros cenários da vida escrava nas *plantations*. Surgem variadas questões que permeavam o cotidiano daqueles trabalhadores, apontando as especificidades de cada propriedade. Para além do levantamento dos diagnósticos das doenças que atingiram os cativos de Cantagalo, a recuperação das estratégias tecidas relacionadas à cura dos doentes revelou a importância de diversos indivíduos inseridos no mundo da escravidão. A questão da saúde e da doença entre a população escrava no Brasil pode então ajudar-nos a desvendar os interstícios da vida nas comunidades de senzalas das *plantations* de café no século XIX. A identificação de alguns padrões de mortalidade e as doenças envolvidas, o exame da cultura material dos escravos, seus hábitos e modos de viver contribuíram para recompormos o universo social do território de Cantagalo nos Oitocentos, uma região que foi palco de inúmeras histórias marcadas pela intensa exploração do trabalho escravo, histórias estas que produziram as dolorosas narrativas que conseguimos recuperar e discutir ao longo deste trabalho.

REFERÊNCIAS

I.FONTES

Fontes manuscritas:

- Paróquia Santíssimo Sacramento de Cantagalo.
Livro de óbitos de livres e escravos, 1832-1849.
- Livro de óbitos de livres e escravos, 1855-1883.
- Livro de óbitos de livres e escravos, 1832-1849.
- Livro de óbitos de livres e escravos, 1859-1933.
- Livro de óbitos de livres e escravos, 1872-1887.
- Arquivo do Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Inventários *post-mortem* da Vila de Cantagalo entre 1815-1888.
- Centro de Documentação D. João VI- Pró-memória de Nova Friburgo.
Leonardo Corrêa Dias, caixa 11, 1835.
- José Pereira de Souza, caixa 11, 1848.
- Apolinário da Costa Pires, caixa 11, 1849.
- Manoel Caetano de Carvalho, caixa 4, 1846.
- Maria Isabel da Silva Neves , caixa 4, 1846.
- João Antônio Gatto, caixa 4, 1861.
- Fundação Biblioteca Nacional
TEUSCHER, Reinhold. *Algumas observações sobre a estatística sanitária dos escravos em fazendas de café*. These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e publicamente sustentada aos 22 de julho de 1853. Rio de Janeiro: Villeneuve & Comp., 1853.
- Arquivo Nacional
Inventário *post-mortem* do Barão de Aquino, 1871.
- Inventário *post-mortem* de Ignácio Pereira Guimarães, 1828.
- Inventário *post-mortem* de Joaquim José de Souza, 1835.
- Supremo Tribunal Federal, Manoel Monte Godinho, 1883.
- Relação do Rio de Janeiro, Baronesa de Santa Justa, 1885.
- Supremo Tribunal da Justiça, Luis Bompane, 1868.
- Apelação Civil, José Justo Coelho, maço 141, número 216, galeria C., 1826.
- Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro
Caixa 79; maço 5 notação 221, insurreição de escravos freguesia do Sumidouro do Paquequer, na Fazenda Boa Vista, 1870.
- Caixa 79; maço 2; notação 223, Mapa Sanitário da Casa de Saúde Nictheroyense, 1865.

Fontes primárias impressas:

- *Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro*, 1851, p.152 Disponível em <http://books.google.com.br>. Acesso em 08 de agosto de 2013.
- *Almanack do Carmense*. 1888. Villa do Carmo. Typ. do Carmense, 1888. Disponível em http://memoria.bn.br/pdf2/707139/per707139_1888_00001.pdf. Acesso em março 2014.
- *Correio de Cantagalo*, 01/01,1915. Biblioteca Nacional, Localização: 3, 457,03,27.
- *Diário de Minas*. 1866 a 1875. Biblioteca Nacional, PR_SOR_02051_376523. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=376523&PagFis=1827>. Acesso em abr. 2014.
- *Diário Mercantil*, 1825. Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706892&PagFis=984>. Acesso em 08 de agosto de 2013.

- *O Voto Livre*: órgão Liberal. 22/02/1885. Biblioteca Nacional, Localização: PR-SOR 5642-5666.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.. p. 100. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/edicao/1>. Acesso em 04 de junho de 2014.
- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorias ...* 6. ed. consideravelmente aumentada, posta a par da ciência. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890 (vol. 1 e 2). Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/4>. Acesso em 01 de novembro de 2013.
- LOS RIOS, Adolfo Morales de. *O Rio de Janeiro Imperial*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2000.
- MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*; tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.
- TSCHUDI, Johann Jakob Von. *Viajem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- VON MARTIUS, Carl Friedrich Philipp e VON SPIX, Johann Baptist. *Viagem pelo Brasil*. 3 volumes. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. 3ª edição. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira* por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/02254100>. Acesso em 01 de julho de 2014.
- SMITH, Herbert Huntingdon. *Brazil, the Amazons and the coast* (S. Low, Marston, Searle and Rivington, Londres, 1879. Disponível na Internet: <https://archive.org/details/brazilamazonscoa00smit>), p. 18. Acesso em 17 de maio de 2014.
- PRÚSSIA, Adalberto da. *Brasil: Amazonas – Xingu*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1977.

II. BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Jean Luiz Neves. A Colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das ‘luzes’ e as informações sobre as enfermidades da América portuguesa. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, jul.-set.2007, p.761-778.
- AGOSTINI, Camilla. *Mundo Atlântico e clandestinidade. Dinâmica material e simbólica em uma fazenda litorânea no sudeste, século XIX*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.
- AGOSTINI, Camilla. Resistência Cultural e Reconstrução e Identidades: Um olhar sobre a cultura material de Escravos do Século XIX. *Revista de História Regional*, v.3, n.2, 1998, p. 115-137.
- ALENCASTRO L. F. *O trato dos viventes – formação do Brasil no Atlântico sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALEGRIO, Leila. O café, o Vale do Paraíba e a mulher fazendeira. Disponível em <http://www.institutocidadeviva.org.br/> Acesso em 17 de novembro de 2013.
- ALMEIDA, Gelson Rozentino de. *“Hoje é dia de branco”*. *O trabalho livre na província fluminense: Valença e Cantagalo 1870-1888*. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 1994.
- ALMEIDA FILHO, A. Qual o sentido do termo saúde? *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.16, n.2, abr.-jun., 2000, p.300-301.

- ANDERSON,Stuart.*The Great Days of Sail: Slavery, Ships and Sickness*. Associate Dean of Studies London School of Hygiene and Tropical Medicine.October 2011. Disponível em: <http://www.gresham.ac.uk/lectures-and-events/slavery-ships-and-sickness>. Acessado em 01 de junho de 2014.
- ARAÚJO, Adauto; REINHARD, Karl Jan; TEIXEIRA, Luiz Fernando. *Paleoparasitologia*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- ASSIS, M. F. de. *Tráfico atlântico, impacto microbiano e mortalidade escrava*. Rio de Janeiro c.1790 – c.1830. Rio de Janeiro: PPGHIS, 2002.
- _____; ENGEMANN, C.; FLORENTINO, M. Sociabilidade e mortalidade escrava no Rio de Janeiro – 1720-1742. In FLORENTINO, M.; MACHADO, C. (orgs.). *Ensaio Sobre a escravidão(I)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.pp.198-200.
- BARBOSA, Keith. Vida e morte escravas no Rio de Janeiro Oitocentista, 1820-1836.In NASCIMENTO, Dilene R.; CARVALHO, Diana Maul de; (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*, vol.3. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010.pp.85-110.
- _____ .K. & GOMES, Flávio. Doenças, morte e escravidão africana: perspectivas historiográficas. *Ciência e Letras*, Porto Alegre, n. 44, jul./dez. 2008, pp. 237-259.
- _____ .K. *Doença e Cativo: um estudo sobre morbidade, mortalidade e sociabilidades escravas no Rio de Janeiro, século XIX*.Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em História), UFRRJ, 2010.
- BARCANTE, Eliana Vinhaes. Família e elite no agro fluminense: Cantagalo do Oitocentos. In ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; SOUZA, Sônia Maria de; FERNANDES, Cássio (Orgs.). *II Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social*. Micro História e os caminhos da História Social. Juiz de Fora: Clio Edições, 2008. Disponível em <http://www.lahes.ufjf.br>. Acesso em 26 de março de 2014.
- BARREIRO, José Carlos. A formação da força de trabalho marítima no Brasil: cultura e cotidiano, tradição e resistência (1808-1850). *Tempo*, Niterói, v.15, n.29, jul./dez.2010, p. 189-209.
- BARROS DE CASTRO, Antônio. *Sete ensaios sobre a economia brasileira*. Rio de Janeiro: Forense, 1971, 2º vol..
- BEZERRA, Nielson Rosa. Mesmas Margens de outros portos: marinheiros africanos e tráfico atlântico no recôncavo da Guanabara. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro,v.7,n.1., jul. 2013, p.244-261. Disponível em<http://www.hcomparada.historia.ufrj.br>. Acessado em 12 de agosto de 2013.
- BEZERRA, Nielson Rosa. *As chaves da escravidão: confluências da escravidão no Recôncavo do Rio de Janeiro*. Niterói, EdUFF, 2008.
- BIAGIOLI, Mario. *Galileu, Cortesão*. A prática da ciência na cultura do absolutismo. Porto Editora, 2003.
- CARDOSO, M. H. C. História e medicina: a herança arcaica de um paradigma.*História, Ciências e Saúde – Manguinhos*,v.6, n.3, nov.1999-fev.2000,p. 555-575.
- CARVALHO, D. M. de. Doenças dos escravizados, doenças africanas? In PORTO, A. (org.). *Doenças e escravidão: sistema de saúde e práticas terapêuticas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. p.6. CD-Rom il.
- _____ . D. M. de. O regimento contra a pestilência e a receita do bálsamo: alguns comentários à luz da “medicina científica”. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, 2005, p.853-867.
- _____ . D. M. de. História da saúde, isso serve para quê? *Cadernos de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v.13, n.2, abr./jun. 2005, p.321-322.

- _____ . D. M. de; SILVA, L. A peste em Atenas: um exercício de epidemiologia histórica. In NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. M et alli.(orgs). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004.
- CARVALHO, F. P. de. *Vassouras: comunidade escrava, conflitos e sociabilidades (1850-1888)*. Dissertação (Mestrado em História), UFF, 2013.
- CASTRO, Hebe Maria Mattos de. *Ao sul da história*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil Oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CHALHOUB, S. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- _____ . et al. (org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. São Paulo: UNICAMP, 2003.
- _____ . *Visões de liberdade: uma historia das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COELHO, Edmundo Santos. *As profissões Imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- COELHO, M. T. A. D. e ALMEIDA FILHO, N. de. Conceitos de saúde em discursos contemporâneos de referência científica. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n.2, mai./ago. 2002, p.315-333.
- COSTA, D. C. *Epidemiologia: teoria e objeto*. São Paulo: Hucitec- Abrasco, 1994.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- COSTA, Fernando A. Alves da. E quanto valia, afinal? O Problema dos Preços nos inventários *post-mortem* do século XIX. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n. 60, dezembro 2013.
- CZERESNIA, D. *Do contágio à transmissão: ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1997.
- DEAN, Warren, *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura (1820-1920)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- DIAS, Acácio Ferreira. *Terra de Cantagalo: Subsídios para a história do município de Cantagalo*. vol.I e II. Prefeitura Municipal de Cantagalo, 1975.
- DIAS, Jill. Novas identidades africanas em Angola no contexto do comércio atlântico. In BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO, Bela (orgs.). *Trânsitos coloniais. Diálogos críticos luso-brasileiros* Campinas: Editora da Unicamp, 2007. pp.351-343.
- EDLER, F. A medicina brasileira no século XIX: um balanço historiográfico. *Asclépio. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, Madrid, v.50, n.2, 1998, p.169-186.
- _____ . Uma controvérsia científica no Império: A Escola Tropicalista Baiana desafia a Academia Imperial de Medicina. *XXIII Simpósio Nacional de História: História, Guerra e Paz*. 2005.
- ENGEMANN, Carlos. Vida cativa: condições materiais de vida nos grandes plantéis do sudeste brasileiro do século XIX. In Fragoso, João et al. (Orgs.). *Nas rotas do Império*. Vitória: Edufes; Lisboa: IICT, 2006. pp.423-445.
- ERTHAL, Clélio. *Cantagalo: da miragem do ouro ao esplendor do café*. Niterói, RJ: Netpress, 2008.
- ERTHAL, Rui. A presença de dois distintos padrões de organização agrária moldando a região de Cantagalo, província do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, Universidad de Barcelona, v. X, n. 218 (34), 1º ago. 2006.

- EVANGELISTA, Helio de Araujo et al. *Cantagalo: a história de seus limites territoriais (1814-1943)*. Departamento de Geografia-UFF, Rio de Janeiro (RJ), em setembro de 1997.
- FARIA, Sheila S. de C. *A Colônia em Movimento*. Fortuna e Família no Cotidiano Colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FERREIRA, Luiz Otávio. Uma Interpretação Higienista do Brasil: Medicina e Pensamento Social no Império. Disponível em <http://www.bvshistoria.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=225>. Acesso em 12 de maio de 2014.
- FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; FURTADO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.24, n.1, jan. 2008, p.17-27.
- FLORENTINO, Manolo. Aspectos sociodemográficos da presença dos escravos moçambicanos no Rio de Janeiro (c.1790-1850). In FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo; JUCÁ, Antônio Carlos; CAMPOS, Adriana (orgs.). *Nas rotas do império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português*. Vitória: Edufes; Lisboa: ICT, 2006. pp.196-244.
- FLORENTINO, Manolo. *Em Costas Negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1994.
- FIGUEIREDO, B. G. As doenças dos escravos: um campo de estudos para a História das Ciências da Saúde. In NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D.M. de; MARQUES, R. de C. *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. pp.252-274.
- FRAGOSO, João Luis Ribeiro. *Sistemas agrários em Paraíba do Sul (1850-1920)*. 1983. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.
- FREYRE, G. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Recife: Brasileira. 1979.
- FREITAS, O. *Minhas memórias de médico*. São Paulo: Editora Nacional, 1940.
- _____. *Doenças africanas no Brasil*. SP: Editora Nacional, 1935.
- _____. *A tuberculose no Recife*. [Recife]: Typ. do Jornal de Recife, 1900.
- GILROY, P. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM/CEAA, 2001.
- GINZBURG, C. *O queijo e vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp.143-179.
- GOES, J. R.; FLORENTINO, M. *A paz das senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico*. Rio de Janeiro, c.1790-c. 1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- GOLDBERG, M. Este obscuro objeto da epidemiologia. In COSTA, D. C. *Epidemiologia: teoria e objeto*. São Paulo: Hucitec- Abrasco, 1994. pp.87-136.
- GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GOMES, F. dos S. *Experiências Atlânticas: ensaios sobre a escravidão e o pós emancipação no Brasil*. Coleção Malungo 7. Passo Fundo:UPF, 2003.
- GOMES, Mauro Leão. *Ouro, posseiros e fazendas de café*. A ocupação e a degradação ambiental da região das Minas do Canta Gallo na Província do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Ciências em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), UFRRJ, Seropédica, 2004. p.76
- GRADEN, Dale Tornston. *Disease, Resistance, and Lies: The Demise of the Transatlantic Slave Trade to Brazil and Cuba*. Louisiana State University Press, 2014.

- HOCHMAN, G. SANTOS, P. X. e PIRES-ALVES, F. *História, saúde e recursos humanos: análises e perspectivas*. Disponível em <http://observatoriohistoria.coc.fiocruz.br/local/File/hsrh.pdf>. Acesso em 01 de agosto de 2013.
- KARASCH, M. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850*. Tradução Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KLEIN, Herbert S. *A escravidão africana: América Latina e Caribe*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- KUNZLER, Josiane; FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; FONSECA, Vera Maria Medina da; JRAIGE, Samia. Herbert Huntington Smith: um naturalista injustiçado? *Filosofia e História da Biologia*, v. 6, n. 1, 2011, p. 49-67. Disponível em <http://www.abfhib.org/>. Acesso em maio de 2014.
- LARA, S. H. e PACHECO, G. (orgs). *Memória do Jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein. Vassouras, 1949*. RJ: Folha Seca; SP: CECULT, 2007.
- LARA, S. H. *Novas dimensões da experiência escrava*. Disponível em <<http://www.comciencia.br/reportagens/negros/13.html>>. Acesso em 01 de abril de 2007.
- LIMA, S. C. de S. *O Corpo escravo como objeto das práticas médicas no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2011
- LINEBAUGH, Peter. Todas as montanhas atlânticas estremeceram. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH, n.6, set.1983,p.7-46.
- LUTTERBACK, Álvaro. *O Conservador x Voto Livre: a imprensa que fez história em Cantagalo*. Governo do Rio de Janeiro. Secretaria de Cultura, 2011.
- LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. *Escravidão no Brasil*. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.
- MACHADO, Maria Helena P. T. *Brasil a Vapor: Raça, Ciência e Viagem no Século XIX*. Tese (Livre Docência), Departamento de História/FFLCH/USP, 2005.
- _____. Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão. *Revista Brasileira de História*, v. 8, n.16, ar./ago.1998, p.143-160.
- MACHADO, Humberto F. *Escravos, senhores e café*. Niterói: Editora Cromos, 1993.
- M'BOKOLO, E. Das savanas de Camarões ao alto Nilo. In ALLAN, Bethwell (ed.). *História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII*. Ogot.– Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2014.
- MARCONDES, Renato Leite. *Desigualdades regionais brasileiras: comércio marítimo e posse de escravos na década de 1870*. Tese (Livre docência), USP. São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. Mortalidade e morbidade da cidade do Rio de Janeiro Imperial. *Revista de História*, São Paulo, n.127-128, 1992/94,p.53-68.
- MARQUESE, Rafael Bivar. Capitalismo, escravidão e a economia cafeeira do Brasil no longo século XIX. Conferência Internacional *New Perspectives on the Life and Work of Eric Williams*, realizada em 24 e 25 de setembro de 2011 no St. Catherine's College, Oxford University, Inglaterra. Disponível em <http://people.ufpr.br/~lgeraldo/textomarquese.pdf>. Acesso em 24 de março de 2014.
- _____.; TOMICH, D. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. In GRINBERG, K.; SALLES, R. *O Brasil Imperial. Volume II – 1831-1870*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2010. v.2. p.342-343.
- _____. A Paisagem da cafeicultura na crise da escravidão: as pinturas de Nicolau Facchinetti e Georg Grimm. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 44, fev. 2007, p. 55-76. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34562>>. Acesso em 18 de junho de 2014.

- _____ . Moradia escrava na era do tráfico ilegal: senzalas rurais no Brasil e em Cuba, c1830-1860. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 13, n. 2,2005, p.165-188.
- _____ . *Factores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____ . *Administração e escravidão - idéias sobre a gestão da agricultura escravista brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- MELLO, Pedro Carvalho de. *A economia da escravidão nas fazendas de café: 1850-1888*. Rio de Janeiro: Programa Nacional de Pesquisa Econômica, 1984.
- MOTTA, José Flávio. *Escravos daqui, dali e de mais além: O tráfico interno de cativos na expansão cafeeira paulista (Areias, Guaratinguetá, Constituição/Piracicaba e Casa Branca, 1867-1887)*. São Paulo: Alameda, 2012.
- MOTTA, José Flávio. A Família escrava e a penetração do café em Bananal, 1801-1829. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v.5, n.1, 1988, p.71-101.
- MOURA FILHO, Heitor Pinto de. Tratamento historiográfico dos registros de óbitos. In NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. M. *Uma história brasileira das doenças*.vol. 3, Belo Horizonte, 2010, p.111-146.
- NASCIMENTO, Dilene R.; CARVALHO, Diana Maul de; (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*, vol.3. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010.
- NASCIMENTO, D. R.; SANTA, M. O método comparativo em história das doenças. In NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. M.; MARQUES, R. DE C. (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, .10-23.
- NASCIMENTO, D. R. do; SILVEIRA, A. J. T. A doença revelando a história. Uma historiografia das doenças. In NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. Met alli.(orgs). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004.pp.13-30.
- NEVES, Maria de Fátima Rodrigues das. Mortalidades e morbidades entre os escravos brasileiros no século XIX. In *Anais do IX Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, volume 3,1994.
- NEWMAN, Simon P. A New World of Labor: the origins and development of plantation slavery in Barbados. In: *Africans in the Americas: Making Lives in a New World, 1675-1825*. OMOHUNDRO INSTITUTE OF EARLY AMERICAN HISTORY & CULTURE.*Africans in the Americas: Making Lives in a New World, 1675–1825*.Cave Hill, Barbados, 2013.
- NOGUEIRA, André. Universos coloniais e ‘enfermidades dos negros’ pelos cirurgiões régios Dazille e Vieira de Carvalho. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012, pp.179-196.
- PADUA, J. A. Cultura Esgotadora: Agricultura e Destruição Ambiental nas Últimas Décadas do Brasil Império. *Estudos Sociedade e Agricultura (UFRJ)*, Rio de Janeiro, v. 11, 1998, p. 134-163.
- PESTRE, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens.*Cadernos do IG/Unicamp*, v. 6, n.1, 1996, p. 3-56.
- PEREIRA, Julio César Medeiros da Silva.*Trabalho, folga e cuidados terapêuticos: a sociabilidade escrava na Imperial Fazenda Santa Cruz, na segunda metade do século XIX*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde)-Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2011.
- PIMENTA, T. S. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade dos Oitocentos. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11 (supl.1), 2004, p. 67-92.
- PORTO, Ângela. (org.) *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso: a memória de Alexandre Rodrigues Ferreira*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

- _____. *A saúde dos escravos na historiografia brasileira*. Disponível em <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2006/conferencias/Angela%20Porto.pdf>. Acesso em 01 de agosto de 2007.
- _____. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.13, n.4, out./dez. 2006, p.1019-1027. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 01 de agosto de 2007.
- _____. A assistência médica aos escravos no Rio de Janeiro: o tratamento homeopático. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. (Papéis Avulsos, 7).
- PORTER, R. História do corpo. In BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992. pp.291-326.
- REDIKER, Marcus. *O navio negreiro: uma história humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- REICHENHEIM, E. M. e WERNECK, G. A “malária urbana”, Existe um adoecer urbano? Documento elaborado para a Oficina de Trabalho: Saúde e grandes cidades: Construção de uma agenda para pesquisa. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social-UERJ, 1992. (Mimeo).
- REVEL, J. Microanálise e construção do social. In: REVEL, J. (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- REIS, José Reis; GOMES, Flávio dos Santos; CARVALHO, Marcus. *O Alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico Negro (c.1822-c.1853)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- REIS, J. J. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RIBEIRO, Lourival. *Tsiologistas ilustres*. Rio de Janeiro; Sul Americana; 1955.
- RODRIGUES, Jaime. *Da costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro. (1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. Cultura marítima: marinheiros e escravos no tráfico negreiro para o Brasil (sécs. XVIII e XIX). *Revista Brasileira de História*, vol.19, n.38, 1999, pp. 15-53. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-0188&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 02 de fevereiro de 2014.
- RODRIGUES, C. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- _____. *Lugares dos mortos nas cidades dos vivos*. Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, Rio de Janeiro, 1997.
- RODRIGUES, Kássia. *Das páginas ao corpo: escravidão e práticas de saúde em manuais de fazendeiros do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. 2011.
- ROSSATO, Jupiracy Affonso Rego. *Os negociantes de grosso trato e a Câmara Municipal do Rio de Janeiro: estabelecendo trajetórias de poder*. Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2006.
- SÁ, Magali Romero. A "peste branca" nos navios negreiros: epidemias de varíola na Amazônia colonial e os primeiros esforços de imunização. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.11, n.4, Supl., dez. 2008, p.818-826. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000500008. Acesso em 01 de julho de 2014
- SANTOS, Fábio Alexandre. *Rio Claro: uma cidade em transformação, 1850-1906*. Dissertação (Mestrado em História Econômica), Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2000.

- SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História Geral da medicina brasileira*. HUCITEC, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977, 200.
- SANTOS, Nadja Paraense dos. Theodoro Peckolt: a produção científica de um pioneiro da fitoquímica no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.12, n.2, mai./ago. 2005, p.515-533.
- _____, *Theodoro Peckolt: farmacêutico e naturalista do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro, 2002. 276 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- _____, Nadja Paraense dos; PINTO, Angelo da Cunha; ALENCASTRO, Ricardo Bicca. Theodoro Peckolt, farmacêutico do Brasil Imperial. *Química Nova*, v. 21, n. 5, set./out.1998, p.666-670.
- SALLES, Ricardo. *E o Vale era escravo*. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- SILVA, Andersen Líryo; CARVALHO, Diana Maul; SOUZA, Sheila Mendonça de. Saúde dentária dos escravos em Salvador, Bahia. In NASCIMENTO, Dilene Raimundo; CARVALHO, Diana Maul (org.). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004. pp.266-276.
- SOARES, C.E.L.; GOMES, F.dos S. e FARIAS, J.B. *No labirinto das nações: africanos e identidades no Rio de Janeiro*, século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- SOUSA, J. P. de. A presença da cólera, da diarreia e as condições sanitárias durante a guerra contra o Paraguai: registros médicos e memórias. In NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. M.; MARQUES, R. DE C. (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. pp.233-251.
- SOUZA, Sheila MF Mendonça de; CARVALHO, Diana Maul de and LESSA, Andrea. Paleoepidemiology: is there a case to answer?. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v.98, suppl.1, 2003, pp. 21-27. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0074-02762003000900005&script=sci_arttext. Acesso em 01 de junho de 2014.
- SOUZA, Sheila Maria Ferraz Mendonça de. Bioarqueologia e antropologia forense. *1º Encontro de Arqueologia de Mato Grosso do Sul*. Arqueologia histórica de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS. Maio de 2009. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/111644696/5-Bioarqueologia-e-Antropologia-Forense>. Acesso em 01 de Junho de 2014.
- SILVA, Andersen Líryo da. Saúde bucal dos escravos da Sé de Salvador Bahia, séc. XIX. *Revista de Estudos Americanos*, v. 1, n. 1, 2011, p.19-43.
- SILVA, Eduardo. *Barões e escravidão: três gerações de fazendeiros e a crise da estrutura escravista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984.
- SCHWARTZ, S. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial 1550-1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SHULER, Kristrina Andrea. Life and death on a Barbadian sugar plantation: historic and bioarchaeological views of infection and mortality at Newton Plantation. *International Journal of Osteoarchaeology*. v.21, Issue 1, january/february 2011, p. 66–81.
- SHULER, Kristrina Andrea. *Health, History, and Sugar: A Bioarchaeological Study of Enslaved Africans from Newton Plantation, Barbados, West Indies*. Dissertation. Department of Anthropology. Southern Illinois University Carbondale. December 2005. Disponível em: www.academia.edu. Acesso em 01 de maio de 2014.
- SLENES, Robert. *Na senzala uma flor- Esperanças, e recordações na formação da família escrava*. 2.ed. corrig. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- _____. Lares negros, olhares brancos: histórias da família escrava no século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, São Paulo, v.8, n.16, mar./ago.1988, p.189-203.

- _____ . 'Malungu, Ngoma vem!' : África coberta e descoberta no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, v. 12, dez./jan./fev. 1992, p.48-67.
- STEIN, Stanley. *Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba*. São Paulo. Brasiliense, 1990.
- _____ . *Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.
- SYMANSKI, Luís Cláudio; GOMES, Flávio. Da cultura material da escravidão e do pós-emancipação: perspectivas comparadas em arqueologia e história. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, 2013, p. 293-338.
- TAVARES, Reinaldo Bernardes. Cemitério dos pretos novos, Rio de Janeiro, século XIX: uma tentativa de delimitação espacial. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.
- THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria, ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- TOMICH, Dale. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial de café. In GRINBERG, K. e SALLES, R. *O Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2010. v.2. p.342-343.
- TOMICH, D. W. *Pelo Prisma da escravidão: trabalho capital e economia mundial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- VINHAES, Eliana Maria Gonçalves. *Cantagalo: as formas de organização e acumulação da terra e da riqueza local*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.

- WITTER, N. A. Curar como Arte e Ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. *Tempo*, Niterói, v.10, n.19, jul./dez. 2005, p.13-25.
- _____ . *Dizem que foi feitiço: as práticas da cura no sul do Brasil (1845 a 1880)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Cirurgiões do Atlântico Sul - conhecimento médico e terapêutica nos circuitos do tráfico e da escravidão (séculos XVII- XIX). In *Anais do XVII Encontro Regional de História. O lugar da História*. ANPUH/SP. Campinas, UNICAMP, 6 a 10 de setembro de 2004.

ANEXOS

*Anexo I. Listagem dos processos de inventários post-mortem digitalizados com escravos, Cantagalo (1815-1888)*⁴⁹⁷.

Ano	Proprietário inventariado
1815	Ana Joaquina do Amor Divino
1816	Antônia Teixeira Soares
1817	Francisca Rosa da Câmara
1819	Francisco Ferreira Guimarães
1819	Antônio de Oliveira Torres e Juliana Maria de S. Clara
1820	Sebastiana Maria
1823	Ignocêncio Ferreira
1824	Francisco Alves Filgueiras
1828	Ignácio Pereira Guimarães -- <i>Arquivo Nacional</i>
1832	José Gonçalves Aranha
1833	Ana Luiza de Santa Clara
1833	Antônio Rodrigues de Moraes
1835	Maria Vieira da Camara
1835	Joaquim José de Souza -- <i>Arquivo Nacional</i>
1835	Leonardo Corrêa Dias -- <i>CDPDJoão -cx11</i>
1836	Maria Severina da Paixão
1839	João José Foli
1843	João Pereira de Queiros
1843	Francisco José Neves
1843	Joana Clara Teixeira
1844	Manoel de Sam José
1844	Joaquim Gonçalves de Sousa
1844	Rita Joaquina de Santa Ana
1846	Caetana Josepha da Conceição
1846	Francisco Vieira de Souza
1846	Benedicto José Filadelfo
1846	José Antônio Chaves e Antônia Maria de
1846	Maria Jacinta de Jesus
1846	Sebastião José da Silva
1846	Manoel Caetano de Carvalho -- <i>CDPDJoão -cx4</i>
1846	Maria isabel da Silva Neves -- <i>CDPDJoão -cx4</i>
1847	Antonio da Silva Freire
1847	Leonardo Antonio de Moura
1847	Carlos Jorás
1848	Luis Teixeira de Carvalho

⁴⁹⁷ Os processos sem indicação de localização pertencem ao acervo documental do Arquivo do Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

- 1848 Alexandre José de Oliveira e Mello --*CDPDJoão -cx11*
1848 José Pereira de Souza
1849 Antonio Joaquim Correia Netto
1849 Joaquim Barbosa de Oliveira
1849 Apolinário da Costa Pires-- *CDPDJoão -cx11*
1850 Manoel José de santa Ana
1850 Francisco Mendes da Costa
1850 Luis Honorório Gonçalves
1851 Manoel Antônio de Azevedo
1851 Ludugenia Floriana Torres
1851 Maria Clara Parat
1851 Basilio Matheus Ferreira de Souza
1851 João Pires dos Santos
1852 Maria Clara da Silva Teixeira
1852 Carlos Teixeira da Silva
1852 Manoel Bruno da Silveira
1853 João Batista Lopes
1853 Victória Maria Fernandes
1853 Caetano da Silva Freire
1853 João Pereira de Souza
1853 Maria Rosa Ferreira de Jesus
1853 José Texeira de Carvalho
1853 Umbelina Maria da Conceição
1854 Pedro Antônio de Siqueira
1854 André Pereira de Lemos
1854 Francisca Clara de Jesus
1854 Joana Maria da Silva
1854 Maria Vicência de Araújo e Silva
1855 Bernardo Antônio Portilho
1855 Antonia Maria da Conceição
1855 Luiza Lavalle
1855 Luciana Rosa de Almeida
1856 Bernardo Pereira da Silva
1856 Carlota Florentina da Silva
1856 José Moutinho da Rocha
1856 João Clemente de Sá
1856 João Correa Neves
1856 João Manoel Moreira
1856 Joaquim Xavier de Souza e Maria Rosa da Conceição
1856 José Ludolf
1857 Maria da Glória Arruda Vianna
1857 Jesuína Maria de Jesus
1858 Francisco Guerreiro Bogado
1859 Manoel Vieira Silva dos Santos

- 1859 Béda Naegele
1859 Pedro Francisco Martins
1859 Bento Antônio Gonçalves Roldão
1860 Ana Margarida Ursula
1860 Francisco Rod. Pombo
1860 Francisco Salles Abreu
1860 Placido Lopes Martins
1860 Luiza Maria Huguiné
1860 Miguel Alves
1861 Paulo Vieira de Carvalho Souza
1861 Maria Francisca de Rune
1861 Eufrazio Francisco de Oliveira
1861 Guilhermina Eugênia Pereira
1861 João Antônio Gatto --*CDPDJoão -cx4*
1862 Galdina Moreira da Silva
1862 Francisco de Barros Guimarães
1862 Joana Claudina Ludolf
1862 Florentino Gomes Jardim
1862 Joaquim da Silva Vieira
1862 Pedro Pellet
1862 José Brunner
1862 Rosa Vieira de Jesus
1862 José Scheiner
1862 Candida Augusta Ragel da Silveira
1862 Graciano Antônio de Almeida
1863 Porcina Angelica de Santa Rosa Milagres
1863 Francisco Manoel de Abreu
1863 José de Castro e Souza
1863 Ignacio de Souza Mattos Wernek
1863 José Joaquim Machado
1863 Maria dos Anjos Barboza
1863 Claudio Matheim e Joana Mathelim
1863 Florinda Luiza do Espírito Santo
1863 Maria Borges de Aguiar
1863 Maria Aleixo Catremoll
1864 Antônio Alves Ferreira do Rosário
1864 Elisabet Smicht
1864 Manoel Joaquim de Macedo
1864 Jacob Model
1864 Antônio Francisco de Faria
1864 Francisco Antônio de Souza
1864 Firmiana Rosa de Jesus
1864 Francisco José da Gama
1864 Henrique José Cortat

- 1865 Fortunato José Ferreira Leite
1865 Josefina Bard
1865 Manoel Alves de Oliveira Barbosa
1865 Sabino José de Santa Ana
1865 Maria Amalia de Souza Azevedo
1865 Francisco Antonio de Carvalho
1865 Luiza Rosa da Conceição
1865 Antônio José de Oliveira Barcelos
1865 Manoel Alves Marinho
1865 Carolino Teodozio de Araújo
1865 Maria Querubina moulaz
1865 Silvestre Rodrigues da Silva
1865 Maria Joana dos Santos
1865 Luiz José Gonçalves Neves
1865 Eduarda Maria de Moura Araújo
1865 Mariana Vermilingue
1866 Eugenia Felicidade Schimith
1866 Manoel Teixeira e Souza Junior
1866 Joaquim Pagge
1867 Jacob Van Erven
1867 Rafael Ignacio da Fonseca Lontra
1867 Theodoro de Macedo Sodré
1867 Manoel Joaquim da Silva Freire
1867 Manoel Teixeira e D. Isabel Victorina de Souza Souza
1867 Maria Joaquina do Amparo
1867 Thereza Maria da Cunha
1867 Ana Joaquina Pulqueira Dias de Siqueira
1867 José Nicolão Contat
1867 Antonia Maria de Jesus Almada
1867 Francisco Dias Perreira
1867 Maria Ursula Quitá
1867 Silverio Coelho de Gouvea
1867 Bárbara Maria do Nascimento
1867 Maria José da Silva
1867 Claudina Maria de Jesus
1868 Joana Maria de Jesus Rodrigues
1868 Joaquim Teixeira de Carvalho
1868 Anna Clara Lopes Martins
1868 Francisco José e D. Maria Joaquina de Jesus Souza
1868 Manoel Dias Ribeiro
1868 Laura Clementina Goulart e José Goulart de Sousa
1868 Domiciano Ribeiro da Costa
1868 Luiza Barbara Schwartz
1868 Ana Roza de Pinho Figueira

- 1868 Felisbina Maria de Jesus
1868 Lucio Jose da Cunha e Carolina Leopoldina de São José
1868 Joaquina Maria do Nascimento
1868 Luiza Angelica Barbosa
1868 João Martins Ferreira
1868 José Fricher
1868 Antônio Martins da Rocha
1868 Francisco Rodrigues da Silva
1868 João José Mucharet
1869 José Joaquim da Costa Guimarães
1869 Maria José Rodrigues Gomes do Couto
1869 Antonio Machado Botelho
1869 Quitéria Maria do Rozário
1869 Joaquina Josefa de Almeida
1869 Francisca de Paula Barbosa
1869 Francisca Fortunata Correa
1869 Joaquim Vieira de Souza
1869 Maria Candida Thereza
1869 Ana Joaquina do Nascimento
1869 Ana Angélica de Jesus
1869 Henrique Hothamp
1870 João Elias de Moraes
1870 João da Costa Soares
1870 Emerenciana da Silva Procópio
1870 João Martins Alfaias
1870 Maria Conigundes Vieira
1870 Ana Monteiro da Fonseca
1870 Francisco Ancermet
1870 Venâncio Gomes da Cruz
1871 Felicíssimo José Soares
1871 José Antonio Vidal
1871 Ana Francisca de Oliveira
1871 Antônio Lopes do Couto
1871 Antônio Nery de Sá
1871 Maria José Huguenem
1871 Francisco José da Silveira e Ana Maria de Jesus
1871 Joaquina Clara de Souza
1871 João Antônio da Silva
1871 José Vieira Almada
1871 Galiana Maria Da Silva
1872 João Lopes Martins
1872 Maria da Veiga C. De Azevedo
1872 Antonio Lopes Barbosa
1872 Luis Cherrand

- 1872 Manoel Toledo Piza
1872 Antônio Carlos Marrihe
1872 João Procópio de São José
1872 Ana Rita Monteiro
1872 Leopoldina Carolina de Souza
1872 Antônio de Barros Henriques
1872 Ana Rosa de Jesus
1872 José Vieira de Souza
1872 Líria Escócia da Veiga
1872 Aleixo Costa Frouchad
1872 Rita Antônia da Conceição
1873 Antônio Rodrigues da Silva
1873 João André Belini
1873 Ricardo Felipe Moy's Van Hohonfuld
1873 José Maria Pimentel
1873 Elidia Soares da Silva Cordeiro
1873 Emília de Sá Stervat
1873 João Rodrigues Pereira
1873 Domingos Gonçalves dos Santos
1874 Rita Clara Texeira
1874 Candida Beralda Pellucia
1874 Ana Ozória de Menezes
1874 Mariana Clara de Jesus
1874 Antônio da Cunha Moreira
1874 Joaquina Clara Teixeira
1874 Margarida Dorothea Rohen
1874 Constâncio Ludolf
1874 Antônio Machado de Souza
1874 José Pelidiano Martins de Sá
1874 Felicidade Chevrant
1875 Francisco Dias Coelho
1875 Lino Pinto da Rocha
1875 Anna Joaquina de Jesus e Silva
1875 Rita Carolina dos Santos
1875 Domingas Clara de Jesus
1875 Ignácio de Macedo Carvalho
1875 Antônio de Azevedo Passos
1875 Maria Carlota de Souza Ramos
1875 Paulino João de Macedo
1875 Francisco Inocência Lessa
1875 Manoel Corrêa da Rocha
1875 Francisco Cardoso Pinto e Maria Lima Texeira
1875 Antônio José de Souza
1875 Romualdo José do Carmo

- 1876 Francisco Jose Cortal
1876 Francisco Rodrigues Milagres
1876 Maria Lima de Jesus
1876 Emília Rosa de Siqueira
1876 Maria Clara de Jesus
1876 Anselmo Gomes da Silva
1877 Joana Augusta Rosa de Souza Gomes
1877 Angelica de Rome Beanclair
1877 Henrique Dietrich e sua mulher Dona Adélia
1877 Francisca Vieira Ferreira
1877 Francisco de Paula Pinto
1877 João Francisco de Seixas
1877 Thereza Antônia dos Santos
1877 Antônia Maria de Jesus
1877 Ladislau Braulio de Macedo
1877 Maria Isabel de São José
1877 Serafim de Arruda Camara
1877 Felícia Joaquina da Rocha
1877 José Ferreira da Rocha
1877 José Garcia Gomes
1877 Joana R Belliemi
1877 Theresa Marinho de Jesus
1878 Barão do Carmo
1878 João Alves Mendes
1878 Maria José Milagres
1878 Antônio Rodrigues Milagres
1878 Maria Bernarda dos Santos
1878 Amélia Maria Januária
1878 João José Correa
1878 Ana Angélica Vieira
1879 Ana Tereza de Jesus
1879 Eleuterio Bernardes de Souza
1879 Euphrasia de Lyra Ruas
1879 Luciano Coelho de Magalhães
1879 Maria Vieira Milagres Procópio
1879 Sebastião José Fernandes Fraga
1879 Manoel Coelho de Magalhães Junior
1879 José Joaquim da Motta
1879 Ludovina Pelidiana Soares
1879 Amélia de Macedo Carvalho
1879 Leonarda Francisca de Almeida
1879 Maria Ignácia de Toledo
1879 Francisca Cassemira Ludolf dos Santos
1879 Pedro Marques Matoso

- 1879 João Roulino do Santos
1879 Manoel Gonçalvez Ramos
1879 Carlos José Pinto de Quiroz
1880 Leon José Loutemant
1880 Carolina Lemgruben Kropf
1880 José de Faria Salgado
1880 Pedro José Cortat
1880 Bento José Velloso
1880 Bernardina Ferreira Pinto
1880 Manoel Francisco Azevedo
1880 Manoel Moreira Hipólito
1880 Joana Clara Veloso
1880 Joaquim Ferreira da Silva
1880 Elmira Victorina Coube
1881 Joaquim Fiel Soares Peixoto
1881 João Pereira Durão
1881 Eduardo Cesar Pereira de Medeiros
1881 Maria José de Macedo Carvalho
1881 Maria Augusta Pinto Lontra
1881 Maria José de Magalhães Macedo
1881 Manoel Francisco Correa
1881 Bernardo Barboza da Costa
1882 Joaquim José Toledo
1882 Josephina Cutel Bruch
1882 Maria Josephina Roth
1882 José Sezinando de Avelino Pinho
1882 José Antônio de Oliveira Paes Leitão (Vigário)
1882 Carolina Meltran Gavino
1882 Maria do Carmo
1882 Adélia Josephina da Cunha
1882 Firmiana Texeira da Cunha
1882 Manoel Francisco de Lemos
1882 Francisco Kropf
1883 Antônio Texeira de Carvalho
1883 Rosa Thereza de Jesus
1883 Manoel Pereira Lopes
1883 Fortunato Barbosa Velloso
1883 Maria José de Jesus
1883 Francisco Robadey
1883 João José Vial
1883 Catharina Monerat Velloso
1883 Domingos Gonçalves de Souza
1884 Antônio Joaquim de Matos
1884 Joaquim Pires Veloso

1884 Luis Vieira Torres
 1884 Pedro José Benjamim Vollu
 1884 Frederico Sauerbramm
 1884 Elydia Francisca Bardez Vollú
 1884 Marcelina Constância de Oliveira
 1884 Amélia de Souza Coelho
 1884 Laurinda Maria Soares
 1884 Antonio Vaz de Carvalho
 1885 Maria Augusta de Lyra Monteiro
 1885 Melania Adelaide de Castro
 1886 Visconde de Pinheiro (Joaquim Luiz Pinheiro)
 1886 Alexandrina Goulart ferreira
 1886 João José Barboza
 1886 Carlota Justiniana Coelho
 1886 Maria Catharina Herdy de Brito
 1886 Pedro Gonçalves
 1886 Antônio Ignácio Pimentel
 1887 Francisco da Silva Marques
 1887 Maria Eyer Reis
 1887 Luiz Correia da Rocha
 1888 Amélia Cosandey Robadey

Anexo 2. Proprietário de escravos inventariados entre os anos de 1861-1870, com indicações dos sinais e sintomas de doenças dos escravos.

Ano	Proprietário
1861	Guilermína Eugênia Pereira
1861	Paulo Vieira De Carvalho
1862	Francisco De Barros Guimarães
1862	Galdina Moreira Da Silva
1862	Joana Claudina Ludolf
1862	José Brunner
1862	José Scheiner
1862	Rosa Vieira De Jesus
1863	Francisco Manoel De Abreu
1863	José Joaquim Machado
1863	Maria Dos Anjos Barboza
1863	Porcina Angélica Dos Milagres
1864	Antônio Alves Ferreira Do Rosário
1864	Antonio Francisco De Faria
1864	Elisabet Smichit
1864	Firmiana Rosa De Jesus
1864	Francisco Antônio De Souza

1864	Henrique José Cortat
1864	Manoel Joaquim De Macedo
1865	Francisco Antonio De Carvalho
1865	Manoel Alves De Oliveira Barbosa
1865	Maria Amália De Souza Azevedo
1866	Joaquim Pagge
1866	Manoel Texeira E Souza Junior
1867	Francisco Dias Pereira
1867	Jacob Van Erven
1867	Manoel Dias Ribeiro
1867	Manoel Joaquim Da Silva Freire
1867	Manoel Teixeira De Souza (Comendador) e Izabel Victorina De Souza
1867	Maria Augusta Pinto Lontra
1867	Rafael Ignácio Da Fonseca Lontra
1867	Theodoro De Macedo Sodré
1868	Anna Clara Lopes Martins
1868	Antônio Martins Da Rocha
1868	Francisco José De Souza E Maria Joaquina De Jesus
1868	Joaquim Teixeira De Carvalho
1868	Joaquina Maria Do Nascimento
1868	José Fricher
1868	Laura Clementina Goulart
1869	Ana Joaquina Do Nascimento
1869	Antonio Machado Botelho
1869	Henrique Hothamp
1869	Joaquim Vieira De Souza
1870	Emerenciana Da Silva Procópio
1870	João Da Costa Soares
1870	João Elias De Moraes
1870	Plácido Lopes Martins

Anexo 3. Proprietário de escravos inventariados entre os anos de 1871-1880, com indicações dos sinais e sintomas de doenças dos escravos

Ano	Proprietário
1871	Antônio Nery De Sá
1871	Felicissimo Joze Soares
1871	Francisco Rodrigues Milagres
1871	Galiana Maria Da Silva
1872	Aleixo Costa Frouchard
1872	Antônio De Barros Henriques
1872	João Lopes Martins
1872	José Vieira De Souza
1872	Leopoldina Carolina De Souza

1872 Manoel Toledo Piza
1872 Maria Da Veiga Corrêa De Azevedo
1873 Antônio Rodrigues Da Silva
1873 Domingos Gonçalves Dos Santos
1873 João André Belini
1873 João Rodrigues Pereira
1874 Ana Ozória De Menezes
1874 Antônio Machado De Souza
1874 Felicidade Chevrant
1874 Mariana Clara De Jesus
1875 Ana Angélica Vieira
1875 Anna Joaquina De Jesus E Silva
1875 Antônio José De Souza
1875 Francisco Dias Coelho
1875 Francisco Inocência Lessa
1875 Lino Pinto Da Rocha
1875 Manoel Correa Da Rocha
1875 Romualdo José Do Carmo
1876 Antonia Maria De Jesus Almada
1876 Francisco José Cortal
1876 Luiz Chevrant
1876 Maria Lima De Jesus
1877 Henrique Districh E Adélia D.
1877 Joana R Belliemi
1877 João Francisco De Seixas
1877 José Ferreira Da Rocha
1877 Rita Clara Texeira
1877 Theresa Marinho De Jesus
1878 Barão Do Carmo
1878 João Alves Mendes
1878 Maria José Milagres
1878 Paulino José De Macedo
1879 Amélia De Macedo Carvalho
1879 Anna Thereza De Jesus
1879 Eleutério Bernardes De Souza
1879 Euphrasia De Lyra Ruas
1879 Leonarda Francisca De Almeida
1879 Manoel Coelho De Magalães Junior
1879 Manoel Gonçalves Ramos
1879 Maria Ignacia De Toledo
1880 Bernardina Ferreira Pinto
1880 Elmira Victorina Coube
1880 Joana Clara Veloso
1880 Leon Jose Lautemant

Anexo 4. Proprietários de escravos com informações sobre cuidados com a saúde e registros de doenças.

Ano	Proprietário
1843	João Pereira de Queiros
1846	Caetana Josepha da Conceição
1846	Francisco Vieira de Souza
1851	Manoel Antônio de Azevedo
1852	Maria Clara da Silva Teixeira
1852	Carlos Teixeira da Silva
1853	João Batista Lopes
1853	Victória Maria Fernandes
1854	Pedro Antônio de Siqueira
1855	Bernardo Antônio Portilho
1855	Antonia Maria da Conceição
1856	Bernardo Pereira da Silva
1856	Carlota Florentina da Silva
1856	José Moutinho da Rocha
1856	João Clemente de Sá
1857	Maria da Glória Arruda Vianna
1858	Francisco Guerreiro Bogado
1859	Manoel Vieira Silva dos Santos
1859	Béda Naegele
1860	Ana Margarida Ursúla
1860	Francisco Rod. Pombo
1860	Francisco Salles Abreu
1860	Placido Lopes Martins
1862	Galdina Moreira da Silva
1862	Francisco de Barros Guimarães
1863	Porcina Angelica de Santa Rosa Milagres
1863	Francisco Manoel de Abreu
1864	Antônio Alves Ferreira do Rosário
1864	Elisabet Smicht
1864	Manoel Joaquim de Macedo
1865	Fortunato José Ferreira Leite
1865	Josefina Bard
1865	Manoel Alves De Oliveira Barbosa
1865	Sabino José de Santa Ana
1866	Eugenia Felicidade Schimith
1867	Jacob Van Erven
1867	Rafael Ignacio da Fonseca Lontra
1867	Theodoro de Macedo Sodré
1867	Manoel Joaquim da Silva Freire
1868	Joana Maria de Jesus Rodrigues
1868	Joaquim Teixeira de Carvalho
1868	Anna Clara Lopes Martins

- 1868 Francisco José e D. Maria Joaquina de Jesus Souza
1869 José Joaquim da Costa Guimarães
1869 Maria José Rodrigues Gomes do Couto
1870 João Elias de Moraes
1870 João da Costa Soares
1870 Emerenciana da Silva Procópia
1871 Felicissimo José Soares
1871 José Antonio Vidal
1872 João Lopes Martins
1872 Maria da Veiga C. de Azevedo
1873 Antônio Rodrigues da Silva
1873 João André Belini
1874 Rita Clara Texeira
1875 Francisco Dias Coelho
1875 Lino Pinto da Rocha
1876 Francisco Jose Cortal
1877 Joana Augusta Rosa de Souza Gomes
1877 Angelica de Rome Beancclair
1877 Henrique Dietrich e sua mulher Adélia D.
1878 Barão do Carmo
1878 João Alves Mendes
1878 Maria José Milagres
1879 Ana Tereza de Jesus
1879 Eleuterio Bernardes de Souza
1879 Euphrasia de Lyra Ruas
1879 Luciano Coelho de Magalhães
1879 Maria Vieira Milagres Procópio
1879 Sebastião José Fernandes Fraga
1879 Manoel Coelho de Magalhães Junior
1880 Leon José Loutemant
1880 Carolina Lemgruben Kropf
1880 José de Faria Salgado
1880 Pedro José Cortat
1881 Joaquim Fiel Soares Peixoto
1881 João Pereira Durão
1881 Eduardo Cesar Pereira de Medeiros
1881 Maria José de Macedo Carvalho
1881 Maria Augusta Pinto Lontra
1882 Joaquim José Toledo
1882 Josephina Cutel Bruch
1882 Maria Josephina Roth
1882 José Sezinando de Avelino Pinho
1882 José Antônio de Oliveira Paes Leitão (Vigário)
1883 Antônio Texeira de Carvalho
1883 Rosa Thereza de Jesus
1883 Manoel Pereira Lopes

- 1883 Fortunato Barbosa Velloso
- 1884 Antônio Joaquim de Matos
- 1884 Joaquim Pires Veloso
- 1884 Luis Vieira Torres
- 1886 Visconde de Pinheiro (Joaquim Luiz Pinheiro)
- 1886 Alexandrina Goulart ferreira